

A romantic couple is shown in silhouette, embracing on a motorcycle against a warm, golden sunset background. The man is shirtless and has tattoos on his arm, while the woman is wearing a white crop top. The motorcycle is partially visible, with its handlebars and mirrors in the foreground. The overall mood is intimate and romantic.

168 horas para amar Você

D. A. LEMOYNE



168
horas
para amar
Você

D. A. LEMOYNE

D. A. LEMOYNE
dalemoynewriter@gmail.com

Copyright © 2020

Título Original: 168 Horas Para Amar Você
Primeira Edição 2020
Carolina do Norte - EUA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Capa: Ellen Scofield

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou produtos da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas ou eventos reais é mera coincidência.

SINOPSE

Uma quase princesa de conto de fadas que sonha com o namorado ideal.

Um surfista tatuado avesso à palavra compromisso.

Khayla tem uma lista do que deseja encontrar no homem dos seus sonhos.

Axel nunca sonhou com nada além de sua carreira no *surf*.

Poderia haver um casal mais improvável?

Talvez não, mas o destino acaba aproximando a boa garota do *playboy* sem coração.

Quando um acidente os une, Axel faz uma proposta inusitada.

Khayla não gosta de sair de sua zona de conforto, mas aceita o desafio.

Ele a intimida com seu jeito de dizer tudo o que pensa.

Ela o irrita com seu medo de viver.

Mas apesar de terem tudo para dar errado, os dois acabam descobrindo que seus defeitos é justamente o que torna um para o outro, irresistível.

À KF Assessoria Literária pelo trabalho competente.
Sem palavras.

À colega de profissão Van Ianovac pelos bons conselhos, apoio e amizade.

NOTA DA AUTORA:

168 Horas Para Amar Você é uma comédia romântica de um casal improvável, mas que uma vez unido, pega fogo.

Khayla, a protagonista, aparece pela primeira vez em Isolados, meu livro V da série Corações Intensos, mas apesar disso, 168 Horas Para Amar Você é um livro completamente independente e não é necessário ler a série para compreendê-lo.

Não tenho palavras para explicar o quanto amei escrevê-lo e como me diverti com o casal de protagonistas.

Em uma história cheia de reviravoltas, Khayla e Axel nos mostram que quando o amor tem que acontecer, não há obstáculo que consiga impedi-lo.

Espero que curtam a história tanto quanto eu adorei contá-la.

Caso aprecie, deixe sua avaliação no site da **Amazon**.

Sua opinião é muito importante.

Um beijo carinhoso e boa leitura.

D. A. Lemoyne

PRÓLOGO

KHAYLA

Boston

Aos treze anos

Hoje as cenas voltaram.

Quando isso acontece, eu geralmente ligo o fone do *Ipod* no volume máximo. Música meio que me anestesia contra a dor.

Ao contrário das outras vezes, não está funcionando.

Nada faz parar o filme de terror em minha cabeça, então falei com Bela que ia dar uma volta de bicicleta no parque.

Ethan não gosta que eu saia sozinha, mas prometi que não iria para longe.

Eu só quero apagar as memórias do quarto escuro.

Aquela voz e o que aconteceu a seguir.

A psicóloga disse que talvez lembrar seja uma maneira de me fazer superar o passado.

Tipo como se eu concluísse uma espécie de tarefa, vencendo de uma vez por todas os meus medos.

Eu acho que não.

Fico triste durante vários dias quando recordo a época em que morava com meus pais.

Ou quando aquele homem veio me visitar.

Aumento ainda mais o volume, enquanto sinto os meus olhos encherem de lágrimas.

Tum. Tum. Tum.

Meu coração e as batidas da música compartilham o mesmo ritmo.

Quando ambos ficam ainda mais fortes, eu acelero as pedaladas.

Eu não canto a letra e nem nada, mas dentro da minha cabeça estou gritando para as memórias.

Vão embora. Vão embora. Vão embora.

Tarde demais, percebo que não parei no sinal de um cruzamento.

Em um momento, estou em cima da minha bicicleta rosa com uma cestinha branca na frente, presente de Ethan no meu último aniversário.

No seguinte, minhas mãos soltam-se do guidão e eu começo a voar.

Movimento as pernas e os braços como se estivesse nadando em pleno ar, desesperada para segurar em algo, mas não há nada.

Por fim, meu corpo bate no chão, mas a seguir, tudo fica escuro como uma noite sem lua.



Um mês depois

“Ela saiu sem o capacete.” - o homem que sei que se chama Ethan, diz.

Ele parece nervoso.

Eu ia entrar na cozinha, mas paro, um pouco sem jeito, ao ouvir sua voz.

“Você precisa colocar as coisas em perspectiva, amor. Adolescentes

cometem erros.” - agora é a mulher boazinha, Bela, quem responde.

“Eu sei disso, *baby*, mas eu quase fiquei louco de preocupação. Khayla é o nosso presente precioso. O médico disse que ela teve muita sorte.”

A mulher não fala nada, mas eu acho que eles estão se abraçando.

Eles fazem muito isso.

Abraçam, beijam.

Um ao outro, a mim e a Tristan, o filhinho deles de um ano.

Há muito amor dentro dessa casa.

Eu voltei do hospital há uns dias já, mas tive que ir lá outras vezes fazer vários exames em minha cabeça. Cada um com o nome mais estranho do que o outro.

Quando eu estava internada, mais duas pessoas vieram me ver.

Clara e Lucas.

Agora aprendi o nome de todos.

Clara e Bela são irmãs e Lucas e Ethan, maridos delas.

E eu?

Quem eu sou?

Por que eles agem como se eu fosse alguém importante?

Ethan me chamou de presente precioso e eu fiquei feliz em ouvir aquilo.

Apesar de não lembrar de nada desde que acordei no hospital, gosto de morar aqui.

Como posso ter esquecido?

Os médicos disseram que eu fui atropelada.

Certo.

Eu me olhei no espelho quando eles me autorizaram a levantar da cama e vi que estava bem machucada, então acredito nessa história de atropelamento.

Mas e o que mais?

Não sei como aconteceu, nem lembro de não ter usado capacete.

Na verdade, eu não lembro sequer de ter uma bicicleta.

Ou de saber andar em uma.

Deus, eu não sabia o meu próprio nome!

É como se não houvesse um passado, como se eu tivesse nascido há uns poucos dias somente.

Ouvi Ethan e Bela conversando com os médicos e descobri que sou filha deles.

Quero dizer, sou adotada, porque Bela não parece ter idade para ser minha mãe.

Só que eu fui adotada quando? Eu era uma criança? Há quanto tempo moro nessa casa enorme?

Eu tenho um quarto só meu e já mexi em tudo dentro dele tentando ver se minha memória voltava.

Nada.

Parece que estou invadindo a vida de outra pessoa e a sensação é esquisita.

Bela e Clara conversaram comigo e fizeram um monte de perguntas sobre o dia do acidente.

Eu não sabia responder a nenhuma, mas não contei isso a elas e nem à psicóloga que eles me levaram para consultar.

A mulher agiu como se já me conhecesse, mas para mim, era a primeira vez que nos víamos.

Eu só fui em mais uma consulta.

Depois desse dia, disse à Bela que não queria mais ir e ela concordou.

Eu tenho falado muito pouco porque não sei o que dizer.

Será que devo abrir a verdade ou aguardar lembrar?

Acho que vou esperar. Talvez daqui a um tempo tudo se resolva.

Se eles souberem, ficarão ainda mais preocupados.

Tem um outro motivo para eu não contar que perdi a memória.

Gosto de morar aqui e não quero que pensem em me devolver, caso eu

confesse que não lembro deles.

Mesmo sem fazer ideia de quem sou, depois desse mês juntos, eu tenho uma única certeza: essas pessoas são a família que eu quero.

CAPÍTULO 1

AXEL

Boston

Aos dezenove anos

Três anos depois do acidente de Khayla

“Você ouviu o que eu falei?”

Irritado, desvio o olhar da minha obsessão e foco novamente na garota que acha que é *minha* qualquer coisa.

Ela não é.

Joana nunca teve qualquer peso em minha vida mesmo na época em que eu não tinha ambições além de curtir e surfar todo fim de semana.

Não que muita coisa tenha mudado até aqui.

Pelo menos no que diz respeito ao *surf*, a ideia continua a mesma.

Sobre curtir, a verdade é que já estou de saco cheio de perder noites de sono para encontrar sempre as mesmas pessoas. Não vejo a hora de sumir.

Quatro meses.

Esse é o tempo que falta para eu terminar o ensino médio e ir morar na Califórnia.

San Diego, para ser preciso.

Meu sonho.

Poder amanhecer na praia de *La Jolla* todos os dias.

Entrar para o circuito profissional e me tornar o campeão - não aceito nada menos do que isso.

Deus, esses meses finais não passarão rápido o suficiente.

Se fechar os olhos, eu quase posso ouvir o som das ondas batendo nas pedras. O cheiro do mar e sal no meu cabelo.

Chegar em casa no fim do dia com o corpo doendo, mas a cabeça leve.

Ficar perdido em minha prancha, observando o horizonte e permitindo que o silêncio acalme meu inferno interior.

Quando entro no mar, eu me sinto inteiro.

Viver em sociedade não me agrada na maior parte do tempo.

Eu não deveria gostar de água.

Não depois do que aconteceu, mas de alguma forma louca, minha conexão com ela é ainda maior.

A água é o meu elemento. É onde me sinto em casa, sem precisar lidar com o fodido mundo, desviar das tentativas de conversa com Linus ou fingir que dou a mínima para quem quer que seja.

Mal posso esperar para me dedicar exclusivamente ao *surf*. Deixar para trás esse colégio e os idiotas esnobes que pensam fazer parte da nobreza.

“Axellll...” - ela choraminga, arrastando a última letra do meu nome ao infinito e quase me fazendo vomitar.

Será que ela pensa que aquilo é *sexy*?

“Eu ouvi e a resposta ainda é não.”

“Qual é o seu problema?”

No momento? Você!

“Joana, quantas vezes eu vou ter que repetir que acabou? Qualquer que seja a fantasia sobre estarmos em um relacionamento, esvazie sua cabecinha dela.”

“Mas nós...”

“Essa é justamente a questão. Sua frase já começou errada. Não existe um *nós*.”

Ouçoo um bufo de risada dos caras e ela olha como se quisesse fuzilar cada um, mas depois volta-se para mim, as unhas compridas tentando arranhar meu peito.

“*Babyyyy...*”

Jesus Cristo!

“Pare. Eu já disse que você pode falar comigo se precisar, mas sem tocar. Admire sem encostar. Acha que consegue fazer isso, *baby?*” - destilo ironia ao repetir sua última palavra.

Eu geralmente não perco tanto tempo tentando afastar as garotas, mas meio que sinto necessidade de ser legal com ela em nome de algumas boas transas do passado.

Passado.

Há meses que não temos nada, mas ela continua agindo como se tivéssemos saído ontem à noite.

Nunca fomos exclusivos.

Pelo menos eu nunca fui com ela e deixei tudo claro desde que nos conhecemos, há um ano.

Só que Joana é a típica garota mimada, acostumada a ter o mundo aos seus pés. Ela não consegue entender que existe alguém que não cai em seu ato de menininha chorosa.

“Você está falando sério?”

Fico em silêncio.

Já acabei o que tinha para dizer e ao invés disso, volto a olhar para minha princesa loira.

“Você é um babaca, King e vai se arrepender disso.”

Eu jogo a cabeça para trás e finjo gargalhar.

“Quanto à primeira parte, nem eu poderia me definir melhor. Sobre me

arrepende..." - deixo meu olhar passear sobre seu corpo perfeito, mas que atualmente me desperta tanto interesse quanto observar a grama crescer - "Acho que não."

"Pare de humilhar a si mesma e apenas suma, Jo! Não cansa de passar vergonha?" - Isaac, a versão mais próxima que tenho de um amigo, fala.

"Quer saber? Vocês são um bando de bastardos!"

Ela começa a se afastar batendo o pé no chão como uma criança e eu me pergunto como diabos saí com ela por tanto tempo. Joana é a definição perfeita da garota estragada da alta sociedade.

Uma risada chama a minha atenção - e aparentemente a dos caras também - para a versão em carne osso de Cinderela, Bela Adormecida ou qualquer princesa da *Disney* que você queira escolher.

Juro, a menina poderia protagonizar um fodido conto de fadas.

Magra e alta.

Ossos delicados.

O cabelo loiro que brilha tanto que os raios de sol batendo nele parecem tocar puro ouro.

Sem maquiagem.

Ela também não se veste como as garotas daqui.

Não há nada de explícito ou sexy. Ao contrário.

A saia jeans é rodada e vai até quase os joelhos, cobrindo totalmente as coxas.

Veste uma camisa rosa de botões que molda-se, mesmo que eu desconfie que não tenha sido essa a intenção, ao corpo perfeito.

Linda para caralho.

Está sentada no gramado brincando com um esquilo. Ela comia uma maçã e agora tira pequenos pedaços e divide com o safado guloso.

Não sei nada sobre minha princesa além do primeiro nome - Khayla - e que não parece ter muitos amigos. Está sempre sozinha, com um livro.

Tudo bem, nós estamos em um colégio. Livros não são nada de extraordinário, mas ela os lê. Como se estivesse alheia à barulheira infernal de um monte de vozes misturadas.

É nova aqui.

Não haveria chance de eu não ter percebido sua existência antes da semana passada.

A primeira vez em que a vi, pensei em ir para cima, lógico.

Teria que haver algo muito errado comigo para deixar uma garota como ela passar batida.

Estudando no mesmo colégio, eu sabia que mais cedo ou mais tarde nos esbarraríamos e acabaríamos ficando.

Quando foi que eu quis uma menina e não consegui?

Não nessa vida.

Só que com o passar dos dias, percebi alguma coisa nela que me fez puxar o freio.

Ela aparenta ser simpática, sorri quando as pessoas a cumprimentam, mas tenho a sensação de que prefere os momentos de solidão como agora.

Não há nada de arrogante em sua postura. Parece tranquila, mas não muito autoconfiante.

Quer saber a verdade? Pela primeira vez, pensei em alguém antes de mim mesmo.

Tento desviar o olhar, mas não consigo.

Eu sei a razão - estou obcecado.

Acha um exagero? Não é.

Fui diagnosticado com tendências obsessivas no início da adolescência. Precisamente, depois da morte da minha mãe.

A dedicação ao *surf*, que antes já era um pouco além do normal, transformou-se no ponto central da minha vida.

Aparentemente, o esporte que pretendo transformar em profissão tem

agora uma rival de peso.

Ela é exatamente o oposto do que sempre curti em minhas garotas, mas ainda assim, me atrai como um imã.

Foco nos meus pés, obrigando-me a parar de observá-la.

Não preciso desse tipo de complicação.

Garotas como Khayla querem um namorado que as leva ao cinema, anda de mãos dadas e eu só estou interessado em duas coisas.

Sexo livre de compromisso e *surf*.

“Qual é a da loirinha?” - Isaac pergunta.

“Quem?” - disfarço.

“A patricinha loira. Ela é novata.” - a contragosto, volto a focar nela - “Você está surdo? A loira é carne nova?”

“O nome dela é Khayla. Ela é caloura sim.” - um dos caras fala ao meu lado.

Lógico que eles também notaram sua beleza. Qual seria a chance de só eu ter reparado nela?

Mesmo assim, fico irritado.

“Mas se está pensando em qualquer movimento, desista. Ela não sai, não bebe, não fode. É praticamente uma maldita freira. Eu já pesquisei.” - Fred continua.

“Eu nunca deixo passar um desafio.” - Isaac gargalha.

Ela está completamente inconsciente de que é o foco de nossa atenção. De que nesse exato momento, existem quatro caras devorando-a com os olhos.

“Não.” - digo, sem pensar.

“Como assim, não? Desde quando você se tornou territorialista para cima de uma garota?”

“Eu vou avisar uma vez só: não tente nada com ela.”

“Que porra é essa, King? Está querendo dizer que ela é intocável? Como

uma espécie de protegida sua?”

Ao invés de responder, encaro-o.

Isaac é um idiota, mas não é burro. Eu posso parecer um *playboy* milionário para o mundo agora, mas por dentro continuo o mesmo garoto de periferia.

Já estive em mais brigas do que consigo lembrar e em todas, eu acabei com o outro cara.

A cada soco dado, descontando a raiva que tenho dentro de mim.

Todos a nossa volta estão em silêncio, aguardando o que acontecerá, até que ele finalmente cede, erguendo os dois braços em sinal de rendição.

“Tudo bem. Já entendi. Nada de tentar fo...”

“Cuidado.”

“Certo. Nada de tentar sair com a *Barbie*.”

“Não fale esse tipo de merda por aí. Não coloque apelidos nela, porra.”

“Você está chato para caralho hoje, Axel. Já vou indo.”

Depois de um tempo, os outros caras se despedem também.

Era o que eu deveria fazer, mas eu faço?

Claro que não.

Ao invés disso, fico igual a um idiota recostado à moto, olhando-a.

Isaac é cego.

Não há nada de *Barbie* em Khayla.

A menina é toda natural.

Estou mais do que acostumado a mulheres siliconadas, cheias de maquiagem.

O King’s Chaos, o estúdio de tatuagem de Linus, não é exatamente um local onde você encontra damas da era vitoriana.

Assim, nada como *Barbie* pode ser mais distante dela.

Princesa, isso sim.

Linda e fodidamente deliciosa.

Alguma coisa na garota é irresistível para mim, mas por outro lado, também traz incômodo.

A perfeição, talvez?

Sorridente, doce, sempre gentil.

Sim, eu tenho vigiado-a.

Lembra do que eu falei sobre a obsessão? Ela traz de carona um outro problema: sou um compulsivo também.

Há muito tempo já aceitei o fato de que nunca desejo algo mais ou menos. Eu simplesmente não consigo pensar em outra coisa.

No momento, minha compulsão está voltada para seguir Khayla por onde quer que ela vá.

Em poucos dias, tornei-me um estudioso da garota.

O esquilo foi embora e ela relaxa contra a árvore. A cabeça recostada no tronco me deixa ver o pescoço longo.

Minha princesa não parece real.

Será que toda a pose de boa garota é um ato ou ela realmente acha que está nessa porra de planeta para agradar os outros?

Geralmente desprezo gente assim - que sente necessidade de ter seu comportamento validado pela opinião alheia.

Costumo ter uma antipatia natural pelos perfeitinhos de ambos os sexos então, por que não com ela?

Seus olhos estão fechados. O livro aberto no colo, esquecido e eu quero ir até lá e beijá-la bem ali, na curva do seu pescoço. Sentir seu gosto.

Chega.

Estou ficando louco, porra!

Graças a Deus em breve irei embora. Viverei de acordo com as minhas próprias regras, sem precisar me preocupar com princesas virgens.

Irritado, forço-me a subir na moto e saio sem olhar para trás.

CAPÍTULO 2

AXEL

Duas semanas depois

Eu agora sei além de seu nome, o sobrenome: Khayla Wright.

Filha de um conhecido do meu pai, Ethan.

Foi por acaso que ouvi Linus perguntar ao telefone se ele traria Khayla também para a comemoração do seu aniversário e aquilo ligou meu alerta na hora. Acho que estou meio que programado para captar qualquer coisa que diga respeito a ela.

Fiquei muito acelerado e pensei que era a porra do destino agindo a nosso favor quando a vi no churrasco.

Nós sempre moramos na mesma cidade? Como é possível não tê-la visto antes?

Não costumo frequentar festas familiares, mas ultimamente não tenho sentido vontade de sair, então já pretendia ficar em casa de qualquer maneira. Só que quando descobri que ela viria, isso bateu o martelo em definitivo.

Não que meu pai também pare muito em casa. Linus está sempre viajando, espalhando sua arte pelo mundo e essa é apenas a segunda vez que eu saiba, que ele recebe convidados.

Minha mente louca já estava criando uma estratégia para me aproximar dela - o que é engraçado se você olhar o meu histórico, porque não sou um

cara sutil - quando, antes que eu tivesse a oportunidade de fazer qualquer movimento, percebi que estava fodido.

Khayla veio sim, mas também toda a família.

Ethan é casado com Isabela, que é irmã de Clara, que é casada com Lucas.

Não, eu não havia lembrado desse lindo laço familiar.

Infelizmente, me dei conta disso só depois que minha obsessão já estava instalada.

Está acompanhando até aqui?

Não? Então deixa eu explicar uma coisa - Ethan eu só vi de relance uma vez. Nunca conversamos e nem nada, então para ser honesto, apesar de não gostar de caçar minhas garotas tão perto de casa, isso não me trouxe um segundo pensamento de preocupação.

Certo, eu sei o que eu disse antes: eu tentaria me manter afastado, mas acho que você talvez não esteja entendendo bem como funciona a compulsão.

Eu penso nela vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Continuando - Lucas Ward, que vem a ser o tio da minha princesa - esse é a porra do cara mais louco e protetor que eu já ouvi falar.

Sabe o que isso significa? Ele nunca me deixará chegar a uma milha dela porque conhece a minha fama.

Quem não conhece?

Isso tudo esclarecido, eu deveria simplesmente deixar para lá. É a pior escolha do mundo começar uma guerra entre as nossas famílias só para ter a oportunidade de sair com ela.

Seria esperto da minha parte subir na moto nesse exato segundo e evitar problemas. Diminuiria a vontade quase suicida que sinto de ir até a piscina e pegá-la para mim.

Se eu me afastasse, aplicaria aquela baboseira toda de *o que os olhos não veem, o coração não sente*.

Apesar de que não há nenhum coração envolvido.

Não sou do tipo que se apaixona.

Eu desejo. Apenas isso.

Tenho todas essas certezas desfilando em minha mente como anúncios em *néon*, mas sabe o que eu faço?

Fico observando-a de longe, enquanto cada célula do meu corpo pulsa de vontade por ela.

Khayla não é só perfeita, é aquele tipo de garota que não precisa de um motivo para ser feliz e mais uma vez fico preso ao som de sua risada.

As pessoas a minha volta não costumam rir sinceramente. Na maioria das vezes, o fazem quando estão debochando de alguém.

Ela está brincando com um garotinho que sei ser filho de Lucas, Nathan. O pivete orbita a sua volta como uma abelha em um pote de mel, mas a princesa não parece chateada com aquilo.

Tento adivinhar sua idade.

Sei que é mais nova do que eu - quero dizer, quase todo mundo na escola é, já que eu perdi um ano - mas quanto mais nova?

O rosto sorridente e as covinhas nas bochechas dão um ar de criança, mas pelo corpo eu chutaria uns dezessete.

Daí lembro que ela é do primeiro ano.

Dezesseis?

Provavelmente.

Estou ansioso para o momento em que tirará o vestido, só que quando ela faz, é meio broxante.

Khayla não usa biquíni, mas um maiô de corpo inteiro, como o de uma vovó.

Quero dizer, isso foi o que eu pensei, até ela se virar...

Putá merda!

Como ela consegue ser sexy vestindo algo tão horrendo?

Tem muitas garotas bonitas no colégio, algumas até são modelos, mas Khayla tem uma beleza inconsciente que é um tesão.

As meninas do meu meio andam quase nuas e ela segue o caminho oposto. Com toda a modéstia, a loira está fazendo minha imaginação voar.

Sua pele tem um tom dourado, como um bronzado natural leve.

Será que ela é macia ao toque?

Esse é o pensamento mais errado para eu ter vestindo somente uma sunga.

“Nathan, não.” - ouço a voz de Lucas acima de toda as outras, mas já é tarde demais.

O pirralho se jogou na água e Khayla pulou logo a seguir.

Segundos depois, ela emerge com o bebê sem noção no colo e acho que estou mudando seu apelido para Ariel.

Ela agora parece uma deliciosa sereia com o corpo todo respingado.

O moleque inconveniente chama sua atenção, fazendo com que ela fique de costas para mim.

O garotinho sorri e a puxa para um beijo.

Os braços estão em volta do pescoço dela, apertando-o tão forte que sinto inveja.

Como dever ser a sensação de ficar aconchegado a ela assim?

A menina transpira amor por todos os poros.

E é nessa hora que finalmente me convenço de que não posso tê-la.

Até mesmo eu, Axel King, tenho alguma consciência. Khayla é dona de uma pureza quase infantil.

“Nem pense nisso.”

Estou tão hipnotizado que não vi Linus parar ao meu lado.

“Em que?”

Ele não fala nada e volto-me para encará-lo.

Está de braços cruzados, o rosto sério.

“Eu não quero ter que ir reconhecer seu corpo no *IML*.”

“E quem me mataria?”

“Lucas, Ethan, você pode escolher.”

“Ela não é filha de Ethan? Por que Lucas se meteria?” - tento disfarçar.

“A menina é adotada por Ethan, mas Bela e Clara são como irmãs para ela, então é complicado. O que você precisa saber é que a garota é proibida para você ou qualquer um dos seus amigos.”

“Ela não é capaz de decidir isso sozinha?”

“Axel...”

“Quer saber? Você está viajando. Nenhuma mulher vale tanto esforço.”

Fico puto por ter sido pego em flagrante, quando não costumo deixar que ninguém perceba o que estou sentindo.

Irritado, entro em casa e pego uma cerveja - não, eu ainda não tenho idade legal para isso, mas quem se importa?

Os Estados Unidos precisam mudar essas regras dos vinte e um anos. Em qualquer outro país, você pode beber aos dezoito e eu tenho um ano a mais.

Desço as escadas para tentar me esconder na sala de jogos, mas tem uma porrada de gente lá.

Volto pelo mesmo caminho, querendo socar alguma coisa, mas alguém está vindo e damos um encontrão.

“Caralho!”

O palavrão sai mais alto do que deveria, mas eu sempre tive um gênio infernal, então não vou nem tentar me desculpar.

Instintivamente, estendo os braços para segurar a pessoa e - porra - se agora não tenho a princesa protegida colada ao meu corpo.

“Des-desculpe.”

Sua voz é hesitante.

Não falo nada.

Ao invés disso, aproveito para segurá-la um pouco mais, ainda que uma

sirene toque sem cessar em minha mente.

Afaste-se, ela não é para você.

Sua respiração está um pouco agitada e isso me faz esquecer todas as razões pelas quais eu deveria ir embora.

Ela custa a me encarar, focada no meu peitoral, como se estivesse com vergonha e isso me deixa ligado na hora.

As garotas se jogam para cima de mim, então sua timidez, aliada à atração que já sinto por ela, nubla pensamentos lógicos.

Seu corpo ainda está úmido, mas eu não me importo nem um pouco. No momento, tenho calor o suficiente em mim para incendiar uma cidade.

“Eu sou Khayla.”

Ela não tenta fugir, embora devesse.

Foco em sua boca e percebo que está sorrindo.

Quando finalmente levanta o rosto, o sorriso aumenta.

A garota não tem qualquer senso de autopreservação.

Relaxada em meus braços, tão inocente e doce, Khayla faz com que eu me sinta instantaneamente indigno dela.

Solto-a e ela dá um passo incerto para trás, quase perdendo o equilíbrio.

“Eu machuquei você?” - pergunta.

Mesmo querendo parar de olhá-la, eu não consigo.

Ela tem o lábio inferior gordo e quero mordê-lo de leve para vê-la ficar arrepiada.

Isso me faz ter certeza de preciso sair daqui.

Imediatamente.

É isso ou me arriscar a fazer algo que me arrependerei.

Ou que causará minha morte - como Linus disse.

O que diabos há de errado comigo? Ela é só uma criança.

“Eu sou um pouco desastrada. Bela disse que cresci rápido demais no último ano, então não tenho muita noção espacial.”

Deus, ela é definitivamente uma garotinha.

Eu não sei o que me irrita mais: saber que eu tê-la tocado não despertou nada ou sentir meu corpo reagindo ao cheiro do dela como nunca havia acontecido antes.

Abro a cerveja e dou um gole.

Cada gesto ensaiado para mostrar indiferença.

Depois de medi-la de cima a baixo, balanço a cabeça com deboche e subo as escadas sem olhar para trás.

Nesse momento, eu poderia ganhar o prêmio de maior ator do ano.

CAPÍTULO 3

KHAYLA

Boston

Aos dezesseis anos

Três meses depois da festa

Mais um aniversário - não o real, aquele da certidão de nascimento, que mostra que Bela e Ethan são meus pais e que tenho dezesseis anos - mas o de quando eu ganhei uma família.

É assim que eu conto minha história depois do acidente: como se tivesse nascido naquele dia.

Eu continuo sem me lembrar de nada.

Sei agora que eu morava com eles há dois anos quando fui atropelada e, através de uma pista ou outra, aprendi muita coisa sobre as pessoas que me adotaram. O mais importante, no entanto, é que eles me amam e eu os amo.

Se fui adotada, provavelmente meus pais biológicos me abandonaram, então só posso agradecer a Deus por ter a sorte de encontrar uma família tão maravilhosa.

A primeira vez que comemorei essa data, foi quando fez um ano do acidente, mas a sensação foi tão boa, que passei a vir aqui uma vez por mês.

Ninguém sabe como esse dia é importante para mim. Eles não

entenderiam porque não sabem da minha amnésia, então entro na confeitaria olhando para os lados, como uma criminosa fugindo da polícia.

Estou muito velha para celebrar *mêsversário*, como eles fazem com as crianças - Tristan e Leon, Nathan e Rose.

Nathan é o primeiro filho de Lucas e Clara. Eles têm outra garotinha agora também, Rose.

Bela e Clara estão grávidas novamente. Nossa família só cresce e eu adoro isso.

Estou me preparando para dar a primeira mordida no *cupcake* quando o vejo.

Axel King.

Escondo um sorriso pensando que o sobrenome é perfeito.

O rei e seus súditos.

Ele vive cercado de amigos e garotas.

Já vi várias diferentes ao seu lado, mas uma em particular parece ser uma espécie de namorada.

Joana.

Fazemos algumas aulas na mesma turma na escola, mas ela nunca falou comigo, até que um dia, eu a ouvi falando *de mim*.

Eu estava na cabine do banheiro e escutei quando ela comentou com outras meninas que eu era esquisita.

Eu saí, me apresentei e disse que concordava, mas queria saber se ela estava se referindo a alguma mania minha em particular - porque eu tenho várias.

Expliquei que se eu estiver em uma calçada de duas cores, sempre escolho uma delas apenas para pisar.

Meus cadernos, lápis e canetas são colocados na mesma distância um do outro na carteira do colégio.

Eu não jogo nenhum lápis fora quando ele fica pequeno - o que está

fazendo com que eu tenha uma coleção e tanto.

Mas a pior de todas é que eu só fui descobrir o nome - que é horrível por sinal - semana passada: é a aritmomania.

Eu conto e reconto tudo.

Se estou sentada na cozinha esperando o café da manhã, passo a vista pelo lugar para conferir as facas no faqueiro em cima da bancada, calculo quantos carros há no estacionamento da escola e, semana passada, cheguei ao cúmulo de contar quantas ervilhas tinham no meu prato.

Desse modo, fiquei curiosa para saber de qual das minhas maluquices ela estava falando.

A garota me olhou como se eu fosse doida e a seguir disse que não valia nem a pena me odiar.

Ela continua sem me dar *oi* quando passamos uma pela outra no corredor, então acho que nós não somos amigas.

Joana nunca sentou perto de mim no refeitório da escola e nem nada do tipo, no entanto, o mais chato nisso tudo é que não descobri porque ela me acha esquisita.

Sou curiosa por natureza.

Volto a olhar para o rapaz loiro.

Axel é meio estranho também.

Ele é três anos mais velho do que eu. Eu sei porque seu pai é amigo da minha família.

Lucas contou que ele perdeu um ano na escola quando era criança e por isso vai se formar atrasado no ensino médio.

Ele está sempre com o rosto fechado, o que é exatamente o meu oposto. Na maior parte das vezes, sorrio.

Por que não sorriria?

Tenho uma família que me adora e boas notas na colégio.

Dentro de dois anos, se Deus quiser, vou começar minha faculdade de

fisioterapia.

Então, acho que posso dizer que sou feliz.

Uma gritaria faz com que minha atenção volte outra vez para o grupo lá fora.

Vem de Isaac.

Acho que é o melhor amigo do Axel.

Ele também não fala comigo. Apenas me olha como se fosse dizer algo, mas nunca faz.

Na verdade, todas as pessoas ao redor de King parecem não simpatizar comigo.

Eles são do terceiro ano, enquanto eu ainda estou no primeiro do ensino médio.

É meio que comum os calouros serem ignorados eu acho, mas eles cochicham quando eu passo.

Uma vez, um deles parou ao meu lado quando eu fui pegar meus livros no armário e disse *oi*, mas antes que eu pudesse responder, Axel apareceu e balançou a cabeça fazendo que *não* para o rapaz. A seguir, ambos se foram sem olhar para trás.

Não fiquei triste. Não tenho tempo para ser amiga deles, de qualquer modo.

Estou estudando como uma louca para conseguir uma bolsa na faculdade.

Minhas irmãs disseram que eu não preciso me preocupar, mas elas já fizeram demais por mim.

Volto a observar a turma mais popular da escola.

Dessa vez Joana, a namorada meio fixa, não está com eles.

Todos conversam animados, mas Axel parece como sempre, aborrecido com algo.

É como se estivesse cansado da vida.

Aos dezenove anos? Que coisa louca.

Eu não sei se ele não gosta de mim ou do mundo inteiro.

Quero dizer, na verdade eu presumo que ele não goste de mim.

Nós nos encontramos uma vez no aniversário do pai dele - ele é filho de Linus King - o amigo de Lucas dono da rede de estúdios de tatuagem *Chaos King* e que tem um programa de televisão em que ele faz tatuagens ao vivo em celebridades.

Ele é famoso e Lucas e Ethan disseram que ganha muito dinheiro fazendo aquilo.

Linus é legal, de um jeito um pouco diferente.

Quando você o olha, parece assustador. Ele é enorme e tem o corpo todo desenhado.

Só que ele já conversou comigo e até perguntou como iam minhas notas na escola. Então eu percebi que o ar de malvado era só com os estranhos.

No dia do churrasco de Linus, Axel não me cumprimentou, apesar de nós sermos os mais próximos em idade lá.

Será que foi por causa do esbarrão na escada?

Eu ri, mas não fiz de propósito. Achei graça porque ele xingou.

Quero dizer, ele parece todo poderoso, mas xingou um palavrão como qualquer um de nós mortais quando damos uma topada.

Para ser sincera, eu até gostei do encontro.

Eu nunca havia sido abraçada por um rapaz e ele ficou me segurando por um tempo. Eu não queria sair daquele abraço e tomei um susto quando ele me soltou.

Também me atrapalhei toda na hora de me apresentar e acho que ele deve ter me achado uma boba.

Deve ter sido a trombada sim.

Será que eu deveria ter pedido desculpas com mais determinação?

Bom, de qualquer forma, ele não me deu oportunidade e agora todas às vezes que me vê, vai na direção oposta. Já até mudou de calçada, como se eu

tivesse um tipo de doença contagiosa.

Depois do churrasco, eu tentei ser educada e dizer *oi* na escola, mas ele não respondeu. Só continuou me olhando e olhando - o que acabou me deixando tímida.

Passei então a evitar ficar em seu caminho.

Não tem problema.

Não preciso de novos amigos.

Tenho duas irmãs, dois pais - por mais louco que seja, é isso que Ethan e Lucas acham que são meus - e irmãos ou sobrinhos - dependendo do ângulo que se olhe - maravilhosos.

Não necessito de mais ninguém em minha vida.

CAPÍTULO 4

AXEL

Carmel - Califórnia

Aos vinte e dois anos

A música está ensurdecadora e cheguei ao meu limite.

Mais uma noite, mais uma festa.

Por que diabos concordo com isso se a cada vez quero fugir do meu próprio lugar?

Eu pensei que quando finalmente conseguisse atingir meus objetivos - ser o campeão absoluto do *surf* - o vazio dentro de mim diminuiria, mas ele só piora.

Olho em volta da minha praia particular.

Quem são mesmo essas pessoas?

Tirando Isaac, que me seguiu até a Califórnia, escolhendo uma universidade na costa oeste, eu não faço ideia de seus nomes.

As garotas confundem-se.

Corpos diferentes semana após semana.

Rostos bonitos, almas vazias.

Talvez ainda mais vazias do que a minha.

Dinheiro, fama, sexo. Cada um aqui é um viciado a sua própria maneira.

Não, eu não estou me excluindo da lista, mas não me sinto confortável

nela também.

O que isso faz de mim? Um idiota com medo de acabar sozinho ou alguém tão superficial quanto eles?

Essa casa deveria ser o meu paraíso. Foi por isso que a comprei, em primeiro lugar.

Depois, para provar a Linus - e para ser honesto, para mim mesmo - que não preciso da ajuda de ninguém. Que fiz o meu próprio caminho.

O mar estar próximo é um bônus, mas eu queria mesmo era poder me desligar do meu pai.

Ele tem um estúdio em *Anaheim*, então a cada vez que vinha para a Califórnia, me visitava em *San Diego* e tínhamos que fingir nos suportar.

Eu não consigo ficar perto dele por muito tempo.

Não posso perdoá-lo por não estar conosco naquele dia.

“Axel, você não vai mergulhar, *baby*?”

A pergunta me faz voltar no tempo, lembrando-me de Joana. Na verdade, todas essas garotas parecem com ela.

Eu não julgo o comportamento alheio - até porque não sou exemplo para ninguém - mas será que essas pessoas acreditam que uma vida sem qualquer objetivo as levará a algum lugar?

Porque eu posso ser louco para cacete - nunca neguei isso - mas sempre soube exatamente onde queria chegar.

Ser o maior surfista de todos os tempos.

A decisão de morar em *San Diego* não durou um ano.

De qualquer modo, eu não paro em casa, estou sempre viajando por causa das etapas mundiais das competições, mas quando voltava para lá, a cidade sempre parecia cheia demais.

Tudo me incomodava: o excesso de carros nas ruas, sirenes de bombeiros tocando incessantemente, sempre às voltas com algum incêndio - principalmente no verão - e a invasão dos turistas.

Morar em *San Diego* transformou-se rapidamente em uma câmara de tortura, então resolvi deixar tudo para trás e me mudar para *Carmel*.

No começo, quando eu viajava, ficava louco pela possibilidade de conhecer novas praias, desafiar o mar até o limite. Já há algum tempo, no entanto, só quero ficar no meu canto.

Minha alegria é o *surf*.

A sensação de competir pela primeira vez em *Pipeline* foi indescritível.

Eu sonhei com as praias do Havaí desde que subi em um prancha pela primeira vez, aos sete anos de idade.

Naquele momento, decidi o meu futuro.

Aos onze, eu já havia acumulado uma quantidade respeitável de troféus e como era muito novo para viajar, tinha que me virar como podia pelas praias de *Ocean City*, em Nova Jersey.

Morávamos em Nova Iorque - a única época em criança que lembro de ter tido um endereço fixo - então eu implorava a minha mãe para passarmos os fins de semana lá.

Ela não queria ir - preferia ficar perto de Linus o tempo todo, apesar deles brigarem muito - mas eu usava todos os tipos de chantagem emocional que você puder imaginar e acabava convencendo-a.

Algo que precisa saber sobre mim: nada me afasta do que eu quero, uma vez que a decisão tenha sido tomada.

Um obcecado que também torna-se compulsivo pelo objeto de sua obsessão não é uma mistura saudável, para dizer o mínimo.

Acho até que estou cada vez pior, mas é tudo sobre o *surf*.

Com relação a pessoas, só há uma coisa - um alguém em particular - que eu quis muito e não tive.

Khayla, minha princesa intocada.

A garota que enlouquecia todo o meu sistema só por passar por mim na rua e que nem ao menos se dava conta disso.

Balanço a cabeça, afastando as lembranças.

Estou em um estado de espírito meio fodido hoje, então provavelmente não é uma boa ideia ficar alimentando frustrações.

“Axel...”

A garota - Anna? Cinthia? - faz biquinho e se ajoelha a minha frente, quase esfregando os peitos na minha cara.

“Você não está contente, amor?”

Ela não conseguiria ser mais óbvia nem se tentasse.

Não é a primeira vez que tenho sexo oferecido assim como em um maldito cardápio, mas hoje não estou nem um pouco interessado.

Preciso sair daqui.

Não consigo respirar.

Levanto e começo a me afastar.

“King, eu disse algo errado?”

Ela finge se importar e eu entro no jogo.

“Não é nada com você, *baby*. Eu só quero esvaziar a cabeça por um instante.”

“Mais tarde, então?” - pergunta, soando esperançosa.

“Há uma chance sim.” - minto sem qualquer remorso, quando sei que não pretendo voltar para casa hoje.

Eu não podia imaginar naquela hora o quanto esse pensamento era correto.

CAPÍTULO 5

AXEL

Los Angeles- Califórnia

Eu tive um pesadelo.

Nele, eu perdia o controle da moto e caía em um penhasco.

Lembro da sensação exata de estar morrendo.

Isso foi o pior de tudo.

Saber que eu iria morrer.

A morte em si nunca me assustou.

Eu já a desafiei vezes sem conta.

Sempre adorei esportes radicais e tudo o que trabalhasse adrenalina no meu corpo, mas foi a perda do controle o que me desesperou.

Compreender que tudo o que planejei estava chegando ao fim.



Semanas depois

O sonho ruim não terminava nunca.

Era como estar em uma montanha-russa de *loopings* infinitos.

A mente não respeitava meu desejo de escapar da escuridão.

Você sabe o que é estranho?

Aquela merda de clichê que dizem sobre passar um filme no momento da sua morte é verdadeiro.

Primeiro, lembrei da minha mãe.

Da minha luta para tirá-la da água naquele dia distante em Porto Rico e de como meu corpo de apenas treze anos por fim sucumbiu - o que quase causou a morte de ambos.

A seguir, toda a minha trajetória desde então.

Eu joguei roleta com a minha vida a cada oportunidade.

Fui de férias, fora das temporadas e em meio a tempestades, surfar em *Pipeline*, *Teahupo'o* e na Praia do Norte, em Portugal. Nessa última, tenho registrado um recorde de uma onda de vinte e cinco metros de altura.

Eu quis pagar para ver sobre quem dava as cartas em meu destino.

Não aceitava viver como um covarde.

Essa era uma das minhas maiores fontes de brigas com Linus, como se já não tivéssemos merda o bastante em nossa relação.

Como eu não morria, passava de uma loucura para outra.

Heli-Skiing em *Kashmir*, esquiando em uma montanha mortal e sem qualquer sinalização.

Pular de paraquedas.

Rafting em *Futaleufú River*, no Chile.

Pode escolher qualquer insanidade que não envolva drogas, que eu já fiz.

No começo, era porque não havia nada que me prendesse a esse mundo, mas depois eu me tornei imortal aos meus próprios olhos.

Eu só queria deixar minha marca.

Nunca planejei o depois ou as consequências do que eu fazia.

As lembranças embaralham-se agora e em uma sequência inevitável, Khayla surge em minha mente como vem fazendo ao longo de todos esses anos.

Seu sorriso doce e o rosto desarmado, tão diferente de tudo o que eu

conhecia até encontrá-la.

Eu não soube o que fazer com ela na época.

Não me considerava bom o suficiente para tê-la.

Por todos esse tempo decorrido, ainda lembro do seu cheiro, o corpo pequeno e trêmulo de encontro ao meu naquele churrasco.

Por mais de uma vez, considerei pagar para ver.

Ir atrás só para conferir se a minha cabeça estava jogando comigo ou se ela era realmente tudo aquilo.

A proximidade da morte me faz tomar uma decisão.

Vou procurá-la.

Se eu sobreviver, vou atrás da minha princesa.

Brinquei com a vida até agora, mas não vivi nada ainda.

Eu só tenho a minha carreira para me orgulhar. De resto, se eu morresse hoje, pouco seria lembrado sobre mim.

Posso fazer melhor que isso.

Só preciso de uma segunda chance.



Carmel

Um mês e meio depois

Meus planos para o futuro duraram pouco.

Ouvi o médico conversando com Linus no quarto do hospital, enquanto eu fingia dormir.

Ele disse que havia a possibilidade de que eu talvez não pudesse voltar a competir e quis levantar e socá-lo até que ele retirasse o que falou.

Quem esse cara pensava que era para prever meu futuro?

Conforme os dias foram passando e com o pouco progresso após a cirurgia, o medo finalmente se instalou.

Não faço o tipo que recua, mas pela primeira vez, eu quis simplesmente me esconder.

Passei um mês sentindo pena de mim mesmo.

Só que eu sou por natureza racional.

Emoções raramente me atingem, então quando vi que ficar com a cabeça enterrada na bunda não adiantaria nada, tomei a decisão de pesquisar na *internet* sobre o meu estado.

É isso aí, coloquei doutor *Google* para trabalhar.

Médicos sabem sobre probabilidades, estatísticas.

Eu estava interessado em histórias reais.

Não sou a porra de um número e me recuso a ser tratado como mais um.

Foi assim que descobri que, em casos de recuperação de lesões como a minha, a mente é um remédio quase tão poderoso quanto a medicina tradicional.

Assisti diversos depoimentos de pessoas que conseguiram voltar a viver normalmente e sua determinação em não aceitar o prognóstico dos médicos.

Elas falavam sobre uma batalha de vontade contra a dor.

Sobre nunca se deixarem vencer.

Foi assim que eu decidi começar com os exercícios diários e meditação.

Parei de assistir os noticiários e tudo o que me deixasse ansioso e me concentrei em pegar minha vida de volta.

Eu não quis fazer o tratamento sugerido pelo ortopedista porque até pouco tempo, eu estava com mais raiva dentro de mim do que já tenho normalmente.

Sei o quanto isso é estúpido, mas eu não conseguiria lidar com fisioterapeutas.

A dor às vezes era insuportável, mas eu preferia ela à entorpecer minha mente de analgésicos. Já vi outros atletas ficarem totalmente dependentes deles.

Além do que causaram a minha mãe, claro.

Afasto o pensamento deprimente e pego o *laptop*. Entro no *Instagram*, como tenho feito duas vezes por dia, para ver se ela postou alguma foto nova.

Eu descobri que Khayla está morando muito perto, em *San Luis Obispo* - cursando faculdade de fisioterapia, dá para acreditar? Se isso não for a vida zombando de mim, nada mais é - e agora meu foco é ficar curado para ir atrás dela.

Não mudei de ideia sobre isso. É o que tem me mantido na linha.

Mais até do que o desejo de competir, a possibilidade de experimentar algo real. De me permitir ter alguém que me faça sentir.

Tentei tirar algumas informações de Linus, mas ele sabe menos do que eu e Isaac não é alguém confiável para que eu possa compartilhar informações sobre a minha princesa.

Tenho me esforçado para caramba para acelerar a recuperação e há algumas semanas eu achei que estava ficando maluco quando consegui levantar uma perna e mantê-la assim por uns segundos.

Concentrei-me com toda a força.

Uma camada de suor escorreu da minha testa, mas ali estava.

Não era nada extraordinário, no entanto, aconteceu mais rápido do que qualquer médico tinha apostado, então foda-me se eu não comemorei.

De lá para cá, o processo tem acelerado.

Já consigo ficar de pé e andar devagar, com a ajuda das muletas. Mal posso esperar para me livrar delas.

Um pássaro canta ao longe e da parede envidraçada do meu quarto, vejo

que o céu está sem uma nuvem. Em um instante, me dou conta de que logo estaremos no verão.

Verão.

Merda. Ela vai sair de férias.

Será que consigo voltar a andar sem as muletas antes que volte para Boston? Eu sei que ela sempre vai para casa quando as aulas terminam porque isso eu consegui arrancar de Linus.

E se...?

Não, eu preciso estar inteiro.

Não quero que sinta pena de mim.

Mas e se ela conhecer alguém?

Aí vou ter que matar o desgraçado.

Sei que ela não tem namorado no momento porque nas fotos do *Instagram* está sempre sozinha.

Certo, muita gente namora e não posta foto, mas não acho que a minha princesa seja do tipo que esconderia do mundo sua história de amor.

Sim, estou usando minha qualificação de psicólogo de botequim para chegar a essa conclusão.

Tenho que agir rápido.

Não posso permitir que outro venha e a pegue.

Deve haver algum significado nós dois estarmos solteiros após três anos.

Isso mesmo, eu contei.

Três anos se passaram desde a primeira e única vez em que a toquei.

Já esperei tempo demais.

Acabo de levar uma rasteira da vida. Não tomarei mais nada como garantido daqui por diante.

Decidido, pego o celular.

“Linus? Resolvi aceitar o tratamento, mas eu escolherei quem será minha fisioterapeuta. Não servirá outra pessoa.”

CAPÍTULO 6

KHAYLA

San Luis Obispo - Califórnia

Aos dezenove anos

Estou com ela na mão novamente.

Minha lista.

O único além de mim que sabe de sua existência é Lucas e mesmo assim, só contei porque ele me pressionou por eu não socializar com pessoas da minha idade.

Acho que ele não gostou muito de descobrir sobre ela, apesar de não ter comentado nada na hora.

Ele não entende.

A maioria das pessoas não entenderia.

Eu tenho planos. Um monte deles.

Quero que a minha vida seja perfeita e isso inclui encontrar a minha outra metade.

Não qualquer um.

Um príncipe.

Assim, fiz uma lista de como meu namorado ideal deverá ser. Infelizmente, não conheci ninguém até agora que preenchesse todos os itens.

Certo, é preciso que eu diga que já mexi nela algumas vezes, alterando

uma coisinha aqui e ali.

Lucas falou que isso é uma espécie de trapaça e que se ficar modificando-a, nunca encontrarei o homem dos meus sonhos.

Não fiquei chateada porque esse é o jeito dele.

Lucas não fala muito, mas quando faz é direto como uma flecha.

Dessa vez, no entanto, ele está enganado.

Claro que eu não estou trapaceando. Por que faria algo assim? Só não estou com pressa.

O celular vibra e eu guardo-a novamente dentro da agenda, protegida de olhares curiosos.

Número desconhecido: “*Khayla, é Linus King. Será que você poderia me chamar assim que estiver livre?*”

Olho para o telefone totalmente perplexa.

Linus quer falar comigo?

Desde que saí da minha cidade, há quase dois anos, não tenho notícias dos King.

Quero dizer, de um dos King, bem antes disso.

Axel veio para a Califórnia assim que se formou no ensino médio e tudo o que soube dele desde então foi pela mídia.

Aliás, esse é um ponto em comum entre ambos os King - cada um é rei a sua maneira.

Linus, que já era milionário na época em que o conheci - por conta do *reality show* - hoje tem estúdios de tatuagem espalhados pelo mundo todo.

Eu nunca faria uma tatuagem, mas tenho que admitir que as dele são lindas. Tão perfeitas que parecem ser 3D.

Lucas tem um dragão nas costas feito por ele e depois, junto com Clara,

fez outra como uma forma de declararem seu amor um pelo outro.

Sinto tanta saudade deles.

E de Nathan.

Eu amo todos os meus sobrinhos/irmãos, mas eu tenho um laço especial com Nathan.

Ele é um garotinho único. Um pensador desde pequeno, assim como o pai.

Nathan é carrancudo com todo mundo, mas comigo, muda totalmente e eu amo isso.

Ele age como uma espécie de protetor. É muito engraçado.

Sério, ele tentou me dar conselhos quando vim morar aqui em *San Luis Obispo*.

Não falar com estranhos foi o principal e eu tive que fazer um esforço danado para não rir, porque era como ver um versão em miniatura do Lucas.

Converso com minha família toda semana, mas não é suficiente. Gosto da confusão que é quando nos reunimos.

Não queria ter vindo para tão longe, mas Lucas disse que eu não deveria abrir mão de um excelente curso só para ficar perto deles.

De todos os meus parentes, acho que ele é o que mais se preocupa com o fato de eu não sair - o que é estranho.

Ele é muito cuidadoso comigo, Clara e as crianças, mas ao mesmo tempo, fica perguntando sobre minha vida social - que não existe.

Meus estudos ainda são prioridade.

Eu tenho conhecidos na faculdade, mas apesar de adorar uma boa conversa, prefiro ficar sozinha.

Tentei morar na irmandade.

Fiquei lá por cerca de seis meses, no semestre inicial, mas no dia em que a minha família veio me visitar pela primeira vez, eles me perguntaram se eu não preferia ter meu próprio lugar.

Claro que eu preferia, mas não tinha coragem de falar, depois de tudo o que já fizeram por mim.

Bela e Clara reclamaram muito quando eu confessei isso às duas.

Bela principalmente, disse que eu não precisava me preocupar com dinheiro, que só não havia sugerido que eu morasse sozinha antes porque achou que eu me divertiria mais no *campus*.

Eu apenas acenei com a cabeça para não chateá-la, sem saber o que dizer.

Eu não sou antissocial, mas não sei fazer amizades. Acho que talvez os assuntos que eu gosto são errados.

Os meus colegas de faculdade não têm hábito de ler, por exemplo, enquanto eu leio até bula de remédio. Onde tiver palavras reunidas, estou dentro.

Depois dessa conversa sobre eu me mudar, eles organizaram tudo para que eu tivesse meu apartamento.

Minhas irmãs queriam um lugar espaçoso, mas fui firme e disse que não precisava de nada grande. Apesar disso, Ethan e Lucas exigiram que eu escolhesse um bairro seguro e que o prédio tivesse porteiro vinte e quatro horas por dia.

Ethan também instalou um sistema de segurança super sofisticado, então eu não preciso mais de chaves para abrir a porta, mas somente a digital do meu polegar.

Olho novamente para o celular, mas agora o que me vem à mente não é mais Linus, mas o filho dele.

Axel.

Lucas disse que ele vive a vida dos sonhos. Que atingiu todos os seus objetivos mesmo sendo ainda tão jovem.

Ele tornou-se campeão do circuito mundial de *surf* profissional praticamente desde que iniciou a carreira e parece que não tem ninguém que ameace seu reinado.

Tenho contas no *Instagram* e *Facebook*, apesar de não ter o hábito de entrar em redes sociais, mas quando acesso, é quase certo que veja notícias sobre ele, assim como fotos com garotas - uma mais linda do que a outra.

Ah, não posso esquecer dos anúncios.

O rosto dele aparece na *internet*, em comerciais de *TV* e também em lojas caras nos shoppings.

Apesar de que, pensando bem, há uns meses ele anda meio sumido.

Axel continua lindo, mas pouco parecido com o rapaz que eu me lembrava.

Agora, como o pai, tem o corpo coberto de tatuagens e, pelo menos nas reportagens, seu ar de desprezo pelo mundo parece mais acentuado.

Não sei se as pessoas reparam nesse jeito dele, mas eu sim.

Talvez por nunca ter falado comigo, eu meio que ficava tentando encontrar a resposta do porquê dele não gostar de mim.

Assim, passei a analisá-lo.

Gravei suas expressões faciais e reconhecia quando fingia sorrir ou quando estava zangado, mas controlando-se.

Parece loucura, não é? Eu sei.

Começou como curiosidade e depois tornou-se um hábito que durou até ele se formar na escola.

Dou de ombros.

Talvez eu nunca descubra o motivo dele não ir com a minha cara, então não adianta ficar quebrando a cabeça.

Ele pode já ter sua vida de sonhos, mas eu ainda preciso correr atrás da minha.

Ponho o celular com o visor para baixo e volto a me concentrar no vídeo que estou assistindo.

Tenho que fazer a última prova amanhã.

Depois, estarei oficialmente de férias.



Chego em casa exausta.

Estou louca para tomar um banho e também preciso comer. Costumo ser disciplinada com a minha alimentação - a quem estou querendo enganar? Sou disciplinada com tudo - mas às vezes esqueço e fico com dor de estômago.

Depois de fechar a porta e ligar o sistema de alarme, começo a andar para o quarto.

Assim que piso lá, lembro da mensagem de Linus e dou um tapa na testa.

Deus, meu signo de libra acaba comigo.

Olho o relógio em meu pulso.

Não é muito educado ligar depois das nove, mas Linus não é a pessoa mais convencional do mundo, então não acho que isso será um problema.

O telefone chama quatro vezes e somente quando penso que foi um erro ter ligado, ele atende.

“Linus.” - a voz é exatamente como eu recordava, algo muito próximo a um rosnado, mas incrivelmente, ao contrário do filho, ele não me inibe.

“Oi Linus, é a Khayla. Você mandou uma mensagem hoje cedo. Desculpe só ligar agora. Eu estava em aula.”

“Khayla, oi. Não tem problema. Obrigado por ligar de volta. Será que você almoçaria comigo amanhã? Precisamos conversar, mas prefiro pessoalmente.”

Estou chocada.

O que ele pode querer falar comigo de tão sério que necessitaria de uma conversa frente a frente?

Nós nunca tivemos muito assunto.

“Eu não sabia que você estava aqui em *San Luis*.”

Ele tem estúdios em várias cidades da Califórnia - dos Estados Unidos todo, na verdade - mas não fazia ideia de que na minha também.

“Eu vim especialmente para ver você.”

Eu não gosto de tentar adivinhar as coisas.

Será que devo ligar para Lucas?

Pare agora mesmo, Khayla. Você não é um bebê.

Apesar de confusa, minha incapacidade de dizer não a quem precisa de mim leva a melhor.

“Tudo bem.” - respondo, por fim - “Eu tenho prova até uma e quinze da tarde amanhã. Onde você quer me encontrar?”

“Eu posso mandar alguém apanhá-la.”

Penso um pouco.

Dependendo de onde ele queira almoçar, não será muito fácil de parar o carro.

“Pode ser.”

“Certo, então. Alguém a esperará a partir da uma hora na frente de sua faculdade.”

Deus, como alguém consegue tomar decisões tão rápido?

“Okay. Vou mandar o endereço agora mesmo.”

“Khayla?” - ele parece hesitar - “Obrigado.”

A seguir, desliga.

Pelo que? Eu não fiz nada.

Desistindo de tentar decifrar o enigma, vou para o chuveiro.

Quem sabe um banho quentinho me ajude a pensar.

CAPÍTULO 7

LINUS KING

“Obrigado por ter vindo.”

Olho para a loirinha sorridente e me pergunto se tomei a decisão certa.

Talvez eu esteja sendo egoísta em envolvê-la em meus problemas, mas a verdade é que não vejo outro caminho.

Não sei mais o que fazer para ajudar meu filho.

Mesmo assim, ainda fico em dúvida.

Khayla parece frágil demais para conseguir segurar as loucuras de Axel.

A menina sempre foi muito sensível e meu filho já não era a pessoa mais fácil de se lidar antes. Depois do acidente, isso tornou-se um desafio.

Ainda assim, tenho que tentar.

Acho que o que ele precisa é justamente alguém de fora do nosso meio.

Sinto-me um pouco desconfortável por não ter dito nada a Lucas ou a Ethan antes de chamá-la para almoçar, mas a verdade é que não sobraram tantas opções assim e eu fiquei com receio de que eles jogassem meus planos por terra.

“Você disse que precisa da minha ajuda?”

Posso ouvir a dúvida em sua voz.

Nós nunca tivemos qualquer tipo de interação.

“Sim, é sobre meu filho...”

“Axel? Ele está bem?” - ela pergunta rápido e fico atento, pensando que talvez eu não tenha errado tanto assim ao chamá-la.

Ela parece genuinamente preocupada.

Será que eles eram próximos no colégio?

Não, acho que não. Khayla nunca fez o perfil dos amigos com quem meu filho andava.

Playboys que nunca tiveram um só dia difícil na vida.

E sabe o que é irônico? Isso é exatamente o oposto dele. Axel teve experiências duras para um garoto tão novo.

Tento afastar as lembranças, porque não posso ir por esse caminho novamente. Sentir-me culpado pelo que aconteceu no passado não o ajudará em nada.

“Ele sofreu um acidente.”

“O que? Oh meu Deus, Linus! Quando?”

Seu rosto perde a cor e eu vejo agora, em primeira mão, o que Lucas sempre disse a respeito dela. Khayla importa-se genuinamente com os outros.

“Há dois meses. Ele foi arremessado de um penhasco por um motorista embriagado.”

“Mas... eu vi fotos dele há pouco tempo nas revistas.” - fala e as bochechas ficam parecendo um tomate.

A pequena Khayla acompanha as notícias sobre meu filho?

“São antigas. Nós conseguimos esconder tudo da imprensa. Ninguém sabe o porquê dele ter se afastado das competições. Achrom que ele precisava descansar a cabeça.”

Só Deus sabe o trabalho que me deu, mas de jeito nenhum eu deixaria que aqueles abutres criassem histórias sobre o acidente.

Axel pode não ser um santo ou o que a sociedade espera, mas dessa vez, ele não teve qualquer culpa no que aconteceu.

No passado ele já foi chamado de drogado, louco e todos os fodidos rótulos que a imprensa adora colocar em quem foge do padrão.

Talvez alguns deles encaixem-se como uma luva em meu filho, mas outros são totais mentiras.

Ao contrário de mim, sei que Axel nunca chegou a milhas de qualquer droga. A lição que aprendeu com a mãe foi mais do que suficiente.

Uma vez, depois de tanto a imprensa insinuar que ele usava, confrontei-o diretamente e sua resposta trouxe-me alívio.

Eu já sou louco o suficiente sem essas merdas, Linus. Não preciso de nada para anestesiá-lo meu cérebro.

Acho que ele nunca conseguirá esquecer seus primeiros anos de vida.

E também da morte da mãe, tempos depois.

Há um abismo em nosso relacionamento.

Ele jamais se adaptou totalmente a uma vida normal depois passar anos de casa em casa com a louca da sua mãe, que Deus a tenha.

Quando ele estava quase se estabilizando, assim que começou a competir, Serena morreu.

Dali por diante, por mais que eu tentasse, nós nunca formamos um elo familiar. Ele só me chama de pai por distração. Na maioria das vezes é Linus, fazendo meu nome soar com ironia.

“Ele... não está bem, Khayla. Meu filho tem um gênio difícil, para dizer o mínimo e os médicos falaram que há risco...” - passo a mão pelo rosto algumas vezes porque dizer essa merda em voz alta me dá uma sensação de impotência como nunca tive antes - “que talvez nunca mais possa competir. Entre outros problemas em decorrência do acidente, como um punho torcido, a mais séria foi uma fratura extracapsular no colo do fêmur.” - tento lembrar os termos que o médico usou - “Eu não me contentei somente com uma opinião. O primeiro disse que ele talvez nem pudesse voltar a andar.”

“Opa! Extracapsular? Fecho uma aposta que ele volta não só a andar, como também a competir. Ele é novo e um atleta. Se fosse uma fratura intracapsular a história poderia ser diferente, porque as taxas de complicações são maiores. Nesses casos, há grande risco de interrupção do fluxo sanguíneo, dificultando não só a cicatrização do osso, mas também

aumentando o risco de necrose.”

Sorrio pela forma profissional como ela está dando sua opinião. Quando vim encontrá-la, na minha cabeça Khayla ainda era uma garotinha.

“Você está certa. Ele já voltou a andar, mesmo que boa parte das vezes ainda precise da ajuda das muletas.” - se tem algo que não se pode negar que Axel puxou de mim, é a teimosia. Ele não aceita desistir. - “Fui de equipe em equipe e uma em particular disse que há uma chance promissora de recuperação total. O *surf* é a sua vida e se não puder competir nunca mais, tenho medo que ele afunde em uma depressão.”

“Ele deu sorte.”

“Desculpe-me, mas a última palavra que consigo pensar sobre um rapaz de vinte e três anos incompletos ser atropelado por um bêbado irresponsável é sorte.”

O vermelho nas bochechas dela aumenta e eu me sinto mal.

A menina não tem culpa de nada.

“Não foi isso que eu quis dizer. Claro que qualquer acidente é horrível, mas pela forma como você descreveu o que aconteceu - que ele foi arremessado de um penhasco - poderia ter lesionado seriamente a coluna ou algo pior.” - ela explica com a calma comum em pessoas acostumadas a lidar com esse tipo de situação - “Além disso, você mesmo contou que alguns médicos consideram uma possibilidade de recuperação plena. Acredite, médicos não costumam tentar agradar os pacientes. Criar falsas expectativas pode ser perigoso e eles tendem a ser honestos em suas opiniões. Se estão dizendo que há uma possibilidade real, é porque há.”

Essa é a melhor notícia que recebo desde que me disseram que ele estava vivo.

Tento manter o rosto em branco, mas é difícil lembrar da sensação de quando a polícia me telefonou para informar do acidente.

Foi a segunda vez que rezei que eu lembre. A primeira, quando ele

sobreviveu ao quase afogamento que levou a vida da sua mãe.

Imaginar que meu filho pudesse não estar mais nesse mundo é um inferno de desesperador e eu não lido bem com o medo.

A pequena mão dela busca a minha por cima da mesa.

“Eu sinto muito. De verdade! Estagio com isso e sei o quanto é duro qualquer tipo de recuperação.”

“Lucas disse que você é a primeira aluna da classe.”

Ela dá de ombros, parecendo encabulada.

“Eu gosto de estudar e sempre quis ajudar as pessoas.”

Aí está. Isso é tudo o que eu precisava ouvir.

“Eu gostaria de fazer uma proposta.”

“Proposta?” - repete, parecendo confusa.

“Sim. Eu sei que o semestre está acabando, então eu quero contratá-la como fisioterapeuta de Axel.”

CAPÍTULO 8

KHAYLA

Eu abro e fecho a boca várias vezes, mas não consigo falar nada.
Mexo-me inquieta, tentando processar o que ele acabou de me propor.
Linus apenas recosta na cadeira e aguarda, o que me deixa ainda mais ansiosa.

“Eu não sou formada.” - finalmente declaro o óbvio.

“Eu sei.”

“Então como... por que...?”

“Ele conseguiu espantar todas as enfermeiras, assim como as fisioterapeutas, em uma semana. Todas, Khayla. Sem exceção.”

“Eu não posso aceitar o trabalho, principalmente como fisioterapeuta. Isso seria exercício ilegal da profissão.”

“E como amiga?”

Sacudo a cabeça de um lado para o outro.

“Eu acho que você precisa saber de algo Linus: eu e Axel nunca fomos amigos. Sequer fomos colegas, para dizer a verdade. Ele nunca falou comigo.”

“Não leve para o lado pessoal. Meu filho não costuma ser legal com ninguém.”

Dou de ombros.

Isso é meio que um cacoete que tenho quando uma coisa me incomoda.

“Eu não ligo. Nunca me encaixei na turma que ele andava, de qualquer forma.”

“O que isso significa?”

Entrego uma risada sem graça.

“Eu nunca fui popular, não sou até hoje e seu filho era literalmente o rei.”

“Khayla...”

“Espera. Não falei isso porque estou chateada, fique tranquilo. Apenas desejo situá-lo em um cenário real. Não acho que ele me quererá por perto.”

Ele fica em silêncio por um tempo, como se estivesse tentando montar um quebra-cabeças.

“Ele precisa de ajuda.”

“Axel ainda mora em *Carmel-by-the-Sea*?” - pergunto, tentando lembrar das informações que li nas revistas.

Quando veio para a Califórnia, ele inicialmente ficou em *San Diego*, mas cerca de um ano depois, a mídia anunciou que havia mudado para uma região exclusiva.

Carmel-by-the-Sea é uma cidade costeira mais ao norte da Califórnia. O lugar é perfeito, um paraíso. Passei um fim de semana lá quando minha família veio me ver.

As praias são particulares e há pouco tempo descobri que o ator *Clint Eastwood* foi prefeito da cidade nos anos oitenta.

“Mora.” - ele responde um pouco sem jeito, o que é estranho. Linus parece um cara que não se deixa intimidar por nada.

“Isso fica a pelo menos duas horas daqui de carro.”

“Eu sei, mas o semestre na faculdade está acabando, certo? Pensei que... eu poderia alugar um apartamento para você na cidade. Se não se sente confortável em trabalhar como fisioterapeuta, tudo bem, mas e quanto a dar umas dicas sobre sua recuperação?”

Começo a protestar novamente, mas ele ergue uma mão, interrompendo.

“Olha, eu sei que meu filho pode ser uma dor na bunda, se me permite

ser franco.”

Eu rio pela primeira vez desde que a conversa bizarra começou.

Acho que ele está querendo dizer sobre o mau gênio de Axel e a descrição parece meio que perfeita.

“Mas ele não é apenas aquilo que mostra para o mundo, Khayla. Não me sinto à vontade para contar sobre seu passado, somente tente manter na mente que a vida dele foi um inferno de difícil por um tempo.”

“Linus, eu adoro minha profissão, mas...”

“Eu sei, docinho, foi por isso que vim. Estou desesperado. Tenho certeza que você conseguirá ajudá-lo.”

“O que o faz pensar que ele aceitará minha ajuda quando enxotou profissionais mais qualificados?”

Ele desvia o olhar.

“Não sei se o arranjo funcionará, para ser sincero, mas estou ficando sem alternativas. Ele recusa os remédios para dor porque teme se viciar e estou me agarrando no que você disse sobre o médico não dar falsas esperanças.” - ele parece cansado e eu sei o exato momento em que eu começo a ceder - “Axel estava no auge da carreira, fazendo o que sempre amou. A possibilidade de nunca mais surfar o matará em vida.”

“O que aconteceu com o outro motorista?”

“Nada. Nem um arranhão.”

Seu punho fecha em cima da mesa, até que os nós dos dedos ficam brancos.

Ele explica rapidamente sobre o acidente e que Axel só se salvou porque estava em um pedaço da *Big Sur* em que havia uma espécie de declive, com um banco de areia.

Repasso a estrada em minha cabeça.

Ela é cheia de rochas altíssimas que despencam direto no mar.

Sinto um arrepio percorrer meu corpo.

As probabilidades apontavam para que ele estivesse morto. Acidentes envolvendo motociclistas geralmente são fatais, ainda mais em uma estrada como aquela.

Imaginar alguém como Axel King perdendo a vida tão cedo me traz bile à garganta.

“Eu sei que peguei você de surpresa. Não precisa decidir agora, mas ao menos prometa que irá pensar.”

Uma voz dentro da minha cabeça me manda dizer não, mas eu não consigo ignorar a angústia no olhar dele, então mesmo intuindo que estou tomando a pior decisão possível, respondo.

“Tudo bem.”



Shakira canta alto sua *Chantaje*, enquanto eu faxino o quarto pela terceira vez.

Essa é a mania mais recente: sempre que preciso pensar, arrumo uma coisa para limpar no apartamento.

Meu quarto no momento deve estar mais higienizado do que uma *UTI*.

Tenho uma batalha dentro de mim, sendo que mesmo que eu combata com força, sei que lado sairá vencedor.

Apesar disso, estou insegura.

Quando vim morar na Califórnia, ficar sozinha foi um baita desafio, mas isso não parece nem um pouco assustador comparado a conviver com Axel King.

Passo novamente a flanela na cômoda.

O cara nunca falou comigo, pelo amor de Deus!

O que quer que esteja acontecendo na mente de Linus, ele está errado.

Não funcionará.

Agora a flanela ligeira limpa novamente as mesinhas de cabeceira.

Será que eu troquei a roupa de cama?

Sim, louca. Você fez isso há menos de uma hora.

Penso nos casos em que estagiei.

É comum pessoas caírem em depressão quando precisam passar por uma recuperação longa.

Não posso imaginar King desistindo, mas não quero carregar a culpa se ele o fizer.

Vou tentar.

Não me comprometerei em definitivo, mas também não virarei as costas sem sequer ir até lá.

Tiro os fones de ouvido e toco no botão de ligar no celular.

“Linus, podemos fazer uma experiência no fim de semana? Só assim poderei saber se ele me deixará chegar perto. Eu também gostaria de ver as radiografias dele.”



Carmel

Cinco dias depois

Minhas pernas estão incertas enquanto entro na casa.

É uma das construções mais bonitas que já vi.

Certo, é um pouco isolada também, mas isso talvez seja o que a torna tão especial.

Ela fica em cima de um rochedo e olhando de longe você tem a impressão de que está suspensa no meio do mar.

É toda envidraçada e acho que de qualquer lugar que se esteja consegue-se ver a água.

Como deve ser observar uma tempestade através dessas paredes de vidro?

Tem uma música instrumental tocando em todos os ambientes. É agradável e também a última coisa que eu imaginaria que Axel ouviria.

Ele parecia tão *rock and roll* no passado.

Eu gosto de um pouco de tudo, mas já fui a alguns concertos em Nova Iorque e passei a adorar piano.

Pensei em aprender a tocar, mas acho que não é para mim. Sou perfeccionista, e como não poderia me dedicar totalmente as lições por causa da faculdade, prefiro apreciar somente.

“Khayla, você avisou a Lucas ou Ethan que viria?” - Linus pergunta, assim que chegamos à sala.

Estou nervosa para caramba, então imediatamente começo a contar as almofadas espalhadas pelo enorme sofá em formato de *L*.

Treze.

Todas em tons de cinza.

Por que não catorze?

Prefiro números pares.

Será que esse treze foi um acidente ou há um cachorro comedor de almofadas por aqui?

“Khayla?”

Deus, eu preciso me acalmar.

“Eu não falei com Lucas ou Ethan.”

“Por que?”

“Não sei. Acho que porque não estou fazendo nada de errado.” - resolvo inverter a pergunta - “Você contou a eles?”

“Não. Fiquei com medo de que dissessem para você não vir.”

“Entendo, mas posso decidir sozinha sobre a minha vida. Já sou uma adulta, Linus.”

Não faço o gênero rebelde, mas também não preciso de nenhum dos dois para me dizer como agir a cada passo.

“Certo, mas de qualquer modo eu ficaria mais confortável se eles soubessem. Mais tarde telefonarei e direi que a trouxe.”

“Eu não concordei ainda. O combinado foi um teste, certo?”

“Sim, mas eu tenho esperança de que você mude de ideia.”

“Não sei. De verdade Linus, não quero me comprometer antes de estudar o quadro todo.”

“Tudo bem, anjo. Não a forçarei a nada. O que quer que decida, aceitarei.”

Antes que eu possa responder, um homem alto e magro, aparece por uma porta lateral.

“Linus, pode vir aqui um instante?”

Acho que ele é a criatura mais excêntrica que já vi: o cabelo impecável e a barba grisalha perfeitamente aparados dão um ar nobre... até você olhar a roupa.

Ele veste uma camisa com botões e de mangas curtas, estampada com flores havaianas, bermuda jeans e chinelo - criando uma mistura única de

cidadão praiano com um *CEO* aposentado.

Ele não combina com a casa, com Linus - que é a imagem do motoqueiro de algum *MC* - e do que eu me lembro, muito menos com Axel.

“Ah, desculpe a rudeza senhorita. Meu nome é Zachary e eu cuido da propriedade.”

Ele é muito formal também.

Se os Kings tentassem encontram alguém mais diferente de seus padrões, não conseguiriam.

“Oi, eu sou Khayla.”

Ele me olha de cima a baixo, mas não de uma forma depreciativa. É como se estivesse se perguntando o que estou fazendo aqui.

Somos dois.

“Khayla, poderia ir na frente? Encontro você em alguns minutos.”

“Mas, eu... você...”

“Fique tranquila, em no máximo meia hora subirei.”

Olho para o tal Zachary bem a tempo de vê-lo erguer uma sobrancelha interrogativamente para Linus.

Deus, encontrar Axel sozinha não estava em meus planos!

Vamos lá, Khayla. Você está aqui em caráter experimental. O máximo que pode acontecer é ele mandá-la sair.

“Certo. Axel está no quarto?”

“Sim. Terceira porta à esquerda, no segundo andar.”

Começo a subir as escadas.

Existem vãos entre os degraus de madeira e consigo ver o resto da sala, que quase não tem paredes.

Por que um cara solteiro manteria um lugar tão grande?

A terceira porta está apenas recostada e paro, insegura sobre como agir.

Bato antes de entrar?

Seco as palmas úmidas das mãos no vestido de algodão e puxo algumas

respirações para me acalmar.

Foi estúpido ter concordado em subir antes de Linus.

O que estava passando pela minha cabeça?

Cachorro!

Assim que a palavra sai, seguro uma risada.

Por conviver com tantas crianças, criei uma espécie de código para os palavrões.

Cachorro no caso seria merda, mas Nathan conseguiu perceber isso e da última vez que soltei um *cachorro* na frente dele, ele me olhou com cara de reprovação, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Deus, Nathan!

Só agora lembro que havíamos combinado que ele ficaria uns dias comigo assim que as aulas terminassem. Eu prometi levá-lo ao aquário em *Monterey*.

Depois, voltaríamos juntos para Boston.

Com a correria do fim do semestre e a seguir, o pedido de ajuda de Linus, eu esqueci completamente.

“Entre de uma vez, quem quer que seja você.”

A voz parece uma trovoada misturada com notas de ironia.

Bem, o que quer que me espere lá dentro, definitivamente não é alguém se fazendo de vítima.

Obrigo-me a dar um passo atrás do outro até que finalmente estou no quarto.

Foco no chão enquanto ando, tentando me preparar para o encontro. Nem em um milhão de anos pensei que um dia estaria na casa de Axel.

Se eu correr agora, vou fazer um papel ridículo, né?

Chegou até aqui? Encare a situação como uma adulta, Khayla.

Deixo meus olhos subirem aos poucos, observando primeiro a cama meio bagunçada, depois uma cadeira de rodas que parece nunca ter sido utilizada e

finalmente, o cara que nunca me deu um *oi*.

O cabelo está mais comprido, o que lhe dá um ar ainda mais selvagem do que eu lembrava, mas é o peito nu e tatuado que faz com que uma sensação estranha percorra meu corpo, deixando minhas pernas incertas.

Axel parece grande e intimidante.

E lindo também.

Rapidamente repasso minha lista de namorado perfeito na cabeça.

Não.

Nenhuma dessas características consta dela e isso faz com que eu solte um suspiro de alívio.

Não há maneira de que ele desperte meu interesse. Ele não se encaixa, então, sem chance de que eu crie fantasias com esse deus *sexy* do *surf*.

“Não vai falar oi, princesa?”

“Eu... seu pai...” - o que eu estou tentando dizer mesmo? Desisto de ordenar os pensamentos e escolho o fácil - “Oi.”

CAPÍTULO 9

AXEL

Ela parece assustada.

O que eu esperava? Fui um cretino com a garota no passado.

Vou ter que começar do zero.

“Meu pai pediu que viesse?”

E o prêmio de cara de pau do ano vai para mim mesmo, senhoras e senhores.

“Sim.”

“Entre e feche a porta, princesa.”

Tento manter um tom neutro, mas estou acelerado para caralho.

Ela ainda hesita por um instante, mas depois obedece como a boa menina que é.

Não se aproxima, no entanto.

Não foi a maneira que eu desejei o nosso reencontro, mas não estou mais com disposição para correr riscos.

Finalmente a tenho onde eu quero.

As fotos no *Instagram* não fazem jus a sua beleza.

Eu me sinto um pouco bêbado só de olhá-la.

Khayla passou de uma garota linda, para uma mulher *sexy* como o inferno.

Os cabelos loiros e compridos, que na época da escola sempre viviam presos em tranças ou rabo de cavalo, agora caem soltos, em desordem, acariciando a frente do seu corpo. Eles ainda mantêm a mesma cor de ouro que eu lembrava, mas agora com alguns reflexos mais claros, provavelmente

fruto do sol da Califórnia.

Ela não cresceu mais - apesar de que já era alta para uma adolescente - mas o corpo...

Porra!

Suas curvas são irresistíveis.

O vestido está agarrado à cintura fina, o que deixa seus seios ainda mais destacados.

O sangue bombeia por todo meu corpo, pegando-me de surpresa. É a primeira vez que tenho uma ereção desde o acidente.

Khayla sempre despertou uma espécie de dependência química em mim.

Fico olhando-a, um pouco perdido, sem saber o que falar.

Eu tinha esperança de que viesse, mas achei que Linus avisaria antes. Agora que ela está quase ao alcance das mãos, é difícil manter a calma.

Se você estiver se perguntando se eu não sinto vergonha de usar meu estado atual para fazê-la vir para mim, a resposta é: em nenhuma célula do meu corpo.

“Você vai ser a minha babá então?”

Só estou mexendo com ela. Vendo como reage quando cutucada.

Ela continua recostada a porta, com as mãos nos bolsos do vestido.

Não sei se por causa do meu nervosismo, não consigo lê-la.

“Você não parece o tipo que precisa de babá.”

“Então, por que veio?”

Porque você é um maldito chantagista, Axel King.

“Conversar apenas. Seu pai disse que você não está se cuidando adequadamente e eu estou no segundo ano da faculdade de fisioterapia, então acho que ele pensou que eu talvez pudesse ajudar.”

“E você pode?”

“Hein?”

“Você veio me ajudar, princesa?”

Ela desvia os olhos e aquilo me irrita um pouco.

“Responda.”

“Eu não sei.”

Não é o que eu quero ouvir.

Certo, sei que sou um idiota.

Eu nunca falei com ela e agora estou acenando com a perspectiva de fazê-la perder o verão para ficar comigo, mas quando foi que eu disse que jogava limpo?

“Não sabe se consegue me ajudar?”

Ela inclina a cabeça para o lado e eu tento controlar a ansiedade.

“Quem cortou o seu cabelo? Está torto.”

Isso definitivamente não é o que eu esperava que ela dissesse.

“Zach. Você sempre trabalha a autoestima dos seus pacientes com tanta honestidade?”

Não dou realmente a mínima para a minha aparência, mas estou curioso com seu comentário sobre o cabelo.

Ao invés de responder, ela dá de ombros.

“Isso não foi muito educado, princesa.”

“Por que você me chama assim?”

“Eu sempre a chamei assim.”

“Quando? Você nunca falou comigo.”

“Eu a chamava assim na minha cabeça.”

“Você é doido.”

“Aí está algo que eu não posso negar, mas então todos nós somos loucos.”

“Eu não.”

“Só porque é medrosa demais para se arriscar, não significa que não seja um pouco doida também.”

“Eu não sou medrosa, apenas tenho planos.”

“De que tipo?”

“Opa, calma lá. Você passou de nunca me dar um oi para querer ouvir meus segredos?”

Deus, como eu perdi isso?

Que idiota, King!

A chama dela estava ali o tempo todo. Você só foi burro demais para se dar conta.

“E você tem tantos segredos assim?”

“Todo mundo tem segredos.”

“Segredos ou sonhos?”

Ela pensa por um instante.

“Um pouco de cada.”

Sua voz sempre foi tão suave?

A memória que tenho é de sua risada.

“Fale-me sobre a faculdade de fisioterapia. Como acha que pode ajudar em minha recuperação?”

“Eu não acho nada. Foi seu pai quem me chamou. Como eu disse antes, eu só estou no segundo ano do curso.”

Ela parece procurar uma desculpa para poder correr.

Não vai acontecer.

Eu não esperei tanto tempo para fazer um movimento sobre ela, para deixar que escape fácil.

“Estou só no segundo mês como paciente também, então acho que talvez sejamos um par perfeito. Ambos sem experiência em nossos papéis.”

“Você é definitivamente maluco.”

“Isso já ficou estabelecido no início dessa conversa, princesa.”

“Pare de me chamar assim.”

“Não.”

“Seu pai disse que se eu fosse ficar, não era para engolir suas mer... suas

besteiras.” - ela corrige rápido.

“Não só as minhas. Você não deve engolir merda de ninguém.”

“O que você sabe sobre sua lesão?” - ela muda de assunto.

“Mais do que eu gostaria.”

“Eu olhei os exames. Queria ter levado para um professor, mas como vocês não haviam autorizado, não fiz.”

“Agradeço por isso. Não quero a imprensa em cima de mim.”

“Da minha parte, você pode ficar tranquilo.”

Nunca estive realmente preocupado com isso. Khayla vem de uma família incrível. Não me passou nem uma vez pela cabeça que ela fosse do tipo que sairia conversando com repórteres.

“O que você achou?”

Eu não quero ouvir a resposta realmente porque, mesmo com todo o progresso até aqui, temo que diga que nunca mais voltarei a surfar.

“Eu já vi lesões piores em que as pessoas se recuperaram totalmente.”

“Você quer dizer voltar a andar sem mancar ou ter uma vida cem por cento ativa?”

“Cem por cento como era antes.”

Sua honestidade poderia soar rude para alguns, mas eu sei que é meio que um vício de profissionais da área dela, assim como os médicos, não fazerem rodeios.

“Eu vou voltar a competir.”

Não foi uma pergunta, mas um aviso.

Ao invés de responder, ela devolve.

“Seu pai disse que você já consegue andar até mesmo sem as muletas. Depois do acidente, em algum momento você deixou de sentir... *huh...* alguma coisa da cintura para baixo? Quero dizer, o fluxo sanguíneo estava normal e.... *huh...*”

Suas bochechas ficam em chamas e por mais que eu não devesse fazer

isso, não resisto em provocá-la.

“De que local especificamente estamos falando, princesa?”

“Para de tentar me envergonhar, Axel King.”

Assim mesmo, Khayla. Mostre-se para mim.

Ela está me surpreendendo.

Não é nem de longe a menina acanhada que eu imaginei.

Será que algum dia foi?

Ou confundi sua introversão com timidez?

Sei que ela perguntou aquilo porque quer confirmar o tipo de fratura. Eu li muito a respeito. Se fosse intracapsular, poderia haver interrupção do fluxo sanguíneo, o que dificultaria a cicatrização do osso.

Apesar de ser a primeira vez que fico excitado enquanto estou acordado, tenho certeza de que tudo está normal comigo. Minhas pernas podem não ser tão firmes no momento, mas acho que isso é mais por conta da atrofia muscular natural por ter ficado tanto tempo sem fazer exercícios de força, do que pelo acidente em si.

“Tudo funcionando.” - respondo com um sorriso e o vermelho em seu rosto aumenta - “Apesar de que acho que o progresso está lento. Estou apostando que ter você comigo vá mudar isso.”

Uma parte do que falei foi uma meia mentira.

Tenho feito muitos exercícios sozinho. Na verdade, quase me mato todos os dias e só paro quando estou esgotado, levando meu corpo ao limite.

Quanto a outra - sobre a presença dela mudar tudo - nunca fui tão honesto na vida.

“Por que seu pai pensou em mim?” - posso ver as engrenagens do seu cérebro rodando - “Vocês são milionários. Poderiam contratar dúzias de pessoas melhores do que eu.”

“Primeiro, não se subestime desse jeito. Segundo, eu quis alguém conhecido.”

“Alguém conhecido? Eu conheço você tanto quanto o resto do mundo. Pelos jornais.”

“Você é uma fã, amor?”

“Eu não acompanho o *surf*.” - ela disfarça, mas eu peguei a parte que eu queria.

“Espera. Foi você quem pediu para ele me procurar?”

Ela agora parece genuinamente chocada e pela primeira vez, pressinto que há uma chance real de que me mande para o inferno e vá embora.

“É tão surpreendente assim que eu queira você?”

Sim, estou jogando artilharia pesada, mas quero testar onde estou pisando.

Ela coloca as duas mãos na cintura.

“Se você acha que serei uma distração de verão, estou saindo. Não sei o que se passa pela sua cabeça, King, mas nem todas as garotas anseiam por pular em sua cama. Eu só vim até aqui porque seu pai disse que você precisava de ajuda, mas se estiver desejando qualquer coisa além de sua recuperação, você está perdendo seu tempo comigo.”

Faço um esforço descomunal para manter a expressão impassível.

Eu não esperava que ela fosse tão direta.

Ao invés disso me aborrecer, no entanto, me excita ainda mais.

“Epa, acho que agora é você quem está presumindo demais, princesa. Acredite ou não, meu foco é em voltar a competir.”

E matar a fome que eu tenho de você por todos esses anos.

Ela me encara sem piscar e sei que está avaliando o quanto de sinceridade tem no que eu disse.

Vinte por cento.

Os outros oitenta?

Se eu já queria Khayla antes, depois de ter um gostinho do seu temperamento, a necessidade por ela agora alcança as estrelas.

“Certo, mas nós precisamos estabelecer algumas regras.”

Ai.

Ela só acaba de falar uma das palavras que eu mais odeio.

“Diga-me o que você tem em mente.” - respondo, conformado.

CAPÍTULO 10

KHAYLA

“Primeiro, quero deixar claro que não vou aceitar qualquer tipo de remuneração.”

“Khayla, não é justo...”

“Não, Axel. Eu não sou formada ainda e estaria exercendo a profissão ilegalmente se aceitasse seu dinheiro. Além disso, não tenho tanto conhecimento assim.”

“Eu confio em você.”

“Obrigada por isso, mas eu gostaria de entender por quê.”

“Por que o que?”

“Não me leve a mal, mas nós mal nos conhecemos. Como pode confiar em mim?”

“Eu conversei com Linus. Ele disse que você é a estudante mais fodona da faculdade.”

Sinto minhas bochechas esquentarem com o elogio.

Acho que eu meio que estava esperando que ele dissesse que não precisava da ajuda de uma mera estudante, dando-me a chance de fugir sem parecer uma covarde.

“Minhas notas são boas, mas a diferença entre teoria e prática é bem grande. Eu já fiz estágio, claro, mas não me sinto segura para assumir uma lesão tão séria sem supervisão.”

“O que você sugere, princesa?”

“Nós podemos conversar com sua equipe médica. Você conta que eu virei todos os dias como uma amiga...”

“Você virá?”

“Sim, claro. Posso chegar aqui pela manhã cedinho.”

“Não vai funcionar.”

“Como assim?”

“Eu posso precisar fazer exercícios à noite.” - e as mentiras só vão aumentando.

“Podemos estabelecer a rotina de exercícios pela manhã e massagem à tarde.”

“Não.”

“Não o que?”

“Eu não quero que você vá embora sozinha.”

“Seu pai disse que alugaria algo por perto. Além do mais, tenho um *spray* de pimenta na bolsa. Ethan me deu quando eu me mudei.”

O que eu não falo é que a possibilidade de que eu o use é quase nula. Não me imagino ferindo alguém conscientemente.

“Ótimo sobre o *spray*, mas não é com isso que estou preocupado.” - ele passa a mão no cabelo parecendo frustrado, mas minha atenção fica presa na musculatura do seu braço.

Eu gosto de músculos e apesar de não constar como item essencial da minha lista, seria um senhor bônus.

Pare com isso, sua doida. Foco.

“Khayla, eu tenho sete quartos aqui. Você pode escolher qualquer um e terá toda a privacidade que precisar. Prometo não incomodá-la fora dos momentos de exercícios, se você quiser ficar sozinha, mas não vou ter paz sabendo que está pegando essa estrada todas as noites.”

Com essa eu não contava.

Morar na mesma casa que Axel? Não sei se posso lidar com isso.

“Por que você está tão longe? Venha um pouco mais para perto, princesa.”

Hesito, porque não acho que seja uma boa ideia, mas se vou ajudá-lo, terei que colocar as mãos nele um monte de vezes, então é bom ir me acostumando.

Aproximo-me da cama.

“Sente-se.”

“Não precisa...”

“Sente aqui.”

Ele dá um tapinha no lençol.

Sua voz não se altera, mas tem um tom de comando inequívoco que é meio hipnotizante.

Escolho o lugar mais longe dele possível.

“Meu cabelo está torto então?”

Eu estava olhando para minhas mãos, mas a pergunta me faz voltar a encará-lo.

Dou de ombros, um pouco sem jeito.

“Eu gosto de simetrias.” - justifico e para minha surpresa, ele ri.

Axel fica ainda mais bonito com o rosto relaxado.

“Eu gosto de assimetrias. Como nós dois.”

É, não tenho como negar que não existem duas pessoas mais opostas do que eu e ele.

“Por que estou aqui, Axel?”

“Porque eu não quero a ajuda de um estranho.”

“Eu sou uma estranha.”

“Não é.”

“Sou sim. Só porque nossas famílias se conhecem, não significa que somos amigos.”

“E se eu quiser ser seu amigo?”

“Isso é o que eu chamaria de uma grande mudança.”

“O que você quer, Khayla? Eu gostaria que ficasse. Acho que será mais

fácil me recuperar perto de alguém que não me vê apenas como mais uma estatística, mas não quero que sintam-se obrigadas só porque nossos pais frequentam a casa um do outro.”

“Como pode saber que eu não o veria como uma estatística?”

“Porque eu noto que você se importa, caso contrário, não estaria aqui. Estou enganado?”

“Não.” - não há qualquer ponto em mentir - “Certo.” - cedo, ainda em dúvida - “Vou tentar não decepcioná-lo, mas eu estava falando sério sobre sua equipe médica. Eles precisam saber que estarei aqui como uma auxiliar e não como fisioterapeuta. Não tomarei qualquer decisão sem a orientação deles.”

Ele não desvia os olhos e eu faço um esforço danado para encará-lo de volta.

“Concordarei com isso sob certas condições.” - diz.

“Só para esclarecer: você sabe que não está com as melhores cartas, né?”

“Isso foi rude, princesa.”

“Você entendeu perfeitamente o que eu disse. No entanto, apenas para mostrar que sou uma garota legal, que condições seriam essas?”

“Você vem morar aqui.”

“Axel...”

“Calma, ouça primeiro. Podemos estabelecer horários. Eu não vou fazê-la passar o dia todo ao meu lado e nem nada do tipo, mas preciso da certeza de que estará segura.”

“Eu não sou um bebê.”

“Você é sim, mas não é por isso que estou propondo que venha. Você sabe como aconteceu meu acidente?”

Limpo uma poeira imaginária em cima do lençol.

“Linus me contou.”

“Ele estava bêbado, Khayla. Os faróis apagados e em alta velocidade no

meio de uma estrada. Ele poderia ter acertado qualquer um. Eu não correrei riscos de que algo parecido aconteça a você.”

“Eu já fui atropelada.”

Não sei por que senti necessidade de contar aquilo. Não costumo falar sobre o acidente já que isso faz com que as pessoas queiram detalhes que eu não lembro.

“Quando?”

“Eu tinha treze anos, eu acho.” - revelo o mínimo possível - “A culpa foi minha, segundo me disseram. Eu não respeitei o sinal vermelho e estava sem o capacete da bicicleta.”

“Porra, Khayla.”

“Eu sei. Não precisa me dizer o quanto fui estúpida.”

“Agora mais do que nunca, não quero que você saia daqui.”

“Olha, eu não contei isso para preocupá-lo, mas para que saiba que às vezes temos uma segunda chance. Os médicos disseram que eu poderia ter morrido ou até mesmo ter sofrido uma lesão irreversível e eu estou aqui, no entanto.”

“Você acredita que eu conseguirei também?”

“Eu olhei seus exames. Depois, pesquisei tudo o que eu pude a respeito do seu tipo de lesão. Não há como afirmar que você voltará a ser como era antes, mas também não há como dizer que não. O corpo humano é surpreendente.”

“Você gosta de padrões.”

“Não nesse caso.”

“Como assim?”

“Você está certo. Paradigmas fazem com que eu me sinta confortável, mas não quando diz respeito à recuperação de pacientes. Cada pessoa luta e reage de forma diferente. A fisioterapia pode ser um trabalho lento, doloroso e um pouco frustrante a curto prazo, mas a longo, trará resultado.”

“Você parece muito segura para uma estudante do segundo ano.”

Procuro em seu rosto qualquer tom de deboche, mas ele está apenas sorrindo.

“Eu acredito na profissão que escolhi.” - resolvo mudar de assunto porque não quero falar sobre mim - “Quanto à sua recuperação, tudo vai depender do seu empenho.”

“Eu vou me jogar nisso.”

“Vai ser doloroso boa parte do tempo.”

“Eu não temo a dor. Já me machuquei durante as competições. Já venci um campeonato com um braço quebrado.”

“Tudo bem, então. Depois não diga que eu não avisei.” - sei que ele não faz ideia do que o espera realmente, mas em pouco tempo saberá. Algumas vezes, ele provavelmente desejará me mandar embora - “Você falou que tinha condições, mas até agora só mencionou sobre eu ficar aqui. Quais seriam as outras?”

Seu sorriso aumenta.

“Eu tenho, mas tudo em seu devido tempo. Quando eu achar que está pronta para ouvir o resto, contarei.”

“Desde que isso não signifique qualquer coisa que envolva nós dois sem roupa, por mim tudo bem.”

“Princesa...” - sua voz fica subitamente rouca e eu sinto os pelos do meu corpo arrepiarem - “você está tendo pensamentos sujos comigo?”

Meus olhos imediatamente focam no peito tatuado.

Só agora percebo que ele tem um *piercing* no mamilo direito.

Um pequeno anel.

“Khayla?”

“Qual foi a pergunta mesmo?”

Ao invés de responder, ele deixa a mão percorrer o acessório, puxando-o de leve.

“Eu não preciso mais de uma resposta.”



Linus ainda demorou uma meia hora para chegar, mas Axel não me provocou mais com conversas de duplo sentido. Falamos sobre suas dores e ficamos decidindo se ele preferia se exercitar duas vezes por dia ou ter uma série mais intensa pela manhã.

Também expliquei que vou precisar que ele providencie vários equipamentos e material para o tratamento, mas ele nem perguntou o que ou para quê, apenas mandou que fizesse uma lista. Depois pensei com calma e achei melhor esperar o *okay* da fisioterapeuta.

O pai dele pareceu surpreso e até mesmo um pouco incerto sobre eu ficar na casa, o que me irritou.

Será que todos pensam que eu não sei me cuidar?

Não há a menor chance de eu ser um brinquedo para Axel King. Não esperei até agora pelo namorado perfeito para me tornar um outro nome riscado no caderninho de um pegador.

No caminho de volta para o hotel, preparo-me para telefonar para Ethan e Lucas.

Qual dos dois primeiro?

Nenhum, se eu pudesse optar.

Hesito antes de completar a ligação, mas então, decido pelo caminho mais suave.

Clara.

CAPÍTULO 11

AXEL

Inicialmente, eu estava blefando sobre a parte de ter outras condições. Agora, uma ideia fixa vem rondando minha mente.

Algo me diz que Khayla não deixa vir à tona sua verdadeira natureza e eu gostaria de ver o que há por trás da menina comportada.

No entanto, eu percebi que preciso dar passinhos de bebê com ela ou vou ser jogado para fora da estrada - sim, essa foi uma péssima comparação - antes mesmo de tentar.

Mas não é só porque ela faz meu corpo queimar de desejo que eu quis que ficasse aqui. Realmente não gosto da ideia dela pegando a estrada sozinha todas as noites.

Certo, não sou um mentiroso. Tê-la tão perto vai ser uma enorme vantagem.

Porra, sua reação agora há pouco me deixou tonto de tesão.

Para quem estava há dois meses sem sentir nada, meu corpo acordou com uma intensidade selvagem.

Minha princesa é gostosa demais.

Vi quando ficou hipnotizada pelo *piercing* e foi difícil segurar a vontade de tocá-la.

Talvez nem ela mesmo tenha percebido o quanto estava excitada.

Ela passou a língua pelos lábios cheios e eu lembrei como desejei mordê-los naquele dia na escada. Não é de hoje que eu quero devorar sua boca.

Por outro lado, minha intuição diz que fugirá se eu fizer qualquer

movimento brusco.

Quantos namorados será que já teve?

No colégio, sei que nenhum, pelo menos no período em que estive lá, mas e na faculdade?

O pensamento é desagradável, mas claro que uma garota com seu tipo de beleza provavelmente tem uma fila gigantesca de caras querendo-a.

Bom, eles tiveram os dois primeiros anos para tentar. Agora, estou definitivamente no páreo e nunca jogo para perder.

Apesar disso, fui absolutamente sincero quando disse que temia por sua segurança. Vou ficar mais tranquilo em saber que ela está por perto.

Não vou dizer que me sinto feliz com a ideia de ter a equipe médica novamente cheirando meu pescoço, mas por outro lado, é natural que ela sintasse insegura para assumir meu caso sozinha. Não seria justo jogar tanta responsabilidade sobre seus ombros.

Eu realmente acredito no que falei - que alguém que enxergue você como um caso real seja mais eficiente do que um profissional que o veja como um número em uma lista de pacientes.

Nesse ponto, eu tenho certeza absoluta de que acertei em cheio trazendo-a.

No começo, para ser honesto, a ideia era mantê-la por perto até que eu pudesse colocar as engrenagens do meu plano para nos conhecermos melhor para rodar, mas durante nossa conversa, eu vi o quanto é apaixonada pelo que faz e passei realmente a acreditar.

Eu sou um obcecado por *surf*, não apenas um surfista.

Essa é a diferença entre o bom e o excepcional e, sem qualquer falsa modéstia, depois que comecei a competir, não me senti ameaçado por outros concorrentes.

Eu não faço apenas o meu trabalho.

Eu sou um estudioso do esporte.

Além de treinar minhas manobras, eu pesquiso o erro.

Esse é o diferencial.

Não só aperfeiçoar sua técnica, mas entender onde os outros estão deixando a desejar.

Desse modo, fica fácil para mim identificar alguém tão comprometido com o que faz quanto eu - e Khayla é assim.

Ouvi-la falar sobre os exercícios, o quanto será desgastante por um tempo e que não podemos colocar um prazo certo para minha total recuperação, ao invés de me frustrar, estimula.

Agora nós temos um plano e, como tudo mais em minha vida, não pararei até alcançar o que quero.

Linus não ficou eufórico sobre ela vir morar aqui, mas minha princesa me surpreendeu ao não deixá-lo questionar sua decisão.

Ela disse também que vai falar com Lucas e Ethan e tenho certeza de que se eu sobreviver aos dois, o céu será o limite.

Você acha que eu estou exagerando? Na verdade, estou sendo bem otimista.

Lucas eu sempre soube que era meio pancada, mas agora eu já tenho uma boa noção de quem é Ethan também.

Tão ou mais maníaco por controle do que o cunhado.

Então eu pergunto: qual é a chance de um cara ficar afim de uma garota com não só um, mas dois pais com tendências assassinas?

Parece trama de novela mexicana, mas é só a história da minha vida.

Olho o relógio e vejo que já tem uma meia hora que eles saíram.

Linus levou-a para buscar sua bagagem no hotel e estou ansioso para tê-la aqui novamente.

É uma boa coisa que Isaac tenha viajado para a Austrália.

Não quero compartilhar Khayla com ninguém e ele continua vindo me visitar, mesmo após o acidente.

Olho o relógio outra vez.

Meia hora seria tempo mais do que suficiente para ela ter voltado.

Devo ligar?

Não comece, cara.

Segure a porra da obsessão ou ela correrá em cinco minutos.

Meu dedo está coçando para telefonar, mas estou indo bem até aqui.

Fico assim por cinco segundos.

Então, desistindo de fazer o tranquilo, pego o telefone.

Só vou conferir se está tudo bem - minto para mim mesmo.

Antes que eu possa ligar, no entanto, Zach entra no quarto.

“Você tem visita.”

“Khayla voltou?”

Ele não responde por um tempo, mas sei exatamente o que se passa em sua mente.

É isso que acontece quando você convive com alguém por anos.

“Tem certeza do que está fazendo?”

“Sobre o que estamos falando?”

“Ela não é como as suas garotas.”

Eu sei que ele está certo, mas nunca gostei de intromissões em minha vida pessoal.

“Ela está vindo me ajudar.”

Ele cruza os braços e me encara.

“Desde quando você esteve perto de uma mulher bonita sem se envolver com ela?”

Ele tem um bom ponto, mas o que não faz ideia é que Khayla é uma obsessão antiga.

“Ela já é adulta.”

“Ela é uma garotinha, Axel. Gostaria de pedir que você repensasse sobre trazê-la para morar aqui. Se está atrás de alguém para curar seu tédio, tem

uma lá embaixo mais do que disposta a massagear seu ego.”

Já ouviu falar que é melhor dar dinheiro a alguém do que dar intimidade? Maior verdade da vida.

Zach tem coragem de me dizer coisas que nem mesmo Linus arriscaria e, apesar de estar puto por ele interferir, sou obrigado a concordar que meu passado fala por si só.

“Quem quer que esteja lá embaixo, mande embora.”

“Você não quer nem saber quem é?”

“Não.”

“Certo. E sobre Khayla?”

“Isso não é da sua conta, mas só para o seu conhecimento, ela é diferente de todas as outras.”

“Diferente como?”

“Não tenho como explicar isso ainda porque nem eu mesmo sei, mas quero conhecê-la melhor.”

“Então tudo foi uma armadilha? Você não vai sequer tentar o tratamento?”

“Porra, me dê algum crédito, Zach. Não sou um canalha. Não faria com que a menina perdesse o verão inteiro para fingir que estou tentando. Grave isso: sobre tudo o que diz respeito a ela, minhas intenções são reais.”

“Certo.” - diz, mas sua expressão é o exato oposto. Posso ver que ele ainda não acredita - “Devo dispensar mesmo a ruiva lá embaixo?”

“Sim e diga que ela não deve voltar.”

“E quanto aos telefonemas? Só hoje foram quatro de suas ex e mais alguns jornalistas perguntando sobre seu afastamento. Por quanto tempo acha que conseguirá manter isso escondido?”

“Sobre as mulheres, dê a mesma resposta para todas: não liguem e nem apareçam. Não precisa nem me falar mais sobre isso. Não estou interessado.” - reafirmo. - “Quanto aos jornalistas, não tenho nada para dizer à imprensa.

Meus patrocinadores concordaram em manter sigilo por hora e isso é o que importa.”

“É uma questão de tempo até eles descobrirem. Você sabe disso.”

“Eu não dou a mínima.”

E incrivelmente, isso é verdade.

Contanto que parem de insistir para que eu dê entrevistas, não ligo sobre o que pensarão de mim. A imprensa mente, independente de sua história ser real, então nem perderei meu tempo explicando como me acidentei.

“Ela já escolheu um quarto?” - pergunto e ele não parece surpreso com a mudança de assunto.

“Ainda não.”

“Eu quero que fique perto de mim. Avise-me quando eles voltarem.”

Ele já está saindo quando escutamos a voz do meu pai e provavelmente da ruiva não desejada lá embaixo.

“O que está acontecendo?” - pergunto.

“Já vejo, mas parece que seu pai está se estranhando com sua ex.”

“Eu não tenho ex.”

“Não importa o nome que você queira chamá-las. A fila é grande e elas não desistem fácil. Não pense que conseguirá se livrar disso da noite para o dia.”

O que ele diz só aumenta minha irritação.

Pelo tom das vozes, parece que minha sala virou um ringue de luta livre.

“Veja o que está acontecendo com Linus.” - peço, enquanto levanto com dificuldade e procuro uma camiseta.

Como sempre, ele ignora as instruções e me entrega as muletas.

Sigo-o e à medida que nos aproximamos da base da escada, a gritaria aumenta, mas a única voz que realmente me interessa eu não ouço.

“Onde está Khayla?”

Zach já está descendo as escadas.

Sua postura mostra que está disposto a ser o juiz do próximo *round* do embate entre Linus e a mulher cujo rosto volta vagamente a minha memória, mas que o nome eu não lembraria nem para salvar minha própria vida.

“Saia.” - ouço meu pai falar e sei que ele está por um fio.

Linus nunca se descontrola. Essa é uma característica que compartilhamos. A frieza mesmo nos momentos de maior ira.

Então, por seu tom, sei que ele está segurando o temperamento a custo. Percebo toda a raiva contida na palavra simples.

“De jeito nenhum. Não irei embora antes de falar com Axel. Eu não acredito que ele vá preferir ficar com essa loira sem graça.”

Merda.

A última coisa que eu precisava era logo no primeiro dia, dar uma amostra à Khayla de minha vida de prostituto do passado.

Sabe qual é a maior foda? Nem sei o nome da mulher para mandá-la ir embora.

“Você não faz ideia do que está falando, porra.”

Meu pai geralmente não é grosseiro com mulheres, mas sei que essa está prestes a receber uma boa dose do seu veneno.

“Axel?” - a mulher continua chamando, enquanto anda de um lado para o outro da sala, até que finalmente me vê.

A louca sobe as escadas antes que qualquer um possa controlá-la, mas minha atenção está cem por cento focada em Khayla que, parecendo totalmente alheia ao apocalipse instalado, começa a andar para a sacada do lado de fora.

“Meu pobre bebê. Isaac me contou que você está solitário e eu vim passar uns dias aqui. Tenho uma semana entre os desfiles. Prometo que nos divertiremos juntos.”

Agora pelo menos tenho uma pista de sua profissão.

Modelo.

Continuo sem saber quem ela é, mas não acho que tenhamos estado juntos mais do que uma vez. Ela tem uma voz estridente e eu, problemas com pessoas barulhentas.

Não sei o que me deixa mais puto: Isaac ter compartilhado informações quando fui categórico que não estava pronto ainda para abrir sobre o acidente ou uma mulher que provavelmente passou apenas uma noite em minha cama, achar que tem qualquer direito de estar aqui.

“Você não vai ficar.”

“Não seja bobo. Claro que vou. Tomei um voo de Nova Iorque para São Francisco e depois dirigi por horas só para ver você. Estou exausta.”

“Eu não me lembro de tê-la convidado.”

“Desde quando amigos precisam de convite para aparecer em sua casa, King? Pode dizer ao seu pai para levar o bebê-distração de volta que eu vou assumir daqui por diante.”

“Saia.” - repito o que Linus falou há menos de dois minutos.

“Você não quer dizer isso.”

“Quero sim. Passe o valor de quanto gastou com o voo e o aluguel do carro para Zach, que ele fará um cheque para reembolsá-la” - solto cada palavra com um cuidado calculado - “mas daqui por diante, não apareça na minha casa sem um convite.”

“Axel...”

“Infelizmente não posso devolver o favor pedindo que saia chamando-a pelo nome, porque eu não faço ideia de quem seja você.”

Ela me encara como que para ter certeza se estou falando sério.

Eu nem pisco.

“Você é um cretino.”

E aí vamos nós.

Continuo em silêncio, até que Zach toma a iniciativa.

“Permita-me acompanhá-la até o carro, senhorita.”

O tratamento formal é tão na contramão do meu jeito e o do meu pai de lidar com a situação que se Khayla não estivesse envolvida, eu poderia rir.

Só que nada nessa merda é engraçado.

Eu estou tentando fazer um movimento certo sobre uma garota pela primeira vez na vida e meu passado aparece do nada, piscando como um carro alegórico, para morder a minha bunda.

“Não preciso que me mostre o caminho.”

Ela sai pisando duro e eu já estou pronto para ir atrás de Khayla, quando Linus sobe os degraus de dois em dois.

“Quarto. Agora.”

A última coisa que desejo é conversar com meu pai. Se em nossos melhores dias, elas nunca terminam bem, com toda certeza do inferno, hoje será uma guerra.

Mesmo relutante, sigo-o.

Ele fecha a porta com uma porrada e só isso me diz o quanto está puto.

“Foi para isso que pediu que ela viesse? Para ser sacaneada pelas suas mulheres?”

Sei que ele está certo, mas eu estou tão irritado quanto, o que torna nós dois uma combinação de merda.

“Você é a última pessoa que pode julgar alguém por quantidade de mulheres, Linus. Não seja hipócrita.”

“Você acha que isso é algum tipo de jogo?” - ele está parado a minha frente - “Tem noção de que coloquei minha amizade com Lucas e Ethan em risco para poder trazê-la?”

“Eu não pedi que essa mulher viesse.”

“Não, aquele vagabundo do Isaac fez. Mas adivinha quem permitiu que aquele traste achasse que pode dar ordens na sua casa?” - ele ergue um dedo em minha direção e conto mentalmente até dez - “Preste atenção em uma coisa, Axel. Você é meu filho e eu o amo acima de tudo no mundo. Não há

nada que eu queira mais do que vê-lo ter sua vida de volta, mas eu abrirei mão disso se o preço a ser pago for fazer aquela menina doce lá fora ser arrastada para a zona que é a sua vida.”

Antes que eu possa responder, Khayla aparece na porta.

“Eu não estou incomodada com nada, Linus. A vida pessoal de Axel não me diz respeito.”

Sua declaração deveria me trazer alívio, porque talvez o estrago tenha sido menor do que eu imaginei. Ao invés disso, fico ainda mais puto.

Ela não deu a mínima para o *show* bizarro lá embaixo ou para mim de maneira geral?

“Khayla, você não precisa passar por isso.”

“Olha, eu agradeço a preocupação, mas não sou criança. Posso lidar com uma ofensa ou duas. É claro que aquela mulher linda não conseguiria entender como poderia ser substituída por mim.”

“Não há nada de errado com você.” - eu e meu pai falamos quase ao mesmo tempo.

Ela dá de ombros, sem fazer contato visual comigo.

“Linus, eu gostaria de falar sozinho com Khayla.”

Ele me ignora e volta-se para ela.

“Se quiser ir embora, vou entender.”

Aguardo a resposta, já pensando em uma estratégia para fazê-la mudar de ideia, caso aceite a sugestão dele.

“Por que eu iria? Eu ainda nem comecei a ajudá-lo.”

Graças a Deus!

“Tudo bem, docinho. Mas só por precaução, ficarei na cidade por mais dois dias.”

Ele se aproxima e dá um beijo na testa dela - o que é estranho demais. Linus não é do tipo que demonstra afeto.

“Obrigada, mas continuo com o mesmo pensamento de antes. Eu vou

ajudá-lo.”

Meu pai ainda me olha uma última vez, como uma espécie de aviso antes de sair do quarto, mas minha concentração já está totalmente em consertar a confusão infernal da qual fui protagonista.

Ela não me encara e isso me incomoda para cacete, mas não estou em condições de reclamar de nada no momento.

“Já que temos tempo, gostaria de tentar alguns exercícios na piscina, o que acha?”

Amor, do jeito que estou envergonhado, se você propusesse como tratamento enfiar gravetos embaixo das minhas unhas, eu toparia.

Mas ao invés de entregar minha insegurança, coloco a melhor cara de jogador de pôquer.

“Eu gosto de qualquer coisa relacionada à água.”

CAPÍTULO 12

KHAYLA

“Eu vou tentar fazer uma massagem leve nesse primeiro momento, tudo bem?”

Pedi para que ele caminhasse meia hora dentro da piscina porque tem passado muito tempo deitado. O impacto sobre o quadril é menor na água do que quando ele está em solo.

No entanto, fui pega de surpresa com a seriedade com que fez tudo o que sugeri. Axel está realmente comprometido com sua recuperação e aos poucos fui me sentindo mais à vontade com ele.

Agora, enquanto trabalho seus músculos das pernas, forço-me a manter a concentração, evitando a todo custo olhar para o seu peito nu.

A pequena amostra que eu tive no quarto não é nada perto da visão diante de mim agora.

Apesar de nunca ter namorado, não sou uma eremita. Já frequentei praias e piscinas o suficiente ao longo da vida para não me causar espanto ver um cara bonito de sunga.

Segure esse pensamento por um instante.

Prestou atenção ao que eu falei?

Um cara bonito.

Porque Axel King em trajes de banho é um atentado à sanidade até de uma freira.

O peito musculoso e definido que eu já tinha tido a oportunidade de admirar antes, continua até uma cintura estreita e coxas firmes.

Pularei a parte entre o abdômen e o quadril porque não me sinto devidamente qualificada para fazer comparações, mas vou deixar uma nota rápida para que você saiba que meus hormônios enlouqueceram só com o v que percorre um caminho certo para dentro da sunga.

Ele está calado desde que viemos para cá.

Responde quando eu pergunto, mas ao contrário do que aconteceu no quarto, me observa o tempo todo, ao invés de puxar assunto.

Zach o ajudou a sentar nos degraus da piscina e tento forte não me sentir intimidada por estar usando tão pouca roupa - um modesto maiô verde-água - perto desse espetacular espécime masculino.

“Desculpe por aquilo lá dentro.”

Gostaria de ser boa atriz o bastante para fingir que não sei do que ele está falando, mas vai custar um pouco até que eu esqueça o olhar de desprezo da modelo ruiva para mim.

Também pudera, né? Ela achou que eu estava tentando ocupar um lugar que lhe pertencia.

Sem qualquer problema com autoestima por aqui, mas um homem teria que ser louco para ver nós duas e escolher a mim. A mulher é tão perfeita como uma pintura.

Uma pintura com dois metros de pernas.

Mesmo sabendo que não vim fazer a *sexy*, me senti mal vestida e simplória perto dela.

Além disso, teria aberto mão com prazer da discussão dela com Linus e depois, a dispensa que recebeu de Axel.

Odeio estar no meio de conflito.

“Não tem importância.”

Dou de ombros porque não sei bem o que dizer.

“Tem sim, princesa. Ao contrário dela, você é minha convidada. Eu quis que viesse e não vou admitir que ninguém a maltrate.”

Eu, que estava calma até então, percebo uma raiva lenta de espalhar dentro de mim.

Já me senti uma idiota hoje mais cedo por causa do discurso de Lucas ao telefone. Ele me deu um milhão de motivos pelos quais não seria seguro ficar perto de Axel.

Minha conversa com Clara não funcionou como eu imaginei. Dez minutos depois que desligamos, Lucas já sabia de tudo e fez o impossível para me dissuadir da ideia de me mudar para cá.

Só que quanto mais ele argumentava, mais disposta eu ficava a vir.

Como se não bastasse minha família me tratar como se eu fosse um cristal, Axel vem agora todo protetor quando, até cerca de duas horas atrás, nunca havia me dirigido uma palavra.

Paro a massagem e o encaro.

“Eu sei que seu pai deve ter feito um monte de recomendações por conta da amizade dele com a minha família, mas em primeiro lugar, eu não sou uma garotinha. Sou uma mulher adulta que cursa faculdade e toma conta da própria vida. Sei me cuidar. Em segundo, suas brigas com mulheres não me dizem respeito. E em terceiro, só alguém sem noção poderia achar que haveria algo entre nós.”

Ele cruza os braços parecendo zangado.

Só que eu também estou.

Cansei de ser sempre a que ouve tudo calada.

“Explique-se. A terceira coisa que falou.”

“Não é óbvio?”

“Não para mim.”

Desde que cheguei hoje cedo, Axel parecia atipicamente relaxado. Totalmente diferente do cara que eu lembrava do passado, mas agora, parece chateado de verdade.

“Por que você está bravo? Eu disse alguma mentira? Só alguém sem

qualquer percepção pensaria em nós dois como um casal.”

“Por que?”

“Porque nós somos tão incompatíveis quanto duas pessoas poderiam ser, King.”

“Diferenças não são necessariamente ruins.”

“Não importa. Essa conversa não faz o menor sentido e eu só trouxe esse tópico à tona para reforçar um ponto. De qualquer modo, mesmo que não fosse o fato de vivermos em mundos diferentes...”

“Até onde sei, vivemos no mesmo planeta, Khayla.”

“Na teoria, sim. Na prática? Pelo amor de Deus, olhe para nós dois.”

Um segundo depois, eu me arrependo do que pedi porque ele deixa o olhar percorrer meu corpo sem qualquer constrangimento.

Trabalho toda a força de vontade para não sair da piscina e me esconder atrás de uma toalha.

“Eu estou olhando.”

“Pare. Nem tente fazer o ato de rei do sexo quente comigo. Não vai funcionar.”

Quando foi mesmo que eu me tornei uma mentirosa?

“Sou o rei do sexo quente? Esse título eu ainda não tinha. Bom saber que você relaciona a palavra sexo comigo, princesa.”

“Eu não relaciono. Lembra do que eu falei mais cedo? Não gaste seu charme comigo. Eu sou imune.”

“Taí uma teoria que eu gostaria de testar.”

Ele deixa a língua passear pelos dentes superiores e eu seguro novamente a necessidade de fugir.

Nunca fui confrontada com alguém com uma sexualidade tão crua.

Até agora, eu achava que estava protegida de qualquer coisa do tipo porque desde que passei a observar como homens e mulheres se relacionavam, sempre achei que comigo precisaria ter também o elemento

amor na equação. Só que Axel está me trazendo um monte de pensamentos inadequados.

Ele é sexy ao ponto de fazer meus joelhos bambearem e agora eu me pergunto se não fui pretensiosa ao pensar que seria indiferente a alguém assim.

“Por que você está fazendo isso?”

“Você primeiro: por que disse que somos incompatíveis?”

“Porque além de todas as nossas diferenças, eu sei o que eu quero.”

“Isso é bom, mas gostaria que elaborasse mais a respeito. Sabe o que quer em relação a que?”

“A tudo. Tenho meu futuro todo planejado na minha cabeça e isso não inclui ser um passatempo de verão para um *playboy*.”

Ele me olha como se eu tivesse dado um tapa no seu rosto.

“Zach.” - chama - “Acabamos por hoje.”

Ele vai precisar de ajuda para sair por causa das escadas da piscina.

“Mas nós mal começamos a fazer os exercícios.”

“Já tivemos mais do que o suficiente por um dia. Acho que ambos precisamos descansar.”

“Eu não vou retirar o que eu disse. Pare de agir como se eu o tivesse ofendido.”

“Zach.”

“Fale comigo.” - peço, confusa.

“Tem certeza que é o que quer? Conversar com um *playboy* que deseja usá-la como um passatempo de verão?”

Sei que mereci ouvir aquilo, mas ainda não consigo entender como ele pode estar tão chateado. Eu só falei o que acredito que seja a realidade.

Então, por que estou me sentindo mal a respeito?

“Eu não quis ofendê-lo, só estava tentando esclarecer as coisas entre nós.”

“Se essa é a sua versão de um pedido de desculpas, precisa treinar mais.”

Pela primeira vez, ele não está olhando para mim, mas por cima do meu ombro e isso só faz com que eu me sinta pior ainda.

“Eu não tenho porquê me desculpar.”

Ele balança a cabeça de um lado para o outro e dá um sorriso sem humor.

“Você não precisa. Eu posso aguentar o que qualquer um jogue em cima de mim. Agora eu realmente desejo descansar um pouco.”

Axel não é formal, então suas palavras me dão a certeza de que realmente o aborreci.

“Quer ajuda? Talvez mais tarde possamos retomar os exercícios.”

“Agora não, Khayla. Obrigado por estar aqui. Vou manter na cabeça o que você falou e tentar não invadir seu espaço pessoal. Se precisar de qualquer coisa, é só falar com Zach que ele providenciará.”

E como que adivinhando o clima horrível, o homem mais velho aparece.

Sem saber mais o que dizer, subo os degraus e me enrolo na toalha, finalmente matando a vontade de me esconder.



Dois dias depois

Depois que saí da piscina anteontem, fiquei me sentindo o pior dos seres humanos.

Quase não temos nos falado, a não ser o essencial na hora dos exercícios.

Ontem a fisioterapeuta veio e me orientou para o básico. O que ela recomendou era o que eu tinha em mente, mas foi bom ter a confirmação de alguém diplomado.

Também compramos todos os equipamentos necessários. Um dos quartos agora virou praticamente um consultório.

Daqui a três dias temos um horário com o chefe da equipe médica e só a partir daí saberemos de fato em que pé estamos.

Chances reais e probabilidades.

Ele tem se empenhado muito no tratamento e mesmo que eu perceba que está sentindo dor em boa parte do tempo, nunca reclama.

Também recusou mais massagens.

Fora algumas conversas com Zach, passo boa parte do tempo estudando. Antes de vir morar aqui, eu fazia isso por prazer. Agora, é para tentar esvaziar a cabeça.

Estou me sentindo envergonhada. Acho que fui rude, mas não sei como me desculpar.

Tenho caminhado na praia todos os dias e às vezes, entro no mar. Sempre volto melhor, mas ainda assim, super triste por ter sido a causadora desse climão entre nós.

Eu não faço o tipo agressiva, mas algo me faz colocar uma barreira contra Axel.

Relembrando nossa conversa, ele não falou nada demais.

Era só King sendo King.

Sexy, paquerador, mas ele não fez nada para desencadear uma reação tão forte da minha parte e agora estou cheia de remorso.

Vim para ajudar e não para deixá-lo ainda mais estressado.

No dia em que cheguei, ele falou que queria ser meu amigo e até agora eu não fiz qualquer movimento para isso, além do fato de ter vindo para cá. E se eu for bem honesta, aceitar ficar aqui tem muito mais a ver com a minha vontade de ajudar as pessoas - qualquer pessoa - do que de dar uma oportunidade verdadeira para que uma amizade seja cultivada entre nós.

Axel não tem culpa de ser lindo de morrer e não posso descontar nele o

fato de que meu corpo reage de forma enlouquecida a sua proximidade.

Estou me sentindo uma merda e gostaria de conversar com alguém com mais experiência, mas depois do telefonema para Clara, quero combater essa necessidade de sempre precisar de aprovação. Talvez tenha chegado o momento de aprender a lidar sozinha com meus problemas.

Tomo banho e visto shorts e um top branco.

Quero falar com ele, mas tenho medo de que me mande sair. Sinto-me intimidada como no passado.

Axel é direto sobre o que pensa. Ele não usa qualquer filtro e eu geralmente fujo de gente assim.

Mas sabe o que? Não sou uma covarde. Vou até lá. Se ele disser que não me quer por perto, tudo bem.

Entro no quarto sem bater porque a porta, como da outra vez, encontra-se apenas encostada.

Ele está na varanda, sentado em uma cadeira e com as pernas em cima de um pufe, olhando o mar.

Meu coração se contrai ao pensar em como deve estar sentindo falta da água.

“Você tem nadado.” - ele diz ainda sem virar.

“Como sabia que era eu?”

“Seu cheiro.” - a explicação simples faz meu corpo superaquecer em uma fração de segundo.

Doce Senhor!

“Vim saber se está sentindo dor. Sei o que ficar sentado na mesma posição por muito tempo pode causar. Eu poderia fazer uma massagem para soltar a musculatura das suas costas.”

Estou parada ao lado dele e apesar de achar que era isso o que eu queria, ele não me olhar me incomoda.

“Eu fui egoísta pedindo que você viesse.” - ele começa e eu prendo o ar -

“Aquilo que Linus disse no outro dia, estou reforçando, Khayla. Você está liberada para voltar atrás se quiser.”

“Não.” - respondo rápido. Talvez rápido demais - “Quero dizer, se você também estiver disposto a tentar, ficarei.”

“Como minha fisioterapeuta?”

“Como uma amiga que o ajudará a passar por essa fase ruim.”

“Será que é uma fase?”

“Não faça isso, Axel.”

Eu me ajoelho na frente dele.

“Não se permita duvidar de si mesmo. Você é a pessoa mais autoconfiante que eu já conheci. Se tem alguém capaz de provar que todas as estatísticas estão erradas, é você.”

A mão dele se levanta como se fosse tocar meu rosto e eu quase fecho os olhos para esperar o contato, mas então... nada.

Ele recolhe o braço e seu punho se fecha.

“Você tem certeza disso?”

“Sobre a recuperação? Com toda a minha alma.”

“Não, sobre ficar comigo.”

Crio coragem para encará-lo.

Talvez eu esteja fazendo uma escolha equivocada, mas algo mudou depois da cena na piscina.

Eu não quero ir embora.

“Sim.” - reafirmo, mas completo a seguir - “Mas eu falei sério sobre sermos só amigos. Eu sei que você deve estar se sentindo sozinho. Consigo entender, mas isso é só uma fantasia. No mundo real nunca poderia haver nada entre nós. Além do mais, eu tenho planos.”

“Não é a primeira vez que você comenta isso. Que tipo de planos?”

“Por que você se importa?”

“Eu quero conhecê-la melhor.”

“Certo.” - sento em frente a ele - “Eu realmente não quis ofendê-lo ao chamá-lo de *playboy*. Não sou a pessoa mais sociável do mundo, então às vezes me atrapalho um pouco com as palavras, mas eu só estava sendo honesta.”

“Eu quero ouvir sobre seus planos.”

“Tudo bem.”

CAPÍTULO 13

.....

AXEL

“Não tenho experiência em ficar, namorar, mas sei como as coisas funcionam entre as pessoas da nossa idade.” - começa, torcendo as mãos em seu colo.

“Olhe para mim enquanto conversamos, Khayla. Mesmo que eu não goste do que dirá, você nunca precisará segurar seus pensamentos comigo.”

“Por que?”

“Porque eu odeio mentiras. Eu não preciso ser agradado como um filhote de cachorro à espera de carinho.”

“Você não parece um filhote de cachorro.”

Ela sorri e aquela boca deliciosa me faz novamente perder o roteiro na conversa.

“Não?”

“A última coisa que eu o chamaria seria de filhote de qualquer coisa. Filhotes são fofos. Tenho algo bem diferente em mente.”

“Como o que?”

“Um leão enjaulado, louco para atacar.”

“Eu sou leonino, então talvez seja uma comparação acertada.”

“Eu sabia.”

“O que?”

“Que você só poderia ser de algum signo autoconfiante. Só estava em dúvida sobre qual seria.”

“Isso é besteira.”

“Não é não. Eu sou a típica libriana. Distraída, indecisa...”

“Linda?”

“Vê isso? Você flerta tão fácil quanto respira.”

“Não é difícil flertar com você por perto. Além do mais, o que falei sobre

honestidade vale para os dois lados. Não vou fingir que você não é linda para caralho.”

“Eu não sou linda. Aquela mulher ruiva é.”

“Você é linda. Não duvide disso e nem compare-se as outras garotas.”

“Eu não tenho problema com autoestima, se é isso que está insinuando.”

“Por que teria? Você é perfeita.”

“Não fale coisas assim. Eu não sou o tipo de garota a que você está acostumado, Axel. Não me encare como um desafio. Eu sou comum, minhas piadas costumam ser bobas e não tenho muitos amigos. Somos tão distantes um do outro quanto a Terra e Plutão.”

“Plutão nem é mais considerado um planeta.”

“Exatamente o meu ponto.”

“Que planos são esses?” - mudo de assunto porque não vou dar oportunidade dela reafirmar que não podemos nos envolver, mesmo que através de suas comparações loucas.

“Você promete não rir?”

“Eu nunca riria de você, princesa.”

“Eu tenho uma lista.”

“Tipo aquelas listas do que fazer?”

Suas bochechas viram duas bolas de fogo e ela olha para todos os lugares, menos para mim.

“Não desse tipo.”

“Conte.”

“Apenas Lucas sabe disso e só vou dizer a você para deixar claro que não acontecerá nada entre nós.”

“Sério, agora você está me assustando.”

“Você é tão bobo.” - ela me dá um ensaio de um sorriso.

“Já fui chamado de coisas piores.”

“Como cretino.”

Sorrio de sua referência ao xingamento que recebi da modelo.

“Aquilo foi suave.”

“Você não leva nada a sério?”

“A opinião dos outros sobre mim? Não. Aprenda algo Khayla: você pode ser a melhor pessoa do mundo - o que não é o meu caso - e ainda assim haverá alguém falando mal de você.”

“Talvez tenha razão.”

“Finalmente consegue admitir que estou sempre certo?”

Minha princesa revira os olhos.

Deus, por que tem que ser tão bom ficar com ela?

“Lista do namorado perfeito.”

Ainda estou me recuperando do pensamento, quando ela despeja aquilo de uma vez só.

No começo, acho que não ouvi direito.

Ela contou que tem tendência à piadas ruins, certo?

Mas então olho para seu rosto e não há um traço de brincadeira nele.

Rápido como um raio, começo a juntar todos os pedaços do que ela contou até aqui e o porquê de sermos incompatíveis.

A primeira coisa - a palavra *namorado*.

Esse é um rótulo que nunca fiz uso.

Não acho que qualquer pessoa que me olhe, considere-me material para relacionamentos sérios, mas ainda assim, ela ter me excluído logo de cara me deixa puto.

“Isso não existe.” - despejo.

Ela achou que eu riria?

Como pode ser engraçado a garota que eu quero ter um modelo ideal de homem na cabeça no qual eu, obviamente, não me encaixo?

“Tenho certeza que ele existe sim.”

“Posso ver essa lista?”

“Não.”

“Por que não?”

“Porque não diz respeito a você. Só contei sobre ela como cortesia. Para você não achar que eu sou doida ou...”

“Ou?”

“Indiferente.”

Opa! Talvez nem tudo esteja perdido.

“Você não é?” - testo com cuidado.

“Axel King, nem tente bancar o modesto. Você sabe que é lindo e...”

“Você me acha lindo?”

“Eu teria que sofrer de algum problema sério na vista para não achar e garanto que enxergo muito bem.”

“Sou lindo e...? O que mais você ia dizer?”

“Nada.”

“Mentirosa. Cheguei quase a acreditar quando você falou que não era uma covarde, princesa.”

“Eu não sou.”

“Não é o que está parecendo.”

“Você é um provocador.”

Porra, Khayla zangada fica ainda mais gostosa.

“Não enrole, amor. Despeje o que começou a falar.”

“*Huh....* além de bonito você tem toda essa coisa de... você tem algo diferente.”

“Diferente como?”

Ela se remexe na cadeira.

“Você me deixa com calor, mas isso não consta da lista, então não importa.”

“Ah, importa sim.”

“Não. Isso é físico.”

“Você não colocou atração física como um dos itens?”

“São dez itens. Acredito que existem coisas mais importantes do que querer arrancar a roupa de alguém.”

“Você quer arrancar minha roupa?”

Minha temperatura sobe uns cinquenta graus em segundos.

“Relacionamentos não têm necessariamente a ver com desejo. Há muito mais envolvido.” - ela diz, parecendo querer convencer a si mesma.

“Como o que, por exemplo? Ambos serem admiradores de orquídeas?”

“Você gosta de flores?”

“Não mude de assunto.”

“Como por exemplo, uma pessoa que nunca irá me trair.”

“Nenhum relacionamento vem com certificado de garantia.”

“Eu sei disso. Não sou idiota, mas existe algo chamado princípios. Pessoas sérias não traem.”

“Não, elas se divorciam.”

“Não, elas conversam até chegarem a um arranjo que seja bom para ambos.”

“Deixa eu perguntar uma coisa: você preferiria ficar com alguém que não a amasse e vice versa do que ter coragem de terminar uma relação?”

“Isso não é coragem, é preguiça de tentar.”

“Não. É coragem. Principalmente se houver crianças envolvidas.”

“Pare. Eu não quero ouvir sobre isso. Eu sabia que você não entenderia.”

“Você quer uma receita de bolo.”

“*Hein?*”

“Você ouviu o que eu disse. Você quer uma receita de bolo em que possa seguir todos os ingredientes e medidas e no fim conseguir exatamente o resultado que sonha. Só está esquecendo que mesmo que façamos tudo certo, às vezes o bolo sola.”

“Como pode dizer isso? Sequer já namorou alguém?”

“Não, mas tive um exemplo dentro de casa. Não basta que um dos dois ame, Khayla. Tem que ser uma via de mão dupla e mesmo assim, há riscos. É isso o que deseja? Uma vida segura, mas completamente ausente de emoção?”

“Talvez essa seja minha ideia de vida emocionante.”

“Você não tem como saber.”

“Pode ser que eu saiba mais do que você.”

“Quão experiente você é?”

“Isso não é da sua conta.”

“É sim. A partir do momento em que você jogou na minha cara o fato de eu não ter tido um relacionamento sério, tem que me dar algo em troca.”

Ela bufa e intuo que está doida para fugir, mas continua sentada com os olhos brilhando como dois diamantes.

Acho que minha princesa não está acostumada a ser confrontada.

“Eu nunca namorei.”

“O que? Então você sai aleatoriamente com caras e vem me acusar de não ter levado alguém a sério até agora?”

“Quieto. Você não entendeu.”

“Ah, eu acho que entendi. Pode ser que não tenha tido tantos parceiros como eu, mas isso não faz de você um ser superior.”

“Eu não tive ninguém ainda.” - diz baixinho.

Dezenove anos, com esse tipo de beleza e nunca namorou?

De jeito nenhum!

“Prove.”

“Vá para o inferno.”

Ela levanta, mas antes que possa fugir, seguro-a pelo pulso.

“Deixe-me ir.”

“Prove que está falando a verdade.”

“E como diabos eu faria isso?”

“Beije-me. Se for inexperiente, eu vou saber.”

“Não.”

“Covarde.”

“Eu não sou covarde, mas não tenho que provar nada a ninguém.”

Não solto seu pulso e não desvio os olhos dos dela.

“Você não consegue. Quer um namorado ideal, mas não faz nada para isso. Eu vejo você, Khayla. Nunca arriscará. Isso no meu dicionário se chama covardia.”

“Seu dicionário é todo errado. Só porque não saio por aí beijando o mundo inteiro não quer dizer que não possa fazê-lo se quiser.”

“Mesmo? Acho que não. Talvez você nem saiba o que é ficar excitada.”

“O que você está insinuando?”

“Nada.” - solto seu braço. Já disse o que precisava. Daqui por diante é com ela.

“Eu não sou fria.”

“Eu não disse que é, somente medrosa demais para se permitir sentir.”

“Você está errado. Quando eu encontrar o cara certo...”

“Continue dizendo isso para si mesma.”

“Axel King, você me deixa louca!”

Entre suas palavras e as ações seguintes passam-se apenas milésimos de segundo.

Eu já vivi muita coisa na minha vida e dificilmente alguém me classificaria como um santo, mas nada me prepara para ter minha princesa montada no meu colo.

Ela segura meu rosto com as mãos delicadas e seu corpo estremece sobre o meu.

“Eu posso beijar e sentir se eu quiser.”

“Prove.” - falo outra vez.

“Como?”

“Tome uma atitude.”

Ela olha para minha boca e estou com tanto tesão que esqueço completamente o que deu origem aquilo.

Mal respiro esperando o que fará.

O primeiro contato é só um roçar suave de lábios, mas eu esperei tempo demais para ter um gosto dela. Estou morto de fome.

Segurando sua nuca, afasto nossos rostos um pouquinho.

“Faça direito. Entregue tudo, Khayla. Não se segure.”

As mãos passam do meu rosto para os cabelos. Os dedos trancados nos fios como para me impedir de fugir e eu devolvo o ataque, torcendo um punhado dos dela.

Não sei se é o seu primeiro beijo, mas se for, minha princesa é selvagem em seu desejo.

Sua boca parece tão faminta quanto a minha e sem que eu peça, ela abre-a convidando-me a invadi-la.

Em segundos, eu esqueço do acidente, da merda em que se transformou minha vida nos últimos meses, esqueço do porquê de estarmos discutindo.

Só o que importa é seu corpo ansioso ordenando e implorando ao mesmo tempo.

Nosso beijo é quase violento e a batalha de línguas é de uma urgência apaixonada.

Eu não sei mais o que estou fazendo. Só quero dar o que ela precisa.

Com uma das mãos, imobilizo sua cabeça mantendo sua boca onde eu quero e com a outra, puxo seu quadril para que se encaixe sobre meu sexo duro.

Oh, merda!

“Mexa-se.” - comando.

Ela para por poucos segundos, mas sem que eu fale outra vez, começa o mover o corpo em uma dança lenta e sensual.

Nossa necessidade é a única ordem que seguimos no momento.

“Mais, Khayla. Estou tão louco por você. Eu consigo senti-la, sabe disso? Tem tão pouca roupa entre nós.”

Ela geme, roubando um pouco mais da minha mente.

“Eu não sou fria.” - protesta, enquanto entrega-se.

“Não, você é deliciosa e eu quero provar cada pedacinho seu.”

Minhas palavras parecem despertá-la do transe.

Eu não sei de onde tira forças, mas consegue parar.

Eu custo um nada a perceber que fui longe demais.

Porra! Isso era para ser um teste, não uma tentativa de levá-la para a cama.

Ela ainda está sentada no meu colo e respira com dificuldade.

“Khayla, eu sinto muito... eu não queria assustá-la.”

Ela mantém as mãos nos meus cabelos.

O aperto quase tão forte quanto antes e quando olho em seus olhos, não parece estar com medo.

“Eu não sou fria.”

Encaro-a, confuso.

“Diga, Axel. Eu posso sentir. Eu não sou fria.”

Frieza seria a última palavra que eu usaria para descrevê-la no momento.

Roubo mais um beijo.

“Não. Você é uma fogueira, princesa.”

Parecendo finalmente satisfeita, ela deita a cabeça no meu ombro.

Sua pulsação ainda está acelerada e tentando acalmar a nós dois, passo a mão pelos fios de seda de seus cabelos.

Khayla me surpreende como nenhuma outra mulher já conseguiu. Eu estava certo de que ela sairia correndo quando se desse conta de até onde fomos, mas não parece estar com pressa em ir embora.

Sabe aquela moleza pós gozo? Apesar de eu não ter chegado nem perto

do orgasmo, estou me sentindo assim e fecho os olhos, segurando-a firme contra meu corpo.

Mas mal começo a relaxar, quando ela se afasta para me olhar.

“Você também sentiu.”

Eu senti?

Sobre o que estamos conversando agora? Tesão? Sentimentos profundos?

Resolvo ser cauteloso.

“Claro que sim. Eu gosto de você.”

“Não é disso que estou falando.” - ela levanta, parecendo empolgada.

Deus, as mulheres são como enigmas com pistas em chinês.

“Você ficou... seu... eu percebi que você teve uma...”

Ah! Agora sim.

“Ereção?” - ajudo, antes que o vermelhão em sua pele torne-se irreversível - “Claro que sim. Você é muito gostosa.”

Ela parece muito satisfeita consigo mesma.

“Sabe o que isso significa? Eu venci. Você estava enganado. Eu não só sou quente, como também consegui fazê-lo ficar excitado.”

A seguir, depois de me deixar de boca aberta com seu discurso, ela sai.

CAPÍTULO 14

AXEL

Três dias depois

San José - Califórnia

“Sua melhora é bem expressiva.”

Desvie o olhar da minha princesa, cretino. Estou bem aqui.

Forço-me a manter o autocontrole, quando na verdade estou louco para voar no pescoço dele.

Desde que eu e Khayla chegamos ao consultório, o médico não tira os olhos dela.

Tudo bem, não posso deixar de dar razão.

Como ter Khayla por perto sem ficar hipnotizado?

Só que isso não diminui em nada a minha vontade de matá-lo.

Ela, por outro lado, parece totalmente alheia à atenção do ortopedista.

Os meses em que passei obcecado com minha princesa no colégio me ensinaram um monte de coisas.

Khayla vive em um mundo só dela. Um lugar em que as pessoas não cobiçam você, em que ninguém puxa seu tapete ou está ao seu lado só para torcer contra.

Ela nunca percebeu como Joana debochava quando ela passava ou que uma vez eu a livreí por pouco de tomar um banho de suco de laranja que a Joia lhe dar.

Khayla gosta das pessoas com facilidade e não consegue perceber que nem sempre é recíproco.

Ela tem uma alma pura.

Eu nunca conheci alguém essencialmente bom.

Algumas pessoas pagam de boazinhas para serem bem vistas, mas não são necessariamente seres humanos exemplares.

Khayla é boa, desprendida, generosa.

Linda por dentro e por fora.

Depois que ela fritou meu cérebro na varanda com a pequena amostra de sua natureza apaixonada, se fechou completamente.

Ela só me toca durante as sessões de exercícios ou nas massagens.

Não tem sequer comprado minhas provocações e eu gostaria de saber o que está pensando.

Agora combine isso com o fato do fodido do médico mauricinho estar mais preocupado em secá-la do que com a minha consulta e você pode ter uma noção do meu humor no momento.

“Eu tenho me dedicado.” - respondo, sem qualquer vontade de interagir com o idiota.

“Ele tem sido incrível.” - minha princesa entra na conversa - “Só que eu fico preocupada que esteja forçando demais. Apesar disso, é um bom sinal que ele consiga fazer pequenas caminhadas sem sentir mais tanta dor, certo?”

“Excelente sinal.” - o *Don Juan* de jaleco responde, com um sorriso digno de comercial de pasta de dentes.

“Eu preciso fazer mais exames?” - interfiro, com um humor próximo aos círculos do inferno agora.

“Alguns, mas provavelmente terá que ir até *San Francisco*.”

“Isso não é um problema. Podemos providenciar, certo Axel?”

“Claro, princesa. O que você decidir.” - respondo e ela cora.

É isso aí, estou usando o fato dela não poder sair correndo para marcar

território.

“Vocês estão juntos?”

Antes que ela possa responder, eu lato.

“Qual é mesmo a relevância disso para a minha recuperação, doutor...?”

Finjo esquecer seu nome, quando na verdade já tenho tudo sobre ele gravado a fogo na memória. Você nunca sabe que tipo de informação precisará passar a um matador de aluguel.

“Biggs. Kevin Biggs, mas podem me chamar de Kevin somente.”

Aposto minha bunda que aquela concessão é por causa de Khayla e não estou nem um pouco disposto a facilitar a vida do cretino.

“Dr. Biggs, certo. O que meu relacionamento com Khayla tem a ver com o tratamento?”

Ele limpa a garganta parecendo desconfortável.

Ótimo.

Objetivo alcançado.

“Nada. Foi só curiosidade.”

Khayla aponta para um livro na estante atrás dele, parecendo totalmente alheia ao concurso de mijo à distância entre nós.

“Eu tenho aquele livro. É incrível.”

O idiota sorri como se ela tivesse dito que ele seria o próximo ganhador do prêmio Nobel de medicina.

“Esse livro é revolucionário. Foi um professor que o recomendou?”

“Não, eu sou curiosa por natureza. Vivo pesquisando por minha conta.”

“Excelente. A melhor coisa é sempre manter-se um passo à frente dos concorrentes.”

Ela dá de ombros.

“Não é por isso que eu estudo, mas para poder ajudar as pessoas.”

Ouch!

Bola fora, amigo. Nem todo mundo é um cretino ligado a dinheiro.

“Acabamos aqui?” - pergunto, porque cheguei ao meu limite.

“Sim, por hoje acho que finalizamos, mas devo visitá-lo em alguns dias para acompanhar sua evolução.”

Babaca mentiroso.

“Como achar melhor. Vamos, linda?” - falo e estico a mão para alcançar a dela.

Não sei se foi a surpresa, mas Khayla não hesita, entrelaçando nossos dedos.

Isso me faz sentir com dois metros de altura.

Percebeu, doutorzinho?

Ela pode nem saber ainda, mas estamos juntos sim.



“Zach, pode nos deixar no *Sierra Mar*? Eu reservei uma mesa para almoçar com Khayla.”

Ela me olha parecendo incerta.

“Você não acha que deveríamos voltar para casa? O dia já foi bem agitado.”

“Não. É a primeira vez que saímos desde que você foi morar comigo.” - *merda, isso soa bem* - “Já passou da hora de quebrarmos a rotina.”

“Morar com você como amiga.” - ela rebate e posso ver o sorriso de deboche de Zach pelo espelho retrovisor, enquanto ele dirige.

Como *San José* fica a mais de uma hora de *Carmel*, ela não me deixaria dirigir por tanto tempo. Para não cansá-la, pensei em pedir um *Uber*, mas ele se ofereceu para nos levar.

“Mero detalhe.”

“Não é não.” - ela vira para me olhar - “Por que você foi agressivo com o médico?”

“Você achou?”

“Você sabe que sim. Ele só estava tentando ajudar.”

“Não fui com a cara dele.”

Eu sou um ator. Agora é oficial.

Não fui com a cara dele é uma versão cor de rosa para: eu gostaria de furar os olhos do miserável a cada vez que ele a cobiçava.

“Você não precisa gostar dele. Médicos não são necessariamente amigos. Basta que siga suas orientações.”

“E você?”

“O que tem eu?”

“Eu preciso simpatizar com você?”

Ela cora.

“Você disse que somos amigos, então eu espero que sim.”

Pego sua mão - que ela havia soltado assim que entrou no carro - e dou um beijo leve.

“Não gosto de rótulos. Por que colocar um nome para o que temos?”

Ela me olha por um instante.

“Talvez você esteja certo.”

Primeira pequena vitória.

King um, doutorzinho pretensioso zero.



Big Sur - Califórnia

“Axel, é lindo!”

“Você gostou?”

“Sim. Eu já havia visitado a região uma vez, mas não esse restaurante. Que vista perfeita, quase tão bonita quanto a da sua casa. Parece que estamos dentro da água.”

Seguro com dificuldade a vontade de bater no peito como um neandertal - ou um idiota - deixarei que você escolha.

Minha casa é perfeita, princesa? Você pode ficar lá por tanto tempo quanto quiser.

“Você gosta de água.” - falo, ao invés disso.

Não é uma pergunta. Eu sei que ela gosta.

Fora os dias em que a observei entrar no mar, sempre que acabamos a sessão de exercícios na água, Khayla fica nadando por um tempo depois.

“Você sabe que até vir para cá eu não sabia o quanto amava? Sempre corri de um lado para o outro por conta dos estudos, então só relaxava com passeios em família, nunca sozinha.”

“A vida também é sobre curtir, Khayla.”

“Eu tenho uma ideia diferente sobre o que seja curtir. Gosto de ficar com os meus parentes.”

“Por falar nisso, você se importaria de me explicar sobre eles?”

Não estou querendo invadir seu espaço pessoal, só entender mesmo essa história de duas irmãs casadas com dois caras que se consideram seus pais.

Ela conserta a posição da faca e do garfo em cima da mesa antes de começar.

“Eu sou adotada.”

Eu já sabia disso, então permaneço em silêncio.

“Ethan e Isabela me adotaram, mas você deve ter percebido que Bela não tem idade para ser minha mãe. Ela é somente doze anos mais velha do que eu. Ethan, no entanto, poderia ser meu pai.”

Faço um cálculo mental.

Se Khayla e a irmã só tem doze anos de diferença, isso significa que ela foi morar com Isabela quando já era quase uma adolescente, mas não falarei nada até que esteja pronta para explicar.

“Desse modo, Bela e Clara são como irmãs, mas Ethan e Lucas pensam que são meus pais, então eu tenho sobrinhos ou irmãos, dependendo da interpretação de quem observa.”

“Não importa. Se vocês amam uns aos outros isso é o que conta no fim. Você é feliz com eles?”

Ela balança a cabeça confirmando, mas seu rosto não demonstra a alegria de sempre.

“Khayla, o que há de errado?”

“Há algo que eu nunca contei a ninguém.”

Sinto uma bola se formar na boca do estômago.

O que poderia ser?

Em milésimos de segundos várias coisas passam pela minha mente. Nenhuma delas é agradável.

“Lembra de quando eu disse que fui atropelada?”

Antes que ela continue, pego sua mão por cima da mesa. Algo me diz que ela está travando uma luta interna.

“Você pode me contar qualquer coisa. Eu nunca vou julgá-la, linda.”

Ela me dá um sorriso triste.

“Jamais pensei que seríamos amigos. Quero dizer, eu sou estranha.”

“Você não é estranha.”

“Sou sim e não estou dizendo isso para me fazer de coitadinha. Eu percebo que sou diferente das outras garotas. Não gosto de noitadas e desde

que comecei a faculdade nunca fui a uma festa no *campus*. Nos seis meses que morei na irmandade, eu me trancava no quarto quando as festas começavam. Você é o oposto. Tipo, as pessoas simplesmente orbitam ao seu redor. Eu nunca achei que faríamos uma boa combinação, mas gosto de ficar ao seu lado.”

Absorvo cada palavra.

É a primeira vez que falamos sobre nós dois de uma maneira mais séria e estou prestando muita, muita atenção.

“Nós somos diferentes, mas não há nada de estranho em você. Onde está escrito que sua personalidade tem que se moldar ao que a sociedade rotula como ideal?”

“Você é um rebelde, Axel King.”

“Talvez. Acho que estou mais para anarquista. Não gosto de moldes, mas acabe de contar sobre o acidente.”

Agora é ela quem aperta minha mão, só que ao invés de me encarar, foca no penhasco abaixo de nós.

O sol já está descendo, deixando a água com reflexos alaranjados, mas é no perfil da minha princesa que estou preso.

Eu tenho aprendido muito com ela nessa semana de convivência. Ao seu lado, não sinto necessidade de estar sempre na defensiva. Estou mais calmo.

“Eu não lembro de nada.”

“O que?”

“Depois que sofri o acidente, eu esqueci tudo.”

“Linda...”

“Ninguém sabe disso, Axel. Só eu e agora você. Eu tenho vivido há seis anos no escuro. Tenho uma vida boa. Muito boa mesmo. Eu adoro minha família, mas é estranho não ter um passado.”

Putá merda!

“Você já pesquisou?”

“Não e nem tenho vontade. Quem quer que tenha me posto para adoção, não me queria. Não vejo razão para procurá-los agora.”

Não sei como responder a isso, mas acho que concordo com ela.

“Isso a incomoda? Não lembrar, quero dizer.”

“Não realmente. Só que às vezes, passam as coisas mais loucas pela minha cabeça, como tipo se eu não fui uma assassina quando criança ou algo assim.”

“Eu tenho certeza de que, qualquer que seja sua história, você não foi uma assassina, mas aqui está a coisa: se um dia quiser descobrir, tudo o que precisa fazer é falar. Eu prometo que virarei o mundo de cabeça para baixo até encontrarmos as respostas.”

“Eu acho que não quero, mas obrigada assim mesmo.”

“Vem aqui?”

“Onde? Já não estamos perto o suficiente?”

“Não.”

Depois de olhar de um lado para o outro, ela levanta.

Escolhi uma mesa externa e há mais três casais relativamente perto, mas eu não dou a mínima.

Assim que se aproxima, faço com que ela sente no meu colo.

“Obrigado por confiar em mim.”

Nossos rostos estão muito próximos, mas apesar de estar louco para beijá-la, eu não faço qualquer movimento.

“Eu nem sei por que eu contei isso a você.”

Porque você gosta de mim nem que seja um pouquinho?

“Porque somos amigos.” - falo, usando o rótulo favorito dela.

Já entendi que com Khayla, apressar as coisas só fará com que tudo caminhe mais lentamente.

“Nós somos.” - ela me dá aquele sorriso lindo outra vez e depois olha para os lados - “Estamos chamando atenção. As pessoas estão olhando para

nós.”

“Elas estão com inveja de mim.”

“Você é tão bobo, Axel King.”

Eu ajeito uma mecha do seu cabelo atrás da orelha.

“Do que você tem medo?”

“Eu não tenho medo de nada.”

“Khayla...”

“Não tenho.”

Fico em silêncio permitindo que ela trabalhe a própria negação.

“Só porque não gosto de correr riscos, não significa que sinto medo.”

“Viver na zona de conforto não impede o sofrimento.”

“Então eu devo me machucar? É isso que está dizendo? Devo jogar para o alto tudo o que acredito só para provar que não sou uma covarde?”

Ela tenta sair do meu colo, mas eu fecho os braços ao redor da sua cintura.

“Mesmo que você se arrisque, nunca deixará totalmente tudo o que acredita de lado, então não acho que seja um risco real.”

“Do que você está falando?”

“Eu tenho uma proposta.”

Ela me olha desconfiada.

“E se você pudesse sair da sua zona de conforto por um curto período apenas?”

“Eu não estou entendendo.”

“Eu quero uma semana. Mais precisamente, cento e sessenta e oito horas.”

“Cento e sessenta e oito horas para que?”

“Para que você tente fazer tudo diferente do que tem feito até aqui. Para que não pense tanto a cada decisão. Para que viva coisas que nunca experimentou.”

Ela olha para a minha boca e sei que ambos estamos pensando naquele dia na varanda.

“Eu não vou fazer sexo com você.”

Ela baixa o tom de voz, olhando novamente em volta.

“Jesus Cristo, que cabecinha suja, amor. Eu só estou falando de viver a vida.”

Ela ainda parece desconfiada.

“Existem regras?”

“Claro. A primeira é que essas horas, assim como os desafios, serão distribuídos conforme eu achar melhor.”

“Por que não fechamos o acordo em uma semana?”

“Eu prefiro trabalhar com horas porque não quero dias consecutivos. Você saberá antes de cada nova contagem de tempo.”

“Quais são as outras regras?”

“Você não pode fingir não gostar do que estiver vivendo. Terá que ser absolutamente honesta sobre o que sentir.”

“Eu sempre sou.”

Mais uma vez, presenteio-a com o silêncio.

“Tudo bem. Eu vou ser cem por cento sincera. E o que mais?”

“Você precisará confiar em mim.”

“Eu confio em você. Achei que isso já estivesse estabelecido. Se não confiasse, não estaria morando em sua casa.”

Puxo seu rosto e dou um beijo na bochecha.

“Você está cruzando a linha, King. Amigos não dão tantos beijos e abraços como temos feito.”

“Livre-se de ideias preconcebidas, princesa. Nós podemos ser e fazer o que quisermos.”

“Certo, digamos que eu concorde com esse plano. Até agora não vi qualquer vantagem para mim nele. O que isso provará no final?”

“Que mudanças são bem-vindas - para começo de conversa. Você não saberá o que existe do outro lado do seu mundo perfeito se não arriscar.”

“E você acha que conseguirá me convencer disso em cento e sessenta e oito horas?”

“Eu sei que sim.”

“Okay, mas para ficar um acordo justo, eu tenho uma contraproposta.”

“Então agora você resolveu negociar?”

“Pode apostar. É o seguinte: se ao fim dessas cento e sessenta e oito horas você não me convencer de que estou vivendo minha vida de maneira errada, terá que me ajudar a encontrar o namorado perfeito.”

CAPÍTULO 15

KHAYLA

“Quando podemos ir a *San Francisco*?”

Ele está olhando para fora da janela, enquanto Zach dirige. Depois que eu fiz minha contraproposta, não parecia mais o Axel de sempre.

Quero dizer, eu tenho um pouco - ou muita - dificuldade para ler as pessoas, mas Axel não é exatamente de esconder o que pensa - pelo menos comigo - só que agora eu não faço a menor ideia do que está sentindo.

Mesmo sem conversarmos ou sequer me olhar, ele segura minha mão em cima de sua perna.

Não sei se deveríamos ficar assim, mas a sensação é tão boa.

A vida é estranha.

Há duas semanas, se alguém me dissesse que eu estaria mais próxima de Axel King do que de qualquer outra pessoa fora da minha família, eu ia aconselhá-la a procurar ajuda psicológica.

Eu nem sabia que ele tinha conhecimento da minha existência até a semana passada.

E quer saber algo? Percebi que eu o julgava sem qualquer fundamento. Somente baseada em sua aparência e popularidade. Agora, quanto mais tempo passamos juntos, mais percebo que boa parte do que ele demonstra para o mundo não passa de fachada. No fundo, Axel é tão solitário quanto eu.

“Eu provavelmente vou precisar marcar antes. Podemos ficar em *Sausalito*. Eu tenho uma casa lá.”

Eu não tinha noção de que *surf* desse tanto dinheiro. Quando vim morar

com ele, achei que seu patrimônio fosse basicamente proveniente da fortuna do pai, mas aprendi rapidamente o quanto estava enganada.

Ele passa parte da manhã ao telefone tratando de seus contratos com patrocinadores e empresas que o contratam para vender seus produtos.

Zachary disse que ele pode ganhar por apenas um comercial, o que uma família de classe média alta não conseguiria juntar em dois anos.

Quase engasguei quando ele mencionou os valores que Axel recebe anualmente só para sorrir e posar para algumas sessões de fotos.

Eu sabia que jogadores de basquete, futebol e até mesmo tênis têm contratos do tipo, mas não fazia ideia de que as empresas investiam em surfistas da mesma forma.

Zach disse que um comercial estrelado por Axel faz com que os produtos disparem nas vendas e grifes famosas o disputam à tapa, cada uma oferecendo um valor mais obsceno do que a outra.

Segundo Zach, a imagem dele - um lindo *bad boy* autoconfiante - vende muito e se quisesse, ele poderia se aposentar hoje.

Dá para acreditar em algo assim?

Só que cada dia mais, essa imagem de malvado está desaparecendo para mim.

Ele é cuidadoso e quase obcecado em saber se eu preciso de alguma coisa. Quando estamos juntos, sempre me toca, beija meu cabelo ou segura meu queixo.

Acho que estou ficando viciada em ter sua atenção e isso é um pouquinho assustador.

“Eu pensei que passaríamos no máximo dois dias lá.”

Ele finalmente volta-se para me olhar.

“Se eu ficar bom antes do fim do verão, você vai embora?”

“Eu não entendo o que isso tem a ver com a nossa ida a *San Francisco*.”

“Eu preciso saber.”

Penso um pouco.

Acho que meio que assumi que ficaria o verão todo e agora uma sensação esquisita e desagradável se espalha no meu peito.

É a minha vez de olhar para fora da janela.

“Responda.”

Ele aperta minha mão, para chamar minha atenção.

“Eu não sei... quando eu vim, a ideia era ficar até você ficar curado.”

“Não acho que ficarei inteiro antes do verão acabar.”

“Você não tem como saber disso.”

Ele nem pisca.

“Eu vou continuar precisando de exercícios, mesmo que o que o médico disse seja verdade.”

Doutor Kevin falou que os novos exames mostrarão se o seu prognóstico anterior havia sido muito pessimista.

“Sim, mas alguns você poderá fazer por conta própria.”

“Não.”

“Não o que?”

“Não vai funcionar. Eu posso fazer tudo errado e atrapalhar a evolução. É isso o que você quer?”

“Axel King, nem pense em fazer chantagem emocional comigo. Diga de uma vez o que está pensando.”

Ele me olha parecendo zangado, mas a seguir, me surpreende, puxando-me ainda mais para perto, passando um braço sobre meu ombro.

“Você não pode ir embora. Nós temos um acordo, princesa.”

O acordo.

Claro.

Não estou muito segura sobre isso, mas não voltarei atrás.

Levanto a cabeça para olhá-lo.

“E você distribuirá as horas do jeito que quiser?”

Ele finalmente me dá um sorriso.

“Sim, então acho que já pode considerar seu verão inteiro ocupado, amor.”

Eu tenho um monte de motivos para brigar com ele: sua pretensão em assumir que ficarei, o fato de me chamar de amor quando não quer realmente dizer aquilo - afinal, somos amigos - e finalmente, por querer que eu saia da minha zona de conforto quando eu me sinto tão bem vivendo minha vida do jeito que estou.

Por outro lado, é a primeira vez que me permito caminhar sem planos e estou curiosa para saber o que isso me trará. Na pior das hipóteses, terei ajuda para finalmente encontrar um cara legal.

Ele é um cara legal - uma voz sem noção sussurra na minha cabeça.

Não, não. Nada disso, Khayla. Ele não preenche uma característica sequer.

A não ser que eu acrescente atração física à lista, porque se eu fizer, ele vai tipo constar como líder absoluto por um tempo. Talvez por anos.

Axel quase me fez entrar em combustão espontânea quando nos beijamos na varanda.

É, talvez eu possa considerar atração física, mas todo o resto simplesmente não se encaixa.

Como por exemplo, o fato dele viver viajando.

Não ter tido um relacionamento sério na vida também não ajuda, além de haver mais mulheres em seu caderno de telefones do que eu tenho cabelo na cabeça.

Apesar de todas essas razões para sequer considerá-lo como candidato, isso não me traz alívio, só me faz ficar confusa.

“Eu não vou fugir do acordo.”

O sorriso aumenta.

“Essa é a minha garota.”

Ele beija meu cabelo e cola nossos corpos.

Quase corrijo-o, mas estou cansada de ser chata e tensa o tempo todo, então resolvo relaxar e, ao invés disso, recosto a cabeça em seu ombro e fecho os olhos.



Carmel

“Você está com fome?”

“Depois daquele *cheesecake* de sobremesa? Definitivamente não.”

Ele sorri e eu sei que está pensando em alguma coisa.

Convivendo em uma base diária, fica fácil adivinhar quando ele tem planos, mas mantenho silêncio, esperando o que será.

“Está quente. Pensei que podíamos fazer alguns exercícios na água.”

“Não prefere descansar?”

“Água sempre me relaxa. E tem o bônus de ter suas mãos em mim.”

“Minhas mãos são puramente terapêuticas, então pare de ficar insinuando coisas.”

Ele não responde. Ao invés, deixa um sorriso lento se espalhar e minha pulsação acelera.

“Você quer mesmo fazer exercícios?”

“Não. Quero ficar com você.”

“Era só dizer.”

Ele passa a mão pelo cabelo - torto - como se estivesse um pouco sem jeito, o que é inédito.

“Quando você veio morar aqui, eu prometi não prendê-la o tempo todo. Sei que gosta de ler e precisa de um tempo só seu.”

“Como sabe que eu gosto de ler?”

“No colégio, você sempre estava com um livro nas mãos.”

Abro a boca, surpresa.

Desde quando Axel King me observava na escola?

Penso no que ele disse sobre me chamar de princesa em sua cabeça.

“Você nunca falou comigo.”

“Não tenho uma explicação simples para isso.”

“Que tal a complicada?”

“Ainda não, Khayla.” - diz e eu não entendo o porquê de tanto mistério -
“Então, voltando à piscina, podemos passar a noite só curtindo?”

“Como dois amigos?” - confiro, só por garantia.

“Se você precisa dar um nome para isso, sim.”

Não sei se é a resposta certa, mas vou ficar com essa por enquanto.

Passar a noite nadando e conversando com ele parece uma ideia incrível.

Sem pensar no que estou fazendo, abaixo para deixar um beijo rápido em sua bochecha. Só que esse é Axel King - me dou conta tarde demais - e antes que eu possa me afastar, ele já me puxou para sentar em seu colo.

“Não tão rápido.”

Meu coração bate acelerado e eu não sei o que fazer, então fico só olhando para o rosto lindo, que nesse momento, parece sério.

“Não serviria mais ninguém.”

“Eu não estou entendendo.”

“Não pense que é porque não posso competir ou viver a vida que sempre levei que eu a quero por perto. Só serviria você.”

“Não diga essas coisas.”

“Por que não?”

“Eu não sei. Apenas não parece certo. Daqui a poucos meses eu vou

embora. Não quero me acostumar com você.”

“Nada de falar sobre ir embora agora, princesa. Temos o verão todo pela frente e a senhorita, um acordo para cumprir.”

“Ele começa hoje?”

“Vamos ver. Se eu só tenho cento e sessenta e oito horas, farei com que cada uma valha a pena.”

CAPÍTULO 16

AXEL

“Você não vai parar?”

“Não. A água está gostosa demais.”

Sacudo a cabeça sorrindo.

Em muitos aspectos, ela ainda me lembra a garotinha que eu conheci e não me permiti ter. Em outros, no entanto, não deixa qualquer dúvida de que é totalmente mulher.

Khayla é deliciosa em sua despreensão.

Ela tem um lado moleca que eu amo.

Não se preocupa com maquiagem, saltos altos ou se a roupa que está chamará atenção e talvez por isso, ela me mantenha tão enfeitiçado.

Estou recostado nos degraus, observando-a.

Ela já parece relaxada ao meu lado e essa é a porra da melhor sensação do mundo.

Desde o restaurante, não paro de pensar sobre o nosso acordo.

A primeira parte dele.

A outra, sobre ajudá-la a encontrar o cara perfeito? Não vai acontecer.

Não chegaremos até lá.

Então, com relação ao acordo, tenho algumas ideias do que eu quero.

Cento e sessenta e oito horas.

Se forem bem distribuídas, serão suficientes. É o que eu disponho para mostrar-lhe um pouco do meu mundo.

Sei que a atração entre nós é forte, mas não é suficiente para minha princesa. Khayla quer um namorado pré-moldado e eu odeio precisar dar

nome às coisas.

O que temos, por exemplo, eu jamais senti nada nem parecido.

Passar tempo com uma garota sem fazer sexo? Nunca aconteceu.

O doido é que apesar de ficar duro como uma pedra só por vê-la respirar, eu gosto do outro lado da nossa relação.

Nossas briguinhas, de quando ela se rebela e tenho certeza, me acha um idiota, mas gosta de mim o suficiente para me perdoar. De todas as vezes que me permite segurá-la, tocá-la, quando intuo que ela não é normalmente desse jeito com os outros.

Se eu sei o nome disso? De maneira nenhuma.

Não é amizade e não é somente atração física. Também é muito além do que eu imaginava quando a trouxe aqui.

Ela sai correndo da piscina e pega o controle remoto.

“Você não vai colocar *Shakira* de novo, pelo amor de Deus!” - tento manter o rosto sério, mas não consigo. Ela já ouviu a mesma música umas dez vezes.

“*Shakira* é rainha!” - fala e depois de apertar o botão, mexe os quadris, fazendo uns passinhos de dança.

Minha gargalhada congela, enquanto observo a maneira *sexy* com que ela se move. Meu corpo reagindo rápido como um raio.

Ela está vindo para mim, molhada e sorrindo.

“Você gosta de dançar.” - engulo em seco e me obrigo a falar alguma coisa antes que ela me julgue um imbecil completo.

“Eu adoro. Dou faxina em casa ouvindo *Shakira*.”

A cena rapidamente se desenrola na minha cabeça.

Não sei se já toquei no assunto, mas tenho uma imaginação fodidamente boa.

“Boates?”

“*Nahhh....* quem precisa de boates? Eu gosto de dar meu *show solo*.”

Khayla é tão inocente que não percebe que estou quase tendo um infarto, tamanho o autocontrole que estou me impondo.

“Eu também gosto dele só para mim.”

Não sei se é o tom que eu falo, não sei se é alguma coisa que ela vê em meu rosto, mas eu percebo exatamente o momento em que se dá conta de que o ar entre nós mudou.

Ela entrou na água e está muito perto.

“Desistiu de dançar?”

Olha para baixo e sacode os ombros.

“Você me acha boba?”

“Por que isso agora?”

“Sei lá. Eu não sou sofisticada como... *huh...* eu sou...”

“Você é maravilhosa.” - estico a mão para pegá-la. É, a compulsão só piora. - “E eu sou um sortudo por poder ter sua performance privada.”

“Você está rindo de mim?”

“Não.”

Ela vira a cabeça de lado e me avalia. Só então aceita a mão.

Puxo-a para o meio das minhas pernas e nessa hora não consigo me preocupar se ela vai perceber como estou com tesão. Eu preciso sentir sua pele.

Ela se ajoelha e eu passo os braços em volta da sua cintura.

Respiro seu cheiro - uma mistura de cloro, verão e Khayla e fecho os olhos tentando me acalmar.

“Nós já começamos?”

Afasto-me um pouco para olhá-la.

“Começamos o que?”

“Os desafios. Nós já começamos?”

Sinto seu corpo estremecer, enquanto penso em como lidar com aquilo.

“Você quer começar hoje?”

“Eu não sei. Não faço ideia do que você tem em mente. Esses desafios serão sobre sexo?”

Olho para seu rosto querendo adivinhar o que está pensando.

É tentador, mas juro por Deus que ao propor aquilo eu não pensava em seduzi-la, apenas que assumisse um pouco mais de riscos.

Sobre nossa atração, não farei nada sem que ela saiba onde estamos indo.

Por outro lado, a ideia de provocar, brincar um pouquinho, fazê-la gemer, flerta com a minha sanidade.

“Você quer que eles sejam?”

“Axel...”

“Não, amor. Eles serão sobre viver.”

“Como assim?”

“Eu vou jogar algo e você agirá da maneira que quiser. Não haverá qualquer tipo de punição se você for absolutamente honesta.”

“Epa, nós não falamos nada sobre castigos.”

“Não? Que esquecimento o meu. Não se preocupe, não haverá esse papo sobre castigos desde que você não finja.”

“Fingir o que?”

“Não gostar.”

“Eu não sou uma mentirosa.”

“Veremos.”

Ela me empurra um pouco e coloca as mãos na cintura.

“Manda.”

“Tão corajosa, princesa.”

“Axel King, eu fazer você engolir esse sorrisinho.”

“Será? Certo, aí vai. Você disse que nunca namorou, então vou assumir que deu o seu primeiro beijo no outro dia.”

Ela desvia os olhos e sei que estou certo.

“Faça de conta que sou seu namorado. Nós estamos curtindo uma sexta à

noite. Só nós dois e a lua. Ninguém vigiando, ninguém para julgar. O que você gostaria de fazer?”

“Eu estava nadando...”

Levanto um dedo para interrompê-la.

“O que eu disse sobre mentir?”

Ela está focada no meu corpo e eu sei que o incêndio é recíproco.

“Você é bonito, e daí? Isso não me transforma necessariamente em uma ninfomaníaca.”

“E em alguém que pensa em rasgar minha roupa? É, eu lembro disso também.”

“Você não está vestindo roupa.”

“Não.”

“Nós não vamos fazer sexo.”

“Wow! Acha que eu sou fácil assim? Que iria para cama com você sem que me cortejasse antes? Sem sequer um jantar, um passeio de mãos dadas?”

Ela finalmente sorri e eu volto a respirar.

Achei que havia fodido com tudo.

“O que devo fazer?”

“O que você quiser. Estamos juntos, lembra?”

“Como namorados de mentirinha, né?”

“Isso.”

“Você vai ficar parado?”

Eu não tinha mesmo qualquer intenção de me mover, porque não sei se, uma vez que eu comece, consiga me frear.

“Você tem minha palavra. Pode experimentar à vontade, amor. Mantereí minhas mãos sob controle.”

“Eu estava contando com isso.” - uma voz fala logo acima de nós.

Khayla sai do meu abraço como se estivesse fugindo de uma zona de guerra.

“Lucas? O que você está fazendo aqui?” - ela pergunta.

Antes que ele possa responder, escuto a voz de uma criança dizer.

“A gente veio cuidar de você, Khayla.”

CAPÍTULO 17

AXEL

Pisco algumas vezes sem acreditar que a noite com a minha garota se transformou em um circo.

Onde diabos está Zach que não anunciou a chegada dos dois?

Depois de ter quase saído correndo, Khayla volta para perto de mim, o que me acalma o suficiente.

Quanto a Lucas, apesar de seu rosto estar parcialmente escondido nas sombras, sei que ele me mataria se pudesse.

Há alguns anos, isso já me preocupou. Hoje? Vai precisar muito mais do que um pai com desejos homicidas para me afastar da minha Khayla.

“Nathan, já falo com você amor.”

Ela diz e depois me olha.

Minha princesa leal e corajosa.

Sei que está com muita vergonha porque ninguém precisaria ter uma bola de cristal para notar que estávamos em uma situação bem íntima.

Consigo me colocar em seu lugar.

Deve ser uma merda ter seu pai - ou o que quer que Lucas seja dela, pegando-a em flagrante com... com seu... enfim, deve ser um inferno de constrangedor.

“Quer ajuda para sair?”

“Acho melhor você chamar Zach.”

“Posso pegar as muletas para você.”

Isso pode dizer muito sobre eu ser um idiota, mas o fato dela se

preocupar comigo antes de enfrentar a ira do pai me faz um bem fodido.

“Está tudo bem.” - ajeito seu cabelo atrás da orelha - “Você vai embora?”

“Não. Por que está me perguntando isso?”

Não respondo.

Estou tenso para caralho com a possibilidade de que ele possa levá-la para longe.

Não que eu pretenda concordar sem uma boa luta.

“Nós temos um acordo, King. Eu não volto atrás com a minha palavra.”

“Khayla, precisamos conversar.” - Lucas diz.

“Certo, deixe-me apenas chamar o Zach.”

“Já estou aqui, Khayla.”

“Nathan, fique com Axel por um instante. Eu quero falar a sós com a sua irmã.”

“Pode deixar, papai. Vou ficar de olho nele.”

Estou acabando de sair da água quando ouço a parte final da conversa.

Era só que o me faltava. Ficar de babá do pirralho intrometido.

Começo a andar para a casa sem olhar para ver se o pivete está me seguindo, quando de repente o mini humano para na minha frente.

“Você vai molhar a casa toda. Precisa pegar uma toalha. Isso não está certo.”

Finalmente foco a atenção no projeto de homem.

Em um primeiro momento, acho que estou tendo alucinações.

O moleque está vestido de *cowboy*?

Por que diabos faria isso em um verão quente como o inferno?

“Por que você está vestido assim?”

“Você não consegue adivinhar, espertinho?”

Reviro os olhos.

A noite só melhora.

“Porque você é doido?”

“Não, eu sou um futuro fazendeiro. Vou criar gado assim que tiver idade o suficiente.”

“E precisa começar a usar fantasia desde o berçário?”

“Berçários são para bebês. Eu já sou grande. E não é uma fantasia, é o meu estilo.”

“Estilo? Pelo amor de Deus, você mora em Boston. Até onde eu sei, ninguém usa roupa de *cowboy* por lá.”

“Eu uso.”

“Como uma fantasia.”

“Não, senhor. Sou um autêntico vaqueiro.”

“Para ser vaqueiro você precisaria ter nascido no *Texas* ou em *Wyoming*.”

Ele me olha sério e estica a mão para me cumprimentar.

“Meu nome é Nathan Ward. Um dia, você vai morder essa língua comprida, homem tatuado.”



“Nathan, você está com fome?” - Zach pergunta, depois que sentamos os três na cozinha.

Não, espera.

Antes, precisei ouvir um sermão do pirralho sobre não poder molhar minha própria casa.

Olho-o, enquanto ele parece entretido com Zach entre escolher hambúrguer ou pizza para o jantar.

Uma coisa não se pode negar: o menino tem personalidade. Se ele anda com um *Stetson* em Boston, já deve ter sido vítima de muita gozação. Apesar

disso, parece absolutamente confortável no personagem de vaqueiro.

“E você Axel, quer comer alguma coisa?”

“Não. Estou bem.”

Não há maneira de que eu consiga comer antes de saber o que está acontecendo lá dentro.

Khayla e Lucas já estão conversando há uns quinze minutos.

Só que eu não preciso esperar muito mais.

Quando sinto seu cheiro único, sei que ela está por perto.

Não dá nem tempo de ficar feliz, porque a seguir, Lucas para na minha frente, em uma postura quase igual a do filho há poucos minutos.

“Você agora, Axel. Precisamos conversar.”

“Lucas, eu achei que já tivéssemos nos entendido...” - Khayla intervém.

Eu levanto e a encaro.

Seu cabelo está embaraçado e ela o enrolou no alto da cabeça, mas para mim parece tão linda quanto sempre.

“Está tudo bem, princesa. Em cinco minutos estarei de volta.”



“Como você está se sentindo?”

Essa era a última coisa que eu pensei que ele fosse perguntar.

Na verdade, seu olhar em mim desde que chegou, me fez achar que ele preferia que eu estivesse morto.

“Como você estaria se sentindo em meu lugar?” - devolvo a pergunta.

“Eu sei como é a fase de recuperação, Axel. Acredite em mim.”

Lucas sempre foi uma constante na vida do meu pai. Eles nunca foram melhores amigos, mas colegas que sempre passavam um tempo juntos.

Acho que nenhum dos dois é do tipo que forma laços.

Eu cresci volta e meia esbarrando com ele em nossa casa e apesar de ser um cara de poucas palavras, sempre gostei de ficar ao seu redor.

“Eu vou ficar bom.”

“Mantenha esse pensamento. Sua cabeça pode ser sua força ou sua destruição.”

Presto atenção ao que ele está falando.

Lucas ficou em coma durante cinco meses depois de ter sofrido uma tentativa de assassinato.

Algo envolvendo uma ex-namorada e um amigo.

Quando despertou, meu pai disse que os médicos apostavam em problemas neurológicos. Tanto pela agressão ter sido na cabeça especificamente, quanto pelo tempo em que ele passou em coma. Só que ele desafiou todos os prognósticos.

Recuperou-se e hoje vive feliz com sua família.

Se tem uma história capaz de me motivar, é a dele.

Apesar disso, a despeito das perguntas relativamente amenas, desconfio que o meu bem-estar é a última de suas preocupações.

“Agora, vamos falar sobre Khayla.”

Eu sei que como pai, ele está no direito de questionar, mas minha mente funciona em linha reta. Na minha cabeça, ela já é minha, mesmo que nós dois ainda não tenhamos nomeado nossa relação. Então, me deixa louco que alguém tente interferir.

“O que você quer saber?”

Sentamos na varanda do primeiro andar e ao invés de me olhar, ele foca no horizonte.

“O que acha que está fazendo, trazendo-a para cá, Axel? Eu não vou nem começar com a conversa clássica de que ela não é o tipo de garota para você, porque tenho certeza que já percebeu isso. Então, ao invés de chover no molhado, deixarei um aviso: Khayla é como se fosse minha filha. Não há

qualquer diferença dentro de mim entre ela, Rose, Nathan e Amélia. Para mim são todos meus e eu cuido do que é meu.”

“Eu não estou...”

“Não terminei. Eu vi você crescer e pode apostar que mais do que ninguém, torço para que se recupere e volte a fazer o que ama, mas minha Khayla não será seu brinquedo de verão.”

Estou tentando manter a calma e ouvir seus argumentos, mas aquilo quase me enlouquece.

“De onde diabos você tirou isso?”

“Do seu histórico? Axel, sem querer começar com o papo de que eu já tive sua idade, mas isso é um fato. Sei como pode ser tentador ter uma mulher diferente na cama a cada noite e não estou aqui para julgá-lo. Posso dizer que aprendi a duras penas que esse tipo de vida não leva a lugar algum, mas sei também que conselhos não servem de porra nenhuma. Precisamos quebrar a cara e no meu caso, quase perder pela segunda vez a mulher que eu amava, para poder pesar o inferno em que estava mergulhado.”

Ele parece sincero, o rosto mostrando todo o tormento que as lembranças trazem.

“Então, isso dito, não vou bancar o tio babaca que depois de ter feito um monte de merda vem pagar de santo, mas isso não muda o fato de que se você machucar minha filha, sua existência na Terra será uma rápida passagem.”

Viro para encará-lo.

Quero mandá-lo se foder e dizer para não se meter em nossas vidas, mas por outro lado, fico feliz em saber que ela tem tantas pessoas amando-a e protegendo.

“Eu não sou estúpido. Ela não é como as outras.”

“De mais de uma maneira que você possa imaginar.”

“O que isso significa?”

“Não importa. Passado é passado. O que conta é que agora Khayla é uma

menina feliz, amada e que eu irei até o fim do mundo para que ela continue assim.”

“O que ela disse sobre estar aqui?”

Essa é a pergunta de um milhão de dólares.

Por mais que a ideia dela ir embora me dê a sensação de ter meu peito rasgado, preciso saber.

“Ela quer ficar. Esse é o único motivo de estarmos tendo essa conversa. Ela gosta de você e quer ajudá-lo e eu tendo a respeitar sua vontade.”

“Tende? Você não pode levá-la à força.”

“Não, mas existem outras maneiras de convencê-la a ir ficar com a família e pode apostar que se eu perceber que ela corre riscos de se machucar, usarei de todos os tipos de chantagens necessárias para fazê-lo.”

“Ela não irá embora.”

“Você parece muito seguro.”

Estou cansado para caralho dessa conversa.

Odeio ter que me justificar, mas sei que não posso fugir do confronto.

“Eu sei o que você está pensando, Lucas, mas você precisa saber de algo: eu prefiro perder um braço antes de magoá-la. Nós não conversamos ainda sobre o que somos e não tenho certeza se precisamos definir o que quer que seja, mas ela é especial para mim.”

“Não é o suficiente. Khayla não é especial para você. Ela é especial e ponto final. Se você não consegue valorizar isso, não merece tê-la ao seu lado.”

“Você não vai levá-la embora.”

“Não?” - ele ri, com ironia.

“Não. Você não tem o direito de se meter em nossa relação.”

“Estou pouco me fodendo para direitos. Se você ainda não percebeu, não tenho qualquer problema em ultrapassar linhas de privacidade se isso significar garantir a felicidade da minha família, então se acha que ficarei

confortavelmente assistindo minha menina ser usada por um pegador serial, pense novamente.”

Sacudo a cabeça.

“Isso é incrível vindo logo se você.”

“Não seja um imbecil. É justamente por ter sido um bastardo a maior parte da vida que estou me dando ao trabalho de conversar antes de tomar uma atitude mais drástica. Não sou cego. Vejo que você tem sentimentos por ela, mas o problema aqui é: você também consegue perceber isso? Eu já andei por essa estrada, Axel. Encontrei uma boa menina uma vez e quase a destruí. De algum modo, a vida achou que eu merecia uma segunda chance e me deu a oportunidade de consertar as merdas que eu havia feito.”

Ele passa a mão pela cabeça.

“Ela falou com você sobre a lista?”

“Sim.”

“Você a viu? Sabe o que significa aquela lista para ela? Minha menina quer seu príncipe.”

“Ela é muito forte. Não precisa de um príncipe para salvá-la.”

“Você não tem que me dizer isso. Eu sei o quão forte ela é, mas mesmo assim, em muitos sentidos, ainda é uma garotinha. Se for aquele que destruirá seus sonhos, eu acabarei com você. Isso não é uma ameaça, mas uma promessa. Se o que deseja com Khayla for somente uma aventura de verão, mantenha as coisas em um nível platônico.”

“Acabamos?”

“Por enquanto.”

CAPÍTULO 18

KHAYLA

“Lucas precisará ir até *Napa Valley* e Nathan ficará três dias conosco, tudo bem?”

“O que você decidir, princesa.”

Estamos todos sentados comendo o lanche que Zach preparou e Axel quase não abriu a boca, assim como Lucas.

Tomei um banho rápido antes do jantar porque não estava muito confiante em deixar os dois sozinhos. Eles pareciam prestes a se matar.

Eu sou uma pessoa naturalmente tranquila, mas a guerra fria entre eles já está me dando nos nervos. O único que parece absolutamente à parte do clima horrível é Nathan.

Meu garotinho lindo tirou o inseparável chapéu para comer - *porque não é educado comer de chapéu, Khayla* - e está muito interessado em uma conversa sobre gado com Zach.

Pelo que consegui ouvir até agora, Zachary já foi dono de fazenda - quem diria - o que acaba de transformá-lo no melhor amigo de infância de Nathan.

“Fale comigo.” - peço a Axel.

Ele levanta os olhos do prato e pega minha mão. Acho que nem se dá conta de que não estamos sozinhos. É tão natural nos tocarmos.

Quando Lucas me chamou para conversar hoje mais cedo, primeiro eu fiquei um pouco constrangida, mas a seguir, bem chateada.

Nem consigo explicar qual foi a razão maior, mas uma coisa que me

deixou doida foi ele questionar minha estada aqui.

Quero dizer, achei que esse assunto já estava resolvido desde que nos falamos ao telefone. Por mais que eu os ame, não entendo porque são tão protetores comigo. Sou uma adulta. Algumas mulheres na minha idade já tem até mesmo uma família.

Além do mais, Lucas foi dos meus parentes o que sempre me empurrou para viver, então agora que finalmente tenho um amigo, ele me pergunta se estou certa do que estou fazendo?

E o que estou fazendo?

Na minha cabeça, além de ajudar Axel - o que meio que se tornou uma missão de vida, porque agora eu gosto dele realmente - estou descansando do meu mundo sempre sobrecarregado com estudos.

Desde o ensino médio, acho que é a primeira vez que me permito relaxar. Não achei que eu fosse capaz disso. Tenho tantos planos que às vezes acho que não terei tempo de vida o suficiente para colocá-los em prática, mas depois que passei a conviver com Axel, aos poucos estou aprendendo a somente aproveitar.

Isso me faz lembrar do nosso acordo e do que quase aconteceu na piscina.

Sinto minhas bochechas esquentarem e um leve aperto em minha mão me faz perceber que Axel adivinhou o que estou pensando.

“Nathan vai dormir com você?” - ele pergunta e pela minha visão periférica, vejo que Lucas está prestando atenção.

“Em casa eu tenho um quarto só meu.”

“Nathan...” - Lucas repreende e na mesma hora ele muda o discurso.

“Eu posso dormir com Khayla sem problema.”

“Eu tenho vários quartos. Você poderia escolher qualquer um dos livres.”

“Mesmo? E você tem um com vista para a praia?”

Axel dá um sorriso torto e autoconfiante que estou aprendendo a amar.

“Todos os meus quartos são de frente para o mar, cowboy.”

A declaração, associada ao título que ele tanto ama, faz meu irmão abrir um sorriso tão brilhante quanto o sol.

“Posso dormir sozinho então, papai?”

Lucas não parece muito feliz com a ideia, mas acaba concordando, ao mesmo tempo que levanta.

“Eu já vou indo.” - ele me dá um beijo na testa - “Estou ao alcance de um telefonema. Qualquer coisa é só me chamar.”

Eu faço uma força danada para não revirar os olhos e dizer que já estou morando nessa casa há uma semana. Qualquer perigo que eu estivesse correndo ao chegar aqui, já teria passado do prazo de experiência.

“E você, obedeça a sua irmã. Nem pensar em entrar na praia ou piscina sem um adulto por perto...”

“Eu sei nadar, papai.”

“Não me faça mudar de ideia sobre deixá-lo aqui.”

“Praia e piscina só com adulto. Sim, senhor.”

Seguro uma risada. Nathan é um negociador nato. Coitados dos futuros fazendeiros rivais.

“Eu te amo, filho. Eu amo vocês dois.”

Nathan e eu levantamos e vamos abraçá-lo.

“Ele estará seguro comigo. Nos veremos em poucos dias.”

“Lembre-se do que eu falei. Um telefonema e eu voltarei para buscá-los.”

“Sim, senhor.” - brinco, imitando Nathan e ele finalmente dá um sorriso.

“Cuidem-se. Até mais Axel, Zach.” - ele se despede rapidamente e sai da cozinha.



“Ele desmaiou.”

Estamos sentados no sofá enorme, na sala de projeção de Axel, com um Nathan adormecido sobre meu colo, enquanto os créditos do filme - adivinhem? De cowboy - aparecem.

“O moleque é ligado em duzentos e vinte *volts*.”

“Você não viu nada. Ele não aguentou a sobremesa, porque se tivesse comido, não iria parar até de madrugada. Uma vez viajamos para Chicago e Clara caiu no erro de deixá-lo comer um pedaço de torta perto da meia-noite. Para resumir a história, três horas da manhã estávamos no quarto *round* de uma guerra de travesseiros.”

Ele sorri e me dá um beijo na cabeça.

Axel passou o tempo todo com o braço sobre o meu ombro e a mão acariciando meu pescoço.

“Posso perguntar sobre o que você e Lucas conversaram?”

“Você não tem uma ideia?” - ele responde.

“Sim e sinto muito sobre isso.” - viro para olhá-lo - “Não tenho muita experiência de vida, como você já deve ter percebido, mas sou capaz de tomar minhas próprias decisões. Lucas, assim como o resto da minha família, pode ser superprotetor às vezes.”

“Não há nada de errado nisso.” - ele fala, surpreendendo-me.

“Eu sei, mas se eu não der algumas topadas, nunca conseguirei fazer um voo solo. Eu preciso crescer, Axel.”

“Nosso acordo é justamente sobre isso.”

“Sobre aprender a me machucar?”

“Não, princesa. Sobre aprender a arriscar.”

“Eu quero experimentar. Você pode me dar uma dica de como serão esses desafios?”

“Pode ser algo que você tenha que fazer - determinado por mim - ou algo que você nunca tentou, mas já sentiu vontade.”

“Tem que ser um desejo antigo?”

Ele contorna meu rosto com o dedo.

“Não. O que você quiser. Pode ser um desejo de um minuto atrás.”

“De algumas horas atrás?”

Deus, eu tive mesmo coragem de dizer isso?

Ele sorri.

“Você já tem algo em mente, linda?”

“Eu nunca fui ousada.”

“Em que sentido?”

“Em todos. Quero dizer, fora aquele dia em que eu beijei você.”

“Ah sim, aquele dia...”

“Eu gostei.”

“Gostou?”

“Sim. Eu fiz direito?”

Nathan se remexe no meu colo e Axel toca um botão do lado do telefone.

Em menos de dois minutos, Zach aparece.

“O que há de errado?”

“Você poderia colocar Nathan na cama? Ele apagou e Khayla não aguenta o peso. Ainda não confio em minhas pernas para carregá-lo.”

“Pode deixar comigo.” - Zach se abaixa para pegar meu vaqueiro adormecido - “Vocês precisam de mais alguma coisa?”

Espero que Axel responda, mas ele só sacode a cabeça, a atenção já totalmente concentrada em mim.

No instante seguinte, estamos sozinhos.

“Pergunte novamente.” - fala.

Minha coragem sumiu como em um passe de mágica.

De uma certa maneira, ter Nathan conosco me deu a sensação de estar no controle e agora não faço ideia de como agir.

“Já está tarde...”

Levanto, mas continuo parada em frente a ele.

“Medrosa.”

Encaro-o, tentando decidir se posso ser ousada o suficiente para fazer o que quero.

“Eu sou sua namorada?”

“Voltamos a jogar?” - ele devolve a pergunta e me dá aquele sorriso que está rapidamente se transformando em minha *criptonita*.

“Sim. Coloque o relógio para correr, King. Suas cento e sessenta e oito horas irão começar.”

CAPÍTULO 19

AXEL

“Você é minha namorada.”

Essa é uma frase que eu nunca imaginei que fosse dizer para uma mulher, mesmo de brincadeira.

“E nós estamos sozinhos.”

“Isso aí.”

“Namorados são íntimos, certo?”

Deus, sua inocência está fazendo meu corpo queimar de desejo.

Não consigo falar, então somente aceno com a cabeça.

Sem pedir licença, ela sobe no meu colo, montando-me de frente.

É o bastante para me dar uma ereção.

Passando os braços em volta do meu pescoço, ela cola a boca em minha orelha.

“Eu não sinto vergonha de tocar você.”

Os lábios roçam meu lóbulo, fazendo com que um arrepio de tesão se espalhe.

Quem diria que minha princesa se transformaria em uma provocadora?

“Sabe por que você não sente vergonha? Porque você é minha.”

Porra, gosto de como isso soa.

“E eu posso fazer o que eu quiser.”

“Sim.”

Por favor.

Seus dedos passeiam pelos músculos das minhas costas.

Não é a primeira vez que ela me toca assim, por conta das massagens

após as sessões de exercícios, mas nas outras eu sempre estava com dor demais para conseguir aproveitar. Agora? Estou totalmente disposto a deixar que ela faça o que quiser.

“Você é tão forte. Sabia que músculos não estavam na minha lista?”

Jesus Cristo, como alguém inexperiente pode ser tão deliciosa?

“Nunca senti vontade de tocar um homem antes, mas acho que essa coisa de fazer carinho é meio viciante.”

Nem me fale.

“Você gosta de me tocar?”

“Sim.”

Eu chego um pouco para trás.

“Estamos nos personagens?”

Ela sorri.

“Pensei que você fosse capaz de adivinhar.”

“Você quer jogar, linda?”

“Já não estamos fazendo?”

“Não totalmente.”

“O que quer dizer?”

“Quando começamos a brincar lá fora, eu disse que manteria as mãos paradas, mas estou seguindo seu comando. Se você deseja que eu a toque, tudo o que precisa fazer é pedir.”

“E você parará se eu pedir também?”

Olho para ela sério.

“Sempre, Khayla.”

“Tudo bem. Você pode... *huh...* colocar as mãos em minhas costas. Acho que é isso o que os namorados fazem? Tocam-se ao mesmo tempo?”

“Às vezes.”

“Somente às vezes?”

É minha vez de colar a boca em sua orelha.

“Sim, em outras, o homem pode ficar muito tempo só dando prazer a sua mulher.”

“Tocando-a?”

“Sim e provando-a com os dedos e boca.”

Ela estremece forte.

“Tudo bem então. Quero dizer, para as mãos.”

“Não. Você pode fazer melhor do que isso, princesa.”

“Como o que?”

“Como ser uma boa menina e pedir.”

“Você não me pediu para tocá-lo.”

“Porque é você quem está no comando hoje.”

Consigo ver uma veia pulsar em seu pescoço e nesse momento eu ganharia o Nobel do autocontrole se existisse um prêmio do tipo.

Nunca desejei tanto uma mulher.

“Certo. Faça. Quero dizer. Você pode imitar a maneira que estou tocando-o.”

E como um escravo do desejo dela, eu faço.

Acarício e aperto de leve por cima da camisetinha, cada gesto um reflexo de suas carícias.

Sinto sua ansiedade crescer. O coração batendo tão rápido quanto o meu próprio.

“*Hummm....*”

“Bom?”

Ela estremece e não responde.

“O que você está sentindo?”

“Estou um pouco mole.”

Puxo-a ainda mais para cima de mim e quando o corpo macio e quente desce sobre o meu pau, fecho os olhos para recuperar um pouco do autocontrole.

“Você disse que eu não sabia o que era ficar excitada. Eu acho que estou agora.”

Porra!

“Por que você acha que está excitada?” - tento manter a voz casual, o que acaba de se transformar na tarefa mais difícil do mundo.

“Porque dói e só melhora quando eu me movo.”

“Onde dói?”

“No meio das minhas pernas. Como faço passar de vez?”

“Gozando.”

“A maioria das pessoas só tem um orgasmo quando faz sexo. Eu já li sobre isso.”

Deus, como estou louco para provar que ela está errada.

“Não necessariamente.”

“Como então?”

“Lembra do que fizemos naquele dia? Quando você sentou no meu colo do mesmo jeito que está agora? Talvez consigamos fazer a dor passar assim.”

“Naquele dia você mandou que eu me mexesse.”

Ela fala e não espera uma ordem, iniciando um rebolado suave.

Khayla não está olhando para mim, mas para onde nossos corpos unem-se.

“Você está excitado também.”

“Você me deixa louco, linda.”

“Não sei. Homens sentem desejo com o estímulo certo. Eu também li sobre isso.”

“Por que você pesquisou essas coisas?”

“Eu não queria ser totalmente inexperiente caso meu namorado perfeito aparecesse.”

A última coisa que eu quero agora, é que ela foque nesse fodido rival que ainda nem existe - e que pretendo manter longe pelo máximo de tempo

possível.

“Excitados sim, mas não é só isso que estou sentindo. Tenho fome de você, Khayla. A dor que você falou? Está acontecendo o mesmo comigo.”

Seguro seus quadris, fazendo com que ela acelere os movimentos.

Eu nunca gozei sob a roupa, mas se ela continuar com essa provocação inocente, será uma questão de minutos.

Ela geme, acompanhando o ritmo e a seguir morde meu ombro.

“Tão gostosa.”

“Eu acho que eu nunca gozei.”

“Você nunca brincou com seu corpo?”

“Não.”

“Quer fazer?”

“Não estamos brincando já?”

“Ainda não.”

“Mas está tão bom.”

“Pode ficar melhor.”

“Como?”

“Você confia em mim?”

“Sim.”

Tiro a camiseta em velocidade recorde.

“Aqui. Toque-me.”

Coloco sua mão sobre meu peito e deixo seus dedos sentirem o *piercing*.

Estremeço quando ela puxa o anel de leve.

“Machuquei você?”

“Não. Continue. Use sua outra mão. Toque-se no mesmo lugar.”

“Por dentro da camiseta?”

Posso ver os bicos dos seus seios duros sob o tecido, implorando atenção.

“Sim. Toque-se do mesmo jeito que está fazendo comigo.” - qualquer tentativa de moderação já foi para o inferno.

Chego o corpo para trás porque preciso ver aquilo.

“Axel...” - ela geme, enquanto obediente, faz o que eu falei.

“Assim mesmo. Deixe-me ver. Você quer isso, Khayla?”

Quero mordê-la, chupá-la. Ter seu gosto gravado para sempre em meus lábios e língua.

“Sim, olhe-me. Está tão gostoso.”

“Porra, amor. Você vai me matar.”

“Mais, Axel. Diga o que devo fazer agora.”

“Quer tirar a camiseta?”

Ela para o que está fazendo e olha para baixo, parecendo envergonhada.

“Acho que não.”

“Tudo bem, foi só uma ideia. Eu posso tocar você então? Assim como está fazendo?”

Suas bochechas ficam em chamas, mas ela balança a cabeça concordando.

“Em voz alta, Khayla.”

Ao invés de me pedir, ela pega minha mão, beija e coloca sobre seu seio.

Um tremor como nada que tenha sentido antes atravessa meu corpo. Minha mente viajando por lugares onde nunca estive.

Estou perdido nela, em minha princesa. Na confiança que está me oferecendo.

Acaricio o mamilo muito de leve e ela aperta minha mão.

“Oh, Deus! Eu não sei se consigo. É demais.”

“Eu só estou conhecendo você, meu amor. Nós nem começamos ainda.”

Puxo sua cabeça para um beijo e como da outra vez, o desespero pelo contato íntimo é mútuo.

Faço com que ela abra a boca para me receber e quando cede, deixo minha língua penetrá-la profundamente em um movimento sem pressa, saboreando, deliciando-me com seu interior molhado e quente.

Sem qualquer vergonha, agora move-se tentando alcançar a própria satisfação e posso ver só pela maneira como respira, o quanto está perto do gozo.

Daqui por diante, sei que vou ter essa cena gravada para sempre. Jamais vou apagar da memória Khayla entregando-se.

“Axel!”

“Goze para mim, linda. Eu vou fazer ficar ainda melhor.”

Aperto o mamilo só o suficiente para flertar com a dor, mas ao invés de fugir, ela inclina o corpo para trás oferecendo-se mais.

“Eu quero mordê-los.” - digo, acariciando o bico duro - “Eu quero minha língua em você toda, Khayla.”

“Oh, Deus!”

Suas unhas estão fincadas em meus ombros e se eu não estivesse tão louco para ver o momento em que ela gozará pela primeira vez, fecharia os olhos para poder mergulhar mais na teia de desejo em que estamos presos.

Seus movimentos se intensificam e finalmente alcanço o meu limite.

Estou me segurando quase ao ponto do desespero, mas não posso mais esperar para fazê-la gozar forte.

Abaixando a cabeça, mordisco e sugo o mamilo por cima da camiseta, chupando com tanta fome como faria se ela me permitisse sentir sua pele e quando ela segura meu cabelo para que eu continue, entrego tudo o que precisa.

Puxo o outro bico entre o polegar e o indicador e não se passa muito tempo antes que ela estremeça e me presenteie com um gemido longo, gozando deliciosamente para mim.

CAPÍTULO 20

AXEL

Eu não sou realmente uma pessoa da manhã.

Acordar nunca foi uma tarefa fácil e eu e minha mãe travávamos uma batalha diária até que eu levantasse. Só que uma vez de pé, posso virar dias sem descansar, principalmente se eu estiver em minha fase compulsiva.

Agora adivinha.

Hoje? Eu sinto meu corpo tão ligado que é como se eu tivesse usado alguma substância para me impedir de dormir - o que não é o caso.

Já não tenho mais tanta dificuldade para sair da cama quanto antes, apesar de que, depois de dois meses de quase inatividade, sinto os músculos das minhas coxas retraídos.

Quando eu caminho, é como se estivesse com câimbra. As passadas são incertas e minha panturrilha vai esticando como uma espécie de tecido sendo puxado à força.

A sensação é esquisita e desconfortável, apesar de não muito dolorosa, mas os médicos explicaram que é normal. Para alguém que praticou esportes a vida inteira como eu, um longo período de descanso é algo duro para o corpo assimilar.

Costumo acordar e fazer exercícios de alongamento, mas sei que hoje não vou conseguir me concentrar em nada até vê-la.

Quase não dormi revivendo uma e outra vez a noite de ontem.

Da conversa com Lucas ao momento em que ficamos sozinhos, depois que Zach levou Nathan para o quarto.

É como estar preso em uma fantasia.

Nunca pensei em mim como alguém passional.

Sexual sim, mas não do tipo capaz de ter a mente totalmente tomada de vontade por uma mulher.

Agora, não há uma célula do meu corpo que não esteja sobrecarregada com a necessidade por ela.

Tenho cada uma de suas reações - todas mesmo - tatuadas em mim.

As perguntas inocentes, seus gemidos, o pedido para ser satisfeita, a maneira como ela gozou em meus braços e o depois.

O depois rivaliza com os momentos de prazer.

Khayla se desmanchou, entregue, confiante.

Eu comecei cedo, bem antes da maioria dos caras porque, desde sempre, não tive qualquer problema em ganhar uma mulher.

Quando você é um campeão - e eu experimentei isso ainda muito novo - as coisas simplesmente acontecem em sua vida.

Parece clichê, mas é apenas a realidade.

O sucesso faz com que você não precise fazer qualquer esforço para conquistar um amigo ou uma garota. As pessoas vêm para nós e isso, de uma certa maneira, vai nos tornando preguiçosos.

Eu nunca precisei pensar ou pesar cada atitude antes de ir em busca do que eu desejava.

Com Khayla, tudo é um aprendizado.

Não só porque eu a quero mais do que já quis qualquer outra coisa em minha vida, mas porque estou ansioso para fazer tudo direito.

Mesmo com sua inexperiência, algo me diz que com ela, se eu errar, não terei uma segunda chance.

Eu nem consigo explicar a intensidade do que senti.

Eu gosto de sexo - e tive isso ao longo da vida com bastante frequência -

mas depois que sofri o acidente, entrei em um jejum voluntário.

Não. Para ser honesto, já um pouco antes, eu andava cansado da vida de prostituto.

Eu podia ter a mulher que eu quisesse - de atrizes a *top models* - com um simples telefonema.

E eu nem estou falando sobre as competições.

A cada vitória, surgem novas garotas querendo um pedaço seu.

Agora espere um momento.

Volte um pouco e releia o que eu disse lá em cima.

Eu não consigo entender como ela consegue literalmente entrar em minha corrente sanguínea.

Eu a sinto por todo o meu corpo.

Mesmo com tanta vivência, Khayla me pegou desprevenido. Quase me matou de tesão fazê-la gozar ontem.

Todas as minhas experiências anteriores, as noites de loucuras sexuais que chegavam a durar fins de semana inteiros, nada disso chega nem perto do que ter minha princesa derretendo de desejo em meus braços.

As memórias, no que diz respeito a sexo, foram apagadas.

Khayla não controla meu corpo somente.

Eu já senti desejo um monte de vezes. Isso não costuma durar.

Ela me viciou.

Minha princesa passou de uma obsessão para uma necessidade e quero ver qual será seu próximo título.

Começo a andar para as escadas, mas antes que eu pise no primeiro degrau, escuto a voz de Nathan e Zach.

Normalmente pela manhã, ela e Zach já estão entretidos em uma conversa.

Eles se dão muito bem - o que é estranho já que Zachary, apesar de toda a educação, não costuma gostar muito de seres humanos.

Não consigo ouvir a voz dela e apresso o passo - tanto quanto as muletas permitem.

Depois que a levei ao seu quarto ontem, esperei até que adormecesse.

Eu nunca tive qualquer problema em ir embora, uma vez que meu corpo estivesse satisfeito - o que não foi o caso - porque minha vontade de estar com alguém costuma ter prazo de validade.

Por isso foi estranho para mim quando deixá-la ontem tornou-se praticamente um desafio.

Fiquei observando-a respirar - é isso aí, *respirar* - até que seu sono se tornasse profundo.

Aproveitei para estudá-la.

As sobrancelhas de fios quase brancos, os cílios longos deitados nas maçãs do rosto, o cabelo em desordem.

Ela parecia saciada e perfeita.

Tão minha.

Não foi natural ter que ir embora.

Não pareceu nada natural manter qualquer distância entre nós dois.

Mesmo com a quantidade de pessoas sempre ao meu redor, por dentro, sou um solitário. Pela primeira vez, no entanto, ficar sozinho não me fez bem.

Zach e o protótipo de vaqueiro estão de costas mexendo em algo no fogão e Khayla sentada de lado, rodando um copo de suco de laranja sobre a mesa. Ela não parece se dar conta do que está fazendo, como em uma espécie de transe.

Acho que notou minha presença, mas ao contrário dos outros dias, não levantou a cabeça - o que faz com que algo se contraia em meu estômago.

Apesar disso, não tenho um só osso inseguro em meu corpo, então continuo indo para ela.

Nada.

Nenhum movimento ainda.

Apoio as muletas na bancada tão silenciosamente quando possível, porque preciso do nosso tempo antes que os outros percebam que cheguei.

Vou até onde está e levanto seu rosto para mim.

Sei que não deveria, mas abaixo para deixar um beijo em seus lábios.

Todas as regras que sempre me impus sobre não cruzar linhas e não deixar minhas mulheres sonhando com um compromisso que não aconteceria, acabam de ir para o espaço.

Só que nada me prepara para quando ela vira, desviando o beijo certo para a bochecha.

Isso aconteceu?

Quero dizer, não temos um relacionamento formal e nem nada, mas em minha cabeça estamos juntos. Depois de ontem, mais juntos do que nunca.

Então, o que há de errado?

Eu me afasto para olhá-la, totalmente perdido e uma parte fica aliviada por seu rosto não demonstrar raiva ou - Deus me livre - medo.

Por outro lado, posso ver um sinal claro de *mantenha distância* ali. É como se ela tivesse simplesmente apagado ontem e voltássemos a nossa relação platônica anterior, o que pelo menos para mim, é impossível.

“Bom dia.”

Não consigo responder, ainda incerto, estudando-a, tentando entender o que se passa em sua cabeça.

Não costumo ser territorialista.

Nunca quis alguém o suficiente para querer marcar terreno, mas isso acaba de mudar.

Talvez assumir que ela estaria aberta faça de mim um cretino, mas nem em meus piores pensamentos imaginei ser rejeitado.

As mulheres são naturalmente emocionais, certo?

De tudo o que aprendi até aqui, elas precisam conversar e também de algum elo a mais depois do sexo.

Estou tentando fazer tudo direito, então por que isso não está funcionando?

Ainda assim, como um idiota teimoso, seguro seu queixo para reivindicar a boca que já assumo como me pertencendo.

“O relógio está correndo?”

Acho que se ela tivesse me dado uma joelhada nas bolas não seria tão doloroso quanto ouvir aquilo.

Só que me recuperar de porradas é quase uma especialidade, então mudando para uma expressão em branco, ajo com a mais fingida naturalidade.

“Meu erro. Sempre fui desligado pela manhã.”



Ela não parece ter sido atingida por minhas palavras idiotas.

Certo, julgue-me.

Fique à vontade para dizer que sou um bastardo pretensioso. Pode não ser uma desculpa, mas nunca precisei agir de outro modo e agora estou como um completo demente atento a cada respiração dela, buscando descobrir se estamos fazendo algum tipo de jogo.

Aparentemente não.

Em todos os aspectos, ela parece minha Khayla de sempre.

Ah sim, não é ter sido rejeitado duas vezes que fará com que eu desista da reivindicação.

Minha sim. Minha para caralho.

“O que nós vamos fazer hoje?” - Nathan pergunta e se eu não estivesse tão chateado, riria de sua empolgação.

Eu nunca convivi com uma criança. Os primos do meu pai têm um monte de filhos, mas eu jamais frequentei festas familiares.

Apesar de eu ter ficado meio aborrecido com a visita supresa ontem, tenho que admitir que o moleque é uma figura.

“Pensei em irmos à praia, o que você acha?” - minha princesa distante responde, sem sequer olhar para mim.

“Temos os exercícios antes.” - lembro-a, como o cretino mimado e carente de atenção que sou - “Depois então, iremos. Ainda tenho minha primeira prancha e poderíamos brincar um pouquinho na água, o que acha Nathan?”

Lembra do que eu falei sobre não jogar limpo? Não abrirei mão de nenhum aliado.

Como eu esperava, os olhos do menino brilham como duas estrelas, mas a seguir ele vira para a irmã.

“Posso, Khayla? Papai disse que Axel é o rei do *surf* e mesmo eu sendo um futuro fazendeiro, não seria tão ruim aprender a surfar.”

Ela olha para mim e sorri - o que só serve para aumentar minha confusão.

“Ele é mesmo o rei do *surf* e daqui a pouco estará de volta ao seu reino.”

O anúncio, que deveria me trazer alívio, acaba soando como uma ameaça.

Sem fazer qualquer caso da meu estado, ela continua.

“Já pensou poder contar aos seus colegas da escola que usou a primeira prancha do rei? Até eu vou querer umas aulas.”

A seguir, ela levanta como se estivesse tudo bem entre nós e brinca.

"Pronto para sofrer em minhas mãos, King?"

Encaro-a.

“Achei que a parte do sofrimento já tivesse começado, princesa.”



“Obrigada por se oferecer para ensinar Nathan a surfar. Acho que você acaba de fazer o verão dele.”

Fico em silêncio, enquanto ela trabalha os músculos da minha coxa esquerda.

Será possível que tudo o que eu vivemos ontem foi uma via de mão única?

“Ele falou sem parar desde que acordou e de dez palavras, oito envolviam seu nome. Sua sala de projeção o impressionou e ele também amou o quarto.”

É bom saber que o garotinho gosta de mim.

Se ele é importante para Khayla, é para mim também, mas no momento minha atenção não está em conquistar sua família e sim, minha deusa indiferente.

Estudo seu rosto para ver se consigo decifrar o que está se passando, mas a falta de treino em me aprofundar nas pessoas cobra seu preço.

“Eu nunca subi em uma prancha que não fosse de *stand up paddle*, então prepare-se para boas risadas.”

Suas palavras saem atropeladas e agora sim, consigo ter uma pista de que ela não está tão tranquila quanto quer aparentar.

Antes que ela mude a atenção para a outra perna, eu seguro ambas as suas mãos.

“Pare.”

Ela levanta o rosto e finalmente me encara.

As bochechas estão coradas e os dentinhos que senti no meu ombro ontem, mordem o tentador lábio inferior.

“O que há de errado?”

“Eu não sei do que você está falando.”

“Eu disse que haveria punições se você mentisse.”

“Nós estamos no meio da sessão de fisioterapia e não em um desafio.”

Puxo-a para mim e ela cai sentada em meu colo.

“Acabamos de entrar no desafio nesse instante.”

“Eu estou anotando.”

“O que ?”

“As horas. Eu estou anotando. Você tem cento e sessenta e sete horas agora.”

Sei que foi esse o combinado, mas me deixa totalmente louco pensar que apesar de tudo o que vivemos, ela conseguiu racionalizar o suficiente para marcar o tempo.

Só que imediatamente depois, algo me chama a atenção.

Se ela contou, é porque no mínimo reviveu aquilo em sua mente.

“Qual é o desafio?” - ela pergunta e seu olhar está na minha boca.

Khayla é sexy sem nem fazer força para isso.

Será que ela percebe como consigo sentir seu desejo?

Traço seu rosto e a curva do pescoço e ela inclina a cabeça um pouquinho para trás.

"Nós vamos nos beijar?"

“Não.”

“Eu pensei... você... nós estamos...”

“Eu só quero segurar você. E uma vez que estamos em meio a contagem, não pode fingir que não está gostando ou terei que puni-la. Você também não pode mentir.”

“Sobre o que eu mentiria?”

“Sobre a minha próxima pergunta.”

“Eu não tenho qualquer intenção de mentir para você.”

“Não? Ótimo. Então quero que me fale sobre dois itens da sua lista de namorado perfeito.”

CAPÍTULO 21

KHAYLA

“Nós não combinamos nada sobre a minha lista.”

“Nenhum desafio está preestabelecido princesa, então agora você precisa escolher entre dizer a verdade ou fugir como uma medrosa.”

Estou tentando controlar os impulsos que me mandam enroscar os dedos naquele cabelo e beijar sua boca mais uma vez.

Eu sonhei com Axel a noite inteira.

Sonhos muito, muito quentes.

O que aconteceu ontem fez com que qualquer expectativa que eu tivesse antes sobre sexo desse um giro de cento e oitenta graus.

Jamais pensei que ficaria tão louca de desejo. Agora entendo porque as pessoas viciam-se em prazer.

Todas as terminações nervosas do meu corpo correspondiam aos comandos dele. Axel fez com que minha racionalidade desaparecesse e isso foi o que mais me assustou.

Incrivelmente, eu não tive vergonha do que aconteceu. Eu achei que teria, mas a coisa é que parece natural por ser com ele.

Essa foi a razão de eu me obrigar a manter distância hoje de manhã.

Apesar de loucamente atraída, eu sei que somos temporários e não quero criar uma ilusão em minha cabeça ou passar o resto da vida suspirando por alguém que eu não posso ter.

Então, ao invés disso, depois que acordei me forcei a colocar os dois pés no chão e lembrar quem ele é.

Quem *nós* somos.

Duas pessoas que vivem em planetas distantes.

“Essa lista é privada.” - ainda tento escapar.

“Prefere a punição então?”

“Que tipo de punição?”

Ele me puxa e fala na minha orelha.

“Não do tipo que você está pensando, amor. Eu não vou tocar você sem que peça por isso. Nada entre nós será contra sua vontade, Khayla. Cada vez que você quiser gozar como ontem, vai ter que jogar junto.”

“Não fale isso.”

“O que? Sobre você gozar? Mas não foi o que aconteceu, princesa? Você gozou tão gostoso. Eu consegui sentir o cheiro do seu tesão, sabia? Eu estava louco para provar seu gosto. Eu ainda estou.” - diz, deixando-me arrepiada.

“Axel...” - estou tentando focar nos motivos pelos quais eu deveria levantar, mas meu corpo e minha mente seguem por estradas opostas.

Para minha surpresa, ele se afasta e eu quero puxá-lo de volta.

“Dois itens ou a punição. Você escolhe.”

É minha vez de colocar distância para olhá-lo.

“Ele... o meu namorado perfeito, tem que ter um emprego regular.”

“Por que?”

“Porque eu pretendo me casar com esse homem e ele precisará estar em casa para dar atenção aos nossos filhos.”

“Wow! Você pulou de namorado ideal para um *felizes para sempre*. Não está muito acelerada?”

Olho para baixo, chateada por ter dado a oportunidade de que ele desdenhasse dos meus sonhos.

“Quer saber? Não preciso que você entenda.”

Tento sair do seu colo, mas ele tranca ainda mais as mãos em volta da minha cintura.

“Solte-me.”

“Eu sinto muito. Não vá embora.”

O pedido de desculpa me deixa desconcertada. Acho que ele não está muito acostumado a se desculpar com quem quer que seja.

“Não ria mais de mim.”

“Eu não estava rindo de você. Só nunca passou pela minha cabeça que seus planos já estivessem tão adiantados. Você só tem dezenove anos.”

“Eu faço vinte em alguns meses e sonho com a minha vida perfeita desde que entendi que a memória não voltaria.”

“Como você sabe que ela não voltará?”

“Porque já se passaram seis anos. Se eu tivesse que lembrar, já teria acontecido. Então decidi que, já que não sei quem eu fui, posso planejar quem serei.”

“Isso perde totalmente a graça. Planejar tudo, quero dizer.”

“Para você, talvez. Sua vida é cheia de aventura e *glamour*, mas eu me sinto bem levando uma vida mais simples.”

Achei que ele fosse me contradizer ou até mesmo debochar, mas ao invés disso, me aconchega um pouco mais junto a si, cheirando meu pescoço.

Seu rosto fica escondido ali, bem na curva entre meu ombro e rosto e sua respiração quente dificulta a capacidade de pensar.

“E o que mais?”

“*Hein?*”

“Eu pedi dois itens. Faltou um.”

“Eu os mudo de vez em quando.”

“Você não pode mais fazer isso.”

“Por que não?”

“Porque caso eu perca a aposta, seria justo que seus itens já estejam determinados de antemão.”

Estou com o protesto na ponta da língua, mas sei que ele está certo.

“Tudo bem.”

“Só isso? *Tudo bem?* Sem briga ou reclamação?”

“O que quer que eu fale? Você tem razão.”

“Então agora me dê mais um item.”

Dessa vez sou eu quem esconde o rosto no pescoço dele.

“Fidelidade.”

“O que?”

“O homem dos meus sonhos nunca me trairá ou desrespeitará. Eu sempre serei a única para ele.”

“Todos não fazem esse pacto ao casarem?”

“Não. Muitos traem. Eu quero um amor como o das minhas irmãs. Alguém que me adore e para quem eu baste.”

“Você não teme criar tantas expectativas e se decepcionar?”

“Não. Eu sei que o encontrarei. Em algum lugar, existe o homem que será o meu mundo.”

“Foi por isso que nunca namorou?”

“Em parte. Não queria estar com alguém e de repente perder a chance de reconhecê-lo caso ele aparecesse. A outra coisa é que eu não me sinto confortável em *ficar* somente, como os meus colegas de faculdade costumam fazer. Não me agrada a ideia de beijar uma boca aleatória a cada noite.”

“Nós nos beijamos um monte de vezes já.”

“É diferente. Só beijei você até hoje. Eu estava curiosa para saber como seria beijar alguém que... *huh...* fizesse meus joelhos tremerem.”

“Eu faço seus joelhos tremerem?”

“Sim.”

“E você não tem medo que acabe mudando de ideia sobre um namorado perfeito e decida somente experimentar?”

“Foi isso o que Lucas me perguntou.”

“E o que respondeu?”

“Que não há o menor risco. Sei quem você é desde os tempos de colégio.

Eu o via com as garotas. Não tenho experiência, mas não sou burra, Axel. Não existe ninguém mais distante do meu homem ideal do que você, então pode voltar a respirar. Não estou criando ilusões com relação a nós dois. Eu sei exatamente o que somos.”

Seu rosto está tão fechado agora que vejo o maxilar trincar e eu não consigo entender o porquê. Achei que ele ficaria aliviado ao ouvir aquilo.

Não quero levantar, mas é o certo a fazer. Ele não parece mais me querer por perto.

“E o que somos?”

Não hesito.

“Amigos que sentem desejo. Eu disse a Lucas que nunca passaremos disso porque sei o que quero.”

Não sei o que eu estava esperando, mas certamente não era ele me prender em seus braços e me dar um beijo de fazer meu cérebro virar manteiga de amendoim.

“Agora, vamos conversar sobre as minhas regras.” - ele segura meu queixo - “Você aceitou o acordo. Eu interrompereei o relógio sempre que achar necessário, mas a cada vez que ele estiver correndo, princesa, você é minha. Nada de se esconder ou de falar nesse namorado dos sonhos. Eu estou bem aqui. Sou de carne e osso. Durante todo o nosso tempo juntos, só existe nós dois.”

Eu deveria protestar, mas a verdade é que não quero recuar.

Estou louca para experimentar mais do que vivemos ontem, então ao invés de sair correndo - o que provavelmente seria inteligente - passo os braços em volta do pescoço dele, entregando em mais um beijo, tudo o que exige.

“Até o fim do nosso acordo, eu vou manter minha cabeça somente em você.”

CAPÍTULO 22

AXEL

“Axel, eu acho que quero ser o príncipe do *surf*. Você pode me ensinar?”
Há tempos eu não me divertia assim.

Agora entendo porque Khayla gosta tanto do garotinho. Nathan é muito especial. Algumas coisas que ele fala me fazem parar para pensar se realmente só tem sete anos incompletos, mas em outras vezes como agora, enquanto comemora ficar em pé na prancha dentro da água pela primeira vez, ele deixa sua idade real à mostra.

“Acho que podemos providenciar isso.”

“E Khayla pode ser sua rainha.”

Tem como não gostar de uma criança com ideias tão boas?

“Pare com isso, Nathan. Axel não precisa de uma rainha.” - ela diz parecendo irritada, mas a seguir um sorriso sapeca brilha em seu rosto - “Além do mais, ele me chama de princesa. Estou um nível abaixo.”

Ela mal acaba de falar e eu a puxo para mim.

Estou com água pela cintura apenas e ela, deitada em uma boia rosa se bronzeando.

Essa parte da praia é quase uma piscina. Não tive coragem de levá-los para mais longe. Não enquanto não tiver certeza de que as minhas pernas funcionarão o suficiente se algo der errado.

Beijo seu rosto e ela não se afasta.

Eu me pergunto se é porque quer ser tocada ou se está levando a sério o lance de não fugir mais de mim até o fim do acordo.

“Não tenho qualquer problema em largar meu reinado por você.”

“Não faça isso, acho que prefiro virar rainha mesmo. Já imaginou, Nathan? Todos os súditos jogando pétalas de rosa enquanto eu passar ao lado do rei em sua carruagem?”

“Legal e eu posso ser o príncipe. Quando vocês vão se casar?”

Antes que eu possa sequer pensar em como responder, Khayla se adianta.

“Nunca. As pessoas precisam se amar para casarem e Axel e eu não gostamos um do outro dessa maneira.”

“Tudo bem. A que horas vamos ao aquário amanhã?” - ele muda totalmente de assunto, como a criança que é.

Khayla contou que prometeu levá-lo ao aquário em *Monterey* e eu que nunca curti passeios em família, me vi querendo participar.

Certo, eu me ofereci descaradamente e os dois foram boas pessoas o bastante para me incluírem no programa.

“Não gostamos um do outro o suficiente?” - sussurro em seu ouvido -
“Eu gosto um bocado de você.”

“Você entendeu o que eu disse.”

Não sou realmente um cara que já tenha conversado sobre essa palavra que começa com a letra *c*. Como poderia? Se eu jamais me imaginei namorando alguém, casamento estava fora de questão.

Depois do que discutimos pela manhã, no entanto, o tema vem voltando a minha mente.

Como ela pode pensar em se casar aos dezenove anos? Khayla não viveu nada ainda.

Ela só foi à Europa duas vezes, segundo me disse, porque mesmo quando a família saía de férias, preferia ficar em casa estudando.

Também nunca fez nada realmente emocionante ou se permitiu alguma loucura tipo nadar pelada - o que eu recomendo.

Eu não consigo entender como alguém que não experimentou a vida

possa sequer considerar se prender a um contrato.

Não acredito em casamento como instituição.

Meus pais eram casados e isso não impediu que vivessem vidas separadas.

É muito mais importante você *gostar* de alguém realmente do que *dizer* que gosta.

Estar com alguém - corpo, alma e coração - do que *dizer* que está.

Desse modo, não acho que um dia eu vá precisar assinar uma folha de papel na frente de um monte de gente para provar que quero ficar com uma mulher.

“Eu também gosto um bocado de você, Axel King.” - ela responde, me pegando de surpresa.

Achei que ela fosse me empurrar ou mandar que não falasse coisas do tipo na frente do irmão. Só que mais uma vez, minha princesa me deixa mudo. Tem sido assim desde que ela colocou os pés em minha casa.

Eu não consigo antecipar seus movimentos.

Quando acho que está tão envolvida quanto eu, ela me dá um gancho de direita, como hoje pela manhã. Quando penso que ela vai me mandar para o inferno, ela me presenteia com sua honestidade.

“Quanto é *um bocado*?”

“Vocês estão namorando.” - Nathan diz rindo.

“Não.” - ela responde, no mesmo instante em que eu falo - “Não gostamos de rótulos.”

Ela recosta a cabeça na boia parecendo não estar mais ouvindo a conversa.

Será que falei merda?

“O que são rótulos?”

“Rótulo é algo que pessoas que não gostam de seguir regras reclamam. Lembra quando Clara manda você escovar os dentes antes de dormir? Isso é

uma regra que deve ser seguida para que você tenha dentes saudáveis. Mas se você não quiser obedecer a essa regra, vai dizer que não precisa ter dentes saudáveis somente porque alguém criou o rótulo de que ter dentes saudáveis é importante.”

“Entendi mais ou menos. Não sei se gosto de regras e rótulos então.”

Ouçó a conversa bizarra tendo a certeza agora de que, independente de sua expressão não demonstrar, ela está puta comigo.

“Eu não tenho qualquer problema em seguir nossas regras.” - falo só para ela, tentando melhorar minha situação.

“Tanto faz.” - diz sem me olhar.

Ai.

Tenho que pensar em algo bem rápido para consertar as coisas.

“Querem almoçar fora?”

“Sim.” - Nathan concorda, mas ela não responde - “Pode ser cachorro-quente?”

“Nathan, você já comeu hambúrguer ontem. Que tal algo mais saudável?”

“*Pizza?*” - ele ainda tenta e sou solidário. Quem precisa de salada?

“Hoje não, amor. Podemos sair com Axel, mas vamos a um restaurante regular.”

“Sorvete de sobremesa?”

O menino não desiste e tenho que dizer que gosto um pouco mais dele agora.

Ela levanta a cabeça e o encara parecendo pronta a dizer não, mas recua no meio do caminho e sorri.

“Creme ou chocolate?”

“Axel.”

Olho para a areia e vejo Zach acenando.

Logo atrás dele vem ninguém menos do que o doutor Fodido Kevin Sem

Noção.

O que no inferno esse idiota está fazendo aqui?



“Eles estão namorando e vão se casar. Khayla vai ser a rainha de Axel e eu, um *cowboy* príncipe do *surf*.”

Depois da metralhadora verbal, Nathan franze a testa, talvez percebendo que seu discurso soou um pouco estranho.

Um *cowboy* que também é príncipe do *surf*? Não vejo como. Apesar disso, qualquer coisa que ele diga, assinarei embaixo.

Acho que como eu, ele antipatizou imediatamente com o doutor mala e tem falado pelos cotovelos desde que nos sentamos perto da piscina.

Khayla entrou para ajudar Zach a trazer um lanche, o que foi uma boa coisa. Eu e Nathan não temos ninguém para nos contradizer.

Infelizmente, apesar da declaração do meu aliado, o médico com pouco amor à vida me encara com descrença.

Penso no que ela disse sobre os itens da lista.

Alguém com um emprego regular.

Ele se encaixa.

Apesar de poder serem chamados no meio da noite, médicos não têm motivos para viajar com frequência - ao contrário de mim.

Também na aparência, ele parece perfeito, se perfeição for o que você procura.

Camiseta polo. Bermuda de tecido - eu vou vomitar - e o pior dos crimes: mocassins.

Tem como alguém ser mais mauricinho do que isso? Só faltou o pulôver de linha sobre os ombros.

Ele parece um cara sério, mas não combina com a minha Khayla.

Sim, porque nada nesse mundo vai me convencer de que ele veio para me verificar. Já havíamos combinado de que a visita seria depois de amanhã e eu só não o mandei embora porque achei que minha princesa ficaria chateada com a grosseria.

“Esses serão os últimos exames?” - pergunto, para ver se consigo acabar logo com a conversa mole e nos livrar dele.

“Não e mesmo que após os próximos exames sua recuperação esteja progredindo como tem feito até agora, você precisará continuar com a fisioterapia.”

“Isso não será um problema.” - deixo um sorriso lento escapar, para que ele perceba que terei minha garota comigo.

“Você deveria procurar alguém formado.”

O cara deve ser muito azarado porque na hora em que ele acaba de falar, minha princesa se aproxima.

“Eu tenho uma fisioterapeuta formada, mas não há ninguém que eu confie mais do que a minha Khayla.”

Percebeu o *minha*, idiota? Grave isso.

“E ela tem seguido todas as orientações da chefe da equipe de fisioterapia.”

“Estou fazendo tudo sob supervisão.” - ela diz com o rosto corado, parecendo sem jeito e eu quero socar a cara do bastardo por fazê-la sentir-se mal.

“Claro que está, amor.” - trago-a para mais perto de mim e dou um beijo em seu cabelo.

“Viu? Eles são namorados.”

O garoto tem um noção perfeita sobre quando dizer as coisas certas.

Quanto será que custa uma fazenda?

“Nathan, doutor Kevin não está aqui para saber da minha vida pessoal.”

"Não foi uma crítica. Só me pergunto se você não está sobrecarregada." - foda-se! O idiota agora tenta consertar a merda que falou pagando de superprotetor - "Quando pretende voltar à faculdade? Se inscreveu em algum curso de verão?"

O cretino outra vez mete-se onde não é chamado e eu preciso puxar algumas respirações para me controlar.

"Não." - ela responde e olha para mim - "Eu separei o verão para ficar com Axel."

"O verão inteiro é muito tempo."

Por que tenho a sensação de que ele está me provocando? Tentando me fazer reagir?

Só que ele não me conhece. Eu não jogo para perder.

"Algum problema se eu voar?"

Mudo totalmente de assunto e talvez por ter sido pego de surpresa, ele dá a resposta que eu preciso.

"Problema algum."

"Seu passaporte está em dia, princesa?"

"Sim, por que?"

"Que tal tirarmos uma semana para irmos à Sardenha? Pensei no que o doutor Kevin falou. Não é justo que você perca o verão inteiro trancada em casa."

Ela me encara com os olhos brilhando.

Em uma de nossas conversas, ela comentou que gostaria de conhecer a ilha italiana.

"Mesmo? Você acha que o voo não irá prejudicá-lo?"

"Ouvii o que o médico disse? Estou liberado para voar. Você só precisa dizer sim. Deixe todo o resto comigo."

CAPÍTULO 23

KHAYLA

“Eu não vou tocar nesse bicho.”

“De zero a dez, qual é o nível de covardia da sua irmã, Nathan?”

“Onze.”

Começo a rir quando eles batem as mãos em um *high five*. Estou perdida com esses dois. Pense em almas gêmeas.

Eu nunca vi meu irmão tão descontraído.

Nathan sempre foi diferente.

Desde muito pequeno, ele tinha um lado sério com essa coisa de planejar ser fazendeiro e tudo o mais. Algumas vezes, consegue ser ainda mais introspectivo do que o próprio Lucas. Com Axel agora, no entanto, ele está completamente descontraído.

É muito engraçado escutar os dois conversando, porque algumas horas você se perde sobre quem é o adulto e quem é a criança.

Ver Axel com meu irmão me faz gostar dele um pouco mais.

“Certo espertinhos, sou medrosa assumida. Já ouviram aquele ditado: *mais vale um covarde vivo do que um herói morto*? Sou fiel a ele.”

“Elas não a atacam a menos que sintam-se ameaçadas.” - Axel diz.

“Pois elas podem ficar tranquilas no que diz respeito a mim. Não pretendo nem chegar perto.”

"Axel, fale sobre os tubarões que você já encontrou enquanto surfava.”

E aí vamos nós.

Tem sido assim a manhã inteira.

Axel fale sobre isso, Axel conte sobre aquilo.

Nathan é uma esponja.

Eu sou uma pessoa curiosa. Adoro aprender o máximo de coisas possíveis, mas nada chega perto da capacidade de absorção do meu irmão.

E sabe o que está mexendo com o meu coração? A paciência infinita de Axel.

Em nenhum momento, ele pareceu aborrecido ou entediado por conversar com Nathan e quando precisamos sentar para descansar, meu irmão reveza entre me abraçar e sentar no colo do meu... amigo.

É isso aí, dona Khayla. Foco nessa palavra.

Quando vim ajudá-lo, eu não criei grandes expectativas.

Não, mentira.

Apague essa parte.

Achei que teria uma dura missão pela frente. Não imaginava de jeito nenhum apreciar nosso tempo juntos, dada a maneira como somos diferentes.

Enquanto Axel conta suas aventuras a Nathan, ando pelo aquário.

Nós tivemos que parar para que ele desse autógrafos - na maioria, para crianças ou adolescentes - e, assim como faz com meu irmão, nem por uma vez ele reclamou. Até mesmo posamos os três para uma foto a pedido de uma avó e a cara de Nathan foi impagável. Ele parecia uma celebridade desfilando no tapete do Oscar.

Passo a mão por uma raia de pelúcia dentro da lojinha e sorrio pensando que é o mais próximo que pretendo chegar do peixe estranho.

Eu sei que o que ele falou é verdade: elas só atacam quando acuadas, mas apesar disso não consigo esquecer a história daquele homem que chamavam de *o caçador de crocodilos* e que foi morto por uma.

“Fazendo amizade?”

Ele me abraça por trás e beija meu cabelo.

As regras estão começando a ficar confusas entre nós.

Desde que conversamos sobre o acordo com mais seriedade ontem, eu estou um tanto perdida quanto à hora em que devo colocar o relógio para correr.

Olho para trás no exato momento em que ele estava baixando a cabeça para dar um beijo na minha bochecha, o que resulta em um contato suave de nossos lábios.

Ele recua e me encara, mas depois sem qualquer aviso, baixa a cabeça novamente e me dá um beijo mais profundo.

“Deus, isso é bom!”

“É, talvez estejamos um pouco viciados em beijos.”

“Não sei, acho que meu vício é mais complexo. Ele tem um nome, sobrenome e morre de medo de raias.”

Eu balanço a cabeça e sorrio.

Não sou o tipo de garota que aprecia flertes descarados. Alguns caras já me disseram gracinhas, principalmente na faculdade e eu sempre fingi não entender, mas eu gosto da maneira com que Axel brinca e me toca o tempo todo. Sua leveza tem me feito bem.

Acho que nunca me permiti viver como alguém da minha idade. Eu sempre me mantive atrelada a planos e estou gostando dessa parte da nossa relação sobre relaxar.

Olho em volta para conferir onde meu irmão está. Ele tem o rosto colado em um tanque e observa um tubarão branco enorme.

“Você estava falando sério sobre a Itália?”

Eu sei que concordei em ir viajar com ele, mas depois fiquei pensando se Axel não disse aquilo no impulso, só para irritar o médico.

Não sei a razão, mas ele tem antipatia do doutor Kevin.

Certo, se você olhar os dois verá que a possibilidade de que um dia sejam amigos é remota.

Ambos são diferentes como o dia e a noite.

Enquanto o médico parece sereno como uma enseada, Axel é um mar revolto.

Estar ao redor dele é como se ver preso em um campo magnético.

E sabe o que acontece com um campo magnético? Você não consegue se libertar.

Apesar disso, tenho me esforçado para manter a cabeça fora das nuvens.

“Você mudou de ideia?”

Ele fica de frente para mim agora e segura meu rosto com ambas as mãos.

“Eu não. Estava só conferindo.”

Ele sorri como se eu tivesse acabado de lhe dar um prêmio.

“Mas precisamos fazer os exames e esperar os resultados antes, não acha?”

“Sai em vinte e quatro horas, eu já liguei para lá.”

Ninguém pode dizer que ele não é determinado quando quer algo.

“Tudo bem, mas agora acho que deveríamos voltar. Você passou tempo demais em pé.”

“Sim, senhora. Antes vamos almoçar? Prometi ao seu irmão levá-lo para comer um burrito.”

“Vocês dois só pensam em comer?”

Ele olha para a minha boca e sinto os joelhos fraquejarem.

“Não mesmo, princesa. Minha cabeça tem vários outros pensamentos.”

“Tipo o que?”

Senhor, depois que passei a conviver com ele, eu às vezes não me reconheço.

“Tipo beijar e tocar você em todos os lugares.”

Ele passa o dedo pelos meus lábios.

“Tipo sentir seu calor e fazê-la gemer quando eu a mordo bem aqui.”

Corre os dedos pelo meu pescoço.

“Tipo ficar com você tão colada ao meu corpo que quase não consigo perceber onde você começa e eu termino.”

“Você não deveria dizer essas coisas.”

“Por que, Khayla? É o que eu sinto.”

Olho-o sem saber o que responder.

Axel consegue me confundir como ninguém.

Então, ao invés de me enrolar com as palavras, deito a cabeça em seu peito e o abraço mais forte.

“O que você está pensando?” - pergunta depois de alguns segundos.

“Que eu gosto e tenho medo do nosso acordo. Tudo ao mesmo tempo. Isso faz sentido?”

Ele levanta meu queixo.

“Faz sim. Desde que você não permita que o medo a impeça de tentar, ficaremos bem.”



“Meu Deus, isso é muito gostoso.”

“É, não é? E o melhor é que fica aberto vinte e quatro horas. Eu já saí de casa de madrugada para comprar.”

“Eu nunca levantaria de madrugada para comprar comida. Na verdade, eu nunca levantaria da cama para ir sequer até a cozinha pegar comida.”

Nathan ergue a cabeça do prato e sorri.

“Papai contou que quando eu estava na barriga da mamãe, ela acordava ele de noite para ir pegar sorvete.”

Sorrio da lembrança.

Não era só pegar sorvete. Clara tinha os desejos mais estranhos durante

as gravidezes. Ela já quis comer pizza de sardinha com abacaxi.

Um arrepio de enjoo me atinge só de pensar na mistura.

“Quando você estiver com o bebê de Axel dentro da sua barriga, também vai querer sorvete de madrugada, Khayla?”

Axel engasga, ao mesmo tempo em que eu sinto meu rosto pegar fogo.

“Nathan, você não pode dizer coisas assim.”

Não quero brigar com ele, porque sei que não houve qualquer maldade em sua pergunta, mas ao mesmo tempo não posso alimentar essa ideia maluca de que eu e Axel ficaremos juntos.

“Por que não? Vocês vão se casar. Nós já combinamos. Rei” - ele aponta para Axel - “rainha” - o dedinho se vira para mim - “e príncipe.” - indica a si mesmo.

Jesus, que vergonha!

“Nathan, nós estávamos brincando. Estou morando na casa de Axel somente para ajudá-lo a se recuperar. Assim que ele ficar bom, voltarei para a faculdade.”

Ele larga o burrito e me encara.

“Então ele não vai ser mais seu amigo? Eu nunca mais vou encontrar com ele?”

“Claro que sim, amor. Eu e ele seremos amigos para sempre, mas você não precisa casar com alguém para ser amigo da pessoa.”

Pensem em um momento constrangedor.

“Ufa! Tudo bem, então. Se vocês vão ser amigos, não precisam se casar.”

Ele simplifica tudo e estou no meio de uma risada quando levanto o rosto e vejo a expressão fechada de Axel.

Sem entender mais nada, resolvo por uma saída estratégica.

“Vocês já acabaram? Acho que está na hora de voltarmos para casa.”

CAPÍTULO 24

AXEL

“Papai, Axel e Khayla iam namorar e depois se casar, mas desistiram. Eles vão continuar amigos, no entanto.”

Jesus Cristo!

Nathan está com uma ideia fixa sobre a palavra e seus derivados. Acho que a ouvi mais vezes nesses dois últimos dias do que durante toda a minha vida.

Lucas não fala nada, só olha para mim e depois para Khayla, que está calada desde que saímos do aquário.

Sim, eu sei que agi como um idiota - de novo.

Aparentemente, essa é uma habilidade especial minha, tipo um super poder às avessas.

Em minha defesa, posso dizer que mesmo que eu não seja um cara convencional ou que sequer tenha considerado alguma vez manter um relacionamento com uma mulher, me incomoda a facilidade com que ela sempre me descarta para o papel.

Ao contrário da minha princesa, nunca planejei nada para o futuro que não envolvesse a carreira, mas toda hora que o tópico surge, sinto como se existisse um rival imaginário cheirando meu cangote, pronto para vir e roubá-la de mim.

“Eles são muito novos para casar, filho.” - Lucas diz e me encara com o rosto fechado.

“E para namorar? Acho que namorar eles podem.”

"As pessoas namoram quando pensam em se casar no futuro, Nathan. Sua irmã ainda está estudando, mas um dia ela encontrará o amor da vida dela e terá uma família linda."

"Assim como você encontrou a mamãe?"

Enfim, o semblante dele relaxa.

"Isso mesmo. Assim como eu encontrei a minha Clara."

"E Axel, ele também vai encontrar o amor da vida dele? Eu prefiro que seja a Khayla porque eu quero ser o príncipe do *surf*."

Khayla levanta e começa a ajudar Zach a recolher os pratos.

Lucas acompanha-a com o olhar, a testa franzida. Quando finalmente vira para mim, não há nada de amistoso em sua expressão.

"Axel já está casado com o *surf*. Acho que ele não precisa de outro amor."

Vontade fodida de virar as costas e deixá-lo com a porra dos seus prejulgamentos para trás, mas ao mesmo tempo, sinto um medo danado de que se eu sair da sala, ela vá embora com eles.

Como se pudesse ler meus pensamentos, Lucas pergunta.

"Khayla, alguma chance de que você passe uns dias em casa antes do verão acabar? Suas irmãs adorariam."

Um sinal de alerta liga imediatamente em minha cabeça.

Ele está cumprindo o que ameaçou.

De alguma maneira, percebeu que não está tudo bem entre nós e deixa uma rota alternativa para que ela possa escapar.

"Nós vamos para a Itália." - despejo, porque no momento, meu sentimento de autopreservação não é nada comparado ao pavor de estar perdendo-a.

"Que história é essa?"

Pela primeira vez desde que ele chegou, Khayla entra na conversa.

"Axel sugeriu passarmos uma semana na Sardenha. Eu não conheço,

então achei que seria uma boa ideia.”

“Tem certeza disso?” - ele pergunta, enquanto começa a recolher as coisas de Nathan espalhadas pela sala.

Eles têm um voo para casa amanhã cedo e devem sair praticamente de madrugada.

“Sim, eu tenho.” - ela parece um pouco irritada. - “Nós já conversamos sobre isso, lembra?”

“Não sobre você viajar sozinha.”

“Eu não vou viajar *sozinha*.”

“Tudo bem.” - ele cede e olha para mim - “Envie o endereço de onde pretendem ficar.”

Não respondo.

Nunca fui de dar satisfação nem para o meu pai e me deixa puto que ele pense que a filha não estará segura comigo.

“Eu vou me deitar.” - minha princesa diz.

“Eu também estou com sono, papai.”

“Certo, vamos todos subir então. Provavelmente não a verei antes de sair.” - ele para em frente a ela. - “Cuide-se. Você sabe o quanto a amamos?”

Ela aproxima-se e o abraça.

“Eu sei disso. Também amo vocês. Todos vocês. Eu tenho a melhor família do mundo.”

“E eu tenho a melhor irmã do mundo.”

“Deixa só Amélia e a Rose ouvirem isso.” - ela brinca referindo-se às duas irmãs biológicas dele, ao mesmo tempo que bagunça seu cabelo.

Observo a interação entre os três.

O amor visível imediatamente desarma qualquer irritação que eu estivesse sentindo.

Como deve ser ter um laço familiar tão forte?

Eu nunca vivi isso, mesmo quando minha mãe era viva. Nunca tivemos

festas de Natal ou qualquer comemoração de aniversário. Depois que ela morreu, Linus tentou fazer com que funcionássemos como uma família normal, mas daí eu já estava muito danificado para conseguir aceitar aquilo.

Lucas e Nathan estão quase na escada, quando o garoto volta e se joga no meu colo.

“Obrigado por me emprestar sua prancha e também pelos autógrafos. Meus amigos não vão acreditar quantas fotos eu tenho com o rei, nem que você é meu amigo.”

“A qualquer momento, parceiro. Eu também estou feliz de ter conhecido um *cowboy* de verdade.”

“Você acha que eu sou mesmo? Eu não nasci no Texas.”

“Claro que é. Sei que sua fazenda vai ser um sucesso.”

Beijo sua bochecha e como a irmã fez, bagunço seu cabelo.

“Boa viagem.”

“Obrigado.”

Os três se afastam e Lucas faz um aceno com a cabeça como uma espécie de despedida. Acho que eu já não era uma de suas dez pessoas favoritas no mundo antes, mas agora que pretendo levar Khayla para viajar, talvez não entre nem no *ranking* das cem mais. Só que minha única preocupação é a minha princesa silenciosa.

“Khayla.” - chamo e a família toda para - “Posso falar com você um instante?”

Ela não parece com raiva de mim, só atipicamente quieta.

Depois de dar mais um beijo no irmão e em Lucas, ela volta.

Seu rosto está abatido e pequenas olheiras formam-se.

“Eu fiz algo de errado?”

Ela não senta, o que me diz que não pretende demorar.

“Não, só estou cansada. Preciso dormir. Você também deveria.”

“Não estou com sono. “

“Eu também não, mas devo deitar.”

“Por que?”

“Eu... *huh...* estou com cólicas.”

“Cólicas?”

O rosto dela fica rubro e ela desvia o olhar.

“Estou no meu período. O primeiro dia é sempre meio sofrido, então se não se importar, podemos conversar amanhã?”

Eu levanto e ando até ela.

“O que eu posso fazer para ajudar?”

Mesmo que ela esteja emitindo sinais para que eu não me aproxime, faz quase três horas que não a toco e não consigo mais me manter afastado.

“Nada. Só preciso de uma bolsa de água quente. A dor passará sozinha.”

“Deite-se. Eu vou esquentar uma para você.”

“Não precisa....”

“*Shhhh...* eu quero. Você cuida de mim, por que não posso fazer o mesmo?”

Acho que ela está doida para protestar, mas acaba desistindo.

“Tudo bem.”

“Cinco minutos e eu subo. Vou fazer sua dor melhorar.”

Puxo-a para um abraço e ela não só se aconchega, como me dá um beijo na bochecha.

“Obrigada.”



Estamos deitados em seu quarto, mas precisamente em sua cama, com ela no meio das minhas pernas, enquanto a abraço por trás.

Quando subi, ela estava com tanta dor, que uma camada de suor cobria sua testa, mas depois de uns dez minutos com a bolsa de água quente, finalmente parece ter conseguido relaxar.

“Obrigada.”

“Está melhorando?”

“Sim.”

“Você sempre tem isso?”

“Nem todos os meses, mas quando tenho é tão forte que me deixa enjoada. O ginecologista falou que quando... que talvez... *huh....*”

“O que?” - viro seu rosto para poder olhá-la.

“Que quando eu tiver uma vida sexual ativa talvez melhore.”

Isso deveria me deixar excitado, porque Khayla e sexo em uma mesma frase é quase mais do que minha mente consegue lidar, mas estou completamente focado em fazer seu sofrimento ir embora.

“Eu não sabia disso.”

“Nem eu. Ele disse que geralmente melhora quando a mulher passa a ter relações e também quando os filhos nascem, mas não sei se acredito nisso.”

“Quantos filhos você quer?” - falo e não faço a menor ideia de por que diabos perguntei aquilo.

Ela volta a olhar para frente.

“Não sei realmente e não quero falar sobre isso.”

Viro seu rosto para mim outra vez.

“Por que não?”

Eu devo ser maluco mesmo.

Acho que qualquer cara cuja garota se recusasse a falar sobre uma futura família, ficaria agradecido de joelhos. Há dez dias, eu provavelmente também, mas agora me chateia que ela queira manter isso oculto de mim.

“Porque não precisamos. Isso não tem nada a ver com a nossa relação.”

Não sei como argumentar. Então ao invés, entrego o que consigo.

Deito-a na cama e me acomodo ao seu lado. Estamos de frente um para o outro.

Passo a mão por seu rosto e ela fecha os olhos.

“Eu nunca pensei que falaria algo do tipo, mas acho que devo agradecer a aquele merda por ter me atropelado.”

“Não diga isso. Você poderia ter morrido.”

Ela faz uma careta como se sentisse dor.

“Está tudo bem?”

“Sim, só não gosto de pensar em você morto. Nunca mais repita isso.”

“Foi o acidente que trouxe você para mim.”

“Você estava vivendo sua vida muito bem antes de eu vir, King.”

Ela dá um sorriso tímido.

“Não, princesa. Nada estava bem antes de você.”

“Nós nem nos conhecíamos. Para ser sincera, até agora não sei como vim parar aqui.”

“Eu pedi a Linus.”

“Isso eu sei, mas não entendo o porquê.”

Puxo-a para mim.

“Porque você já era um obsessão que durava anos e eu precisava saber.”

“Obsessão que durava anos? E o que você precisava saber?”

“Qual era a sensação de ter você em meus braços. De tocá-la, sentir seu cheiro.”

“Você é definitivamente doido, Axel King. Eu não compreendo o que está falando, mas também estou feliz por ter vindo.”

“Mesmo eu não sendo o que você espera?”

“Eu não esperava nada de você quando eu vim. Eu ainda não espero. Na minha cabeça, nós somos amigos que se beijam.”

“E se ele aparecer?”

“*Hein?*”

“O namorado perfeito. E se ele aparecer enquanto estamos juntos em nosso acordo? O que acontecerá?”

“Nós não estamos juntos.”

“Estamos sim. Responda.”

Ela chega mais perto e me abraça.

“Eu não sei, mas provavelmente ele terá que aguardar as cento e sessenta e oito horas chegarem ao fim.”

CAPÍTULO 25

KHAYLA

Cinco dias depois

“Não vejo a hora de pilotar minha moto novamente.”

“Você não sente medo?”

“Medo de que? Eu não tive qualquer culpa do acidente, amor.”

Estamos indo para *San Francisco* de helicóptero e tento forte esquecer que nosso meio de transporte é uma caixinha de fósforos voadora.

Eu poderia ter dito a Axel sobre meu pavor de altura - pelo menos em um avião, você só olha para o solo se quiser - só que isso me obrigaria a abrir novamente a contagem do tempo porque seria considerado um desafio e não vejo qualquer necessidade.

Um voo de helicóptero nem é algo tão aventureiro assim, certo?

Logo que concluo o pensamento, o piloto faz uma curva acentuada para a direita e meu estômago vai na boca.

Senhor!

“Tudo bem, aí?” - ele pergunta e aperta minha mão, que mantém na sua desde que prendemos os cintos.

“Sim. É que eu nunca voei de helicóptero.”

“E você só me conta isso agora?”

Ele parece preocupado e fico morrendo de vergonha.

“Não é nada demais.”

Ele se vira para me olhar e segura meu rosto.

“Você está gelada, linda.” - diz e a seguir, pergunta ao piloto - “Quanto tempo falta?”

“Mais dez minutos.”

Ele passa o braço em volta dos meus ombros e me puxa para si, acariciando meu cabelo.

“Pronto. Quase lá.”

Estou genuinamente nervosa, mas se o prêmio para minha covardia for ele me manter desse jeito o resto da viagem, super valeu a pena.

“Não precisa ter vergonha de contar sobre seus medos.”

“Não foi por vergonha.”

Por mais que eu goste do seu cuidado, não sou uma fingida e nem faço joguinhos.

“Eu não queria ter que recomeçar a contagem das horas.”

“Por que?” - ele se afasta para me olhar e fico atenta para ver se vai rir ou falar uma gracinha, mas não. Ele parece realmente interessado na resposta.

“Você disse que deveríamos aproveitar bem as horas do acordo. Ficaremos esses dias em *Sausalito* e depois vamos para a Itália, desse modo, não há razão para gastá-las à toa.”

Ele me encara sem piscar e sinto as bochechas quentes.

“Mesmo com as duas viagens e o resto do verão, você poderia ter usado essas horas do voo para abater em nosso tempo juntos.”

A vergonha no momento é maior do que o medo de altura, então olho para fora da janela.

“Khayla, por que você não quis descontar a viagem de helicóptero nas cento e sessenta e oito horas?”

Não hesito.

“Porque eu quero que elas durem.”



Sausalito

“Eu não sei qual das suas duas casas eu gosto mais. Você vai me levar para um *tour*?”

Ele está recostado à porta, as muletas ao seu lado e não diz uma palavra, enquanto eu ando até a varanda.

A casa não é tão grande quanto a de *Carmel*, mas igualmente linda e de frente para o mar.

Na verdade, essa aqui mais parece um *loft*.

Do lado esquerdo, há uma cozinha americana, em uma espécie de mezanino e, se você olhar para cima, pode ver os quartos. A sala de estar é mais baixa. É necessário que se desça dois degraus para chegar nela e assim como a de *Carmel*, o sofá é imenso.

Sausalito é uma pequena cidade de menos de dez mil habitantes do outro lado da ponte *Golden Gate*.

Não, não sou um gênio. Eu pesquisei.

Essa é mais uma mania.

Sempre que vou a algum lugar novo, procuro descobrir todas as informações essenciais antes.

Ele continua me observando em silêncio e começo a ficar ansiosa.

Quinze almofadas - conto rápido.

Será possível? Ímpar de novo?

“O que você tem contra números pares?” - pergunto, sem encará-lo. -
“Até suas tatuagens são ímpares, pelo amor de Deus! Custava fechar em vinte e duas? Quem faz vinte e uma tatuagens?”

Desde a minha confissão no helicóptero, ele manteve-me mais próxima do que já costuma fazer.

A sensação de estarmos sozinhos é emocionante.

Na casa de *Carmel*, por mais discreto que seja, sei que Zach também está lá, mas agora somos só nós dois.

Quando eu olho para trás, ele está vindo para mim.

Não pegou as muletas e percebo que suas passadas ainda são incertas, mas apesar disso, Axel é a pessoa mais autoconfiante que já conheci.

Isso não é pouca coisa, se você considerar que fui criada por dois machos-alfa - Ethan e Lucas.

Na verdade três, se contarmos Amos, o marido de Lilly.

“Então você não gosta de números ímpares?”

Sua voz está mais rouca do que o normal, o que faz com que minha pele fique arrepiada na hora.

“Não há nada de errado com os pares.” - defendendo-me.

“E nem com os ímpares.”

“Você segue algum tipo de padrão? Treze almofadas em *Carmel*, quinze aqui. E as tatuagens? O que me diz sobre elas?”

Sei que estou atropelando as palavras, mas é porque estou trêmula de desejo.

Axel disse, naquela primeira vez que nos beijamos, que talvez eu nem soubesse o que era ficar excitada e provavelmente estava certo na época. Agora, no entanto, basta que ele respire em uma raio de cinco metros e meu corpo já pega fogo.

“Vem aqui, Khayla.”

“Achei que você fosse me mostrar a casa.”

“Depois.”

Ele estica a mão, esperando a minha e eu demoro apenas segundos antes de ceder.

Nossos corpos estão tão colados quanto é fisicamente possível e um estremecimento me percorre.

Por conta de sua lesão, raramente nos sentimos assim, de pé.

Geralmente, ele me puxa para o seu colo ou eu vou espontaneamente. Agora, nessa posição, cada músculo do seu corpo molda-se ao meu e a sensação é deliciosa.

“Eu não consigo ficar longe de você.” - ele diz em meu ouvido, apesar de parecer estar falando consigo mesmo - “Por que?”

“Por que o que?”

“Por que a vontade de estar com você não passa, princesa? Estamos juntos há duas semanas. Já era para eu ter me acostumado.”

“Você não gosta de me querer por perto?”

Pensar nisso me deixa um pouco triste. Cada dia mais eu adoro nossa convivência.

Ele me dá um beijo muito leve na boca.

“Ao contrário. Eu gosto muito. Só não entendo.”

“Eu também não, mas não me importo.”

“Não?”

“Eu não. Nós temos um acordo: você vai me ensinar a viver com menos medo. Isso soa como um plano para mim e eu gosto deles. Não quero mais pensar a cada passo. Estou disposta a arriscar. No fim de tudo, cada um seguirá sua própria estrada.”

“E se não for suficiente?”

“Terá que ser, Axel.”

CAPÍTULO 26

AXEL

Quando pensei em trazer Khayla para minha casa - o que parece ter acontecido em outra vida - a intenção era que pudéssemos ficar juntos, resolvendo de uma vez por todas minha necessidade por ela que já se arrastava por anos.

Na minha cabeça, isso duraria um período.

Uma semana, um mês, mas com toda certeza, com prazo para acabar.

Pausa.

Eu pensei que fosse isso o que eu queria.

Achava que quando ficássemos, mesmo que não fosse da maneira que eu estava acostumado a me relacionar - duas vezes no máximo com a mesma pessoa - iria chegar o momento em que o meu desejo seria saciado.

Esse foi o meu primeiro erro.

Subestimar a forma como ela atua em meu sistema.

Agora, com cerca de meio mês de convivência, sou como um viciado.

Não estou falando apenas de como preciso do contato com sua pele ou de seus beijos.

Eu quero tudo e em doses cada vez maiores.

Seu sorriso é quase uma marca registrada - em um mundo em que as pessoas em sua maior parte escolhem ignorar umas as outras, Khayla é sempre doce e gentil.

Ela cumprimentou o porteiro do aquário e perguntou sobre o seu dia. Bate papo com Zach e pela primeira vez, vejo-o interagindo além do

necessário com alguém. Zachary não é do tipo que joga conversa fora.

Até a fisioterapeuta ela conseguiu dobrar.

A primeira vez que a mulher esteve lá em casa, olhou-a com desconfiança, acho que tentando encontrar um motivo para criticá-la por, de uma certa forma, fazer um trabalho que era função dela.

Essa antipatia durou pouco.

Quando foi embora, a mulher a abraçou e beijou e elas falaram algo sobre uma receita caseira para esfoliação do rosto, seja lá o que isso signifique.

É assim a minha princesa.

Sem qualquer esforço, consegue conquistar todos que cruzam seu caminho.

Agora eu me pergunto como pude ser tão arrogante ao ponto de acreditar que estaria imune.

Tudo o que eu havia imaginado antes - termos um relacionamento curto e depois seguirmos em frente - deixou de valer e isso está assustando o inferno fora de mim.

Sei que vai chegar a hora em que ela voltará para casa.

Baseado no meu passado, isso deveria me fazer feliz.

Eu tenho minha deusa deliciosa e disposta a me conceder umas semanas do seu tempo e depois, teoricamente, eu estaria livre para continuar minha passagem aqui na Terra como bem entendesse.

Só que ao invés de alívio, sinto como se um relógio estivesse soando o tempo todo.

Tic-tac, tic-tac, tic-tac.

Uma espécie de aviso que cada vez mais estamos perto do fim.

O que, em outra época seria um arranjo perfeito, agora só faz com que a minha cabeça doida fique criando uma forma de retê-la ao meu lado depois que as horas que eu propus acabarem.

Pensando racionalmente, sei que é quase impossível.

Além do fato de morarmos em cidades diferentes, numa época normal, eu viajo durante boa parte do ano, enquanto ela precisa de uma base fixa por conta da faculdade.

Sim, esse é meu lado otimista falando.

Prefiro pensar que são apenas essas as razões pelas quais ela não aceitaria continuar o que temos e não o fato de que a qualquer momento, chegará o fodido senhor perfeição e a roubará de mim em definitivo.

Sabe o que é mais louco?

Eu não consigo nos definir.

Acho que nenhum de nós dois consegue, mas apesar disso, é como se já pertencêssemos um ao outro.

A ideia de que eu ou ela fiquemos com outras pessoas parece errada de todos os malditos ângulos que eu olho.

Quando ela contou no helicóptero que preferiu parar o relógio por um tempo, foi como ganhar um fodido prêmio porque, além de desejar que ela realmente se arrisque um pouco mais, o que me levou a fazer a proposta das cento e sessenta e oito horas foi conseguir uma desculpa para tê-la ao meu lado.

Na ocasião, pensei que era uma ideia brilhante.

Uma semana dividida por horas seria suficiente.

Agora, acho que deveria ter proposto meses.

Será que ela teria concordado?

Quando a escutei dizer que o tempo que determinei no início do acordo terá que ser o bastante, tentei descobrir uma forma de fazê-la mudar de ideia.

O problema é que não sei o que oferecer.

Olhando-a andar pela casa, assim como acontece em *Carmel*, parece certo para caralho ela estar aqui.

Eu que sempre apreciei meu tempo sozinho, começo a achar meus dois

lugares grandes demais somente para mim.

Antes do acidente, minhas casas estavam constantemente cheias. Não tanto por vontade própria, mas por, como bem disse Linus, deixar que Isaac fizesse o que bem entendesse.

Apesar disso, nem por uma vez eu me senti menos solitário.

Depois que ela veio, no entanto, é como se toda a parte vazia em mim - uma grande parte - fosse preenchida.

Quando ela voltar para a faculdade, será que me deixará visitá-la nos fins de semana, se eu estiver na Califórnia?

Não tenho certeza da resposta e isso me deixa meio insano.

“Agora é um bom momento para colocar o relógio para correr, amor.”

Não é realmente o que eu quero - usar mais das nossas horas - mas estou dando uma espécie de aviso.

“Por que?”

Posso ver o quanto está nervosa, mas excitada também.

Suas pupilas estão dilatadas e ela está derretendo de tão quente em meus braços.

“Porque hoje você é minha. Eu quero o dia todo. Sem qualquer pensamento que não sejamos nós dois.”

“Nós vamos sair?”

“À noite, sim, mas durante o dia eu quero exclusividade.” - mas então lembro de como ela estava com dor há alguns dias - “Você está melhor? Consegue ficar na praia um pouquinho? Ela é privada como a de *Carmel*, mas se preferir podemos apenas ficar na piscina.”

“Eu já estou bem. São só... *huh*... dois, três dias até tudo acabar.”

Nunca me interessei por essas especificidades femininas, mas agora guardo a informação como se fosse o cálice sagrado.

“Você precisa se trocar.”

“Vou colocar o maiô. Pode mostrar meu quarto?”

“Não precisa desfazer a mala. Em cima da cama tem uma surpresa para você.”

“Não sei se gosto de surpresas. O que é?”

“Sério? Que pena. Gostando ou não, você está no meio do desafio, princesa.”



“Você não vai subir na prancha.”

“Alguém já disse que você é tensa demais para uma garotinha?”

Ela me olha com cara de quem vai me matar, mas depois cai na gargalhada.

“Um surfista doido uma vez falou algo do tipo, mas como ele é maluco, não levei em consideração.”

“Talvez tenha sido uma boa coisa ignorá-lo.”

“Não é?”

Ela balança a cabeça, mas acaba vindo para o meu abraço.

“Eu estou falando sério, você não está pronto para surfar ainda.”

Estamos na garagem da casa e eu pedi que um funcionário da manutenção do condomínio levasse a prancha de *stand up paddle* para a praia.

Desde então, Khayla está quase surtando.

“Tenha um pouco de fé em mim, princesa. Eu sou louco, não burro. Sei que meu quadril e pernas ainda estão instáveis.”

“Então o que está tramando?”

Ela me olha desconfiada.

Aliás, ela está desconfiada desde a hora em que mandei que verificasse a surpresa no quarto.

Observo o *shorts* e a camisetinha, me perguntando se ela teve coragem de usar o que comprei.

“Você disse que já fez *sup* uma vez e como quase todas as minhas coisas favoritas envolvem água e você, achei a combinação perfeita.”

“Você flerta como respira.”

“Não é verdade.”

E não é mesmo.

Nunca fui do tipo que diz coisas para ganhar uma mulher pelo simples fato de que nunca precisei.

“E todas aquelas garotas na época do colégio?”

Sorrio, porque ela acaba de dar uma escorregada sem perceber.

“Você estava prestando atenção, linda?”

“Eu não precisava, Axel. Você e sua turma desfilavam pelo colégio como se fizessem parte da realeza.”

“Eles achavam que eram realmente.”

Estamos andando para a areia e ela puxa uma das espreguiçadeiras.

“Aqui, sente um pouquinho. Você tem abusado, Axel King.”

Como ela consegue fazer isso?

Khayla aquece meu coração com o gesto mais simples.

“Você não?”

“O que?”

“Você disse que seus amigos achavam que eram da realeza. Você não?”

“Não. Eu sempre soube que era um plebeu.”

Ela senta na mesma espreguiçadeira que eu, de frente para mim, aproximando-se tanto quanto possível.

Fico meio aliviado por saber que não sou só eu que não consigo manter distância.

“Não é o que o mundo diz, King.”

“Você está se transformando em uma provocadora, princesa?”

“Talvez eu só estivesse escondendo meu lado provocante.”

Ela ri erguendo os cabelos como se posasse para um fotógrafo.

“Não de mim.”

“O que?”

“Você sempre me provocou mesmo sem saber.”

“Você nem me enxergava.”

“Eu enxergava você muito bem. Só que você era um bebê, Khayla.”

Ela parece subitamente envergonhada com a minha confissão.

“Por que você disse que não é da realeza?” - muda de assunto.

Penso um pouco antes de responder.

Não sou um cara que gosta de recordar, mas alguma coisa me faz querer compartilhar tudo com ela.

“Minha mãe não era namorada do meu pai quando engravidou. Eles ficavam. Acho que Linus nunca gostou dela realmente, mas se casou quando descobriu que estava grávida.”

Ela olha para baixo e quero saber o que está pensando.

“O que há de errado?”

“Nada. Eu só não gostaria que um homem ficasse comigo por causa de um bebê. É por isso que vou pensar muito antes de escolher alguém.”

Essa é a última coisa que quero imaginar no momento: Khayla grávida de outro cara.

“Não.”

“Não o que?”

“Por todas as nossas horas juntos, seu homem perfeito está fora da mesa. Nada de falar sobre ele. Somos só nós dois. Você é minha.”

Encaro-a, esperando que proteste.

Estou em guarda, pronto para uma briga, mas como sempre, ela me desarma totalmente.

“Meu erro.” - diz e me dá um beijo - “Continue contando a história dos

seus pais.”

“Eles brigavam muito. Linus não é do tipo romântico e acho que ela sonhava com a família perfeita.” - é a minha vez de olhar para baixo - “Por outro lado, era instável emocionalmente. Quando eles discutiam, ela sumia comigo.”

“Como assim *sumia* com você?”

“Sumia. Mudava de cidade, de estado.”

“Meu Deus!”

“Nós moramos em lugares estranhos, sujos, escuros. Na época, eu não entendia o que se passava, mas depois que cresci, descobri que ela estava viciada em antidepressivos. Ela vivia fora do ar e se eu quisesse comer, tinha que me virar. Nossas aventuras, como ela chamava, chegavam a durar dois meses, até que Linus nos encontrasse e trouxesse de volta. Foi por isso que me formei um ano depois de todo mundo. Quando ela fugia comigo, eu não ia à escola.”

“Axel...”

Com qualquer outra pessoa, a tristeza que vejo em seu rosto me faria ficar com raiva.

Nunca precisei da pena de ninguém.

Mas essa é a minha princesa e pela primeira vez deixo toda a confusão dentro de mim vir à tona.

Então, quando ela se aproxima montando meu colo, eu não a afasto.

“Eu passava os dias na rua, geralmente metido em alguma briga.”

“Quantos anos você tinha?”

Dou de ombros.

“Isso durou quase a minha infância inteira, mas depois da última vez que ele nos trouxe de volta, ela e Linus chegaram a uma espécie de acordo e vivemos bem por um período de quase três anos. Quero dizer, bem para os padrões deles. Eu frequentava um colégio regular e consegui fazer uns

amigos também.” - o que eu não falo, é que eu vivia com medo de ter que deixar tudo para trás outra vez - “Só que ainda não era o bastante para ela. Linus já era famoso e precisava viajar muito. Como eu estudava, não podíamos acompanhá-lo.”

“Ele a traía?”

“Não que eu tenha descoberto. Os estúdios eram sempre cheios de mulheres, mas quando não estava trabalhando, ele ficava com a gente em casa.”

“Lucas disse que ela faleceu quando você era adolescente.”

Balanço a cabeça concordando.

Até hoje é difícil para caralho falar no assunto.

“Ela disse que havíamos saído de férias, mas pode ser que estivéssemos fugindo mais uma vez. Ela mentia muito.”

“O que aconteceu?”

“Fomos para Porto Rico. Ela falou que Linus nos encontraria lá, mas não tenho certeza quanto a isso.”

“Você não perguntou a ele depois?”

Balanço a cabeça em negativa.

“Certo. Termine.”

“Eu estava feliz porque qualquer coisa que envolvesse mar me deixava eufórico. Surfando era a única hora em que eu não precisava pensar em minha vida desregrada. Como já estávamos há mais de dois anos sem fugir, achei que era somente uma viagem mesmo. Eu deveria ter lido os sinais.”

“Não. Você era uma criança. Crianças não precisam tomar conta de seus pais. É ao contrário, lindo.”

É a primeira vez que ela me chama por um nome carinhoso e ainda que isso faça de mim um cretino carente, sinto calor se espalhar pelo meu peito.

Estamos abraçados e ela acaricia meu cabelo enquanto conversamos.

“Dois dias depois que chegamos lá, ouvi a porta da varanda da casa em

que nos hospedamos abrir. Já estava quase amanhecendo e era a hora que eu gostava de acordar para surfar. Algumas vezes Serena ia comigo, assim, achei que ela podia estar um pouco adiantada.”

“Serena era sua mãe?

“Sim.”

“Você não chamava nenhum dos dois de pai e mãe?”

“Não que eu me lembre. Enfim, quando eu saí da casa, ela já estava na água. Não sei o que ligou o sinal de alerta em mim. Talvez o fato de que ela ainda vestia camisola. A coisa é que saí correndo e entrei atrás dela. O mar ali era bem agitado e não ajudou o fato de que ela estava completamente fora do ar.”

“Fora do ar?”

“O médico disse depois da autópsia que havia um coquetel de remédios o suficiente em seu sistema para derrubar um cavalo. Analgésicos, calmantes, antidepressivos. O que você imaginar.”

“Deus.” - ela me aperta forte em seus braços - “Por isso você não gosta de pílulas para dor?”

“Isso. Nunca vou permitir que essas merdas nublem minha cabeça.”

“Ela se afogou?”

“Sim. Eu não consegui tirá-la da água. Eu tentei, mas não importava o quanto eu nadasse, a correnteza sempre me arrastava de volta. Acordei no hospital três dias depois e Linus estava lá. Minha mãe havia partido.”

“Eu sinto muito. Você não imagina o quanto. Não sei o que fazer para ajudar a dor a passar.”

“Não precisa. Só estar aqui comigo já é o bastante. Eu nunca contei como tudo aconteceu a ninguém. Nem mesmo ao meu pai.”

“Obrigada por isso. Sua confiança significa muito para mim.”

“Por que?”

De repente, sinto-me vulnerável por ter me aberto tanto.

Ela me dá um beijo e depois se afasta para falar.

“Porque eu adoro você, Axel King. E adoro ser sua amiga.”

“Não é suficiente.”

“Como assim?”

“O título. Já que gosta tanto de dar nome às coisas, melhore isso.”

“Não entendo...”

“Você disse que adora ser minha amiga. Não é o bastante. Mude isso, Khayla.”

“Axel...”

“Mude.”

“O que você quer que eu diga?”

Seguro seu rosto com ambas as mãos.

“Você não sabe?”

“Não.”

“Que você é minha.”

CAPÍTULO 27

KHAYLA

“Você não quer dizer isso.”

Saio da espreguiçadeira porque não consigo mais encará-lo.

O que deu errado? Em um momento estávamos conversando como sempre fazemos - é tão mais tranquilo assim - e no outro, ele começa a brigar comigo.

“Eu quero. Do que você sente tanto medo, afinal de contas? De chegar à conclusão de que o *senhor perfeição* não é nada perto de um relacionamento real?”

“Nós não temos um relacionamento.”

“Temos sim. Talvez seja covarde demais para admitir estar envolvida com o cara errado. O mesmo que, como você mesma disse, está longe de ser o homem dos seus sonhos, mas adivinha? Eu estou aqui com você, Khayla. Sou eu que a beijo todas as noites. É nos meus braços que você geme de prazer.”

“Por que você está dizendo essas coisas?”

“Porque todas elas são verdade. Talvez eu seja louco, imaturo e não tenha um emprego de nove às cinco, mas eu quero estar com você. A cada maldito segundo, eu quero estar com você.”

Eu não consigo mais ficar parada e tirando a roupa, corro para água.

Nessa hora, esqueço totalmente o quanto fiquei envergonhada quando vi os dois pedacinhos de pano que ele comprou para substituir o meu maiô.

Mergulho no mar gelado sem nem me acostumar antes. O choque de temperatura não é nada perto dos tremores que atravessam meu corpo.

Estou apavorada por causa do que ele quer que eu enfrente.

Eu vi isso chegando.

A relação da gente - sim, uma relação - fugindo do controle, crescendo, intensificando, jogando meus planos tão cuidadosamente elaborados para o espaço.

Ao invés de pensar exaustivamente como costumo fazer, no entanto, preferi só sentir, tentando não me preocupar com o todo.

Um movimento me faz perceber que não estou mais sozinha.

Em segundos, Axel emerge na minha frente e por mais louco que seja, uma parte minha está aliviada por ele ter vindo atrás de mim.

“Você não vai fugir.”

“Eu não sou uma prisioneira.”

Seu rosto não está mais tão zangado quanto há pouco, mas muito sério.

“Não é, mas ainda assim, eu a perseguierei. Eu irei atrás de você a cada fodida vez, Khayla, até que me diga com todas as letras que não sou eu o que você quer.”

“Esse não era o combinado.” - choramingo - “Por que você tem que complicar tudo?”

Finalmente, ele parece relaxar um pouco.

“Porque eu não consigo ficar longe de você.”

Ele me pega no colo e enrosco minhas pernas em sua cintura.

“Eu não posso deixá-la ir.”

“Eu não quero ir, mas também não quero decidir nada agora.”

Antes que ele possa responder, subo meu corpo para alcançar sua boca e coloco minha alma no beijo.

Só os poucos minutos que ficamos brigados já foram um inferno de ruim.

Ainda estou com medo do que ele vai falar, então me empenho para fazer seu cérebro virar mingau assim como ele faz comigo.

Quando finalmente me afasto para respirar, meu coração está batendo tão

forte como se eu tivesse acabado uma prova de corrida.

“Eu não gosto de brigar.”

“Você não gosta de ser confrontada.”

“Dá no mesmo.”

“Não dá não. Eu não sei fingir. Não faço rodeios sobre o que eu quero.”

“Você é direto demais. O que eu fiz de errado?”

“Se recusou a dizer a verdade.”

“Não existe qualquer verdade no que você pediu. Eu não sou sua.”

Ao invés de me desdizer, ele me beija.

Não um beijo como qualquer um que já tenhamos dado.

Mas *o beijo*.

Daquele tipo de inverter a rotação da Terra.

De fazer com que todo o meu corpo fique mole e pedindo por mais.

De fazer com que a agonia entre as minhas coxas volte, ansiosa e pulsante.

Eu não me importo mais sobre o que estamos discutindo ou quem tem razão.

Eu só quero ficar aqui, em seus braços, aproveitando tudo o que só ele me faz sentir.

Empurro meu corpo contra o dele e vejo como está excitado, o que só serve para agravar minha necessidade.

Lambo, sugo e mordisco seu ombro.

Sal e Axel.

Uma delícia.

“*Hummm...*”

“Khayla...”

“Não fale nada. Eu não quero conversar. Só sentir.”

“Peça.”

“Toque-me.” - gemo, enquanto me movimento contra sua ereção.

Eu agora já aprendi exatamente o que preciso fazer para me satisfazer.

Ele me segura pelo bumbum e a minúscula calcinha do biquíni não me protege nada de suas mãos curiosas.

Axel mais insinua do que toca, deixando os dedos correrem até o limite entre o tecido e a minha pele.

“Mais.” - imploro.

“Onde?” - sua voz é quase um rosnado.

Ele morde meu pescoço e depois sobe para o lóbulo da orelha.

“Eu não sei. Eu preciso de mais.”

“Eu quero sentir você em meus dedos.”

“Faça. Eu não posso esperar.”

Eu sei o que pedi.

Eu imaginava que seria bom porque tudo o que ele fez até agora foi delicioso, mas nada me prepara para a primeira vez que sinto sua mão tocando meu sexo.

Como se tivesse vida própria, meu corpo busca seu toque e eu ondulo nele.

“Porra, Khayla.”

“Tão gostoso. Eu não quero parar. Por favor, não pare.”

“Para casa. Agora.”

“Mais um pouquinho, Axel. Não vou conseguir esperar até entrarmos.”

“Você quer gozar?”

“Sim.”

“Gostosa.” - ele chupa e morde meu lábio inferior - “Não consegue esperar para molhar meus dedos com seu mel?”

Posso ver que ele está tão ou mais louco que eu.

Ele brinca com a parte mais sensível do meu sexo. Puxando de leve, estimulando, me transformando em uma viciada.

“Eu quero isso aqui na minha língua. Eu quero ouvir você gritar

enquanto se derrama na minha boca. Eu preciso beber você uma e outra vez.”

Suas palavras são o que eu precisa para gozar forte.

A sensação de fazer isso pela primeira vez através do seu toque é indescritível.

É como se ele conhecesse cada pedaço de mim, assim como meu corpo o reconhece.

“Leve-me daqui.” - gemo com a cabeça em seu ombro.

“Nós não acabamos. Nem perto disso.”

Olho para ele e a seguir dou um beijo lento, deixando minha língua passear em sua boca.

“Eu sei.”



Apesar do que ele disse, Axel está me tratando como um cristal e não é isso o que eu quero.

Pela primeira vez, eu me senti uma adulta, tomando as rédeas da minha vida.

Eu não recuei diante da atração que sentimos e fui confiante o bastante para deixar tudo acontecer.

Em meu mundo, isso é uma mudança e tanto.

Eu não sei o que vai rolar depois que entrarmos.

Não me importo, para ser sincera.

Confio nele.

Axel não me machucaria voluntariamente e estou falando dos dois lados - corpo e coração.

O que temos não está nem perto do que eu pensei que seria meu primeiro relacionamento, mas eu não consigo resistir.

Eu tentei, mas pesando tudo, virar as costas para ele vai doer mais do que me arriscar.

Não tenho e nem quero fazer qualquer plano sobre nós dois, no entanto.

Sentir.

Talvez seja isso o que ele quis dizer sobre sair da minha zona de conforto.

“Eu não estou com medo.”

Ele para e me olha.

“Você nunca precisará ter medo de mim.”

“Eu não tenho medo de você. Nunca tive, mas não é disso que estou falando. Eu não estou com medo do que acaba de acontecer. Eu quero mais.”

CAPÍTULO 28

AXEL

Eu quero mais.

Em qualquer outra época, suas palavras soariam como música em meus ouvidos.

Hoje? Estou apavorado com a possibilidade de estragar tudo.

Lucas disse que ela quer um príncipe.

Eu nunca fui algo nem perto disso para alguém, então, enquanto voltamos para casa, eu a mantenho presa no meu abraço.

O medo de que ela vá embora ainda não passou, apesar do que acabamos de viver.

Jamais desejei tanto que as minhas pernas estivessem em toda sua potência. Assim, eu poderia pegá-la no colo no caminho para dentro e garantir que não fugirá.

Racionalmente, sei que a chance de que ela faça isso é pequena, mas acho que volta e meia você esquece de quem eu sou.

Um obsessivo.

Quando quero algo, pensar em detalhes é uma das principais características da minha loucura.

Tentar eliminar qualquer coisa que possa me separar do que eu quero - e o que eu quero é Khayla.

Eu não sei como ela consegue.

Não posso analisar o que faz com que tudo com ela seja diferente, mas minha vida pode ser dividida em antes e depois de estarmos juntos.

Até pouco tempo, eu achava que havia experimentado quase tudo, apesar de só ter vinte e dois anos.

Você amadurece rápido, de uma certa forma, quando tem que andar pelo mundo sozinho como eu fiz desde que iniciei a carreira.

Mas toda a minha experiência não é nada quando ela vem para os meus braços como fez há pouco.

Quando ela me entrega sua confiança e pede por mim.

Quando ela dá a nós dois a chance de vivermos nossa história.

É isso aí.

Não há mais qualquer dúvida na minha cabeça de que temos uma prontinha para ser vivida.

Chegamos na espreguiçadeira e eu me abaixo para pegar uma toalha e secá-la.

Ela tem um lado independente afluando dia a dia.

Eu já percebi como fica chateada quando Lucas ou alguém da família tenta protegê-la.

Agora, no entanto, ela deixa que eu trabalhe minha loucura e fico agradecido por isso.

A verdade?

Khayla consegue me ler como ninguém e parece não se assustar com o que vê.

Não sei se as outras pessoas percebem, mas há um lado rebelde em minha princesa. Uma parte dela que grita para viver.

Eu também caí nesse mesmo erro de achar que sua introspecção era timidez.

Não.

Ela talvez pense demais a cada passo, mas agora tenho certeza de que sabe o que quer.

“Você não precisa fazer isso.” - diz, enquanto passo a toalha por seu

cabelo.

“Eu sei, mas eu gosto de cuidar de você.”

Ela tira a toalha das minhas mãos.

“Eu quero mais.” - repete.

Ela se estica e põe os braços em volta do meu pescoço.

Está praticamente nua com o biquíni que eu comprei e meu corpo demora milésimos de segundos para responder.

Ainda assim, apesar de ser uma praia particular, não quero expô-la a olhares curiosos e depois de dar mais um beijo, acabamos o caminho até a casa.

“Eu preciso tomar um banho.”

Ela já não parece tão confiante.

Paramos na sala e mesmo estando ambos molhados, eu a puxo para o sofá.

“Daqui a pouco.”

Deito e a trago para cima de mim.

“Você disse que quer mais. O quanto mais?”

“Eu não sei. Brincar, eu acho.”

“Brincar?”

“Conhecer seu corpo. Eu não sei até onde.”

Fecho os olhos por um instante.

Eu posso fazer isso. Levar no tempo dela.

“Tudo bem.”

“O que isso significa?”

“Você disse que quer brincar, princesa. Eu estou aqui. Mostre-me.”

Ela levanta a cabeça do meu peito como se fosse protestar. Posso ver que deseja que eu tome a iniciativa, mas ela terá que deixar claro o que quer.

Tenho medo de foder com tudo.

Sou pego de surpresa quando ela beija meu peito.

Ela nunca tocou nada em meu corpo, além do dia em que mexeu um pouco no *piercing* ou dos beijos na boca, então observo fascinado enquanto ela deixa pequenas lambidas em minha pele.

“Olhe para mim.”

Ela para o que está fazendo e me encara.

“O que?”

“Olhe para mim, enquanto estiver me tocando. Não desvie o olhar.”

Segundos se passam antes que ela recomece sua sedução.

A cada beijo ou mordida, ela ergue a cabeça.

Minha pulsação enlouquece enquanto observo a boca deliciosa me provando e antes que consiga me impedir, passo um dedo em seus lábios.

É quase um teste, a princípio, mas como sempre, as coisas entre nós dois saem do controle muito rápido e eu preciso de uma dose maior do que ela está oferecendo, então acrescento mais um ao primeiro e forço-os um pouquinho em sua boca.

Ela dá um beijo nas pontas, mas a seguir, separa os lábios, deixando-me entrar.

O corpo se move sobre o meu e com a mão livre, eu a puxo mais para cima, trazendo-a para onde preciso.

As pernas se separam e agora eu consigo sentir onde meus dedos estavam tocando-a há pouco.

Ela começa a se mexer, ao mesmo tempo que intensifica a sucção dos meus dedos.

“Eu sinto meu gosto em você.”

Porra!

“Lamba-os. Eu preciso ver.”

Quando ela faz, não é nada ensaiado.

Sei que aquilo é novidade para ela, o que só me deixa ainda mais ligado.

Escorrego a mão na parte de trás da calcinha do biquíni e espero.

Ela decidirá até onde iremos.

Ao invés de recuar, ela ergue o bumbum, dando mais acesso.

Continuo a caminhada suave para descobri-la e ela abre ainda mais as coxas.

Quando alcanço o calor entre suas pernas, ela inicia um rebolado leve, mas exigente.

“Ahhhhh...”

“Você gosta disso?”

“Sim. “

“Quanto você gosta, amor?”

“Acho que estou me tornando dependente.”

Puxo-a pela nuca porque não posso simplesmente olhar aquela boca sexy. Ao mesmo tempo, intensifico o meu toque.

“Eu não sei o quão longe poderíamos ir. Você pode me mostrar?”

Jesus Cristo!

“Eu quero provar você.”

“Como?”

Tiro os dedos da sua calcinha e trago para a minha boca.

Ela mal respira, atenta enquanto sugo um e depois o outro.

“Seu gosto é delicioso, Khayla.”

Vejo o movimento de sua garganta, enquanto ela engole em seco.

“O que você quer fazer?”

“Você confia em mim?”

Ela balança a cabeça fazendo que sim.

“Não desse jeito, linda. Nada entre nós pode ficar subentendido.”

“Confio. Não me torture.”

“Eu estou torturando você, amor?”

“Para mim soa como tortura se você não dá o que eu preciso.”

“E o que você precisa?”

“Eu não sei ao certo, mas acho que você tem a resposta. Você agora conhece meu corpo melhor do que eu mesma.”

Inverto nossa posição e fico por cima dela.

Aguardo para ver se irá reclamar, mas ela ainda continua esperando. A respiração mais acelerada do que nunca.

Suas mãos vão para minha nuca, puxando meu cabelo em urgência.

“Eu quero provar seu gosto.”

“Você quer me tocar... com a boca?”

Deus, ela vai acabar causando um mau funcionamento ao meu coração.

A forma inocente e ao mesmo tempo direta com que pergunta as coisas brinca com a minha sanidade.

“Língua, lábios.... bem aqui.”

Deixo minha mão descer entre nós e sem pedir licença agora, puxo a calcinha do biquíni para o lado, tocando seu sexo úmido.

Ela não hesita, montando minha mão, querendo mais.

“Você é minha sim.”

Ela para de me beijar e olha parecendo pronta para protestar.

Deixo meus dedos brincarem com sua abertura, separando, deslizando, exigindo.

“Negue isso.”

“Eu não posso.”

“Negar ou confirmar?”

“Os dois.”

É como se ela ligasse um interruptor.

Ergo-me, ajoelhando-me entre suas pernas.

Seguro ambos os lados da calcinha para ela saber o que eu quero.

Ela levanta os quadris, facilitando meu caminho.

Nem por um momento, desviamos nossos olhos.

“Você quer se mostrar para mim?”

“Sim.”

Desço o biquíni até o meio das suas pernas somente.

Juro por Deus que não existe nada mais perfeito do que vê-la se entregando. A penugem loira do seu sexo pedindo pela minha boca.

“Separe as coxas.”

Para minha surpresa, ela toma a iniciativa de tirar o resto do biquíni.

“Impaciente, linda?”

“Você vai me matar.”

“O que você quer?”

“Você disse que quer me provar. Por que está me fazendo esperar tanto?”

Abaixo, rendido pelo seu desejo.

Aproximo-me devagar, sentindo o cheiro delicioso de sua excitação.

Quando olho para cima, ela está apoiada no cotovelos, observando.

"Por favor.”

Quando provo-a pela primeira vez, ela geme alto.

“Meu Deus.”

Eu não poderia parar nem se o mundo estivesse acabando.

Morrendo de fome, devoro tudo dela.

Experimento seu sabor, determinado a fazer com que diga meu nome quando por fim, se render.

Coloco suas pernas sobre meus ombros e ela move o corpo querendo mais.

Eu não sei quanto tempo se passa.

Tudo se resume a ela.

A princesa que eu esperei e que agora está quente e apaixonada em meus braços.

Sua mão vai para o meu cabelo e posso sentir pela maneira como as pernas estão trêmulas que ela está muito perto.

Estou desesperado.

Com qualquer outra mulher, eu já teria ido até o fim, mas mesmo com a mente quase explodido de desejo, refreio minha necessidade.

“Axel...”

“Mais alto, Khayla. Goze gritando meu nome. Não esqueça que sou eu aqui com você.”

CAPÍTULO 29

KHAYLA

Estamos deitados no sofá e ele mexe no meu cabelo.

Sinto-me no meio do caminho entre sonho e realidade.

O sono me puxa forte e acho que nunca antes meu corpo esteve tão relaxado.

Depois de me levar para passear entre as estrelas algumas vezes, ele colocou minha calcinha no lugar e me beijou. Desde então, me mantém colada sobre seu corpo.

Nós sempre conversamos até aqui.

Quero dizer, sem medo de errar, Axel é a pessoa com quem mais falei na vida. Agora, no entanto, estamos apenas nos sentindo, fechados no mundo que acabamos de criar.

Sim, porque ainda que não seja fácil admitir, sei que cruzamos uma linha.

“O que você está pensando?”

Seu silêncio está me deixando um pouco ansiosa.

Não pelo que aconteceu ou por termos alcançado esse nível de intimidade.

Apesar de nada ter sido planejado, eu não me arrependo e sei que para ele tudo foi tão intenso quanto foi para mim. Eu não preciso ser experiente para entender que estávamos mergulhados na mesma loucura.

Eu vi isso em seu rosto.

Nos primeiros dias em que ficamos juntos, achei que ele estava atrás de

sexo. Como eu falei daquela vez e ele ficou tão chateado - uma distração de verão.

Talvez não conscientemente ou exatamente com essas palavras, mas uma ficada de verão sim.

Agora, depois de nossa briga na praia e de tudo o que se seguiu, minhas certezas estão todas embaralhadas.

Ele pediu para que eu mudasse o rótulo que nos dei. Que sermos amigos não é o bastante.

No passado, seria fácil para mim nos classificar. Ainda que não seja algo que eu tenha feito antes, eu chamaria o que temos como *passando o tempo juntos* - sem qualquer laço mais profundo. Só que até mesmo em minha inexperiência, sei que caminhamos para algo mais.

“Como podemos fazer funcionar.” - ele diz, enfim.

Levanto a cabeça.

“Fazer funcionar o que?” - ainda tento escapar, mas ele segura meu queixo, parecendo determinado a estragar meus planos.

Axel não fala nada. Só me encara e eu me sinto envergonhada.

Ele está certo - sou uma covarde.

“Eu não sei.” - rendo-me, por fim. - “Talvez devêssemos apenas deixar as coisas acontecerem, dentro do combinado original.”

“Por que?”

“Porque seria uma espécie de prazo de experiência para nós dois. Sem pressão ou qualquer obrigação real de decidirmos nada no momento.”

“Não é isso o que eu quero.”

“Axel, você assim como eu, também não sabe o que quer.”

“Eu sei sim.”

Deito-me outra vez em seu peito.

“Como pode ter certeza? Nunca estive com alguém antes por mais de duas, três vezes. Eu lembro de todas as nossas conversas.”

“Eu não ouvir isso novamente, Khayla. Consiga outros argumentos para me empurrar para longe.”

Ele gira nossos corpos e me deita no sofá.

Depois de me dar um beijo na testa, abre a porta da varanda, desce as escadas e começa a andar para o mar.

Eu sinto a urgência fluindo do seu corpo e acho que se ele pudesse, correria.

Estraguei tudo novamente.

Cubro o rosto com os braços por um instante querendo me esconder dele, do mundo ou de ter que tomar uma atitude.

Seria mais fácil fugir, mas apesar de estar apavorada, tenho mais medo ainda de me arrepender depois.

Sem saber, Axel preenche alguns itens da minha lista.

Ele me faz rir e deixa meu coração leve.

Também presta atenção em tudo o que eu falo.

Isso é muito importante para mim.

Na busca do homem perfeito, eu observo os casais nas ruas. Muitas vezes, em restaurantes, eles estão juntos, mas também estão sozinhos.

Ou mexem no celular ou sequer olham nos olhos um do outro.

Raramente se tocam.

Axel não é assim.

Comigo, ele está sempre atento a cada detalhe.

Nunca tivemos uma conversa em que ele parecesse alheio ou desinteressado. Por mais que discorde dos meus pontos de vista algumas vezes, ele sempre argumenta comigo, nunca deixando nada em aberto.

Não sei o que fazer.

Será que o que falei foi tão errado? Ele afinal sabe mesmo o que quer?

E o que seria isso? Ser meu namorado?

Quando saio da casa, vejo que está no mar, sentando na prancha de *sup*.

As pernas dentro da água e focado no horizonte.

Essa imagem ficará marcada como um quadro em minha memória.

Aquilo é tão ele.

Um solitário em comunhão com a natureza.

Lembro do que contou sobre a mãe e meu coração dói.

Ele se abriu comigo e disse que nunca fez isso com ninguém.

Axel não tem sido outra coisa além de incrível e respondo o que ele me entrega com covardia.

Antes de pensar demais como sempre faço, corro e mergulho, nadando até onde ele está. Subo na prancha e sem pedir licença, monto em seu colo.

“Eu também quero.”

“O que você quer?”

Ele não parece disposto a ceder tão fácil.

“Nós dois.”

“Como um prazo de experiência?”

Posso ver que ainda está com a guarda levantada.

Diferente das outras vezes, suas mãos não estão em volta da minha cintura.

“Não precisamos nomear. Acho que não gosto mais tanto assim de rótulos.” - brinco, tentando ultrapassar o abismo que se formou.

“Tudo bem, mas você está comigo. Só comigo, Khayla. Nada de ficar procurando o *senhor perfeição*.”

“Eu nunca ficaria com você pensando em outra pessoa.”

Suas palavras me chateiam e tento sair do seu colo, mas ele agora me mantém no lugar.

“Você tem que me dar algo.”

Olho-o, sem acreditar no que acabo de ouvir.

“Quer uma garantia? Você mesmo disse que isso não existe.”

“Não uma garantia, mas sua palavra de que não irá nos sabotar. Que

vamos viver nossa relação por inteiro. Que não se esconderá quando as coisas não acontecerem exatamente como sua cabeça imagina. Isso é a vida real, Khayla e nela, você não pode organizar tudo como uma maldita prateleira com itens etiquetados. Nós provavelmente nos desentenderemos algumas vezes, mas você tem que prometer que não fugirá de mim sempre que isso acontecer.”

“Sem rótulos por hora?”

“Sem rótulos desde que seja verdadeiro.”

“Tudo bem.” - dou um beijo nele porque parece que foi em outra vida que fizemos isso. - “Agora, que tal me fazer cair um pouco dessa prancha? Eu achei que você havia dito algo sobre me ensinar a surfar.”

Fico aliviada quando o vejo revirar os olhos e a sombra de um sorriso aparecer no rosto que eu adoro, indicando que estamos bem novamente.

“Praticar *sup* não é a mesma coisa que surfar.”

“Minha desculpas, meu rei. Sua princesa ainda é uma iniciante no que diz respeito à vida de sereia.”

“Minha sereia, minha princesa.” - ele fala, sério novamente e como que esperando que eu vá contradizê-lo, mas eu não quero brigar, então o beijo.

“Eu gosto de como isso soa.”



“Eu não preciso ir para uma boate para me tornar uma adulta.”

“Tem razão, mas você tem dezenove anos e nunca foi em uma. Isso é uma espécie de rito de passagem, amor. E então, vai ficar a noite toda trancada nesse banheiro?”

“A ideia não é tão ruim. Seu banheiro é lindo.”

“Khayla...”

“Só para o seu conhecimento Axel King, isso será considerado um desafio. Saiba que está gastando horas preciosas, rei.”

Olho para o espelho mais uma vez e tento puxar a saia do vestido para baixo, mas o tecido não estica.

Outro presente.

Ele deu uns telefonemas depois que saímos da água e em menos de duas horas, havia alguém batendo na porta com os braços cheios de sacolas.

“Por que eu tenho que usar isso?”

“Porque você só trouxe *shorts*, *tops* e agora tem o biquíni que eu comprei. *Shorts jeans* e *tops* estão fora para a boate, porque eles têm um código de vestimenta. Você não passaria nem da porta. E quanto ao biquíni, por mais que me agrada ver seu corpo delicioso nele, ainda não estou cem por cento em forma para vencer uma briga.”

Abro a porta, ainda insegura.

“Eu não quero que você brigue por minha causa.”

Ele não responde, só deixa o olhar percorrer todo o meu corpo, causando um rápido aumento de temperatura.

“O que você achou?”

“Vire.”

Estou doida para dizer não, mas não darei a oportunidade dele me chamar de covarde novamente, então dou uma volta lenta.

“Pare.”

Fico de costas e faço uma força danada para não me encolher.

O decote do vestido vai até o bumbum, deixando-me quase nua.

Sinto-o afastar meu cabelo e quando ele beija minha nuca, custa um nada até eu me derreter.

“Tem certeza que você quer sair?” - ainda tento.

“Não, mas nós iremos.”

Seus dentes mordiscam a pele do meu ombro, deixando meu corpo arrepiado.

“Isso é sobre testar além do que está acostumada, amor. Acredite, não existe nada que eu queira mais do que ficar trancado em casa com você, mas precisa ao menos experimentar.”

“Por que?”

Ele me gira para si, mas ao invés de me responder, me dá um beijo tão carinhoso que eu sinto como se estivesse tocando meu coração com a ponta dos dedos.

“Porque eu quero ter certeza de que você conhece o outro lado. De que sabe o que há além de mim.”

“Eu sei.”

“Sabe?”

Olho para baixo e balanço a cabeça.

“Eu vivia em sociedade antes de encontrar você, sabia? Alguns caras já me chamaram para sair.”

“E por que nunca aceitou? Por causa da lista?”

“Não, porque nunca senti vontade. Se você não reparou ainda, eu não sei fingir nem para salvar minha própria vida. Também sei o que um convite desse tipo envolve. Os caras esperam ao menos um beijo no fim da noite.”

“E você nunca quis?”

Sorrio.

“Não. Eu estava na expectativa de dar meu primeiro beijo no cara que deixaria meus joelhos bambos.”

“Você não tinha como saber disso antes de me beijar.”

“Pode acreditar, você deixou meus joelhos incertos desde que me segurou naquele churrasco.”

CAPÍTULO 30

AXEL

San Francisco

“Não é tão ruim assim.” - ela fala movendo os lábios, enquanto dança a uma curta distância de onde estou sentando.

Eu não compro seu blefe.

Minha princesa está se divertindo.

Estamos no *lounge* do *Vanity*, o mais exclusivo *nightclub* de *San Francisco* e ela está suada e com as bochechas coradas.

Eu pedi uma área separada para nós, tanto porque não a queria misturada com as pessoas que frequentam isso aqui, como porque falei sério: ainda não confio o suficiente em minhas pernas caso precise encarar uma briga.

Não há um fodido macho na boate que não a tenha devorado com os olhos enquanto entrávamos.

Khayla é linda e não precisa de nada para chamar a atenção, mas está deliciosa com o vestido curto preto.

Correndo o risco de parecer um babaca, não era exatamente o que eu tinha em mente quando pedi que a *personal stylist* de uma famosa loja de *San Francisco* escolhesse algo *sexy*.

Claro, eu queria que vivesse a experiência completa. Mesmo que a minha vontade seja passar o tempo todo com ela só para mim, não seria um jogo justo fazer do nosso acordo - que ela insiste em dizer que ainda está valendo,

mesmo depois de tudo o que aconteceu - uma viagem pelo seu corpo.

A ideia é tentadora, mas seria covardia da minha parte.

Estou realmente determinado a fazê-la experimentar. Sou um crente da filosofia de que você deve pelo menos dar uma espiada no que há do outro lado da cortina para saber se o agrada ou não.

Agora, no entanto, depois de duas horas de barulho incessante e ar viciado de perfumes e outras substâncias que deixarei a sua imaginação, penso se não exagerei.

Estou ligado ao menor sinal de que ela queira ir embora, mas minha princesa parece estar curtindo sua noite.

Ela não me deixou levantar da poltrona dizendo que abusei demais do meu quadril hoje - o que eu concordo parcialmente.

Observo a forma como seu corpo ondula e vem à memória o que aconteceu hoje mais cedo.

Ela está desarrumando toda a minha cabeça - que já não é qualquer exemplo de ordem, para início de conversa.

Eu não consigo seguir um roteiro com nós dois. Sou surpreendido a cada passo, mas para ser honesto, deixei de me importar.

A partir do momento em que ela concordou em nos dar uma chance, desisti de entender o todo.

Não pense que foi fácil.

Estou mais obcecado por ela do que nunca, o que me faz querer controlar tudo o que vivemos. Por outra lado, até aqui eu não havia sentido medo de perder nada, nada mesmo, que não fosse minha carreira, mas no momento, eu só quero fazer tudo direito e saber até onde podemos chegar.

A intuição me diz que não há um limite.

Ela ergue os braços, os olhos fechados enquanto sorri e dança. Khayla parece uma sereia, prendendo-me em seu feitiço.

Tentei nos manter o mais separados possível dos outros frequentadores,

mas infelizmente meus anos de farra tiveram um preço e um pequeno grupo de uns dez conhecidos acabou se aproximando. Então agora tenho que, eventualmente, fingir socializar e responder uma pergunta ou outra, mas a verdade é que estou cego para qualquer coisa que não seja ela.

“Vem cá.” - estico a mão e faço-a sentar em meu colo.

“Eu não quero parar de dançar.”

“Deus, eu criei um monstro.”

Ela se afasta e me dá um beijo leve.

“Talvez eu fique viciada na noite.”

“Você está gostando?”

Ela pensa um pouquinho antes de responder.

“Eu gosto de dançar, como já havia dito a você uma vez, mas não me importo se for em uma boate ou na cozinha da minha casa, dando faxina. Na verdade acho até que prefiro lá em casa, porque assim não preciso me preocupar se irão olhar o meu traseiro enquanto eu me movo.”

“Eu gosto de olhar seu traseiro.”

“Poderíamos pensar em um *show* exclusivo, King.”

Lembra do que falei sobre minha imaginação?

Nesse exato momento ela me leva para casa, enquanto Khayla me seduz com seu corpo como fez na piscina em *Carmel*.

“Nua?” - tento a sorte.

Ela balança a cabeça e sorri.

“Eu teria que nascer de novo para isso.”

“Por que?”

“Porque você precisa ser *sexy* e autoconfiante para fazer algo do tipo.”

“Você é a mulher mais *sexy* do mundo, princesa.”

“Eu sou *sexy* com você.” - algo no tom dela ativa meu desejo na hora -

“Eu sou *sexy* para você.” - fala em meu ouvido.

“Vamos embora?” - peço, enquanto seguro sua nuca e mordo seu lábio

inferior - “Eu quero você só para mim.”

“Uma última música?”

“Tudo bem.”



Ela dança para mim e é como se estivéssemos só nós dois.

A música não acaba nunca e estou quase colocando-a em meus ombros e saindo daqui.

De vez em quando, uma garota se aproxima para dançar com ela.

Doce do jeito que é, Khayla não tem ideia de que a consideram uma rival.

Conheço esse tipo de mulher.

Sabe aquela coisa de *mantenha seus inimigos por perto*? É uma espécie de mantra para elas.

Minha princesa não faz caso de que está sendo estudada em um microscópio, mas como já estamos saindo, deixo rolar.

Uma mulher senta ao meu lado e começa a puxar conversa.

Finjo não escutar o que ela diz, mas na verdade não quero nada que desvie minha atenção de Khayla e a mulher já está começando a me irritar.

Olho o relógio.

Quantos minutos mais?

Há alguns homens sondando-a.

Eles tentaram chamar sua atenção desde que chegamos, mas sempre que um se aproxima, ela desvia sutilmente.

Em cada maldita vez, tenho vontade de ir até lá, mas não quero bancar o neandertal quando a ideia de vir foi minha.

Como Khayla bem disse lá em casa, ela vivia em sociedade antes de ficarmos e eu não posso impedir que os homens a olhem.

Eu estou segurando esse pensamento e me sentindo relativamente maduro com essa coisa de dar espaço a minha menina e tal, quando um casal a transforma em uma espécie de recheio de sanduíche humano.

Ela não se dá conta do cara atrás e a minha capacidade de ser legal acaba de estourar o prazo de validade.

Quando o cretino suicida coloca a mão em seu quadril, eu vejo vermelho e levanto.

Olhar sim.

Tocar, só me matando antes.

Para minha surpresa, no entanto, ela dá um tapa na mão do bastardo e vira-se para confrontá-lo.

Não consigo escutar o que diz, mas ela tem um dedo erguido na frente do rosto dele e depois de mais alguns segundos, vem para mim.

Ela está zangada como nunca.

Mesmo depois de termos passado por algumas brigas, eu nunca a vi realmente brava.

Agora? Parece prestes a começar a arremessar coisas e fico satisfeito que não seja em mim.

“Vamos embora?” - diz, quando eu me levanto.

A mulher ao meu lado, que eu nem percebi que ainda estava aqui, levanta também e segura meu braço.

Sério, qual é o problema das pessoas com relação a respeitar o espaço pessoal do outro?

“Axel, você não pode ir. A noite está só começando.”

Essa criatura me conhece?

Eu nem a olho.

Estou totalmente concentrado em minha garota, então pego o exato

momento em que ela parece enlouquecer.

“Afaste-se.” - Khayla rosna.

O som ali já não é alto quanto no resto da boate, mas ela soa tão puta que sua voz se sobrepõe ainda mais.

“Quem é você?” - a mulher pergunta rindo.

Sei que uma pequena multidão já está se formando, mas eu não dou a mínima. Tudo o que me importa é tirar minha menina daqui.

“Vamos, Khayla.”

“Não, espera.”

Ela me empurra um pouquinho para o lado e se aproxima da mulher.

“Por que isso seria da sua conta?” - confronta-a.

"Essa é esquentada *hein*, Axel.” - alguém grita.

“Você sabe quem *ele* é, meu bem? Não se iluda achando que vai levá-la a sério. King apenas curte novidades.” - a sem noção provoca.

Tem como a noite ficar pior?

“Eu não conheço você.” - tento me defender, mas não estou muito seguro agora.

Já penso no que vou ter que fazer, todas as garantias que terei que dar a minha princesa para mostrar que aquela merda é passado, quando ela espanta o inferno fora de mim.

“Sim, eu sei exatamente quem ele é. Ele é meu...” - pausa e eu espero para ver até onde irá sua coragem.

A música que já havia baixado, cessa de vez.

“Ele é meu namorado.”

Puta merda!

A seguir, ela vira-se e passando os braços pelo meu pescoço, me beija por cerca de cinco segundos.

“Você é meu.”

Qual o ponto em negar?

“Eu sou.”

Ouçõ alguns assobios e palmas, mas não estou prestando atenção.

Se Khayla já não me tivesse enrolado na ponta do seu dedo antes, ela me ganharia agora.



Tenho-a em meu colo no táxi, no caminho de volta para casa.

Depois que a adrenalina baixou, ela apagou em meus braços.

Será que quis dizer mesmo aquilo ou estava só marcando território?

As mulheres fazem isso?

O motorista estaciona e mesmo sem querer acordá-la, chamo.

“Princesa, chegamos.”

“Não quero conversar. Estou com sono.”

“Eu sei, mas temos que entrar.”

Parecendo não saber onde está, ela aceita a mão que ofereço para ajudá-la a sair do carro.

Depois de agradecer ao motorista, passo um braço sobre seus ombros e beijo seu cabelo.

Quero muito perguntar sobre o que ela disse na boate, mas não acho que seria justo.

Ela está desmaiada.

Conformado, aceito que terei que esperar para descobrir amanhã.

CAPÍTULO 31

AXEL

Sausalito

Ela está dormindo no meu quarto.

Quero dizer, essa parte ainda está meio indefinida - sobre se o quarto é meu ou nosso.

Quando subimos, eu a puxei pela mão e não dei opção para que fosse para outro lugar.

Não é só a necessidade de controle ou qualquer outra desculpa estúpida que se encaixa como uma luva em mim. Eu simplesmente não posso deixá-la se afastar.

Estou muito acelerado e vim tomar um banho para ver se consigo baixar a adrenalina.

Perguntei se queria trocar de roupa, mas ela deitou na cama do jeito que estava. Eu que tive que tirar seus sapatos.

Ligo o chuveiro, encosto a cabeça na parede de azulejos e espero a água correr pelo meu corpo.

O que vai acontecer daqui por diante?

Eu a quero para mim.

A minha fixação está voltada no momento para convencê-la a mantermos um relacionamento exclusivo.

Não posso aceitar que o nosso tempo juntos chegará ao fim quando o

verão ou as fodidas horas do acordo acabarem.

Preciso de muito mais.

Nunca estive com uma mulher que me fizesse esquecer tudo ao redor, mas ela explode minha mente a cada oportunidade.

Jamais fiquei com garotas inexperientes. Ainda na época do colégio, preferia as mais soltas como eu mesmo era. Eu sabia que meninas como Khayla mereciam alguém melhor.

Ao contrário dos caras com quem eu andava, eu não enganava, fazia promessas de uma próxima vez ou pedia seus telefones quando não tinha intenção de ligar.

Foi assim que levei a minha vida até aqui.

Quando a trouxe para perto, não imaginei que a vontade por ela só pioraria, ao ponto de não me permitir pensar em nada mais.

Até Khayla chegar, eu queria ficar inteiro para voltar a competir no fim do ano. Agora? Só penso em uma maneira de provar que podemos fazer isso que temos funcionar.

“Você não me acordou.”

Só de ouvir sua voz ainda meio engrolada pelo sono já faz meu corpo reagir.

Estou nu, de costas para a porta.

Eu deveria mandá-la sair, mas não quero.

“Axel?”

Eu me viro para olhá-la e sei como pareço.

Como um homem louco de desejo por sua mulher.

“Você... eu... “

Ela se atrapalha com as palavras, mas não desvia a vista.

Depois desse tempo juntos, sei o exato momento em que fica com tesão.

A mudança na forma como puxa o ar.

A maneira como inconscientemente morde os lábios.

“Não vá embora.”

“Eu não devo ir?”

“Você quer ir?”

“Acho que não.”

“O que você quer, Khayla?”

“Continuar olhando você.”

“Só olhando?”

Ela dá um passo hesitante para perto.

“O que você estava fazendo?”

“Tomando banho.”

“Só isso?”

Ela parece hipnotizada pelo meu corpo, o que só faz com que minha ereção cresça ainda mais.

“O que você acha que eu estava fazendo?”

“Você está excitado. Eu não.... nós não... quero dizer, você me fez gozar um monte de vezes. Você não precisa gozar também?”

Deus, como ela consegue ser tão crua e sexy ao mesmo tempo?

“Você quer me ver gozar, amor?”

Ela muda de uma perna de apoio para outra e pela maneira como aperta as coxas, eu já sei a resposta.

“Você me deixaria ver?”

Ao invés de responder, faço minha mão tocar meu sexo duro, em uma carícia lenta e ela se aproxima sem convite.

“Tudo bem, mas eu também quero ver você.”

Não é um pedido.

Minha capacidade de contenção tem um limite.

“Como?”

“Desça a frente do vestido.”

“Devo ficar nua para você?”

“Só se você quiser.”

Ela olha para onde a minha mão está tocando e sem aviso, solta o vestido em seu pescoço.

Estou há dias me segurando, esperando, ansiando e agora qualquer pensamento lógico desapareceu.

“Tire-o.”

Eu mal consigo falar, eu quase não posso respirar.

Fecho a água e espero.

Ela faz o que eu mando e mostra-se para mim mais depressa do que meu coração estava preparado.

Seu seios são grandes comparados ao corpo delicado e os bicos rosados e duros estão implorando por minha boca.

“Tire a calcinha.”

Ela obedece.

“Eu quero entrar aí com você.”

“Você quer?”

Ela balança a cabeça.

Estamos a menos de meio metro um do outro agora.

“Eu posso beijar sua boca enquanto você se acaricia?”

“Você está tentando me matar, princesa?”

“Não. Eu só quero sentir tudo o que você estiver sentindo.”

Com a mão livre, seguro sua nunca ao mesmo tempo que aumento o ritmo da masturbação.

Eu pensei que já tivesse vivido tudo em matéria de sexo, mas nada em minhas experiências passadas é tão excitante quanto isso.

“Você tem ideia de como me deixa louco, Khayla?”

“Acho que é justo. Você brincou com meu corpo e agora quero vê-lo se dar prazer.”

“Quer? Então por que não está olhando?”

Ela morde minha boca e se afasta.

“Deixe-me tocá-lo. Ensine-me.”

“Você quer me fazer gozar?”

Sem se dar ao trabalho de responder, a mãozinha ansiosa roça de leve o meu pau.

Eu seguro-a e com a minha por cima, faço com que me acaricie.

Encosto na parede do boxe porque não tenho certeza de por quanto tempo minhas pernas me sustentarão e isso não tem nada a ver com o acidente.

“Ajude-me.”

Aperto sua mão por baixo da minha e juntos aceleramos.

“Abra as coxas.”

Quando ela faz, deixo o dedo correr até sua abertura.

“Tão molhada já. Você quer gozar também, meu amor?”

“Você sabe que sim.”

“Então monte minha mão. Pegue seu prazer.”

Estou fora de órbita.

Eu faria qualquer coisa que ela me pedisse.

Abaixo-me e sugo seu seio.

“Axel... estou tão perto.”

“Claro que está. Você está pronta para mim.”

“Axel... oh, Deus!”

“Você é minha, Khayla.”

Suas unhas roçam meu peito e quando ela puxa o anel do *piercing*, meu corpo começa a convulsionar.

“Eu vou gozar.” - aviso.

Não tenho certeza se ela me ouviu.

Ela geme alto, movimentando-se em meus dedos sem qualquer vergonha.

A cabeça inclina para trás e sua entrega é o meu gatilho.

Meu orgasmo, assim como o dela, parece durar para sempre.

Ver meu semê escorrendo em sua pele faz com que meu prazer se multiplique infinitamente.

“Diga o que eu quero ouvir.”

Dessa vez, ela não hesita.

“Eu sou sua.”



O dia ainda não amanheceu, então eu só consigo ver o contorno do seu corpo.

Eu a segurei em meus braços a noite toda.

Não consegui dormir.

Ela está nua e passei o tempo todo em um estado de semi-ereção.

Por mais que eu esteja tentando ser suave, sou humano. Nunca tive que me controlar tanto com uma mulher.

Se Khayla não fosse tão *sexy*, seria mais fácil, mas para minha sorte ou azar, ela é deliciosa.

Eu geralmente durmo nu, mas não confiei em mim mesmo para o caso de, no meio da noite, tonto de sono, acabar fazendo algo que me arrependeria depois, então coloquei uma boxer.

“Você já está acordado?” - ela dá um beijo em meu peito e volta a se aconchegar.

“Normalmente durmo pouco.” - disfarço.

“Eu adoro dormir.”

“Eu percebi.”

Ela estremece e sei que está rindo.

“Não venha me culpar, você é um colchão perfeito.”

Giro nossos corpos, prendendo-a embaixo de mim.

“Colchão, é?”

Ela abre um olho só.

“Não consegui pensar em um nome melhor, apesar de que seus músculos são duros demais para serem considerados um bom colchão.”

Duro e eu na mesma frase.

Taí um pensamento danado de certo.

“Eu adorei a noite de ontem.” - diz.

Mordo seu queixo.

“Que parte?”

Ela não recua.

“Tudo, mas principalmente saber que fui eu quem fez você gozar.”

Porra, assim fica difícil ser um bom menino.

“Foi gostoso?”- ela continua.

“Você não faz ideia.”

“Eu quero fazer outra vez.”

Por mais tentador que seja, temos algo para resolver antes.

Se alguém do meu passado ouvisse o que estou prestes a dizer, riria até o dia do julgamento final, mas preciso saber.

“O que você falou na boate... é verdade?”

O sorriso morre em seu rosto e ela olha para o lado. Acho que se não tivesse embaixo de mim, teria saído correndo.

É como tomar um soco.

Ergo-me, apoiando nos cotovelos e dando espaço suficiente para que ela saia.

“Você está livre para ir se quiser.”

“Para levantar?”

Meu coração bate acelerado, incerto sobre seguir adiante com o que devo dizer, mas não podemos continuar assim.

"Para tudo."

Vejo que ela entendeu, mas ainda tenta disfarçar.

"Tudo o que?"

"Para tudo, Khayla. Como você mesma disse ontem, não é uma prisioneira. Se não tem certeza do que quer, talvez seja melhor mantermos somente a amizade."

"Você está me mandando embora ou dizendo que quer um compromisso?"

A palavra me causaria calafrios há algumas semanas, mas hoje sei que sim, é o que quero.

"A segunda parte."

Ela começa a respirar mais rápido e percebo a ansiedade em seu rosto.

"Em que termos?"

"O que?"

"Você me chama de covarde o tempo todo, então agora chegou sua vez de colocar as cartas na mesa. Ao invés de ficar sempre me empurrando para decidir, diga-me o que você quer."

CAPÍTULO 32

AXEL

Sausalito

“Você sabe o que eu quero.”

“Em voz alta, King. Nada ficará subtendido entre nós.” - ela devolve o que eu disse ontem.

Observo o rosto perfeito da minha mulher e assim que o pensamento vem, qualquer dúvida que eu tivesse sobre o que somos desaparece.

“Você é minha mulher.”

Ela me encara sem piscar.

Depois, passa os dedos pelo contorno do meu rosto, os lábios e a seguir, percorre o mesmo caminho com a boca.

“Ainda não.”

Suas mãos deslizam por minhas costas, me puxando de volta.

Ela ondula sob mim e deixa escapar um gemidinho quando sente como estou duro.

“Você quer ser minha mulher?” - sussurro em sua orelha.

Posso sentir sua abertura quente separada do meu pau apenas pelo fino tecido da boxer.

Ela abre os olhos e balança a cabeça.

“Eu quero. Faça-me sua.”

“Você já é minha, Khayla. Como eu também sou seu.”

“Eu fiquei doida de ciúmes ontem.”

“Ficou, é?” - cutuco, porque ainda lembro do rostinho furioso, parecendo prestes a matar a outra garota.

“Eu não sou uma pessoa violenta... normalmente.”

Contra meu maior esforço, gargalho.

“Se eu concordar, quero dizer, se oficializarmos isso...”

“Se você aceitar ser minha namorada?”

“Sim.”

“Continue.”

Ela desvia o olhar e suas bochechas ficam rosa.

“*Hey*, o que está acontecendo?”

“Aquela mulher ontem... ela falou como se o conhecesse... vocês já... *huh...*”

Eu gostaria de ser um fodido mentiroso nesse instante, mas não posso. Então, ao invés de fazer rodeios e enfeitar a situação, opto pela verdade.

“Eu não sei.”

“Como assim, não sabe?”

É minha vez de fechar os olhos.

Nunca pensei que teria vergonha do meu passado, mas sinto-me um merda no momento.

Saio de cima dela e deito de costas na cama.

Estava bom demais para ser verdade.

A ilusão de que Khayla seria minha durou pouco.

Quando eu terminar o que tenho para dizer, é provável que ela não queira permanecer sequer no mesmo planeta que eu, quanto mais manter um relacionamento.

Cubro os olhos com um dos braços porque já amanheceu e a claridade tornou-se subitamente insuportável.

“Fale comigo, Axel.”

Viro de lado e encaro-a.

“Antes de você, não havia nomes ou rostos. Só corpos.”

Eu sei que o que acabo de falar é brutal, mas é também a verdade.

Espero o momento em que levantará, mas nada acontece.

Ela só continua olhando e olhando.

“Isso que nós temos... eu nunca senti. Você quer chamar de namoro? Tudo bem. Podemos usar esse rótulo ou qualquer outro que preferir. O mais importante, Khayla, não é o nome que vamos dar e sim que nunca duvide o quanto sou louco por você. Não sou a pessoa mais convencional do mundo. Fui um prostituto boa parte da vida, usando e sendo usado, mas eu sei que isso entre nós dois é real.”

Ela ainda permanece no mesmo lugar, o que me dá alguma esperança.

“Por que é diferente?”

“Porque é você. Desde a primeira vez em que a vi, você me enfeitiçou, princesa. Talvez eu não devesse desejá-la, talvez eu devesse deixá-la ir em busca do *senhor perfeição*, mas eu não quero. Sei que posso fazê-la feliz. Provavelmente eu não preencho todos os itens da sua lista, mas eu sou louco por você.”

“Eu estou com medo de tentar. Não vou saber lidar com mulheres aparecendo em sua casa.”

“Elas não aparecerão mais. Eu já falei com Zach, mas posso reforçar quando voltarmos. Faça as regras. Eu não me importo. Qualquer coisa que você decidir, estou dentro.”

“Por que se dar ao trabalho? Você pode ter quem quiser, dúzias de garotas iguais a mim.”

“Não, eu não posso, pelo simples fato de que não existe outra igual a você. Não para mim. Mesmo que eu não seja seu príncipe, você é a minha princesa. Não serve mais ninguém.”

“Você é bom com as palavras, King.” - diz, empurrando-me de costas e

montando meu corpo.

Até então, eu estava relativamente tranquilo porque enquanto conversávamos, havia um lençol cobrindo seus seios, mas agora Khayla está nua.

“Isso é uma novidade.” - tento focar no que ela disse e não no fato de que seus seios estão a centímetros do meu rosto e sua pele, arrepiada.

“Que você é bom com as palavras?”

“Sim. Nunca fui acusado de algo do tipo.”

Ela balança a cabeça, sorrindo.

“E você também me faz rir. É uma das coisas que eu mais adoro em você. Sempre fui séria demais.”

“Uma das?”

“Ah sim, tenho muitos itens na minha lista de Axel.”

“Você tem uma lista só minha?”

Estou preso à descoberta e engasgo quando ela põe um braço de cada lado do meu rosto, fazendo com que os seios quase encostem em minha boca.

“Sim, ela se chama: *as coisas que eu adoro nele*.”

Eu ainda estava em dúvida sobre que tipo de jogo estávamos jogando até que ela abaixa um pouquinho e roça o mamilo em meus lábios.

“O que você está fazendo?” - checo, para conferir se estamos na mesma página.

“Exercendo meu direito de namorada.” - diz, parecendo subitamente tímida.

“Que seria...”

A coragem parece tê-la abandonado e o rosto volta a corar.

“Eu quero tudo... se você também quiser.”

“Tudo o que, amor?”

“Não me faça dizer isso.” - implora e me dá um beijo leve na boca. -

“Por várias vezes você falou que eu sou sua, mas isso ainda não é verdade.

Eu quero que seja. Ensine-me.”

CAPÍTULO 33

KHAYLA

Sausalito

“Você tem certeza?”

“Parece que é você quem está em dúvida agora.”

Estou um pouco envergonhada.

“Amor, eu a quero há anos, mas você tem que estar certa de que deseja isso também. Sem pressão.”

“Você esperaria se eu pedisse?”

“Sim. Eu não sou um santo, Khayla - longe disso - mas você não é uma transa de uma noite. Não precisamos correr.”

“Não gosto de ouvir isso.”

“O que?”

“Transas de uma noite. Fico meio doida.”

“Minha princesa é ciumenta.”

“Você não seria?”

Ele não responde, mas não é necessário. A forma como contrai o maxilar me diz o que preciso saber.

Fico de joelhos na cama, observando-o.

Ele tem um corpo delicioso e estou como uma criança em um loja de doces.

“Por que você dormiu vestido?”

“Porque eu tive medo de não conseguir resistir.”

“E se eu não quisesse que você resistisse?”

“Aí então você teria que me dizer em voz alta.”

Coloco as mãos nas laterais da boxer.

“Eu quero fazer isso. Faça amor comigo, Axel.” - peço, enquanto desço-a devagar.

Eu não estou preparada para a velocidade com que ele me gira,

prendendo-me sob seu corpo.

Só que ao contrário das outras vezes, ele me deita de bruços. A sensação de não vê-lo é estranha, mas não ruim.

Excitante.

Eu fico parada porque tirando as coisas que já fizemos, tudo o que sei sobre sexo limita-se a alguns filmes de romance ou minha imaginação.

Quando sinto sua boca deslizar pela minha perna esquerda, a partir do tornozelo, meu corpo estremece.

Ele beija, lambe e mordisca e parece não ter pressa alguma.

Meu corpo está queimando.

“Axel...”

“Quietinha. Eu preciso provar você bem devagar, Khayla. Estou com tanta fome.”

Cada vez que ele me diz algo do tipo, eu me sinto transportada para um sonho.

Ele me faz esquecer tudo o mais que não sejamos nós dois.

Separando minhas coxas, beija e suga meu sexo assim, por trás e eu perco qualquer controle que ainda restasse.

Abro as pernas porque quero mais, mas quando estou quase me desmanchando, ele para.

“Deus...”

Pelo movimento da cama, sei que está ajoelhado. Ele me puxa para cima do seu corpo e agora é como se eu estivesse sentada em seu colo, de costas.

Viro os braços para trás porque quero senti-lo também.

“Ansiosa, amor?”

“Eu preciso tocar você. Parece que suas mãos estão em mim inteira.”

“Tão exigente.” - ele ri com a boca em meu pescoço. - “É isso que você quer?” - pergunta, roçando sua ereção em mim.

Desesperada demais para esperar, começo um movimento de vai e vem

devagarinho. Estou muito molhada, então em pouco tempo, eu o deixo encharcado também.

“Eu sou louco por você, Khayla. Eu sonho em tocá-la assim desde que você chegou em *Carmel*. Eu quero fazê-la minha há tanto tempo.”

Seus dedos puxam meu mamilo, enquanto a outra mão estimula meu sexo.

Eu mexo-me devagar, tentando conseguir o que eu puder do toque e quando começo a tremer, muito próxima do orgasmo, aperto suas coxas.

Sua boca parece me tocar em vários lugares ao mesmo tempo.

Orelha, pescoço, nuca e eu acho que não consigo aguentar mais.

Viro o rosto para beijá-lo e gozo assim, com sua língua me possuindo.

Eu aperto seus dedos dentro de mim e ele geme dentro da minha boca.

“Você disse que sonha comigo?”

“O tempo todo. Sua pele, seu cheiro, seu gosto. Cada pequeno pedaço seu.”

“Eu já disse que você é bom com as palavras, King?” - estremeço, enquanto ele reinicia o ataque em meu corpo. Estou à mercê do nosso desejo.

“Se fecho os olhos, eu posso escutar o som da sua risada. Eu tenho a sensação de que a ouvi rir desde sempre. Eu não lembro como era antes de você chegar em minha vida.”

Eu viro para olhá-lo.

Axel não é um cara romântico.

Ele tem todo aquele jeito de falar as coisas sem medir as consequências.

Eu sempre pensei que desejaria um homem que fosse quase um poeta com as palavras, mas agora, eu não imagino nada mais perfeito do que as coisas que ele me diz.

“Eu não planejei nós dois.” - confesso - “Mas eu adoro que a vida tenha me surpreendido.”

Ele me deita de costas na cama, mas não me toca, somente pairando

sobre mim.

“Você é linda.”

Eu nunca dei importância para beleza, mas gosto da maneira como ele me vê.

“Eu quero tanto você.” - falo.

Seu rosto parece tenso.

“Estamos indo por um caminho sem volta, Khayla. Não conseguirei mais deixá-la ir.”

“Vem cá. Não pense tanto. Eu não tenho mais dúvidas. Eu quero ser sua, Axel.”

Ele abaixa e me beija.

Devagar, saboreando.

Cada parte que toca, sinto como se para ele fosse algo sagrado.

Ele percorre meu corpo com os lábios.

Seios, barriga, coxas, adiando o que eu preciso.

Desesperada, separo as pernas e ergo os quadris, gritando de prazer quando finalmente estou em sua boca.

“Eu não posso esperar mais.”

“Não espere. Eu preciso de você.”

Ele levanta e olha-me, parecendo um pouco indeciso.

“Alguma chance.... de você estar usando pílula?”

Balanço a cabeça, sem graça.

Nunca me preocupei com isso.

Se eu não tinha um namorado, por que usaria métodos anticoncepcionais?

Ele vai até o banheiro e volta com um preservativo.

Ao invés de vesti-lo, porém, vem até mim.

Ele pega minha mão e faz com que eu toque seu sexo.

“Sente isso? Daqui a pouco eu vou estar dentro de você, possuindo o que

é meu.”

“Por favor...” - imploro, acariciando-o.

Ele não parece mais meu Axel brincalhão. Posso sentir o quanto está tenso.

Torna a pegar a embalagem e olho fascinada quando desenrola o preservativo em sua ereção.

Então reclina e observa, enquanto a ponta do seu sexo toca minha entrada pela primeira vez.

“Peça.”

Não hesito.

“Pegue-me para você.”

“Khayla...”

Tento manter os olhos abertos, mas é difícil demais continuar na Terra quando meu corpo é atacado por sensações tão intensas.

Ele começa o caminho para sua posse de maneira cuidadosa, mas determinada.

“Olhe para mim.” - diz e desliza mais um pouquinho - “Isso mesmo, sem desviar. Tão minha, porra.”

“Oh, Deus! Sim.”

Não posso mais ficar parada e puxo-o, convidando-o.

Não é um encaixe fácil.

Eu me sinto invadida, mas de uma maneira deliciosa. Minhas paredes sendo obrigadas a deixá-lo passar.

Ele me beija e nossos corpos não precisam de qualquer instrução, descobrindo sozinhos o caminho a seguir.

“Tudo bem?”

Sinto como ele está se segurando quase no limite.

“Sim. Eu quero mais.”

Perco o fôlego quando ele enfim está todo em mim e por um instante

acho que meu corpo não será capaz de abrigá-lo.

Minhas pernas ficam rígidas e eu sinto minha pulsação acelerar.

“Shhhhh.... eu estou aqui, linda. Vai ficar gostoso.”

“O que eu faço?”

“Apenas sinta, Khayla. Eu possuo você agora tanto quanto você me possui.”

Começo a voltar a respirar normalmente e a tensão inicial é substituída pela necessidade.

Ensaio um rebolado embaixo do seu corpo e ele geme alto.

“Assim, amor. Continue.”

Encorajada, meus movimentos tornam-se mais urgentes. Ele ainda se segura e eu quero mostrar que está tudo bem, mas não tenho certeza do que fazer.

Ergo a cabeça e lambo seu *piercing*, puxando-o para mim pelo bumbum.

Finalmente, ele parece deixar qualquer tentativa de contenção de lado.

Nós não falamos, os olhos trancados um no outro, apenas imersos nas sensações.

Nossa dança é infinita, uma coreografia que estamos criando juntos para dar e receber prazer.

Os suores misturam-se e cada estocada tem como companhia um beijo, uma mordida, um gemido.

Sempre que ele está todo em mim, torna-se mais difícil deixá-lo ir.

Quando não posso mais suportar o prazer, prendo-o em meu corpo, gozando.

Ele parece saber o que preciso, e acelera os movimentos.

“Eu vou gozar.”

“Sim, dentro de mim.”

“Isso mesmo. Dentro de você.”

“Oh, Axel!”

Ele parece totalmente descontrolado.

“Tudo.” - imploro.

“Tudo?”

“Sim.”

Ele senta sobre os calcanhares e me puxa, prendendo minhas pernas em volta de sua cintura.

Estou em seu colo.

Eu subo e desço, cavalgando-o. Nossa demanda é exigente, ambos somos senhor e escravo.

Eu não sei mais o que estou fazendo.

Mordo, gemo, grito, imploro e ordeno, até que começo a tremer novamente.

Suas mãos seguram meu bumbum e eu sei pela velocidade com que me possui que ele está a um passo do orgasmo.

Mesmo com o preservativo consigo sentir o exato momento em que ele me entrega tudo, aquecendo-me por dentro, enquanto derrama seu prazer.

Ele me deita de volta e não sai de mim.

Nesse momento, sinto uma transformação em meu Axel.

“Eu farei o que for preciso para não perder você, Khayla. Eu não deixarei que a roubem de mim.”

Mesmo após essa viagem maravilhosa, ainda sinto medo de criar uma fantasia que nunca se realizará, mas ainda assim, entrego o que eu posso.

“Não quero que qualquer um me roube de você. Eu sou sua.”

CAPÍTULO 34

AXEL

Sausalito

“Você está com fome?”

“Se eu disser que sim, você vai levantar?”

Sorrio.

“Há uma grande possibilidade.”

“Então, não.”

“Quem diria que você seria uma preguiçosa pela manhã?”

Ela vira o rosto para me olhar.

“Eu geralmente não sou. Estou sempre correndo de um lado para o outro. Você deve ter percebido que eu gosto de uma lista.” - ela ri e as bochechas ficam coradas - “Então tenho uma de tarefas do dia também. Eu nunca paro.”

“E agora você quer parar?”

“Não parar, mas relaxar. Que horas é sua consulta hoje?”

“As duas, por que?”

“Porque esse foi o motivo principal de termos vindo e até agora nós só...”

“Vivemos?”

Coloco-a sobre meu corpo.

“Sim.”

“Como você está?”

“Eu não sei qual é a resposta certa.”

"A verdade?"

“Saciada? Dolorida nos lugares certos? Querendo mais?”

“Dolorida? Eu machuquei você?”

“Não. Você me completou.”

Uma emoção como nunca senti se espalha dentro de mim.

Ela disse que sou bom com as palavras.

Não, ela é.

Khayla com toda sua inocência e crueza foi no ponto exato.

Eu me senti completo por todo o tempo em que estive nela. Eu ainda me sinto assim.

Puxo-a para um beijo.

“Eu não quero que acabe.”

“O sexo?”

“Tudo. Eu não quero mais prazos. Não vá embora.”

“Podemos não falar sobre isso agora?”

“Por que não?”

“Porque eu estou com o coração leve. Porque meu corpo inteiro ainda está pedindo por você. Não quero pensar sobre decisões ou o mundo real. Só nós dois e como você é perfeito dentro de mim.”

Ela se reclina para beijar meu pescoço e continua descendo.

Minha pulsação dispara.

Nós passamos a manhã toda na cama.

Eu não consigo ter o suficiente.

Não importa quantas vezes transemos, não importa em quantas posições diferentes eu a tome, eu sempre quero mais e a resposta dela é igualmente apaixonada.

Ela suga meu *piercing* e sorri quando sente meu corpo reagir.

Depois de horas nos conhecendo, minha princesa parece mais confiante

para tomar a iniciativa.

“Quero provar você também.” - avisa, como se esperasse que eu fosse negar.

“Pegue o que desejar.”

Ela lambe meu abdômen e a mão vai para o meu sexo.

Ao primeiro toque, deixo escapar um rosnado.

“Como você quer me provar?”

“Eu não sei fazer, mas quero tentar.”

“Não há regras. De qualquer jeito, sei que me deixará louco.”

Sua mão toca-me ainda hesitante e passo os dedos em seus lábios.

“Você quer isso? Faça, então.”

Ela desce pelo meu corpo e assim que a boca que sempre cobicei começa a me devorar, meus quadris levantam da cama.

“Bom?”

“Sim, continue.”

“Eu adoro seu gosto.”

“Porra, amor.”

Ergo a cabeça porque nada no mundo me impedirá de assistir.

Khayla parece deliciada e isso talvez ainda mais do que o contato, me põe desesperado.

“Tome mais.” - imploro, tocando seu cabelo. - “Tome tanto quanto puder.”

Estou em uma guerra infernal entre deixá-la aprender e viajar dentro do seu corpo novamente, mas o desejo de estar nela vence a luta e a puxo para cima.

“Monte-me.”

Ela olha para o encaixe dos nossos corpos, a seguir para mim e desliza devagar.

“Oh, Deus!”

“Tudo.”

Seguro seus quadris, ao mesmo tempo que impulsiono os meus.

“Mais, Axel.

“Mais quanto?”

Eu preciso saber.

Atingi um nível de insanidade em que não estou mais conseguindo jogar no seguro.

“Eu não sei. Não é o suficiente. Nunca parece o suficiente. Eu quero você morando dentro de mim.”

Ela cavalga meu corpo e eu embarco em sua loucura.

“Você consegue ver a perfeição? Consegue perceber como não há volta? Você é minha.”

Ela me toma por inteiro, faminta e quando eu mordisco e sugo seus seios, crava as unhas em meu abdômen.

“Goze.”

Parece que está apenas à espera da ordem porque então, sinto-a contrair, aprisionando-me em seu corpo.



Dois dias depois

San Francisco

“Há quanto tempo ocorreu o acidente?”

Estamos no consultório.

Anteontem, os médicos passaram quase cinco horas virando meu corpo

do avesso.

“Há quase quatro meses.” - Khayla responde rápido.

Ela parece mais ansiosa do que eu.

“Não consigo entender.” - o médico fala, olhando novamente as radiografias.

“O que?” - ela levanta e vai até onde ele está, inclinando-se para observar as imagens.

Minha princesa parece uma leoa defendendo sua família e uma sentimento desconhecido aquece-me por dentro.

A sensação de ser cuidado - coisa que eu nunca tive.

Claro, Linus sempre fez seu papel de pai, apesar de todas as diferenças entre nós, mas não é a mesma coisa.

É como se Khayla fosse o meu lugar especial no mundo.

Isso faz algum sentido?

Como se daqui por diante, não importa onde eu esteja, ela sempre será o meu lar.

Eu pensei que estaria mais preocupado com os resultados, mas não estou. Independente do que o médico diga, eu conheço meu corpo e sei que meloro a cada dia. Não preciso ver os exames para entender isso.

Minha mente agora está voltada em outra direção.

Planos.

Isso é uma novidade para mim.

Você pode pensar que planos e objetivos são a mesma coisa, mas não são.

Desde cedo, eu tive um objetivo - vencer.

Ser o melhor na profissão que escolhi.

Nada além disso.

O que aconteceria quando eu chegasse lá?

Eu não fazia ideia.

Vencer uma e outra vez, provavelmente? Manter-me no topo?

Sim, esse era o meu tudo.

Agora, meu tudo é ela.

A conexão entre nós está mais densa do que nunca, como se fôssemos duas partes de um inteiro. Até mesmo nossas diferenças combinam.

Eu gosto do que temos, inclusive das disputas verbais.

Adoro quando ela ri das merdas que eu falo como se estivesse lidando com uma criança de cinco anos de idade.

Na verdade, adoro ouvi-la gargalhar.

Tenho que confessar inclusive, que às vezes empurro algumas ações só para vê-la sorrir.

Eu nem me importo que seja de mim, desde que a minha menina esteja feliz.

Sabe o que eu queria? Ter acesso à bendita lista.

Quais serão os outros itens? O que eu preciso fazer para me encaixar?

Eu não sei, mas os dois que eu conheço, posso cumprir.

Fidelidade, ela disse.

Esse é o mais fácil do mundo.

Eu tenho uma porrada de defeitos - muito mais do que qualidades, como vocês já devem ter notado - mas não sou um trapaceiro. Trair sua mulher, não importa com que nome você a chame - namorada, esposa, noiva - é antes de tudo, trair a si mesmo, no que você acredita.

Sei qual será sua próxima pergunta: então por que nunca teve um relacionamento sério?

Justamente por saber que não estava interessado em alguém o suficiente para fazer dela a minha exclusiva, não via qualquer razão para me comprometer.

Khayla é diferente.

É como se fosse feita sob encomenda para mim.

Somos opostos perfeitos.

Dessa forma, a chance de que eu a traia algum dia é negativa.

Agora que já esclarecemos a parte da fidelidade, preciso revelar que estou obcecado com o segundo item.

O emprego regular.

Não, calma.

Minha cabeça não está indo tão longe ao ponto de pensar que isso seria necessário por causa dos filhos que ela quer ter.

Até planejamento tem um certo limite.

Estou estacionado na ideia de fazer minha princesa feliz.

Dar o que ela deseja.

O problema é que não há como ficar sem viajar enquanto estiver competindo, então tenho considerado um meio termo.

Quando chegamos do médico anteontem, ela aproveitou para pesquisar mais sobre minha lesão, então fiquei com tempo livre para pensar - na verdade, amadurecer algo que já vem rondando minha mente há dias - e correr atrás de uma solução para nós.

Eu tenho mais dinheiro guardado do que tempo de vida para gastá-lo - e ainda há um bocado a caminho.

Contratos para cessão da minha imagem pelos próximos cinco anos, um monte de patrocinadores e os valores obscenos que recebo para fazer comerciais.

Só que como isso não é o que ela chama de carreira estável, pensei em uma atividade que imponha mais respeito - de acordo com suas regras.

Ser um executivo está fora de questão.

Recebi algumas ofertas para criar minha própria marca - pranchas e roupas para *surf* - e meu empresário já colocou esse projeto em andamento há algum tempo. O lançamento deve ser até o meio do ano que vem, mas não me imagino de terno e gravata dentro de um escritório.

Quero dizer, se essa fosse a única maneira dela me aceitar, eu até poderia fazer por alguns dias na semana, mas sei que seria infeliz para caralho.

Desse modo, pensei em uma alternativa.

Quando estive lá em casa, Lucas disse que está trabalhando com o projeto de repaginação de uma vinícola familiar prestes a ser posta à venda no mercado.

Fica em *Napa Valley*, então ontem, quando lembrei disso, foi como se uma luz acendesse.

Uma vinícola.

Um negócio legítimo o suficiente, certo?

Comecei a pesquisar tudo sobre vinhos e também me inscrevi em alguns cursos online.

Lembra?

Obcecado e compulsivo.

Você não pode deixar esse detalhe passar ou nunca me conhecerá de verdade.

Depois mandei uma mensagem para o meu advogado e pedi que ele sondasse a possibilidade de uma oferta.

Ele conseguiu agendar uma visita discreta para amanhã pela manhã.

Eu e Khayla amamos a Califórnia e seria algo que daria a segurança que ela precisa.

Também posso montar um consultório para ela lá no futuro.

Sim, estou com toneladas de planos cozinhando minha cabeça.

Já esqueceu do que eu disse lá atrás sobre nada me separar do que eu quero?

Não duvide disso por um segundo sequer.

Pelo que pude descobrir, a vinícola já tem um certo nome no mercado, mas o patriarca faleceu e os herdeiros não estão interessados em seguir com o negócio.

Eles ainda são relativamente pequenos comparados as outras, mas não estou realmente preocupado com isso e sim em ter um negócio aceito pelos padrões dela.

Ela chamaria isso de emprego regular o bastante para não precisar ir embora? Para desistir do homem perfeito?

Eu não penso em parar de surfar nos próximos anos, mas espero que ela entenda minha iniciativa como uma bandeira do que desejo para nós.

“É uma recuperação relâmpago até mesmo para um atleta.”

“Ele é muito disciplinado.” - ouço-a dizer e me sinto feliz como um aluno que ganhou uma estrelinha a mais no dever de casa - "Eu nunca tive, nos estágios que fiz, um paciente tão determinado quanto ele.”

Vê isso?

Ela me defende.

Toma a frente como se o médico estivesse tentando duvidar do meu progresso.

Tem como não ser doido por essa mulher?

Minha mulher.

Ela mesma admitiu, agora só preciso convencê-la de que o título é permanente.

“Isso faz toda a diferença, mas ainda não explica como o corpo dele se regenerou tão depressa.”

“Ele queria voltar a competir logo.” - escuto-a dizer.

“Quanto a isso, precisamos conversar.”

Opa.

Agora o doutor conseguiu minha atenção.

“Apesar de todo o progresso, as manobras de *surf* exigem um deslocamento do quadril não recomendável para quem sofreu uma lesão no fêmur há tão pouco tempo.”

“Quanto tempo?” - interfiro pela primeira vez.

“É complicado afirmar com certeza. Um ano talvez.”

Odeio enrolação.

“Uma estimativa. Não me deixe em um vácuo temporal.”

Ele suspira e sacode a cabeça.

“Eu diria de seis meses a um ano, mas é impossível garantir. Como aconteceu até hoje, seu corpo dará a resposta.”

“E quanto a exercícios? Até agora tenho feito fisioterapia. O que preciso para me fortalecer novamente? Ainda sinto as pernas instáveis.”

“Isso é normal. Você ficou muito tempo parado, para os padrões de um atleta. A boa notícia é que músculos têm memória. Quando recomeçar a treinar, sua forma voltará muito rápido. Eu recomendo um *personal trainer*. Alguém que saiba o que está fazendo. Tenho alguns nomes, mas não conheço um que more em *Carmel* ou nos arredores.”

“E em *San Luis Obispo*?” - Khayla pergunta e me deixa de queixo caído.

Estou maluco ou ela está sugerindo que eu more em sua cidade enquanto estiver me exercitando?

Se for isso, não sou somente eu que estou fazendo planos.

Chamem-me do que quiserem, mas jamais serei aquele que deixará uma oportunidade como essa passar.

“Algum nome para nos indicar em *San Luis*, doutor?” - pergunto, olhando nos olhos dela para que tenha certeza de que entendi o que quis dizer. Não permitirei que recue.

“Ah, sim. *San Luis* é diferente. Por causa da universidade, tenho dois excelentes profissionais para recomendar.”

“Então, temos um acordo.”



“Eu não queria me intrometer.” - ela se desculpa, enquanto saímos do consultório.

“Sobre o que?”

“Sugerir que você fosse para *San Luis*.”

Paro de andar e viro-a para mim.

“Se eu for, vou ficar com você.”

Sim, estou empurrando, mas aqui entre nós: você faria diferente?

Tudo o que quero é ter mais tempo com ela.

“Eu sei. Foi isso mesmo que eu quis dizer.”

Suspiro aliviado porque pelo menos esse ponto está resolvido.

“Meu apartamento é pequeno. Um quarto só.”

Dou de ombros.

“Não precisamos de mais de um, de qualquer modo.”

Suas bochechas ficam vermelhas e sei que ela está lembrando.

Desde que transamos pela primeira vez, somos como dois viciados. Não se passam mais do que algumas horas até que estejamos tomando posse um do outro. E mesmo quando não fazemos, estamos sempre perto.

Ontem, enquanto ambos tratávamos de nossas vidas, suas pernas estavam em cima de mim no sofá e de vez em quando, ela pausava para me dar um beijo.

As sessões de fisioterapia duram mais de o dobro do tempo agora, porque não há maneira de meu corpo não reagir com as mãos dela em mim.

“E sua família? O que acharão sobre eu ficar em sua casa?”

“Não pensei em contar...”

“Não, Khayla. Nós não seremos um segredo. Você é minha namorada.” - porra, isso soa como música - “Não vamos nos esconder do resto do mundo.”

Como se o mundo a que me refiro estivesse atento a cada palavra, meu celular vibra.

Pego para verificar se é da vinícola.

Reservei um hotel para hoje em *Napa Valley* e jantaremos no *The French Laundry*. Meu advogado disse que é o melhor restaurante de lá e, tirando a vez da boate, ainda não tivemos um encontro de verdade.

Será uma surpresa - faremos um *tour* pela região. No entanto, não revelarei nada sobre a intenção de comprar a vinícola.

Desbloqueio o telefone e vejo que é uma mensagem de Isaac.

Isaac: “*Que porra é essa? Quem é ela e desde quando você voltou para a noite?*”

A mensagem vem acompanhada de uma foto minha e de Khayla nos beijando na boate.

A intenção era ignorá-la, mas antes que eu possa guardar o celular, ela pega-o da minha mão.

“Aparentemente, não precisamos mais falar nada para nossas famílias. O mundo inteiro já sabe.” - digo, tentando descontrair.

Seu rosto está sério e tento adivinhar o que pensa.

Ela clica no *link* da foto, que joga direto em um site de celebridades.

Será que o rei finalmente encontrou sua rainha?

Essa é a chamada da reportagem.

Deus e esses caras dizem-se jornalistas?

Tem como ser mais clichê?

Depois de ler por um tempo, ela levanta os olhos.

“Eles escreveram aqui que descobriram por fonte segura que sou sua namorada. Incrível. Souberam antes da gente.”

Solto o ar aliviado ao ver a sombra de um sorriso.

“Videntes.”

“Você não se importa?” - pergunta.

“Com o que?”

“De falarem que o rei tem dona. Eles meio que transcreveram o que eu disse.”

“Não, porque é verdade.”

Ela morde o lábio, pensativa.

“E você?” - devolvo a pergunta - “Sua família não vai surtar?”

“Ethan e Lucas talvez, mas é a minha vida. Sou eu quem decide o que é melhor para mim.”

“Eu sou o melhor para você?” - pergunto, sem qualquer humor. Eu quero muito essa resposta.

“Estamos falando do presente?”

Não, do resto da vida.

Ao invés disso, respondo.

“Digamos que sim.”

“Então, eu diria que talvez não sejamos o par mais provável, mas você me faz bem, King. Eu não me importo se do lado de fora não somos o casal do comercial de margarina. Nunca quis tanto estar com alguém como quero estar com você. Eu estou feliz e isso no meu mundo se chama perfeição.”

CAPÍTULO 35

AXEL

San Francisco

“O que nós vamos fazer em *Napa Valley*?”

“Beber vinho.” - sorrio e conto até três mentalmente, só esperando a hora em que ela vai dar aquela revirada de olhos sexy.

“Eu ainda não tenho idade legal para beber álcool.”

“Estou brincando, amor. Preciso cuidar de alguns negócios lá. Além do mais, nunca serei eu a levá-la para o mau caminho.”

“Eu poderia argumentar contra isso.”

Ela sorri e me beija, antes de entramos no carro.

“Tem certeza de que prefere ir dirigindo? Eu posso pedir um helicóptero.”

“Tenho.” - responde rápido - “Eu adoro dirigir e meu estômago ainda não está preparado para outra aventura.”

Mal colocamos o cinto de segurança e seu celular toca.

Ela parece conhecer a música, porque diz que precisa atender.

“Ethan? O que aconteceu?”

Escuta por alguns instantes.

“Estou indo para aí.”

“O que houve?” - pergunto, preocupado.

“Tristan, meu sobrinho.”

Sei que Tristan é o filho mais velho de Isabela e Ethan e, talvez como uma espécie de fuga, minha mente prende-se ao fato de que ela chama Nathan de irmão, mas Tristan de sobrinho. Seria natural que fosse ao contrário, já que foi Ethan quem a adotou.

“O que há de errado?” - obrigo-me a focar novamente.

“Ele terá que ser operado de emergência. Estava com dores abdominais e os médicos diagnosticaram uma apendicite aguda. Ethan disse que querem operá-lo o mais tardar amanhã.”

“Porra! O que você quer fazer?”

“Preciso pegar um voo para casa. Tenho que estar com eles.”

“Eu vou com você.”

“Não, eu posso resolver isso sozinha. Você disse que tem negócios a tratar em Napa.”

“Khayla...”

Não quero ser egoísta, mas estou com um medo fodido de que ela indo para junto da família, mude de ideia sobre nós.

“Eu vou voltar.” - diz, como se pudesse ler minha mente - “Nada mudou.”

“Eu queria estar lá para você.”

“Não acho que levarei mais do que dois, três dias. Depois vou direto para *Carmel*. Prometo.”

Aceitar o que ela decidiu não é muito fácil, mas por outro lado tenho receio de estar empurrando demais. Que minha obsessão acabe por sufocá-la. Então, mesmo não sendo o que eu quero, concordo.

“Tudo bem. Você tem o que precisa aqui ou voltamos para *Sausalito* antes?”

“Estou com meus documentos e tenho roupas lá em Boston. Acho que está tudo em ordem então.”

Eu discordo.

Não consigo ver ordem em ficarmos longe um do outro, mas sem opção, sigo para o aeroporto.



Estou dividido entre Khayla e o projeto com a vinícola.

Não, mentira.

Se for uma divisão, digamos que meus pensamentos estão noventa e nove por cento em minha namorada e o que sobra, com o resto da minha vida.

Tento empurrar para um canto a sensação de que ela não quis que eu fosse para *Boston* para não ter que nos assumir para a família, mas é como sentir um espinho preso na sola do pé. Ele não causa uma dor insuportável, mas é incômodo e traz algum sofrimento.

Tive que contratar o helicóptero no fim de tudo, porque ainda não estou autorizado a dirigir por tantas horas, então há tempo de sobra para pensar em tudo o que aconteceu desde que Khayla voltou para a minha vida.

Ela mandou mensagem assim que embarcou e disse que avisaria quando pousasse, mas não é da minha natureza ficar parado esperando as coisas acontecerem.

O que devo fazer? Respeitar sua vontade e esperar que volte ou pegar um avião e ir encontrá-la?

Hesitar não combina comigo, mas sobre Khayla, tudo se passa em um ritmo diferente.

Recosto a cabeça no assento, totalmente perdido.



Napa Valley

Apesar de tudo, foi bom ter vindo.

Desde que comecei a considerar a compra da vinícola, minha mente estava centrada em encontrar uma solução para me transformar em alguém sério aos olhos dela. Agora, depois de quatro horas rodando pela propriedade e tendo uma verdadeira aula sobre vinhos e o funcionamento do negócio, posso dizer que há uma chance de que o projeto torne-se uma paixão.

Rey, meu advogado, providenciou um enólogo para me acompanhar na visita.

Como não entendo nada de vinhos, ele achou importante que eu tivesse ao meu lado alguém sem qualquer vínculo com os atuais proprietários e que pudesse me dar um parecer neutro sobre a qualidade do produto.

Depois que saímos, fomos almoçar e conversamos com mais liberdade.

O enólogo disse que a qualidade dos vinhos que eles produzem é excelente, mas que a família não soube trabalhar a marca. Ele acha lamentável que um produto tão bom seja subaproveitado.

Nunca fui um amante de vinhos, mas depois de provar alguns durante o dia de hoje, já consigo entender o básico.

Até aqui então, tomando por base apenas o produto, a vinícola parece um excelente negócio.

Agora vem a segunda parte: meu advogado disse que contratará alguém para investigar a saúde da empresa. Como andam as dívidas e se os herdeiros estão em acordo quanto a se desfazerem da vinícola.

Rey falou que a última coisa que eu preciso é investir em algo que seja objeto de uma batalha judicial familiar que levará anos arrastando-se nos tribunais.

Sei que não entendo nada sobre ser um empresário e se for mesmo adquirir a vinícola, terei que contratar profissionais para administrá-la, mas na minha cabeça já está tudo resolvido.

Não sou apegado a dinheiro. Não quero acumulá-lo só para ficar sentado em uma fortuna quando estiver velho. Se o que é preciso para fazer Khayla feliz é investir nisso, não vou poupar esforços.

Além do mais, tenho a sensação que possuir uma vinícola é algo que me dará prazer quando eu me aposentar do *surf*.

As pessoas que me receberam estavam vestidas de jeans e camisas xadrezes. Nada da formalidade que exigiria um outro tipo de empresa.

Eu me conheço o suficiente e sei que preciso gostar de qualquer atividade que eu pense em investir.

A marca esportiva já está autorizada, mas não há nada nesse mundo que me faça virar um *CEO*.

Não quero trabalhar catorze, dezesseis horas por dia, sempre preocupado com o próximo milhão.

Desejo ter tempo para viver e tempo para ela.

No fim de tudo, sua ideia de ter um namorado presente soa perfeita para mim.

Estou embarcando de volta para *Sausalito*, quando o celular toca.

Isaac.

Não tenho qualquer vontade de falar com ele porque sei que quer saber sobre Khayla.

“O que foi aquela foto na boate?” - diz, assim que atendo.

Porra, estou tão de saco cheio de suas merdas.

Ele é um ano mais novo do que eu, mas às vezes, tenho a sensação de que sou seu pai. É como se o cara tivesse parado na adolescência. Não trabalha, leva a faculdade de qualquer jeito e continua vivendo através de festas.

Para ser honesto, mesmo antes de Khayla, eu já vinha pensando em colocar um ponto final em nossa convivência.

Chega um momento em que começamos a pesar quem acrescenta alguma coisa e eu já havia chegado à conclusão de que ele me aborrece muito mais do que trás qualquer benefício.

Acho que a única coisa que me fez permitir que ele ficasse por perto foi o fato de que Isaac é o mais próximo de um amigo que eu já tive um dia.

Quero dizer, amigo dentro dos padrões do nosso meio, porque nunca fomos parceiros além de farras. Não houve qualquer troca de confidências ou momentos que eu lembre que foram importantes para mim e que ele estivesse presente.

Eu sempre vivi altos e baixos depois que a minha mãe morreu.

Em nenhuma dessas ocasiões tive qualquer um para compartilhar.

Isaac é só um conhecido antigo. Não existe nada mais profundo em nossa relação.

Não é sua pergunta agressiva o que me irrita - nós nunca fomos muito educados um com o outro - mas sim ele questionar, pela segunda vez depois que ignorei sua mensagem, minha relação com Khayla.

Não comprei a história de que ele não lembra quem ela é. Como todos os outros na escola, ele a desejava e seu rosto não mudou tanto assim.

“O que você quer?”

“Saber o que está acontecendo.”

“Por que? Não é da sua conta com quem eu estou.”

“Que porra de bicho mordeu você?”

“Eu não estou afim de conversar. Diga de uma vez o que tem para dizer.”

“Eu só queria saber se está tudo bem.” - começa e eu não acredito. Isaac só esteve duas vezes em minha casa depois que sofri o acidente - “E falar para você ficar esperto. A menina está se achando a senhora King.”

E é isso.

Mais rápido do que eu havia calculado, atinjo meu limite.

“Tchau.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Que nós não temos nada para falar.”

“Sério? Vai brigar comigo por causa de uma boceta?”

“Você tem muita sorte de ter dito isso por telefone, porque eu quero muito machucar você agora mesmo.”

“Vocês estão juntos?”

“Eu não preciso responder, mas por uma questão de cortesia, para que nunca mais tenhamos que falar sobre isso outra vez, sim, nós estamos juntos.”

“Tipo, em um relacionamento?”

“Adeus.”

“Você está me excluindo por causa dela? É só uma garota, Axel. Tudo bem. Vou conceder que ela é bem gostosa, mas você não precisa desse tipo de inconveniente em sua vida.”

“Você não faz ideia do que eu preciso, porra!”

Desligo o telefone determinado a afastá-lo de nós em uma base permanente.

Chegou a hora das mudanças terem início.



No dia seguinte

Sausalito

Uma mensagem.

Isso foi tudo o que recebi dela até agora.

Quarenta e oito horas e apenas uma mensagem.

A única coisa que descobri é que no fim, sua ida a *Boston* foi desnecessária.

Calma, esse esse não sou eu bancando o babaca egoísta. Deixe-me explicar primeiro.

A história é tão surreal que se ela não tivesse me contando, eu duvidaria.

Eles trocaram o exame da criança.

Dá para acreditar em uma merda dessas?

Trocaram a porra do exame!

Então no fim o que Tristan tinha, graças a Deus, era uma indisposição estomacal e não uma apendicite aguda com necessidade de cirurgia imediata.

Honestamente, eu não gostaria de estar na pele da equipe médica. Imagino como Ethan deve ter enlouquecido quando descobriam o erro.

Jesus Cristo e se eles tivessem operado a criança sem necessidade?

A ideia é digna de um filme de terror.

Se fosse meu filho...

Opa, de onde veio isso?

Meu filho?

Desde quando penso em pequenos humanos unindo a palavra *meu* em uma mesma frase?

Desde que ela disse que queria filhos?

Eu não tenho certeza, a única coisa que sei é que agora o conceito não parece mais tão assustador quando há um tempo.

Depois de assistir e viver em minha própria pele o relacionamento tóxico entre Serena e Linus, filhos eram a última coisa em que eu pensava para minha vida, mesmo que em um futuro distante, mas agora sabendo que Khayla os quer, talvez deva começar a trabalhar essa ideia dentro de mim.

Ela, eu tenho certeza de que será uma mãe maravilhosa. Khayla exala amor e cuidado a cada respiração. Mas e quanto a mim? Eu posso assumir um papel desses quando tive meus pais como exemplo?

Não tenho a resposta para isso ainda. Talvez essa resposta nunca venha. Estou voltando para *Carmel*.

Na última mensagem que me mandou, ela reafirmou que chegaria em casa em breve.

Estou ansioso para caralho para abraçá-la e conferir se nada mudou.

Pode ser loucura, mas sinto algum distanciamento entre nós e não quero pensar que isso é uma indicação de que ela se arrependeu do que vivemos.

É como se uma parte minha estivesse anestesiada, sabe?

Amanhã chega o parecer sobre as finanças da vinícola, mas nenhum plano faz sentido se ela não estiver nessa aventura comigo.

Já me perguntei mais de uma vez se não deveria ir encontrá-la e então decidi, mesmo indo contra minha compulsão, que não. Ela tem que voltar sozinha. Não posso obrigá-la a ficar comigo, mesmo que a ideia pareça quase irresistível.

Desci a guarda tanto quanto consigo, mas preciso que ela também tenha certeza do que quer.

Tranco a casa e entro no *Uber* a caminho de *Carmel*.

A ansiedade está desequilibrando meus pensamentos mais do que o normal. Mal posso esperar para que ela cumpra sua promessa de voltar para mim.

CAPÍTULO 36

KHAYLA

Boston

“Eu sinto muito fazê-la vir à toa.”

“Ver vocês nunca será perda de tempo.”

“Eu sei amor, mas você tem todo o direito de aproveitar seu verão.”

“Lucas contou... *huh...* sobre mim e Axel?”

“Não, eu descobri tudo.”

“Por causa da coluna de fofocas?”

“Não, docinho. Eu já sabia bem antes disso.”

Trabalho todo o meu autocontrole para não ficar irritada.

Eu realmente poderia esperar algo diferente?

Ethan é um ex-soldado das forças especiais do exército e dono de uma empresa de segurança.

Como seria possível que já não soubesse o que está acontecendo em minha vida?

“Então vocês estão em um relacionamento?”

“Algo assim.”

“O que isso significa, Khayla? Se ele não for o que quer, apenas siga adiante.”

“Não é tão simples.”

Estamos na sala da casa deles e enquanto Ethan e eu sentamos em um

sofá, Bela tem Tristan dormindo em seus braços.

Ele já é um rapazinho, quase três anos mais velho do que Nathan, mas acho que a experiência que vivemos há pouco assustou a todos nós, assim como ao nosso menino. Tristan, que geralmente é independente e não muito chegado a permitir que o mimemos, parece ter regredido alguns anos depois de ontem.

Deus, eu não quero nem imaginar o que poderia ter acontecido se o operassem.

Eu juro que eu pensei que Ethan fosse enlouquecer.

Quando cheguei em *Boston*, Bela estava frágil como nunca a tinha visto.

Família é tudo para ela e a possibilidade de um de nós correr qualquer risco a apavora.

Horas depois, já praticamente perto da cirurgia, veio a notícia do erro médico e foi como se o portal do inferno tivesse sido aberto.

Se não fosse por Bela e Clara, acho que Ethan e Lucas teriam incendiado o hospital.

Para o meu espanto, foi Clara a voz pacificadora dessa vez.

Essa não é geralmente quem ela é.

Enquanto Bela tem um temperamento mais introspectivo, Clara não leva desaforo para casa.

Então seria de se esperar que ela embarcasse não loucura do marido e do cunhado, mas ela foi ponderada e conseguiu - relativamente - apagar o incêndio.

Assim mesmo, eles provavelmente processarão o hospital. Clara sugeriu que o que quer que ganhem com a ação judicial seja doado para vítimas de erros médicos e eu achei a ideia excelente.

É engraçado ver a mudança nela.

Clara sempre me pareceu meio *hippie* e às vezes, eu sentia como se eu fosse bem mais velha do que ela, apesar dela ter quase oito anos a mais do

que eu. Hoje, no entanto, ela se mostrou equilibrada e serena. Uma verdadeira mãe de família.

Aliás, minhas duas irmãs são assim.

Elas conseguem colocar ordem no caos que é ter tantas crianças a sua volta e ainda administrar uma carreira.

É isso que eu imagino para o meu futuro.

Carreira e família caminhando juntas.

Isso me faz pensar na minha lista do meu homem dos sonhos e a seguir, na lista do meu Axel.

Esses dois dias afastados cobraram um preço e agora a minha covardia está a mil por hora.

Tenho vergonha de admitir, apesar de ser verdade, que estou fugindo dele. Estou assustada com a possibilidade de me apaixonar e quebrar a cara.

Axel nunca será mais um em minha vida.

Ele é tão intenso que sei que se eu me permitir embarcar em nosso relacionamento passarei o resto da vida comparando-o a todos os outros caras.

Sabe o que isso significa?

O senhor perfeição não teria a menor chance.

“Amor, pode levar Tristan lá para cima? Eu gostaria de conversar um pouco com Khayla em particular.”

Ethan parece prestes a protestar, mas a seguir levanta e pega o filho no colo.

“Tudo bem. Vou levá-lo e depois preparar algo para comermos.” - diz abaixando-se outra vez para dar um beijo nela - “Uma hora?” - pergunta.

“Sim, uma hora parece perfeito.”

Assim que ele sai, ela vira-se para mim.

“Agora você. O que está acontecendo?”



“Você está com medo.” - não é uma pergunta, então fico calada.

Eu contei tudo a ela - tudo mesmo - sobre mim e Axel.

Até como ele me ignorava na época da escola e quem ele é em relação às mulheres.

Disse inclusive o que se passou em *Sausalito*.

Ela pareceu surpresa a princípio - o que foi um pouco estranho.

Quero dizer, eu tenho quase vinte anos, então não deveria causar espanto que eu tenha um namorado e faça sexo com ele.

A única coisa que mantive em segredo foi a minha lista.

Cada vez mais, sinto como se ela fosse algo fora de propósito, mas apesar disso, ainda não estou disposta a descartá-la.

“Acho que sim.”

“De que exatamente?”

“De tudo. Ele parece distante do meu mundo, sabe? Você não tem ideia do que é andar com Axel nas ruas. Talvez se ele fosse somente surfista, seria mais fácil, mas ele é literalmente *o cara*. Não ajuda seu rosto estar em comerciais pelo mundo inteiro. Ele é uma espécie de celebridade, apesar de não agir como uma. As pessoas pedem autógrafos em todos os lugares que vamos. E eu nem falei sobre as mulheres quase pulando em seu colo para chamar a atenção.”

“Mas pelo que me contou, ele prometeu afastá-las. Não acha que ele merece um voto de confiança?” - ela pega minha mão e dá um beijo - “Espera, deixa eu melhorar a pergunta: ele fez algo até agora que a levasse a crer que vocês não são sérios?”

Olho para o chão, subitamente envergonhada e balanço a cabeça de um lado para o outro.

“Fugir não evita que nos machuquemos, Khayla. Quando conheci Ethan,

eu também não queria um compromisso com quem quer fosse, mas agradeço a Deus todos os dias por ter dado uma chance para nós dois. Além de todo o amor que ele me dedica, tenho uma família linda. Isso era mais do que eu podia esperar depois de tudo o que passei.”

Não faço ideia do que ela está falando, mas provavelmente se refere a experiências ruins com ex-namorados.

Bela está certa.

Axel não fez nada que me leve a crer que ele está brincando comigo. Estou sendo ridícula tentando encontrar uma desculpa para afastá-lo.

E se for ele?

E se a minha lista estiver toda errada e for ele a minha outra metade?

“Eu sei que seu começo de vida não foi fácil meu amor, mas não deixe o passado determinar seu futuro.”

Olho-a, confusa.

Do que ela está falando?

Da adoção provavelmente.

Isso não me abala de verdade.

Existem muitas crianças que não tiveram a sorte de serem criadas por uma família amorosa como a minha, então eu só tenho que agradecer a Deus.

De repente, é como se uma nuvem revelasse o sol.

O que estou fazendo aqui quando Axel está a minha espera em casa?

“Eu vou voltar.”

“Para a Califórnia?”

“Sim, voltarei hoje ainda. Será que consigo um voo?”

“Não quer esperar até amanhã de manhã?”

“Não, eu não posso. Estou torturando a nós dois ficando longe. Chegou o momento de arriscar. Não quero viver para sempre na zona de conforto.”

“Ele está fazendo bem a você.”

“Como assim?”

“Eu nunca a vi tão forte e determinada. Mesmo sem conhecê-lo direito, já gosto dele.”

“Obrigada, Bela. Eu estava uma bagunça quando cheguei. É difícil confessar, mas além da preocupação com Tristan, aproveitei a oportunidade para escapar de tudo o que ele me faz sentir.”

“Sempre estarei aqui para você, Khayla.”



Meu coração está em uma corrida louca enquanto fecho o cinto de segurança no avião. Dessa vez não tem nada a ver com o medo de voar, mas com a ansiedade de reencontrá-lo.

Vou fazer uma surpresa.

Não avisei que estava voltando. Eu disse que chegaria em *Carmel* em três dias e como ele estava em *Napa* até ontem, provavelmente ainda ficará em *Sausalito* mais uma noite.

Vou do aeroporto direto para casa.

Estou morrendo de saudade.

CAPÍTULO 37

KHAYLA

Sausalito

De repente, sinto-me insegura por ter vindo sem avisar.

Sei que ele disse que temos um compromisso e tudo, mas desde que aluguei o carro no aeroporto, tenho a sensação de que deveria ter telefonado e agora, meu celular morreu.

Acha que as coisas não poderiam ficar piores? Esqueci o carregador em *Boston*!

Deus, eu sou tão desatenta! Se o carro não tivesse *GPS*, eu estaria agora perdida, sem saber como chegar na casa dele.

Tento fingir que não estou com medo, mas isso é uma mentira danada. Não tenho hábito de dirigir tão tarde da noite sozinha e o condomínio dele é bem deserto.

Fico aliviada quando finalmente vejo sua casa.

Tomo algumas respirações e aos poucos, meus batimentos cardíacos vão desacelerando.

Olho o relógio em meu pulso.

Meia-noite!

E se ele já estiver dormindo e não ouvir o interfone?

Estou com tanta raiva de mim mesma.

A primeira vez que tento fazer algo sem planejar, dá nisso!

Bela surpresa, Khayla!

Chegar de madrugada, apavorada é extremamente *sexy*.

Quando paro ao lado do interfone, no entanto, vejo que o portão já está aberto.

Estranho.

Axel é um tanto paranóico com segurança, assim como eu.

Por ter sido criada por Ethan, aprendi a não me colocar em riscos desnecessários.

Desligo os faróis e dirijo devagar até chegar na entrada da garagem.

Música?

Estou na casa certa?

Alcanço minha bolsa no banco do carona e pego o *spray* de pimenta que nunca usei, sentindo minha pulsação acelerar.

Desço do carro com medo, mas assim que faço a curva, sou surpreendida por além da música alta, luzes também.

Parece que a casa se transformou em uma boate e há casais por todos os lugares que se olhe.

Uma garota está de topless e um cara coloca gelo em seus seios e suga.

Começo a ficar enjoada e quero dar meia-volta e ir embora, mas preciso saber o que está acontecendo.

Ele me chamou de medrosa um monte de vezes.

Pois bem, isso ficou para trás.

A casa está lotada. Eu nunca pensei que coubesse tanta gente naquela sala.

Não consigo ver Axel em qualquer lugar e isso tanto traz alívio quanto me assusta.

Começo a subir as escadas e sou pega de surpresa quando me deparo não com ele, mas com o seu melhor amigo da escola.

Isaac.

Não sou uma pessoa que normalmente tem antipatia pelos outros, mas nunca me senti confortável com Isaac.

“Ah, finalmente vou conhecer a número um.” - ele diz, em tom de deboche - “Quero dizer, reencontrar. Eu lembro de você do colégio, bebê.”

Agora eu posso dizer que realmente não gosto dele.

Nada nele.

Seu tom pastoso, de quem está provavelmente embriagado. A forma como está invadindo meu espaço pessoal, mas principalmente, a maneira descarada com que me cobiça.

“Onde está Axel?”

“Isso é jeito de falar com um amigo, loira? Onde estão seus modos?”

Uma cena volta a minha cabeça.

O dia em que aquela modelo esteve lá em *Carmel* e que Zach tentou blindar Axel para que ela não chegasse até ele.

A ruiva agora sou eu?

Entendi tudo errado?

Sinto dor atrás dos olhos ao pensar que o que vivemos foi uma mentira.

Todos os meus instintos me mandam correr, evitar o confronto, mas ao invés, continuo subindo.

“Esteja preparada para o que vai encontrar. Não se invade a casa de um cara assim.”

“Não estou invadindo nada. Eu estava hospedada aqui.”

“Percebeu que usou o tempo passado, né? Aprenda uma coisa, boneca: Axel muda de ideia muito depressa.”

“Você está mentindo.”

“Suba então.” - ele me desafia.

Estou tão triste.

Repasso em segundos toda a nossa história. As coisas que ele me disse. Os beijos, as carícias.

Eu sou tão estúpida assim? Caí no conto do *playboy* conquistador?

“E então, o que vai ser? Se quiser companhia enquanto ele está ocupado, estou às ordens. Garanto que podemos passar momentos deliciosos juntos, mas caso decida pagar para ver, só aviso para bater antes de entrar. Ele subiu com duas garotas e quando saí do quarto, as coisas estavam meio selvagens por lá.”

Estou tremendo tanto que tenho medo que minhas pernas não me sustentem.

Olho para o alto da escada e para ele novamente.

Eu não quero ver aquilo.

Pelo menos se eu for embora, terei as boas lembranças para guardar.

Se eu subir, não sobrá nada.

Viro as costas e saio correndo.

Tropeço em um casal no jardim e quase caio sobre eles - como se a humilhação já não fosse grande o suficiente.

Estou chorando e não consigo ver o caminho. Só tenho uma certeza: preciso voltar para casa.

Minha casa.

San Luis.

Depois peço para Zach enviar minhas coisas que estão em *Carmel*.

Alguém me dá um esbarrão e a seguir me segura.

É a gota que faltava e começo a me debater, tentando me livrar de quem quer que seja.

Estou muito assustada.

“Khayla, sou eu. Calma, docinho. O que está acontecendo?”

“Linus?”

Está muito escuro e com as lágrimas, eu não consigo enxergá-lo direito.

“Sim. O que está acontecendo? Onde está Axel?”

Ao invés de explicar, eu recomeço a chorar e só aponto para a casa.

“Ele está lá dentro?”

Confirmo com a cabeça.

“O que você... está fazendo aqui?” - consigo finalmente perguntar.

“Minha casa principal é em *San Francisco* e um dos vizinhos telefonou reclamando da música aqui. Ele é um amigo e não quis chamar a polícia antes de falar comigo. Tentou ver se eu conseguiria resolver a situação antes.”

“Certo. Eu estou indo embora.”

“Para onde? *Carmel*? A essa hora? De jeito nenhum.”

“Não. Para *San Luis*. Meu tempo em *Carmel* acabou. Você disse que eu poderia mudar de ideia a qualquer momento. Pois bem. Estou desistindo.”

“Calma. Tudo bem quanto a parte de ir embora. Você é livre para decidir, mas deixe-me só ir até lá falar com Axel e eu a levo para casa, *okay*? Amanhã mando alguém pegar seu carro.”

Eu não falo nada e nem explico que o carro é alugado.

Tudo o que sei é que não há maneira de que eu vá ficar esperando até que ele volte.

“Khayla, eu só vou entrar por dois minutos e acabar com essa zona. Depois, volto para levá-la para casa.”

Ele está me tratando como uma criança e nesse momento, isso é mais do que posso suportar.

“Tudo bem. Espere aqui.”

Ele me leva até o meu carro.

“Tranque a porta e não abra para ninguém que não seja eu.”

Faço o que ele pediu, mas espero somente que vire as costas, programo o *GPS* e começo a dirigir.

Não há mais qualquer razão para que eu fique aqui.

Só quero voltar para a segurança do meu mundo.

CAPÍTULO 38

AXEL

Carmel

“Onde diabos você está?”

Eu não costumo atender o celular de madrugada, mesmo que eu esteja acordado, mas como Linus nunca liga a essa hora, pego o telefone meio apavorado quando vejo seu nome no visor.

Minha mente acelerada já imagina, em uma fração de segundos, mil cenários diferentes.

Khayla cessou qualquer comunicação há mais de doze horas. Nem sequer mensagens.

Tentei me controlar ao máximo e lhe dar espaço até que finalmente o medo de perdê-la venceu.

Liguei sem parar para o seu celular e caiu direto na caixa postal.

Estava apenas aguardando o dia amanhecer para telefonar para Lucas.

Desse modo, a forma agressiva como meu pai falou comigo faz meu estômago dar nós, porque agora tenho certeza de que aconteceu alguma coisa.

“Em *Carmel*. Esperando por Khayla.”

“Putá que o pariu!”

“O que está acontecendo, Linus?”

“Axel, ouça com calma. Você não deve pegar a estrada sozinho. É uma distância muito grande para você dirigir com o quadril lesionado. Peça a Zach

para levá-lo.”

“Pai, pelo amor de Deus o que está acontecendo? Khayla está bem? Não me enrole. Só diga a verdade.”

Eu acho que nunca senti tanto medo na vida.

Nem mesmo quando entrei no mar para tentar salvar minha mãe eu estava tão assustado.

Pensar que algo possa ter acontecido com a minha Khayla me enlouquece.

Não. Não. Não.

Não pode ser.

“Axel, chame Zach.”

“Fale comigo, porra. Eu não sou mais uma criança. Ela é minha mulher. Só me diga o que está acontecendo.”

Já estou vestindo o jeans e sinto fisgadas no quadril, provavelmente por conta dos dois dias sem fisioterapia.

“Ela veio para *Sausalito*.”

“O que? De jeito nenhum. Khayla está em *Boston*. Combinamos de nos encontrar aqui.”

“Escute.” - ele solta um suspiro profundo - “Eu estive com ela aqui em *Sausalito* há cerca de uma hora. Ela estava saindo da sua casa.”

“Por que ela iria para *Sausalito*? Nós combinamos de nos encontrar em *Carmel*.” - falo, tentando entender o todo.

Estou andando de um lado para o outro no quarto como um leão enjaulado.

Não ter controle sobre o que está acontecendo me deixa insano.

“E o que você foi fazer em *Sausalito*?”

Nenhuma porra do que ele está falando faz sentido.

“Um vizinho ligou. Ele ia chamar a polícia. Aparentemente o idiota do Isaac resolveu dar uma de suas festinhas. Esqueça essa parte e foque no que

vou dizer: você precisa encontrá-la. Ela disse que estava voltando para *San Luis*. Quando foi embora, ela estava chorando muito, filho.”

“Chorando? Por que? Isaac... ele encostou nela? Eu vou matá-lo.”

Desço as escadas mais rápido do que meu quadril aguenta e quando chego ao fim, preciso sentar de tanta dor.

Eu não me importo. Nem que eu precise ir me arrastando até *San Luis*, vou trazê-la de volta.

Pela primeira vez em meses, entro na garagem para pegar um dos meus carros.

“Você tem o endereço dela?”

Eu nunca me preocupei com isso porque não esperava que ela fosse voltar para casa tão cedo - ou talvez nunca.

“Estou mandando para o seu celular agora. Quanto a Isaac, não se preocupe. Eu já cuidei disso.”

“Se ele não a tocou, então o que aconteceu?”

“Ele custou a confessar, mas eu consegui arrancar no fim. O idiota disse a ela que você estava no quarto com duas mulheres.”



San Luis Obispo

Geralmente eu levaria duas horas entre *Carmel* e *San Luis Obispo*.

Hoje, eu fiz o percurso em uma e meia.

Você deve achar que eu sou louco, certo?

Depois do que passei, sendo arremessado de um penhasco como uma bala de canhão, era de se esperar que eu fosse cauteloso.

Duas coisas precisam ser esclarecidas.

Cautela e eu não somos bons companheiros.

O outro fator - e esse é o dominante no momento - é que não posso chegar nela rápido o suficiente para conseguir acalmar meu coração.

Continuei tentando ligar pelo viva-voz do carro e as chamadas foram direto para a caixa postal.

Agora estou estacionado em frente ao seu condomínio como um fodido *stalker*.

Linus disse que ela estava dirigindo uma *Mercedes SUV* prateada e estou atento a cada carro que passa.

Não ficarei surpreso se um dos vizinhos chamar a polícia.

San Luis é uma cidade pequena, daquele tipo que todo mundo se conhece e ver um carro com um estranho dentro, estacionado em um bairro familiar, provavelmente levantará suspeitas.

Ele disse que Khayla já havia saído há quase uma hora quando ele me telefonou.

Se vier dirigindo em uma velocidade regular, ela levará quase quatro até aqui, então estou calculando que em pouco menos de sessenta fodidos minutos, finalmente a verei e poderei acabar com essa porra de pesadelo.

Afasto o medo dela ter vindo chorando pelo caminho e o quanto isso seria perigoso.

Não, Khayla é focada.

Ela ficará bem.

Preciso acreditar nisso.

Será que havia combustível suficiente no carro ou teve que parar em algum posto pelo meio do caminho?

Ela é cuidadosa. Vai dar tudo certo.

Deus, cuide da minha menina para mim.

Sei que eu e você não temos um bom diálogo, mas não deixe que nada aconteça a ela.

Linus falou que já se acertou com Isaac, mas isso não vai sair de graça de

jeito nenhum. Por anos tenho aturado suas merdas e estou feito.

Khayla não cairia numa mentira dele tão fácil, cairia?

Quero dizer, pelo amor de Deus, olhem tudo o que nós vivemos. Não tem como sequer passar por sua cabeça que eu a enganaria.

Só precisamos conversar e daí então, esclarecerei tudo.

O que aconteceu entre nós não é coisa da minha cabeça.

Eu sei que foi real.

Nós somos reais, não importa o que ela achava que quisesse antes.

De repente, começo a sufocar e ficar dentro do carro torna-se impossível.

Quase uivo de dor ao ficar de pé, mas continuo caminhando para a entrada do seu prédio.

Olho para dentro e vejo que há um porteiro. Ele me encara desconfiado, mas mesmo assim toco o interfone e pergunto se Khayla está.

Eu sei que não haveria maneira dela ter entrado sem que eu visse e também não daria tempo de já ter chegado, mas eu não sou um cara normal e hoje mais do que nunca, posso dizer que estou bem na borda da loucura.

Claro que ele diz que ela não está.

Não estou conseguindo mais ficar de pé e sento no meio fio para esperá-la.

O dia já está clareando e meus olhos, pesados. Tenho medo de entrar no carro e perder a hora em que ela chegar.

Eu só preciso descansar um pouco.

Logo logo, vou tê-la aqui comigo.



“Axel, o que você está fazendo aqui?”

Primeiro, acho que é um sonho.

Não faço ideia de onde estou, mas então abro os olhos devagar e a vejo contra a luz do sol.

Só então percebo que adormeci sentado na calçada.

“Eu estava esperando você.”

“Como?”

Tento levantar e minha perna dobra.

Merda.

“Você está bem?”

Há algo diferente em seu tom.

Ainda estou meio adormecido, mas não passa despercebido a mudança nele.

“Meu quadril está incomodando desde ontem à noite.”

“Você veio atrás de mim?”

Algumas pessoas estão passando na rua e nos olham meio ressabiados.

“Podemos conversar lá em cima?”

Ela hesita e gostaria de fingir que aquilo não me machuca, mas dói para caralho.

“Eu não sei.”

“Khayla, sou eu. A mesma pessoa que deixou você no aeroporto há três dias. Eu nunca lhe faria mal.”

Suas bochechas ficam vermelhas e ela parece envergonhada.

“Tudo bem. Você precisa de ajuda?”

Seu tom profissional é como uma faca rodando em meu coração e minha mente treinada para rejeitar qualquer tipo de piedade é acionada instantaneamente.

“Estou bem, obrigado. Algum problema de deixar meu carro estacionado aqui?”

“Não, só precisamos dar o número da placa para o porteiro.”

“Certo.”

Como em apenas poucos dias esse abismo pode ter se formado entre nós?
Ela lidera o caminho e eu a sigo.

Quando entramos, o porteiro olha para mim como se eu fosse um *serial killer*, mas estou pouco me fodendo.

No elevador, ela quase se encolhe para manter distância e olho para o chão para disfarçar o quanto aquilo me dói.

Ela está com medo de mim?

Espero que coloque a digital para destrancar a porta e não duvido nem por um instante que aquilo é ideia de Lucas, Ethan ou ambos, mas é bom saber que ela está segura.

“Por que você não atendeu o telefone?”

Meu autocontrole tem um limite e eu preciso começar a esclarecer as coisas antes que ela se feche de vez. A intuição diz que ela não me dará muito tempo.

“Fiquei sem bateria. Só percebi quando desembarquei.”

“E o carregador?”

Eu realmente não me importo com os detalhes no momento, desde que ela esteja aqui comigo, mas se o que precisamos fazer para quebrar o gelo é conversar sobre tecnologia, que seja.

“Esqueci em *Boston*. Eu estava com pressa quando saí.” - ela aponta o sofá - “É melhor você sentar.”

Estou com dor, mas de jeito nenhum ficarei longe dela, mesmo que seja do outro lado da sala.

“Só se você vier também.”

“Tudo bem.”

Assim que eu me sento, ela puxa um pufe e coloca minhas pernas em cima.

Pela primeira vez desde que a minha mãe morreu, sinto vontade de

chorar.

Ela está magoada, achando que eu a traí e ainda assim, preocupa-se comigo.

Eu não posso perdê-la.

Sei que nunca mais encontrarei alguém que preencha seu lugar.

“Eu não posso perder você.” - falo, antes que consiga me controlar.

Inferno. Não era para ser assim.

Eu deveria primeiro conversar sobre o que aconteceu em *Sausalito*.

“Como você conseguiu chegar antes de mim?”

Ela ignora totalmente o que eu disse.

Seu tom é indiferente.

“Você não adivinha?” - não reajo bem ao seu descaso. Ela não parece só magoada, como também sem qualquer disposição para me dar o benefício da dúvida.

“Não sei. Helicóptero?”

Eu poderia facilitar sua vida, mas subitamente, perdi a vontade de esclarecer tudo muito depressa.

“Não, dirigindo.”

“Como? Eu vim no tempo certo. Você estava... você... *huh*... nunca poderia ter chegado antes de mim.”

“Eu estava o que, Khayla?”

Ela não me encara e ensaia levantar.

“Não. Você não vai fugir. Diga o que tem para me dizer com todas as letras. Eu estava o que?”

“Eu não vou dizer isso em voz alta. Já é o bastante tudo o que eu passei lá na sua casa, com seu amigo rindo de mim.”

Eu quero matar Isaac, mas no momento precisamos resolver nossas vidas de uma vez por todas.

Ela levanta e o rosto que até então estava apático, agora parece irado.

“Você sabe o que fez.”

“Sei?”

“Axel, se você continuar ironizando tudo o que eu digo, vou pedir para que saia.”

“Eu estou sendo irônico? Acho que não. Até a porra de um condenado tem o direito de saber do que está sendo acusado e você até agora não falou nada.”

“Você sabe, caso contrário não estaria aqui.”

“Linus me avisou.”

“Isso não faz sentido. Ainda que ele o tivesse avisado, não teria dado tempo de você vir antes de mim, a não ser que fosse de helicóptero.”

Espero que ela chegue à conclusão sozinha, mas ainda parece relutar.

“Eu já disse que vim dirigindo, mas você não quer juntar as peças, não é?” - está doendo de verdade agora e não consigo segurar as palavras - “Você prefere acreditar que eu a estava traindo do que seguir pelo caminho lógico e aceitar que eu nunca estive naquela porra de festa.”

“Você estava lá.”

“Não, eu não estava. Estava em *Carmel* esperando por você como combinamos. Foi você quem descumpriu o acordo.”

“Eu quis fazer uma surpresa...”

“Tudo bem e eu adoraria isso, mas eu não tinha como saber que iria para *Sausalito* ou que Isaac estaria dando uma festa lá. Na última vez que falei com ele, nós discutimos.” - levanto porque mesmo com toda a dor, não posso mais ficar parado - “Eu fiz o que você me pediu. Eu fui para nossa casa e esperei. Eu estava ficando louco, mas esperei e dei espaço. Mesmo sem receber a porra de um telefonema e ter que me contentar com somente duas mensagens, eu tive fé o suficiente em nós dois para esperar. Para acreditar.”

“Axel...”

“Mas você só precisou que alguém, uma única pessoa lhe dissesse que eu

a estava traindo para me condenar.”

“O que você queria que eu pensasse? Ele ficou debochando, dizendo para eu não subir porque você estava com duas mulheres lá em cima.”

“E você sequer se deu ao trabalho de conferir.” - ando até a janela - “Nós dois sabemos porque você não se deu ao trabalho de conferir, não é princesa?”

“Não sei do que você está falando.”

“Sabe sim. Você não subiu as escadas porque queria acreditar nele. Você precisava acreditar nele para poder me descartar mais facilmente.”

CAPÍTULO 39

.....

KHAYLA

Encaro-o, boquiaberta.

“Você só pode estar louco!”

Não, claro que eu não fiz isso.

Eu vim de Boston só para vê-lo. Eu estava decidida a dar uma chance a nós dois.

“Axel, olhe para mim.”

Pela primeira vez desde que saí de *Sausalito*, paro de pensar em meus sentimentos e foco nos dele.

Ele parece esgotado.

Eu passei o caminho todo na volta para casa com pena de mim mesma, mas quando o vi sentado na calçada do meu prédio, meu coração estalou.

“Você não pode ficar de pé.”

“Eu não me importo, Khayla.”

“Mas eu sim. Por favor, sente-se.”

“Você acredita em mim? Eu nunca a trairia.”

Ele continua recostado à janela.

Olho para o rosto cansado, a sombra da barba por fazer e sinto vergonha de mim mesma.

Não precisei escutar mais do que cinco minutos dos seus argumentos para entender que Isaac mentiu, então por que continuei relutando em fazer as pazes?

Ele está certo.

Eu tentei nos sabotar.

Encontrar um motivo que me livrasse da sensação de estar no meio de um furacão que estar com ele me traz.

“Eu acredito em você.” - finalmente, capítulo.

Ele não desvia os olhos, mas também não faz qualquer movimento para vir para perto.

“Mas dentro de você, nada mudou. Continua fugindo do que sente.”

Não é uma pergunta.

Axel consegue me entender como ninguém.

Ele baixa a cabeça e parece machucado.

“Eu tenho certezas o bastante dentro de mim para nós dois, você sabe? Eu poderia passar o resto do dia, do ano, da vida, explicando as razões pelas quais devemos continuar juntos” - finalmente sai de perto da janela, mas ao invés de se sentar, começa a andar para a porta. - “mas você precisa querer também.”

Ele está indo embora.

Eu vou perdê-lo.

Minha covardia vai fazer com que eu perca a melhor coisa que já me aconteceu.

“Você sabe onde me encontrar se mudar de ideia.”

“Eu te amo.”

Ele para com a mão na maçaneta e posso ver pela rigidez em sua postura que ainda preciso oferecer mais.

Ando até onde está e passo os braços por sua cintura.

“Eu te amo, Axel. Eu estou morrendo de medo, mas eu não quero mais fugir.”

Ele coloca as mãos por cima das minhas e eu me sinto completa pela primeira vez em dias.

Ele beija uma mão e depois a outra e vira-se.

“Diga outra vez.”

“Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. Eu senti tanta falta de você.”

Ele ainda não me abraça. Parece se resguardar.

Olho para o rosto do homem que agora eu tenho certeza, é o meu amor e

penso em como fui idiota.

A verdade estava ali bem na minha frente e eu optei por ignorá-la, aceitando a farsa de Isaac.

“Vem comigo.”

Eu não estou pedindo. É uma ordem.

Sei que dessa vez sou eu quem terá que dar as cartas.

Entrelaço nossos dedos muito forte, enquanto levo-o para o quarto. Agora sou eu quem está apavorada que ele vá embora.

“Sente-se.”

Ele olha para a cama e depois para mim.

Não sei o que está pensando, mas preciso seguir adiante com meu plano.

Empurro-o de costas na cama e abaixo-me para tirar seus sapatos.

“Seu quadril está doendo muito?”

“Eu posso aguentar.”

“Eu sei que pode. Não foi isso que eu perguntei.”

“Meu quadril é uma dor física, Khayla. Suportável.”

Engulo em seco quando entendo o significado de suas palavras.

Eu o magoei.

Tiro suas botas e depois a camisa e quando torno a levantar, admiro meu homem.

“Você é tão bonito.”

Ele ainda não fala, não sorri e nem nada.

Esse Axel parece mais fechado, quase inatingível.

“Eu sempre o achei bonito ao ponto de ser inalcançável.”

“Eu nunca fui inalcançável para você.”

“Eu não sabia disso.”

“No passado talvez não, mas depois que nos reencontramos, você não poderia ter dúvidas.”

“Eu tinha. Um monte. Tentei ser corajosa, mas as coisas entre nós

fugiram dos meus planos e eu não lido muito bem com surpresas."

Silêncio.

Abro seu jeans e desço-o pelas pernas.

Depois beijo a cicatriz da cirurgia.

Ele estremece sob minha boca, mas ainda não diz coisa alguma.

"Eu amo você , Axel King. Estou apavorada, mas isso não é nem de perto tão assustador quanto a ideia de perdê-lo".

"Não iria acontecer, Khayla."

Eu havia começado a tirar minha calça, mas paro.

"Não?"

Ele balança a cabeça de um lado para o outro.

"O que eu sinto por você não vai passar."

Eu queria muito que ele explicasse melhor essa parte de que o que sente por mim não passar - sim, essa sou eu precisando de garantias - mas sei que por hora não estou em posição de exigir nada, então ao invés, termino de tirar a calça e olho-o.

Ele acompanha a ação e meu coração bate tão forte que acho que ele talvez possa estar ouvindo-o.

Nunca pensei que teria coragem de fazer um *striptease*, mas sinto em minha alma que preciso demonstrar que estou entregando tudo.

"Não estou com vergonha."

Deus, não era para ter dito isso em voz alta.

Estou fazendo o meu melhor para mostrar segurança.

"Não?"

Mordo o lábio, nervosa.

"Não."

"Então por que parou de tirar a roupa?"

Ele não parece disposto a facilitar minha vida, mas não vou recuar.

"Porque estamos conversando."

“Eu não quero conversar agora.”

Ele tira a boxer e deita, apoiando-se nos cotovelos.

Fico arrepiada quando vejo como está excitado.

“Mostre-me.”

Ainda tento disfarçar.

“O que?”

"O que é meu.”

Eu sou uma garota relativamente moderna.

Quero dizer, sou totalmente a favor da emancipação feminina e direitos iguais, mas ouvir a posse em sua voz consegue fazer minha massa encefálica virar calda de chocolate derretido em uma fração de segundos.

Sem deixar de olhá-lo, puxo a camiseta.

Agora só tenho a calcinha e o sutiã cobrindo-me.

“Tire o resto.”

Desço a calcinha totalmente insegura, mas quando o encaro, sinto falta de ar.

Eu não sei como as outras mulheres vivem seus relacionamentos, mas tenho certeza de que um homem jamais me olhará da maneira como ele faz.

Como se eu fosse seu paraíso.

Seu lugar sagrado no mundo.

As dúvidas que ainda brincavam com a minha mente desaparecem.

"Tudo, Khayla.”

Abro o fecho do sutiã.

Sua voz não é mais tão carinhosa como antes de eu ir para *Boston* e eu só queria que ele me abraçasse.

“E agora?”

Axel estica a mão e enquanto caminho até ele, minhas pernas estão bambas.

Só que eu não tenho muito tempo para pensar, porque ele me puxa para

cima do seu corpo.

Em segundos, estou ajoelhada na cama, montada sobre seu peito e sua boca me provando.

Não há qualquer delicadeza em suas carícias.

Axel me devora.

As mãos apertam forte os meus quadris. Os dedos enterrados em minha carne para me manter parada, enquanto meu corpo convulsiona em desespero, sem saber lidar como tantas sensações.

“Deus, Axel...”

Ele não para.

Morde, chupa, suga, estimula, lambe.

É intenso demais. Tenho certeza de que vou desmaiar.

Somente quando acho que não posso aguentar, ele substitui a boca pelos dedos e eu perco a noção de onde estamos.

Seguro seus cabelos com força, porque não posso deixá-lo ir.

“Você é meu.”

Gemo.

Estou sem qualquer proteção para o coração ou corpo. Ofereço o que existe de mais escondido dentro de mim.

Ele não diz nada.

Só continua me enlouquecendo, tirando meu mundo do eixo.

Apoio às mãos na cabeceira da cama porque ainda não tenho o suficiente e começo a me mexer em seu rosto.

“Eu quero gozar.”

Não pareço eu mesma falando.

Eu não sou aquela a exigir, mas preciso que ele me dê tudo.

Ele me gira, deitando-me de costas, mas não para o ataque.

Não custa um nada até que eu me desmanche.

Ele sobe e me encara.

“Nunca mais duvide de nós dois.”

“Eu não...”

“Sim, você fez.”

Ainda não estou pronta para voltar ao mundo real, mas não me esconderei mais de confrontos.

“Eu estava com medo. Ainda estou, mas eu te amo, Axel. Não me importo com os riscos que me apaixonar por você envolve. Eu não vou desistir de nós dois.”

Ele coloca minhas pernas em seus ombros.

“De novo.”

“O que?”

“Fale tudo outra vez.”

“Eu...”

Perco o fôlego quando ele entra totalmente em mim.

“Eu não posso ficar longe de você. Eu te amo.” - gemo.

Ele aumenta a velocidade com que me toma, tornando difícil pensar.

“Continue.” - diz.

Sua posse é tão profunda agora que eu sinto como se nossos corpos fossem um só.

“Eu não vou mais fugir.”

“Ou duvidar.”

Instrui, quase saindo de mim, somente para voltar segundos depois.

“Ou duvidar. Oh, Deus!”

“Sim, você não irá mais duvidar. E sabe por que, amor? Porque não deixarei espaço para isso. Porque vou ter certeza a cada dia que você saiba o quanto sou louco por você.”

Mexo-me embaixo dele, erguendo os quadris.

"Prometa que nunca mais fugirá do que temos.”

Ele, assim como eu, deixou de lado qualquer tentativa de se proteger.

“Prometa que não virará as costas sem me dar uma chance de explicar.” - diz e interrompe os movimentos.

“Por favor....”

“Prometa, Khayla.”

“Prometo. Agora eu preciso de você.”

CAPÍTULO 40

AXEL

“Eu acho que perdi o controle. Peguei muito pesado com você?”

Ela está deitada sobre meu corpo, nua, quente e eu não sei dizer quantas horas se passaram ou quantas vezes transamos.

Parece que cada vez era apenas a continuação da anterior, intercalada com pequenos cochilos quando os corpos já estavam exaustos demais para se manterem em movimento.

O sol está se pondo e a pouca luz que resta faz com que os cabelos dela brilhem tanto quanto da primeira vez em que a vi.

Já consegui alinhar minha mente o suficiente para pensar com clareza e entender seus medos.

Apesar de nossa diferença de idade ser de apenas três anos, por dentro, eu sou muito mais velho.

Enquanto sua família a superprotege, parecendo cuidar a cada passo para ela não se machuque, eu tive que me virar praticamente desde que aprendi a andar.

Não foi falta de amor.

Por mais instável que a minha mãe fosse, nunca tive dúvidas de que ela me amava. Foi a incerteza de como seria o mês, o dia ou a hora seguinte que me fez ter esse pavor de perder o controle da minha vida.

Assim, preferi crescer fazendo de conta que eu não precisava de ninguém. Que me basto.

Só que desde que ela chegou, isso foi por terra e eu não sei como fazer

para mantê-la comigo.

Achei que quando eu encontrasse a minha *única* - se é que ela existia - a vida entraria em sua rota normal, mas para mim está sendo ao contrário.

Não estou conseguindo equilibrar minha necessidade por ela e ao mesmo tempo permitir que cresça sozinha.

Porque ela precisa disso.

Tomar as próprias decisões, tendo a certeza do que quer.

“Não.” - sua mão brinca com o meu peito em uma carícia suave - “Eu acho que você me transformou em uma viciada.” - há um tom de riso em sua voz.

“Em sexo? Porque há tratamento especializado para isso se a situação fugir ao controle.”

“Em Axel.”

Agarro um punhado dos seus cabelos apenas com força o suficiente para trazer sua boca até mim.

O beijo é lento, mas profundo.

Íntimo.

Sua mão está em meu cabelo também agora. Os dedos enrolados neles, mantendo-me preso.

Quando por fim nos separamos, nos encaramos em silêncio.

Ela sorri e eu poderia passar o resto da vida trabalhando para mantê-la assim.

“Como foram as coisas em *Napa*?”

Eu não tinha intenção de revelar nada sobre a vinícola agora, mas guardar segredos não tem funcionado para nós.

“Estou pensando em comprar uma vinícola.” - solto de uma só vez e aguardo.

“O que? Por que? Você vai parar de surfar?” - ela parece subitamente ansiosa - “Axel, não. O médico disse de seis meses a um ano para a

recuperação total, mas correndo o risco de parecer pretensiosa ao ir contra o prognóstico dele, eu acho que você poderia voltar a competir bem antes.” - ela pausa para tomar fôlego - “Quero dizer, olhe só o seu progresso até agora. Você é praticamente o *Wolverine*.”

Sem planejar, eu gargalho.

“Wolverine?”

“Sim. Eu não sou formada, mas já faço estágio há um ano e meio. Trabalhei com vários tipos de lesões e nunca vi alguém se recuperar tão rápido. Você vai voltar a fazer o que ama. Não duvido disso por um segundo sequer.”

Ela parece apaixonada em seu discurso. Pronta para me levantar caso eu precise.

“Eu sei.”

“Você sabe?”

“Sim. Nós não conversamos naquele dia, mas não fiquei preocupado com o que o médico falou. Ele pode entender de sua especialidade, mas eu entendo do meu corpo e sei que voltarei a surfar.”

“Mas você estava morrendo de dor quando eu cheguei.”

Ela senta na cama sem tentar esconder seu corpo nu de mim.

Eu amo sua naturalidade.

Khayla é nova e sem experiência, mas totalmente à vontade com sua sexualidade.

“Você ainda está com dor? Deus, eu praticamente o fiz de escravo sexual o dia todo.”

E ela consegue novamente.

Eu rio tanto que sinto as lágrimas escorrerem dos meus olhos.

“Isso não é engraçado, King.”

“É sim, princesa. Na hora que você falou, veio na minha cabeça um quarto do prazer daquele tipo que enlouqueceu as mulheres quando foi

lançado o filme Cinquenta Tons de Cinza.

"Você assistiu aquele filme?"

"Talvez..."

Escondendo uma risada.

Ela parece muito interessada e começo a achar que talvez ela tenha realmente se transformado em uma viciada em sexo.

"*Foco, Khayla.*" - ela balança a cabeça e fala consigo mesma.

"Tudo bem aí dentro, amor?" - sorrio, tocando sua cabeça de brincadeira.

"Você me faz pensar em sexo a todo momento. Já estava fantasiando tê-lo como meu escravo sexual no tal quarto do prazer."

Eu nos viro de lado.

"Sou seu, princesa. Não se sinta intimidada em usar meu corpo."

Ela ri e aproxima-se para um beijo.

"Manterei isso em mente." - diz, mordendo meu lábio - "Mas você não respondeu se ainda está sentindo dor."

"Não dor. Apenas um pouco de incômodo agora, mas acho que pode ser uma combinação da falta da fisioterapia aliada às horas que dirigi ontem de *Carmel* para cá."

Sua expressão cai e ela olha para baixo.

"Estou tão envergonhada."

Nós ainda não conversamos sobre o que aconteceu em *Sausalito*.

"Pelo que?"

"O conjunto da obra? Ter duvidado de você, ter tentado arrumar um motivo para afastá-lo, ter mentido para mim mesma."

Eu gostaria de dizer para ela que aquilo não é nada demais, mas isso seria uma mentira.

Khayla precisa ser confrontada com suas próprias merdas também. Então, ao invés de dar um tapinha nas costas e consolá-la, opto por um caminho alternativo.

“Conte-me o que aconteceu em *Sausalito*.”

“Você ainda está zangado comigo?”

“Não.” - dou um beijo em seu queixo - “Fale.”

“Eu estava com medo de nós dois, mas conversei com Bela e ela me ajudou a enxergar as coisas sobre um outro ângulo. Isso tudo é novidade para mim, Axel. Eu nunca havia beijado um cara até conhecer você e de repente, nós acontecemos. E como acontecemos.” - ela passa o dedo pelo lençol, fazendo círculos no tecido - “Mas custou um nada para eu entender que preferia arriscar do que ficar longe de você, então decidi voltar para casa.”

Não sei se ela percebeu o que acabou de falar.

Casa.

E eu tenho certeza que ela quis dizer comigo.

Não importa se em *Sausalito*, *Carmel* ou aqui.

Depois do que aconteceu, me faz um bem danado ouvir isso.

“Como eu sabia que você estava em *Napa* e havia um voo direto de *Boston* para *San Francisco*, resolvi arriscar a sorte.”

“Só uma coisa: nunca mais deixe o celular morrer.”

“Eu esqueci o carregador.”

“Vou comprar dez para você e deixar espalhado por todos os lugares, em todas as suas bolsas se for preciso, mas não ande mais sem um. Poderia ter acontecido algo na estrada e eu nem saberia onde você estava.”

“Eu sei. Sinto muito. Eu não estava pensando com clareza.”

“Tudo bem. Continue.”

“Aluguei um carro e segui para sua casa. Para resumir, estava tendo uma... festa lá.”

É a minha vez de ficar sem jeito.

Sei bem como são as festas de Isaac. Apesar de na maioria das vezes eu acabar indo para o meu quarto com alguma mulher logo no início, sei que as coisas podiam ficar pesadas no decorrer da noite.

“Quando entrei, Isaac estava na escada. Eu tentei subir para falar com você, mas ele...”

Ela fecha os olhos e eu prendo a respiração.

“Ele o que, Khayla? Diga que aquele bastardo não tocou você.”

“Não, ele disse que se eu quisesse ele... nós poderíamos... enfim... já que você estava...”

Ela ensaia levantar.

“Eu não quero mais falar sobre isso.”

“Eu preciso saber.”

“Ele disse que você estava lá no quarto. No mesmo quarto que nós transamos pela primeira vez, com duas mulheres. Que você mudava de ideia rápido e que eu já era passado.”

Deito de costas na cama e cubro os olhos com um braço.

“Eu sinto muito.” - falo.

“Você não fez nada.”

“De qualquer modo, eu a expus a ele.”

“Eu deveria ter avisado que estava indo. Foi uma super lição sobre não tentar mudar meus planos de improviso.”

“Não deveria. Teria facilitado as coisas porque eu estaria esperando-a lá, mas você não precisa anunciar para ir para qualquer uma das minhas casas. Elas são suas também.”

CAPÍTULO 42

KHAYLA

Tento não deixar meu queixo cair, mas está difícil.

Ele não parece se dar conta de como estou espantada com o que acaba de dizer.

“Eu dou minha palavra que não acontecerá novamente. Isaac nunca mais a incomodará.”

“Eu não quero que vocês briguem por minha causa.”

“Não é por sua causa. Ele já está fora de controle há alguma tempo. Linus tem razão. Eu deixei que ele fizesse o que bem entendesse em minha vida e preciso pôr um fim nisso.”

“Não sei o que dizer. Acho que vou tomar um banho.”

“Quer companhia?”

A pergunta não soa como sexual e eu percebo que ele viu o que eu estava fazendo: fugindo novamente.

“Quero sim, mas espere aqui enquanto eu encho a banheira? Vai fazer bem a você e depois eu posso dar uma massagem para soltar a musculatura. Como isso soa?”

Ele estica a mão e subo em seu corpo para um beijo.

“Soa como o paraíso.”



“Fale sobre a compra da vinícola.”

Estamos na banheira e já esquentamos a água por duas vezes.

Sentei no meio das pernas dele, que me abraça por trás.

Incrivelmente, apesar de estarmos nus, apenas conversamos - o que acaba de se tornar um super recorde se você considerar nosso histórico até aqui.

“É um sonho antigo?”

Minha cabeça está recostada em seu ombro e eu luto contra uma moleza gostosa.

Nós levamos nossos corpos quase à beira da exaustão e mesmo que eu me sinta culpada por ele estar com dor, não consigo me manter longe por muito tempo.

“Não. São planos recentes.”

“Recentes quanto?”

Silêncio.

“Axel?”

“Bem recentes.”

Algo em seu tom me faz virar para olhá-lo.

“Posso perguntar algo?” - ele fala.

“Claro.”

“Quando você se formar, pretende voltar para *Boston*?”

Recosto no outro lado da banheira e ele pega meu pé, dá um beijo e começa a massageá-lo.

“Eu achava que sim, porque sentia muita falta da minha família.”

“Sentia?”

“Sinto ainda, mas depois dessa viagem, cheguei à conclusão de que o que eu queria mesmo era a segurança de tê-los por perto. Não me entenda errado, eu adoro todos eles, mas não preciso morar em *Boston* para continuarmos próximos. Minha vida agora é na Califórnia.”

Ele parece concentrado no que está fazendo, o que é um pouco estranho. Axel, ao contrário de mim, é meio que multitarefas, com uma energia infinita.

“Por que?”

Ele levanta os olhos rapidamente, mas a seguir torna a focar no meu pé.

“A vinícola é um plano para o futuro. Para quando eu me aposentar.”

“Você não vai se aposentar agora, senhor. Sei que já está em uma idade avançada, mas a medicina hoje faz com que os idosos possam ter qualidade de vida.”

Ele vira meu pé e morde.

“Ai, isso doeu.”

“Idade avançada, né?” - a brincadeira dura pouco. Ele volta a me massagear com o rosto sério - “Em *San Luis*?”

“*Hein?*”

“Você disse que pretende ficar na Califórnia, mas não em que parte. Quer fazer de *San Luis* seu lar permanente?”

“Não pensei nisso ainda.” - tento escapar, mas é a verdade. Meus planos não foram tão longe.

Afasto o pensamento de qualquer futuro por hora, porque mesmo depois de tudo o que vivemos, ainda estou com medo.

Em pouco tempo, tenho certeza, ele voltará a competir e eu não sei como nós dois funcionaríamos com ele viajando quase o ano inteiro e voltando para casa esporadicamente. Isso assumindo que estarei incluída em seus planos.

“Quantas horas nós já gastamos?”

“O que?”

Ele para o que está fazendo e me encara.

“Eu sei que você ainda está contando, Khayla.”

Sinto minhas bochechas arderem de tão quentes.

Jesus, como ele pode me conhecer tão bem?

“Como sabe que ainda estou contando?”

Ele dá de ombros.

“Intuição.”

“Certo.”

Estou muito sem graça, como alguém pego em flagrante roubando algo.

E de certa forma estou, né?

Nosso tempo juntos.

“Cento e treze.”

“Você contou todo o tempo que passamos em Sausalito.”

Eu não achei que pudesse ficar mais constrangida, mas estou.

“Sim.”

“O relógio está correndo agora?”

“Eu posso pará-lo.”

Eu quero muito levantar e me vestir.

“Não. Eu tenho um desafio. Você pode continuar contando, mas terá que me dar mais quatro itens da lista.”

“Você não está jogando limpo.”

Ele não titubeia.

“Nem você.”

Fecho os olhos e conto até dez.

Como ele consegue me fazer amá-lo e querer bater nele ao mesmo tempo, sempre será um mistério para mim.

“Tudo bem.” - respondo, conformada - “Mas primeiro vamos sair daqui, fazer sua massagem e comer. Depois, falarei sobre a lista.”



“Isso é gostoso.”

Pedimos uma pizza e estamos no sofá devorando-a. Axel já vai para o quarto pedaço.

“Como você consegue comer tanto e continuar com esse... *huh*... quero dizer, seu abdômen é absurdamente sexy e você nem está treinando atualmente.”

Ele dá de ombros.

“Boa genética, eu acho.” - mas então esse é Axel e com a mão livre, em um segundo ele me puxa para seu colo.

“Abdômen absurdamente sexy, é?”

“Não faça o modesto. Eu tenho até vergonha de ficar de biquíni na praia. Você é muito sarado.”

“Não lembro do seu corpo em um biquíni.” - fala com a maior cara de pau do mundo.

Ele não precisaria, já que passamos boa parte do tempo nus.

“Preciso dar uma conferida para formar meu parecer.” - largando o pedaço de pizza, tenta puxar minha camiseta por cima da cabeça, mas eu o impeço.

“Você é um compulsivo sexual.”

“Eu sou um compulsivo e ponto. Não faço distinção sobre as áreas em que me concentro.”

Começo a rir, pensando que ele está brincando, mas ele parece subitamente sério.

“É verdade isso?”

“Sim. Quando minha mãe morreu, eu comecei com algumas manias. Na verdade, antes disso. Não manias do tipo hábito, sabe? Bem piores. Querer aprender algo até conseguir me tornar um especialista naquilo é um exemplo.”

“Como o *surf*?”

“Exato. Claro, é um bônus que o *surf* seja também uma paixão, mas eu

sou obcecado pelo esporte. E isso traz um segundo problema. A compulsão.”

"Como assim?"

“Pense em alguém com compulsão por compras, por exemplo. As minhas não são nada materiais, mas eu não consigo parar de pensar no objeto da minha obsessão. Não consigo parar de querer aquilo. A necessidade não passa.” - ele tenta brincar - “Pronto, agora você já pode correr. Começou a espiar por trás da cortina - como se eu já não tivesse defeitos suficientes na superfície.”

“Isso faz mal a você? Já teve alguma compulsão nociva?”

“Defina nocivo. Já fiquei tantas horas treinando manobras que mal conseguia andar no dia seguinte.”

“Treino excessivo não é tão perigoso na sua idade, apesar de que a longo prazo, poderia ser um problema.”

“Deixarei para pensar nisso no futuro. Por enquanto, meu corpo aguenta.”

Estou deitada com a cabeça em seu peito.

“Eu não sou compulsiva, mas tenho um monte de manias.”

“Como o que?”

“Contar e recontar tudo.”

“Ah, então foi daí que surgiu o problema com minhas almofadas e o número de tatuagens.”

“Isso.”

“Também gosto de seguir regras. Elas me dão a ideia de segurança.”

“Como fazer listas.

“Sim.” - respiro o fundo antes de começar a entregar o que ele quer -
“Ele tem que me fazer rir.”

“O que?”

“Você pediu mais quatro itens. Um deles é que o homem dos meus sonhos tem que me fazer rir.”

Prendo o fôlego, enquanto espero que ele absorva o que eu disse.

Ele levanta meu queixo.

“O que mais?”

“Precisa ser romântico. Lembrar de datas importantes para mim.”

“Que seriam?”

“Momentos só nossos. Pequenas coisas. Eu não sei explicar muito bem.”

“Continue.”

“Apoiar meus projetos. Isso é baseado no que eu vejo no relacionamento das minhas irmãs. Ethan e Lucas sempre apoiam Bela e Clara em tudo. Uma vez eu ouvi um casal discutindo na rua. A mulher estava chorando, enquanto o homem dizia que ela deveria desistir da carreira, porque ele ganhava dez vezes mais por mês o que ela fazia em um ano de trabalho e que seria melhor que ela ficasse em casa cuidando dos filhos.”

“Que idiota.”

“Não é? Clara e Bela sempre trabalharam e as duas juntas somam sete crianças.”

Ele parece prestar muita atenção ao que eu falo - o que é mais um dos itens que na verdade completa o apoio aos projetos, mas não quero falar sobre isso agora.

“Falta um.” - ele diz.

Não respondo.

“Khayla?”

“Acho que temos um problema com esse quarto.”

“Sexto.”

“*Hein?*”

“Depois que me disser o próximo, será o sexto item que estará me dando. Eu já sei dos dois primeiros. Você me contou lá em *Carmel*.”

"Você guardou a informação." - eu não achei que ele estivesse realmente prestando atenção.

“Por que teremos um problema com o próximo?”

“Porque você disse que eu não poderia mais mexer na lista.”

“E você mexeu?”

“Digamos que levei em consideração um conselho seu.”

Ele me encaixa de frente para o seu corpo.

“Diga.”

“Atração física. Depois do que aconteceu entre nós, cheguei à conclusão de que não poderia ficar com alguém que não pudesse me fazer passear entre as estrelas.”

Ele fica quieto depois do que eu falo.

Uma coisa que eu percebi é que quanto mais íntimos ficamos, mais Axel parece ter pensamentos secretos.

“A vinícola é um projeto para quando eu sossegar no futuro.” - ele repete o que já tinha dito antes e eu não sei o que responder.

“Futuro distante?” - pergunto, sem entender direito aonde aquela conversa está nos levando.

Eu nunca o imaginei como alguém que ficaria preso a um trabalho em um mesmo lugar.

“Por que isso agora? Uma vez você disse que não sonhava em virar empresário.”

Lembro de uma conversa que tivemos em que ele dizia que não se imaginava em um escritório vinte e quatro horas por dia.

“Em um escritório não, mas isso não me impede de ter uma vida normal em algum momento da minha vida.”

“Mas você ama competir.”

Ele não me contradiz, mas posso ver pela forma endurecida de seu maxilar que não está me dizendo tudo.

“Você quer mesmo conversar sobre isso?”

De repente sinto-me sem jeito, como se estivesse tentando invadir seus

assuntos privados.

“Não precisamos.”

“Não precisamos ou você não quer?”

“Eu não sei.”

“Eu quero mudar o nosso acordo.”

“Mudar? Como assim?”

Ele fica alguns segundos me olhando.

“Quando propus as cento e sessenta e oito horas, você fez uma contraproposta. Há poucos dias, me dei conta de que só você teria vantagens nele. Se eu não conseguisse convencê-la de que valeu a pena sair de sua zona de conforto, teria que ajudá-la a encontrar o homem dos seus sonhos. Não acho que houve benefício para mim a não ser ajudá-la a viver sem tanto medo. Então, quero ampliar a aposta.”

“O que isso significa?”

“Se eu ganhar, nos mudamos.”

“Eu não estou entendendo nada. Nos mudamos para onde, Axel?”

“Não importa. Pode ser aqui, por causa da sua faculdade.”

“Você está falando grego para mim.”

“Se eu ganhar, nós vamos encontrar um lugar só nosso.”

Eu não sei se alguma vez minha boca voltará para o lugar, de tanto que ela está aberta.

“Você está propondo... você...?”

“Sim. Eu quero que moremos juntos.”

CAPÍTULO 43

AXEL

Carmel

Duas semanas depois

Estamos voltando para *Carmel* e a seguir, partiremos para a Itália.

Antes que tudo desse errado, esse já era o combinado original - ficar em *San Luiz*, por causa do *personal trainer*. Depois que eu quase a perdi? Não consegui mais me manter distante.

Após o que eu propus, ela se fechou.

Não tipo ficar zangada, louca nem nada. Ela ignorou o assunto.

Provavelmente ficou com medo.

Eu também fiquei.

Quero dizer, é um puta salto de vida, certo?

Passar de nunca ter tido uma namorada para ir morar com alguém.

Apesar disso, não foi algo que eu tenha dito no impulso.

Quanto mais penso, mas acho que dará certo.

Claro, estou contando que vencerei o acordo - porque eu vou.

Ela não gritar ou me chamar de doido depois que eu pedi a mudança no acordo me deixou otimista.

Só que agora, uma dúvida vem martelando minha cabeça: ela acha que daria certo e por isso ficou calada ou ao contrário, tem certeza de que não

vencerei, então está tranquila?

Eu não faço a menor ideia.

A única coisa certa é que não desistirei.

“A consulta com o doutor Kevin hoje é às duas e meia.” - fala, olhando sua agenda no celular.

Sou eu que estou dirigindo dessa vez. A melhora depois que voltei a me exercitar foi meteórica.

Sempre fiz exercícios de força antes do acidente e já havia pensado inclusive em montar uma mini academia de *Crossfit* na casa de *Carmel*.

Independente de estar em recuperação ou não, preciso manter minha musculatura fortalecida por causa do desgaste durante as manobras do *surf*, mas agora, definitivamente estou fechado com o treino regular. Não tem comparação para a forma como me sinto depois que voltei a me exercitar.

“Eu não gosto dele.”

Ela vira para me olhar.

“Por que?”

“Porque ele quer você.”

“Não pode estar falando sério.”

“Que parte?”

“Tudo. Doutor Kevin não está interessado em mim.”

“Khayla, eu sou homem. Ele quer você.”

“Mesmo que isso seja verdade, nós estamos juntos. Eu nunca olharia para outro cara.”

Eu não falo nada, somente aperto o volante com força.

“Axel, qual é o problema?”

“Ele se encaixa.”

“Em que?”

“Em seu modelo de homem perfeito.”

“Pare o carro.”

Procuro o primeiro acostamento e faço o que ela pediu.

Para minha surpresa - porque estava esperando uma briga - ela solta seu cinto e vem para o meu colo.

Khayla tem estado um pouco mais selvagem em seus ataques ao meu corpo ultimamente e pensem em um homem feliz.

Ela me beija, a língua quente dentro da minha boca.

“Ele não se encaixa.”

“O que?”

“Ninguém se encaixa em um item que tem se tornado mais e mais importante para mim.”

“Qual?”

“A forma como eu queimo por você. Eu não quero outra pessoa me tocando.”

“Nem eu.”

“Você não quer outra pessoa me tocando?”

“Não. Eu não quero qualquer pessoa de fora tocando a nenhum de nós. Eu sou seu.”



Sardenha - Itália

Vinte dias depois

“Eu acho que não vou voltar mais para casa.”

Sorrio, enquanto ela nada na mistura de mar e piscina em frente ao nosso bangalô. Eles cercaram uma parte do mar e fizeram uma piscina natural, mas se você pular as pedras, estará em mar aberto.

“Você virou uma boa vida?”

“Acho que sim. Sol, esse mar lindo, você e comida deliciosa. O que mais uma garota pode desejar?”

Nossa aventura de uma semana acabou virando três.

Fizemos tantas coisas desde que chegamos. Ensinei-a a pilotar a lancha e a andar sozinha de *jetski*.

Ah, ela finalmente acertou meu cabelo mal cortado por Zach.

Ligada em perfeição do jeito que é, vivia falando sobre como estava estranho, mas não pedia diretamente para cortá-lo, até que eu ofereci e ela pareceu ter ganho um prêmio especial.

Eu faço qualquer coisa para vê-la sorrir.

Ontem, fomos a um bar de *Karaokê* na sede do hotel e eu a desafiei, como parte do acordo, a subir no palco e cantar.

O que posso dizer? Minha mulher está cada dia mais desinibida. No final, tinha um bando de homens babando por ela - eu liderando o grupo.

Ela não voltou a falar sobre deixar o relógio correr e não serei eu a lembrá-la disso.

Eu me sinto fisicamente melhor e Khayla está feliz.

Como a vida poderia não ser boa?

A única coisa que vem me preocupando um pouco, é que ela tem sentido muito sono.

Tipo muito mesmo.

Certo, nós dois temos necessidades diferentes quanto a isso.

Enquanto eu fico bem com poucas horas, Khayla tem que ter pelo menos oito para conseguir conviver entre os seres humanos. Só que agora, quando dorme, é como se ela estivesse em coma. Ela custa muito a despertar.

No início, eu fiquei com pena e deixava-a descansar, mas quando esses cochilos passaram a ocorrer durante o dia, nas mais variadas ocasiões, comecei a ficar preocupado.

Eu aluguei uma lancha desde que chegamos e ela adora os passeios no mar. Já até passamos a noite nela por mais de uma vez.

Ontem, eu havia estacionado em pleno oceano e estávamos deitados no *deck* conversando, enquanto eu massageava seus pés.

Ela adora essas massagens relaxantes, então aproveitei para perguntar o que ela achava de alugarmos um apartamento maior para nós dois em *San Luis* - sim, já dando o acordo como ganho - e ela ouviu tudo, nem concordando e nem discordando, o que me pareceu promissor.

De repente, ela simplesmente adormeceu.

Assim, do nada, ela apagou.

Não um cochilo tipo aquela moleza pós-sol.

Dormiu mesmo.

Desde então, estou pensando em levá-la a um médico só por garantia.

"Como você está se sentindo?"

"Ótima." - ela sorri - "Com fome."

"De mim?"

Eu adoro provocá-la, mas tem ficado cada vez mais difícil.

Khayla não recua diante do meu descaramento.

"De você, sempre. Eu não consigo ter pedaços suficientes do meu Axel."

Meu Axel.

Essa mulher sabe exatamente o que falar para me colocar no bolso.

"Eu nunca fui tão feliz."

É a primeira vez que digo o que sinto fora das horas em que estamos transando. Não é por insegurança nem nada, apenas porque ainda não achei algo forte o bastante que demonstre o que ela é para mim.

As regras do jogo são outras agora.

Eu não quero mais algo temporário - ficarmos juntos como teste - mas assumir um compromisso em definitivo.

“Eu percebi que você mudou.” - diz, sai da água e vem para o meu colo.

“Mudei?”

“Sim.” - ela dá de ombros - “Eu sou meio empenhada em analisar tudo. Você sorri mais, não parece sempre prestes a morder alguém, então cheguei à conclusão que você gosta um bocado de mim e de que talvez eu seja a responsável por isso.”

“Pode apostar, linda. Eu adoro tudo o que temos: as implicâncias e como você sempre ri de mim. Seu lado organizado e o meu lado bagunceiro. Eu gosto até das suas manias.”

“Qual delas você prefere?”

“Sem preferência, mas a cisma com números ímpares me agrada.”

“Você é doido.” - ela começa a rir - “E quanto ao fato de eu não lembrar do passado?”

“O que tem isso?”

“Não o preocupa?”

“Não. Já disse: se um dia quiser saber, tudo o que precisa fazer é me avisar, mas se não, por mim tudo bem. Só precisamos pensar da hora em que nos reencontramos em diante. De qualquer modo, minha vida está dividida em *AK* e *DK*.”

Ela gargalha.

“Antes de Khayla e depois de Khayla?”

“É isso aí, amor.”

“Eu acho que não quero mexer em algo que talvez me deixe triste.”

“Então, esse assunto está resolvido. Nada de falar sobre o passado.”

“Se fôssemos morar juntos por um tempo, como faríamos funcionar? Você viaja quase o ano inteiro.” - ela muda de assunto.

“Por enquanto, não.”

“Sim, porque está lesionado, mas em algum momento voltará a competir.”

“E em algum momento vou me aposentar também.”

“Mas nem tão cedo.”

“Espero que não, mas podemos dar um jeito. Nem que eu precise voar a cada folga. Eu não vou desistir de você.”

Ela não fala nada e fico com receio que em sua cabeça esteja criando um meio de me afastar.

Então, antes que eu possa me controlar, despejo.

“Eu comprei a vinícola.”

“Comprou?”

“Sim.”

“E quem irá administrá-la?”

“Contrataremos alguém.” - prendo a respiração antes de ter coragem de fazer a próxima pergunta - “Isso é um trabalho estável?”

“O que?”

“Para você, a vinícola seria estável o suficiente?”

“Por que?”

Enrolo uma mecha do seu cabelo no dedo e olho para o mar.

“Você disse que queria um homem que tivesse um emprego estável.”

“Você... está pensando em nós dois a longo prazo?”

“Sim.”

“Como o que?”

“Como manter você comigo até envelhecer.”

“*Manter-me* com você? O que isso significa?”

“Não irmos mais embora. Nenhum dos dois. Nunca mais.”

Presto atenção a cada reação do seu rosto.

Para o meu espanto, no entanto - porque até aqui tudo em seu comportamento indicava que queria o mesmo - ela levanta e começa a andar

para a casa.

“Onde você está indo?”

“Tomar um banho e descansar um pouco. Acho que peguei muito sol.”

CAPÍTULO 44

KHAYLA

Sardenha

Eu não entendi o significado do que ele falou.

Ou melhor, entendi, mas apesar de estar apaixonada, não é suficiente.

Manter-me ao seu lado?

O que exatamente é isso?

Ser sua namorada para sempre?

Eu sou uma coisa para ser *mantida*?

Não dividir a vida, construir uma família, mas *manter-me* com ele?

Sim, porque foi essa a impressão que me deu.

Por mais que a compra da vinícola dê pistas de que eu sou alguém que ele quer para sempre, até agora não falou nada sobre me amar de volta.

Acho que mudei bastante até aqui.

Aceito que cada passo não pode ser planejado como eu imaginava a princípio e que o que temos vivido é próximo à perfeição, mas até quando?

Axel ainda é um nômade.

Por mais que eu o adore, não posso abrir mão dos meus sonhos.

Deus, talvez eu tenha exagerado no sol.

Minhas pernas estão pesadas e pela primeira vez considero se ele não tem razão e não deveríamos procurar um médico.

Será que peguei algum vírus?

Essa moleza não é normal.

Abaixo para abrir a torneira da banheira e o aposento inteiro gira tão rápido como se eu estivesse bêbada.

Antes que eu possa me apoiar em algum lugar, tudo fica escuro.



“Khayla? Amor, fale comigo. Khayla?”

Ouçó a voz dele de muito longe e não sei quanto tempo se passou.

“Jesus Cristo!” - diz - “Eu vou pegar você, tudo bem? Bateu a cabeça? Por favor, linda, fale comigo.”

Ele me pega no colo e sei que aquilo é errado.

“Você não pode.” - finalmente consigo lembrar.

“O que?”

“Seu quadril. Você não pode me pegar no colo.”

“Amor, nada no mundo vai me impedir de ajudá-la.”

Ele me deita na cama e eu já me sinto um pouco melhor.

Axel está falando ao telefone com alguém.

Ele pede um médico e eu me culpo por não ter escutado-o antes.

Assim que desliga, fica ao lado da cama como um guarda-costas.

“O que aconteceu?”

“Eu não sei. Acho que desmaiei.”

“Quando? Pelo amor de Deus, você estava caída desde a hora em que entrou?”

“Como assim?”

“Eu... *huh*... fui até a sede do hotel. Tinha algo que eu precisava resolver.”

“Quanto tempo se passou?”

“Pouco mais de uma hora.”

“Então acho que devo ter adormecido depois de desmaiar.”

“Será?”

“Acho que sim. Já desmaiei uma vez porque minha pressão baixou e só fiquei desacordada por poucos segundos.”

“Tem certeza? Sente alguma dor na cabeça? Em alguma parte do corpo?”

Ele parece tão preocupado.

“Vem cá.”

“Eu chamei o médico.”

“Eu ouvi. Venha aqui.” - dou um tapinha na cama e ele deita ao meu lado
- “Eu vou ficar bem. Sou saudável. Não tenho sequer resfriados.”

“E esse sono todo? Você não era assim antes. Prometa que se o médico pedir exames, fará.”

Eu não sou uma rebelde, mas mesmo que fosse, só para acalmá-lo, eu prometeria.

“Sim, senhor.” - tento brincar, mas ele não sorri.

“Por que você ficou louca comigo lá fora?”

“Não quero falar sobre isso.”

“Eu quero. Tem algo que preciso dizer.”

“Não agora. Depois que o médico se for.”

Ele não parece satisfeito, mas acaba concordando.

“Tudo bem. Quero segurá-la um pouco. Você me assustou, princesa.”

“Eu sinto muito.”

“Não, eu que sinto, mas vou consertar tudo.”

Não faço ideia do que ele está falando, mas tampouco estou com ânimo para discutir.



“Quantos anos você tem?”

Estou nervosa.

O médico pediu que Axel saísse para que eu ficasse mais à vontade e vi por sua expressão que ele estava pronto para começar uma briga.

Aquilo mexeu com meu coração, porque eu percebi que ele queria estar comigo.

Será que não exagerei hoje mais cedo?

Ele não é tão mais velho do que eu, não teve um relacionamento antes do nosso e ainda tem o fator de que as mulheres amadurecem mais rápido.

Assim que o médico sair, vou tentar conversar.

Não direi o que me deixou chateada, claro.

Não há maneira de se cobrar amor.

Eu quero apenas fazer as pazes e parar de ser tão tensa.

Talvez tenha chegado o momento de somente viver a vida.

“Khayla? Posso chamá-la assim?”

“Claro. E quanto a sua pergunta, eu faço vinte daqui a quatro meses.”

“Certo. Qual a data da sua última menstruação?”

O que?

Eu fico tão chocada que nem consigo falar, ao mesmo tempo que vejo em seus olhos algo que eu não quero.

De jeito nenhum.

Nós usamos preservativos todas as vezes.

Eu tenho certeza.

Quase certeza.

Ponho minha cabeça para funcionar e como se estivesse participando de uma sessão de hipnose para descobrir vidas passadas, vejo a segunda vez que transamos em *Sausalito*.

Nada de preservativos.

Merda.

Uma única vez seria muito azar, certo?

Mal tento me convencer de que é improvável, quando a segunda lembrança me atinge.

San Luis.

A briga depois que cheguei de *Sausalito* e as pazes a seguir.

A maneira quase desesperada com que nossos corpos se buscaram. Um ato emendado ao outro, quase sem descanso.

E finalmente, o golpe final: um desafio que ele lançou enquanto estávamos em minha casa.

Fomos até a cidade de Fresno para eu pular de *bungee jump*. Lá é considerado um dos cinco melhores lugares da Califórnia para praticar a modalidade.

Eu estava morrendo de medo, mas fiz assim mesmo e quando terminou, fiquei com tanta adrenalina bombeando meu corpo, que transamos no carro, dentro do parque mesmo.

Meu Deus!

“Eu não posso estar grávida.”

“Todos os sintomas que me disse até agora apontam para isso, mas nós faremos um teste preliminar e amanhã você poderá confirmar com um de sangue.”

“Não, não, não. Você está enganado. Eu fiz planos. Vou acabar a faculdade e só depois de montar meu consultório é que terei lindos bebês.”

“Com o rapaz lá fora?”

“Eu não tenho certeza.”

“É bom que tenha. Se vocês estão em um relacionamento monogâmico, há uma grande chance de que ele será pai em breve.”

Pai, Axel?

Faço uma força danada para não chorar na frente do médico, enquanto

vejo-o tirar um teste de gravidez de dentro da maleta.

“Você disse que posso ir à clínica amanhã e fazer o exame de sangue? Ele é mais apurado, certo?”

“Sim, só achei que gostaria de saber de uma vez.”

“Não, obrigada. Quero um que me dê certeza.”

“Querida, sei que é uma notícia assustadora, mas a vida acaba seguindo seu rumo natural. Dará tudo certo.”

“O senhor acha?”

“Sim. Eu tenho quatro filhos. Na primeira gravidez, eu mal havia me formado e fomos pegos de surpresa, eu e minha noiva, mas sou grato por cada uma das minhas crianças. Apesar disso, preciso lembrá-la de que há várias maneiras de se lidar com uma gestação.”

Sinto um arrepio quando percebo o que ele está insinuando.

Um aborto.

Automaticamente cruzo os braços sobre meu abdômen.

Jamais.

Eu não poderia desistir de um filho, assim como meus pais biológicos desistiram de mim.

“Tem certeza de que não quer fazer o teste?”

“Sim, tenho.”

“Tudo bem. Vejo você amanhã na clínica, às dez.”

CAPÍTULO 45

AXEL

Depois que ela entrou em casa, fiquei tentando entender o que eu fiz de errado.

Passei nossa conversa uma e outra vez em minha cabeça e não conseguia achar a razão dela ter ficado tão chateada.

Eu pensei que havia seguido o roteiro certinho.

Falei da vinícola e que quero que fiquemos velhos juntos.

O que mais poderia ter feito além disso?

Apesar do que Khayla disse uma vez, eu não sou bom com as palavras.

Sei me expressar e tudo o mais. Não fico mudo durante uma conversa, mas nunca antes precisei declarar meu amor por uma mulher.

E então, como se uma peça de concreto caísse em minha cabeça, a realidade me atinge.

Amor.

Será que foi isso?

Eu não ter dito com todas as letras que a amo?

Não é possível que ela não tenha percebido, no entanto.

Pelo amor de Deus, que cara compra uma vinícola só para satisfazer um bendito item de uma lista de sua mulher se não for apaixonado por ela?

E então, como se Deus ficasse com pena de mim, lembro do dia em que ela me entregou quatro itens da lista de uma só vez.

O homem dos meus sonhos tem que ser romântico.

Eu não sou romântico.

Certo, eu acho até que posso ser, se a situação exigir, mas preciso treinar um pouco antes.

O que eu faço?

Google.

Jogo na pesquisa *gestos românticos* e aparecem uns caras com buquês de flores nas mãos.

É, eu poderia fazer isso, mas parece tão superficial. Tão pouco, perto do quanto eu a amo.

Opa, dessa vez a frase já saiu mais natural.

Eu a amo.

Repito umas dez vezes e por volta da quinta, aquilo realmente soa bem.

Volto à pesquisa e digito agora: *como declarar meu amor.*

Surge um monte de frases feitas - e que parecem tão verdadeiras quanto lábios turbinados com preenchimento.

Tento: *quero passar o resto da vida com ela* e não estou preparado para o resultado.

Igreja.

Alianças.

Um monte de gente de terno e gravata, vestidos longos e um padre.

Casamento.

Será?

Acho que não.

Eu não acredito na instituição como conceito.

Mas isso não é sobre você, idiota e sim dar o que sua menina precisa.

Além disso, ela estaria vinculada a mim para sempre.

Por mais que fique puta depois de alguma briga, duvido que Khayla irá simplesmente embora se estivermos casados.

Casamento.

Ao contrário da palavra amor, essa já não me cai tão bem.

Não que eu não queira casar com ela.

É que na minha cabeça, você não precisa assinar uma folha de papel para provar ao mundo que ama alguém.

E eu a amo.

Duvido que um cara ame sua mulher como eu amo a minha.

Não há um pedaço dela, um único fio de cabelo, que eu não adore.

Eu viveria e morreria para vê-la feliz e ninguém vai me convencer de que assinando um papel vou fazer esse sentimento mais real.

Só que novamente, isso é sobre os sonhos dela.

Olho para as dicas no celular e de repente, sei o que fazer.

Não vai ser por causa de uma simples cerimônia que vou deixar a mulher da minha vida escorregar pelos meus dedos.



Tudo pronto.

Olho para o relógio.

Se eles cumprirem o que prometeram, em cerca de três horas, estarão aqui.

Estaciono o carro na entrada do bangalô.

Teremos tempo o suficiente para ela se aprontar.

Estranho o silêncio enquanto entro.

Chamo seu nome e ela não responde.

Ela foi embora?

Claro que não.

Como ela sairia daqui sem um carro, idiota?

Esse é o meu lado racional falando.

A menor parte de mim no momento.

Ainda não estou totalmente curado da nossa briga depois do que aconteceu em *Sausalito* e uma onda de pânico começa a se espalhar lentamente como um veneno.

“Khayla?” - continuo repetindo.

Nada.

Entro no quarto, mas tudo parece intocado.

Quando abro a porta do banheiro, sinto minhas pernas falharem.

Ela está caída no chão.



O médico já está lá dentro há mais de meia hora.

Desmaio, ela disse.

Pessoas de vinte anos não desmaiam sem qualquer motivo.

Eu sabia que havia algo errado e agora me culpo por não ter insistido para que ela visse um médico antes.

Olho o relógio pela terceira vez em menos de cinco minutos e somente quando já estou decidido a ignorar o pedido do médico para que eu me retirasse do quarto e ir verificar se ela está bem, vejo-o deixando a casa.

Ando tão depressa quanto consigo, mas ele já está parado, me esperando.

“Como ela está?”

Ele não responde por um tempo e meu coração acelera.

“É algo grave?”

“Não. Aparentemente não.”

“Aparentemente?”

“Olha, eu já conversei com Khayla e combinamos que irá à clínica

amanhã para exames mais profundos. Só então terei um diagnóstico completo, mas se quer um conselho, mantenha-se por perto.”

“Por que? Você está dizendo que ela corre riscos?”

“Não, eu estou dizendo que ela precisa de toda a atenção.”

Se fosse em qualquer outro dia, eu o mandaria para o inferno. Afinal, quem ele pensa que é para me dar conselhos sobre como tratar minha mulher? Eu já tinha intenção de ficar colado nela tanto quanto fosse fisicamente possível. Só que hoje, com tudo o que tenho planejado, não estou em posição de rejeitar ajuda.

“Obrigado.” - despeço-me e sigo para encontrá-la.



O quarto está na penumbra e quando vejo a porta da varanda que dá diretamente para a praia, aberta, é como uma repetição do que aconteceu há cerca de dez anos com a minha mãe.

Sigo para fora como um louco e fico aliviado quando vejo seu pequeno corpo sentado na areia.

Ela olha para o mar, ainda vestida somente com a camiseta que a ajudei a colocar antes que o médico chegasse.

“Amor?”

Ela olha para trás e não parece com raiva de mim.

O que vejo no entanto é ainda pior: medo.

“Nós estragamos tudo.”

“O que?”

Sento em frente a ela, doido para tocá-la, mas sem saber se quer isso.

“Do que você está falando? Sei que ficou zangada hoje cedo e eu ia

resolver tudo, mas então, a encontrei no banheiro e precisei chamar o médico.”

Deus, eu estou me atrapalhando todo para explicar.

“Resolver?”

“Sim, mas antes preciso saber o que o doutor disse: há algo errado com você?”

Tento disfarçar o pavor em minha voz, mas é inútil.

Ela já me conhece bem demais para que eu consiga esconder algo assim.

“Não. Nenhuma doença, ao que consta.”

“Eu não entendo... e o desmaio? O sono?”

Ela não responde, mas então volta a minha cabeça o que disse quando eu cheguei.

“Você falou que nós estragamos tudo? De jeito nenhum. Eu sou novo nessa coisa de amor, mas posso melhorar. Você terá que ter um pouco de paciência comigo.”

Ela estava olhando para o chão, mas levanta o rosto imediatamente.

“Amor? Você nunca disse que me amava.”

“Eu te amo, Khayla. Achei que isso já estava claro, mas quando você entrou, percebi que não havia dito ainda. Nem sei se amor explica o que sinto. É uma mistura de paixão, amizade, carinho. Eu vivo e respiro você. Nosso relacionamento se tornou o centro do meu mundo. Como um idiota, eu achei que você já havia entendido isso.” - balanço a cabeça sem ter certeza se estou conseguindo me explicar - “Quero dizer, eu deixei tudo às claras. Disse que quero envelhecer com você, que não quero mais ninguém me tocando.”

Paro para ver sua reação.

Ela está atenta, mas não consigo interpretar se minha declaração ajudou ou piorou.

“Não há nada em você que eu não ame. Desde sua risada até suas manias. Você pode achar que não, mas eu reparo em todas elas. Sempre

dobra o guardanapo com uma precisão quase cirúrgica. Também nunca vi copos postos em tanta ordem em uma máquina de lavar louça. Eu gosto da sua implicância com minhas gírias e também como você reclama da toalha molhada em cima da cama.” - suspiro um pouco frustrado, porque ela continua em silêncio.

“O que estou dizendo, é que tudo, cada pedaço seu, a torna única. Forma o todo que eu tanto amo.”

Sei que continuo falhando no quesito romantismo, mas não pretendo desistir. Só que sou pego de surpresa quando ela começa a chorar.

Eu esperava ter que passar mais tempo convencendo-a de que fui sincero, mas chorar?

Khayla nunca chorou na minha frente.

Mesmo depois daquela briga em *San Luis*, ela não derramou uma única lágrima e agora estou apavorado de verdade com a ideia de estar perdendo-a.

“Você pode apagar tudo o que disse?” - pergunto e levanto depressa tentando lembrar o que vi no site - “Não a parte do quanto eu a amo. Essa você deve manter. Estou falando de todo o resto.”

Ela continua olhando-me, enquanto as lágrimas escorrem.

“Pode ficar em pé por um instante?”

“Para que?”

“Por favor.”

Finalmente ela aceita minha mão e levanta.

Não perco tempo e ajoelho-me aos seus pés, enquanto procuro a caixa no bolso.

“Eu disse a você que saí para resolver algo hoje mais cedo. Posso ser um pouco lento para essas coisas de como agir com a mulher da minha vida, mas sempre fui de aprender rápido.” - puxo o ar para tomar coragem de seguir adiante - “Eu a amo, Khayla. Talvez eu não consiga preencher todos os itens da sua lista ou nunca alcance o nível desejável nesse particular de ser

romântico, mas eu a amo com todo o meu coração e alma. Sei que não sou o homem dos seus sonhos, mas você é a mulher dos meus e me faria o cara mais feliz do mundo se aceitasse dividir sua vida comigo.”

“Você está falando sobre me manter, como disse hoje mais cedo?”

Abro a caixinha do anel como vi o cara do vídeo fazendo.

“Não, estou pedindo para que se case comigo.”

Se tudo der certo, ela vai me abraçar e começar a sorrir dizendo que sim.

Só que essa aqui é a vida real e não um conto de fadas, então ao invés de me dar o que eu preciso, ela balança a cabeça de um lado para o outro.

“Isso foi um não?” - pergunto, sem saber mais o que fazer ou dizer.

“Não é isso. Eu tenho que contar algo antes.”

“Eu preferiria ouvir o sim primeiro, se for possível.”

“Eu não posso. Não enquanto você não souber da história toda.”

“Que história, amor?”

“O médico acha que eu estou grávida.”

CAPÍTULO 46

AXEL

Continuo de joelhos e acho que talvez nunca mais consiga me mover.

Ela disse *grávida*?

Em uma fração de segundos, passo por toda a nossa história.

Ela não começou de maneira convencional, mas eu precisei de pouco tempo para entender que Khayla é o amor da minha vida.

Pausa.

Só que eu nunca me imaginei tendo filhos.

Quer dizer, pensando racionalmente e dada as nossas conversas até aqui, ela não escondeu que os queria, mas agora? Ou melhor, daqui a nove meses?

Jesus Cristo, são muitas palavras novas para acrescentar ao meu dicionário em um dia só: amor, casamento e agora gravidez - o que traz outra na bagagem.

Pai.

Eu vou ser pai de alguém.

Olho automaticamente para seu ventre e não consigo ver nada ali, mas mesmo que uma parte minha ainda esteja em negação, o rosto de Khayla é toda a confirmação que eu preciso.

“Você não vai falar nada?”

“Você está grávida.”

Ela recomeça a chorar.

“O médico acha que sim. Nós estragamos tudo.” - repete o que disse assim que eu cheguei.

Muito mais do que as palavras, o tom que ela fala liga meu sistema de alerta interno, que já está programado para corrigir qualquer merda que eu faça em relação a ela.

“Como assim estragamos tudo?”

“Levante-se.” - diz.

“Acho que eu não consigo.”

Ao invés disso, estico a mão, chamando-a para mim.

“Além disso, você ainda não respondeu.”

“Você não quer se casar comigo.” - a frase sai como uma acusação.

“Claro que quero.”

“Você ouviu o que eu disse? Há uma chance de termos um bebê a caminho.”

“Eu ouvi. Se eu já queria casar com você antes, por que mudaria de ideia agora que meu filho está vindo?”

Meu filho.

Fecho os olhos tentando assimilar a conceito.

Deus, eu acho que estou um pouco tonto.

“Você está bem?” - pergunta, como se soubesse exatamente o que se passa.

“Case-se comigo. Não tem nada a ver com o bebê. Não vou mentir e dizer que não estou em estado de choque, mas nada do que eu disse antes mudou. Eu quero você para mim. Quero passar o resto dos meus dias ao seu lado.”

Ela olha para a caixa aberta em minhas mãos.

“Você comprou um anel.”

Fico envergonhado.

A joia não se parece nem um pouco com um dos anéis de noivado que os vídeos que eu assisti sobre pedidos de casamento mostravam.

“Eu vou comprar um mais bonito. Eu estava com pressa para consertar as

coisas entre nós. Comprarei uma pedra tão grande que poderá ser vista da plataforma lunar. Você vai ter tudo o que sonhou, princesa. Só o que estou pedindo é uma chance.”

“Eu estou apavorada.”

“Eu também, mas eu a amo, linda. Eu sei que estou longe de ser o *senhor perfeição*, mas você não vai se arrepender se disser sim. Eu vou me empenhar para ser o que você precisa.”

“Eu não quero que você mude.”

“Não?”

“Não. Eu me apaixonei por quem você é, Axel. Assim como você gosta até mesmo das minhas manias, eu adoro tudo em você, mas eu estou com muito medo.”

“Nós dois fomos pegos de surpresa, mas sou rápido para assimilar as coisas. Daqui a uns poucos dias, já vou estar com a ideia de ser pai tatuada em mim. Também posso melhorar esse negócio de romantismo. Hoje foi só o começo.”

“Sim.”

“Sim o que?”

“Eu aceito me casar com você. Não por causa da gravidez. Mesmo que a ideia de criar uma criança sem pai me assuste, eu nunca poderia ficar com alguém que eu não amasse.”

Não perco tempo e coloco o anel em seu dedo - que fica grande.

Jesus, eu fiz tudo errado.

Como para confirmar minha falta de prática, o *staff* do hotel começam a chegar e uma tenda é armada, assim como uma mesa posta a poucos passos de nós.

Esqueci completamente que os havia contratado.

Antes que eu possa me explicar, uma banda entra, tocando uma melodia romântica.

“Oh, meu Deus! Você organizou isso tudo?”

Ela parece feliz, se estou lendo direito e não perderei a oportunidade de afirmar minha dedicação a dar o que ela precisa.

“Linda, inexperiência não significa incompetência. Os caras do vídeo disseram que jantar e boa música seria o ideal para um pedido de casamento romântico. Eu só me enrolei e adiantei tudo, fazendo o pedido antes, mas no fim, temos o pacote completo.”

“Que vídeo?”

Fico sem jeito.

“Eu precisava de um tutorial. Não sabia nem por onde começar.”

Ela começa a rir pela primeira vez desde que me deixou à tarde.

“Você é maluco, Axel king, mas é definitivamente o amor da minha vida.”

Não ligo se ela está rindo para mim ou de mim.

O que Khayla acaba de dizer já faz valer a pena passar vergonha.



“Você não vai me perguntar como aconteceu?”

Estamos deitados na espreguiçadeira, depois de uma refeição deliciosa, vendo as ondas quebrarem no mar.

Ela está mais calma e meu coração já nem parece à beira de um infarto como na hora em que recebi a notícia de que serei pai.

“Eu sei como aconteceu.”

Apesar de todo o medo de não estar à altura para o papel, não posso esconder o orgulho em minha voz.

“Deus, você não consegue nem disfarçar.”

“O que?” - faço o desentendido.

“O quanto está satisfeito consigo mesmo.”

“Eu tomei um susto. Talvez tenhamos ganho um presente adiantado, mas apesar de não estar seguro de que serei um bom pai, não há nada mais perfeito do que ter você e um filho nosso.”

Ela vira e monta meu corpo.

“Está falando sério?”

Olho seu rosto e consigo enxergar o quanto está com medo.

“Muito, amor.”

Ela reclina e deita a cabeça em meu ombros, mas levanta novamente a seguir.

“Eu não vou parar de estudar.”

“Eu nunca pediria que parasse, mas há um problema para resolvermos: precisamos falar com nossas famílias.”

“Deus!”

“Nós não vamos esconder nada, Khayla. É a nossa vida e por mais que eles a amem, a decisão será sempre sua.”

“Obrigada. Eu precisava ouvir isso.”

“Eu sempre estarei aqui para você.”

“Aquilo que você disse sobre não ser o homem dos meus sonhos... é bobagem. Ainda que não se encaixe perfeitamente no que eu achei que queria, não há outro com quem eu gostaria de embarcar em uma aventura tão louca.”

“Por que?”

“Além do fato de eu ser completamente apaixonada por você, eu não conheço um homem mais leal, Axel King.”

Ela me dá um beijo longo.

“Eu dei uma pesquisada depois que o médico saiu. Vários sintomas que eu estava sentindo há dias agora fazem sentido.”

“Como o que, por exemplo? Eu só reparei no sono.”

“Não, eu tenho estado faminta e meus seios estão doloridos.”

Como se tivessem vida própria, meus olhos seguem para a região que ela acaba de mencionar e eu fico duro.

“O que mais?” - não posso evitar a rouquidão em minha voz. A cabeça já totalmente voltada para tomá-la.

Meu filho está crescendo dentro do seu corpo. Do corpo da minha mulher e eu a desejo mais do que nunca.

“Eu também tenho sentido mais desejo do que o normal.”

“Tipo, desejo por comidas estranhas, como Nathan falou que Clara sentia?”

“Você lembra.”

“Eu lembro de tudo sobre nós dois.”

“Não por comidas. Por você. Às vezes eu me controlo porque não quero parecer uma pervertida.”

Sorrio, porque dessa área eu entendo.

“Nada de autocontrole. Eu estou aqui para satisfazê-la. Não me importo de ser seu escravo sexual, princesa.”

CAPÍTULO 47

KHAYLA

Dois dias depois

Ontem fomos ao consultório e eu fiz o exame de sangue.

À noite mesmo chegou o resultado.

Estou realmente grávida.

O medo quanto ao futuro ainda não passou, mas já não sinto como se fosse entrar em uma crise de pânico a cada vez que penso no assunto.

A reação de Axel me surpreendeu.

Ele parece estar lidando com isso melhor do que eu mesma.

Estou tão apavorada que pela primeira vez não consigo nem planejar. Axel tomou a frente de tudo.

Ele fala sobre as mudanças e no que precisamos fazer para nos adaptarmos.

Não há maneira de que ele volte a competir em menos seis meses, então disse que vai usar esse tempo para se preparar fisicamente, mas principalmente para organizar a chegada do nosso filho.

As aulas voltam em agosto e pretendo cursar o próximo semestre. Provavelmente vou ter que trancar pelo menos um período depois que o bebê nascer, mas tentarei fazer algumas matérias *online*.

Ele comprou passagens para voarmos para *Boston* hoje à noite e eu avisei minha família e ele a Linus, para que nos encontrem na casa de Bela assim

que chegarmos.

Não contei nem para minhas irmãs ainda, mas disse à Bela que precisaria de sua ajuda para uma reunião familiar.

O objetivo é manter Axel vivo.

Não tenho qualquer dúvida de que Lucas e Ethan vão querer matá-lo.

Fizemos uma conexão no aeroporto de *Heathrow*, em Londres e eu quis dar uma volta ao invés de ficar na sala *vip*.

Estou meio claustrofóbica apesar de desconfiar que a sensação de aperto no peito não tem nada a ver com onde estou, mas dentro de mim.

Ele não tem sido nada além de maravilhoso e isso ajuda muito.

Toda vez que fico apavorada ao pensar que daqui a uns meses terei um bebê nos braços, lembro do dia em que ele me pediu em casamento.

Isso me acalma.

Certo, ele se atrapalhou todo, mas só os esforços já contaram mais do que qualquer coisa.

“Você está com fome?”

“Eu estou sempre com fome.” - respondo rindo.

E é verdade.

Nunca tive muito apetite, mas agora sinto como se pudesse comer um boi.

“O que vai querer?”

“Não vamos comer quando voltarmos à sala *vip*?”

Temos quase quatro horas de espera na conexão.

“Não, você precisa de algo mais saudável. Lembra do que o médico falou? Agora são dois para nutrir. *Storm* tem que crescer na barriga da mamãe.”

“*Storm*? Por que está chamando nosso bebê de tempestade?”

Ele sorri.

“Porque ele já chegou mudando todo o cenário.”

Gargalho.

“Não quero chamar meu filho assim.”

“Não vai ser um nome, mas um apelido para nosso pequeno.”

“Nosso? Pode ser que venha uma menina.”

“Levei isso em conta e pensei em *Hurricane*, mas como sei que será um menino, optei por *Storm*.”

“Por que acha que vai ser um menino?”

Algumas pessoas nos olham, enquanto andamos de mãos dadas pelo aeroporto.

Ele está de boné e óculos escuros porque desde que saímos da Califórnia de vez em quando nos param para autógrafos ou fotos e às vezes isso é bem chato.

Há dez dias apareceu uma reportagem na *internet* sobre o acidente de Axel. Seus patrocinadores já sabiam, mas os fãs e a imprensa não, já que sempre que saía em público, ele tomava cuidado em ser discreto - ou usava óculos e boné ou não levava as muletas.

Desde essa reportagem sobre o acidente, um circo foi armado.

Não sabemos ao certo quem soltou a notícia, já que Linus tratou de abafar as machetes na época, mas Axel desconfia que foi Isaac.

Além do que ele me contou sobre eles terem discutido ao telefone, houve o incidente em *Sausalito*, então eu também acredito que é possível que tenha sido ele sim.

Não sei como, mas a imprensa descobriu que estávamos na Sardenha e algumas revistas postaram fotos nossas lá.

É estranho ver as pessoas falando de nós como se nos conhecessem.

Comentei isso e ele tem tentado nos blindar desde então.

"Minha família só tem meninos."

“Tem mais gente em sua família além de você e Linus? Eu não sabia.”

“Por parte de mãe, não, mas por parte de pai nossa família é

relativamente grande. Meu pai é filho único como eu, mas tem uma tonelada de primos.”

“Em *Boston*?”

“Não. Na Carolina do Norte.”

“Linus nasceu lá?”

“Sim, em Charlotte.” - ele sorri - “Deus, eu nem imagino como será se um dia reunirmos todo mundo em um dia de Ação de Graças. Caos total. Muitas crianças dos dois lados.”

Fico em silêncio e ele se vira para mim.

“O que há de errado?”

“Eu não tenho como contar minhas origens ao nosso filho.”

“Linda...”

“Ele um dia vai querer saber, Axel e o que vou dizer? Nasci ao treze anos?”

Ele me puxa para um abraço e beija minha testa.

“Não, falaremos a verdade. Nós seremos um time. Não esconderemos nada uns dos outros.”

“Eu o amo, Axel King. Por que você tem que ser tão incrivelmente charmoso?”

Ele gargalha.

“É um dom.”

Dou um tapa leve em seu braço.

“Não seja convencido.”

“Falando sério, eu vou estar sempre ao seu lado, Khayla. Para qualquer coisa que tenha que lidar.”

“Isso para mim já significa o mundo.”

“Não, você é o meu mundo.”



Aeroporto de Heathrow

“Eu não preciso de outro anel.”

Ele encontrou uma joalheria no aeroporto e está insistindo em substituir o anel que comprou na Sardenha por outro com um diamante enorme.

“Precisa sim. O primeiro nem cabe em seu dedo.”

“Para mim, o que vale é a intenção.”

Não cabe mesmo.

Estou usando em minha correntinha de ouro, pendurado no pescoço.

“Eu me apeguei a ele.”

“Você pode continuar usando assim, como um pingente, mas eu quero que minha mulher tenha o anel dos seus sonhos.”

“Você soou como um homem das cavernas agora.”

“Falei alguma mentira? Você é minha mulher.”

“Deus, você não consegue tirar o sorriso do rosto cada vez que fala *minha mulher e meu filho*.”

“O que eu posso dizer? Você e *Storm* são meus.”

“Pare de chamá-lo assim.”

“Viu? Até mesmo você admite que será um menino.”

“Quer fazer uma aposta?”

“Por mim tudo bem, mas só devo lembrá-la de que tenho ganho os acordos e apostas entre nós até agora.”

“Há controvérsias. Alguém poderia dizer que você mirou no que viu e acertou o que não viu.”

“Khayla, eu não precisei de mais do que uns poucos dias para entender

que você era o que eu queria. Nunca acreditei em amor à primeira vista, mas comigo foi exatamente o que aconteceu. Meu amor por você quebrou todos os recordes mundiais, princesa.”

“É, isso não posso negar. Tenho certeza de que estamos em primeiro lugar absoluto na lista dos apressadinhos. Passamos de nunca termos um relacionamento para futuros pais em uma piscada.”

“Você está preocupada com a reação de sua família?”

“Um pouco, mas como você disse lá na Sardenha, é a nossa vida.”

“Com licença.” - o vendedor nos interrompe - “Podemos entregar o anel já reajustado em uma semana, senhor.”

“Não hoje?” - ele pergunta, parecendo frustrado e eu tenho vontade de rir.

Axel não gosta de adiar nada.

“Infelizmente não. A joia é muito delicada e precisará ser trabalhada com cuidado.”

“Tudo bem, nós entendemos.” - interfiro.

“Entendemos?”

Estamos na *Tiffany's* e o vendedor olha para Axel como se ele o tivesse ofendido.

“Sim, claro que *entendemos*.” - reforço a palavra, mas ele ainda não parece pronto para desistir.

“Eu queria ir encontrá-los com você usando meu anel.”

“King, não preciso ostentar seu anel para saberem que estamos juntos. Meu olhar apaixonado e *Storm* já serão uma senhora demonstração.”

Ele parece instantaneamente mais relaxado.

“Sim. Eu tenho vocês. Quem duvidaria que são meus?”



“Você está nervoso?”

Ele não dormiu nada durante o voo e parece mais agitado do que de costume. A perna batendo no piso do avião em um ritmo constante.

“Não nervoso. Ansioso.”

“Com o que?”

“Tudo. Contar para as famílias, organizar nossas vidas, decidir a data do casamento.”

“Não precisamos casar antes do bebê nascer.”

“Precisamos sim. Eu sei que você tinha um cronograma da sua vida em mente e embora tenhamos adiantado um pouco as coisas, faço questão de que todo o resto seja como sonhou.”

“Deseja alguma coisa, senhor?” - a aeromoça pergunta quase esfregando os peitos na cara dele e me ignorando totalmente.

Eu quero bater nela.

Não pensei que eu fosse uma pessoa ciumenta, mas a maneira descarada com que as mulheres se jogam para cima de Axel às vezes me deixa um pouco louca.

“Você ou *Storm* estão com fome, princesa?”

“Não, estou bem.” - respondo com a expressão fechada e volto o rosto para a janela.

“Obrigado, não precisamos de nada.” - ele diz me puxando para mais perto.

Tenho andado irritada e isso é estranho.

Geralmente sou bem tranquila. Talvez a situação como um todo esteja desalinhando meu chakra.

“O que houve?”

Olho-o, levantando uma sobrancelha.

“Ela estava se jogando em cima de você.”

Ele nem tente negar.

“Qual a importância disso? Eu já tenho dona. Tudo em mim é seu, Khayla.”

Fecho os olhos um pouco envergonhada.

“Desculpe. Acho que exagerei.”

“Não, continue. Eu meio que gosto desse seu jeito de querer matar as mulheres que se aproximam, mas só para anotar: eu não vejo ninguém além de você.”

“Eu te amo.”

“Eu amo mais.”

CAPÍTULO 48

AXEL

Boston

“Haja o que houver, não perca a calma. Você já teve uma pequena amostra lá na Califórnia de como podem ser protetores.” - ela diz, como se estivesse tentando amansar uma fera - “Vamos tentar deixar eles se acostumarem à ideia do nosso relacionamento primeiro e então, no fim da noite, contamos do bebê e sobre os planos para o casamento.” - instrui, enquanto estacionamos em frente à casa de Ethan.

Eu não gosto muito de rodeios, mas dessa vez vou fazer o que ela pede.

Khayla conhece a própria família melhor do que ninguém, apesar de que eu estou zero apreensivo.

São nossas escolhas. Ninguém tem o direito de interferir.

Somos novos para caralho? Sim, mas tenho uma carreira - mesmo que não seja uma que ela considere ideal - e mais do que capacidade de cuidar da minha mulher e do meu filho.

Vamos ficar bem.

“Certo, podemos fazer do seu jeito.” - falo, para deixá-la tranquila.

Ela vira para me olhar.

“Promete que não vai pirar se Lucas ou Ethan forem um pouco agressivos?”

“Depende. Eu nunca vou mentir para você, princesa. Minha paciência

tem um limite bem pequeno. Vou fazer o possível para levar tudo numa boa, mas não tenho sangue de barata.”

“Só tente não perder a calma.”

“Farei o meu melhor.” - respondo, enquanto saio para abrir a porta do carro para ela.



Já ouviram falar sobre planos serem bons na cabeça?

Cem por cento verdade.

Assim que estamos os dois de pé do lado de fora do carro, a porta da casa se abre e o caos se instaura.

Eu nem sei como começar a contar.

Uma quantidade absurda de crianças parece brotar do chão, ao mesmo tempo que Isabela e Clara vem correndo abraçar Khayla.

Ethan caminha em minha direção parecendo prestes a me matar e a seguir vem Lucas sacudindo um celular como se quisesse atirá-lo em mim.

Atrás de todos, meu pai balança a cabeça de um lado para o outro com ar de reprovação e então, para coroar a loucura, Nathan surge com sua roupa de cowboy, montado em um cabo de vassoura e gritando.

“Eles vão ter um bebê, eles vão ter um bebê. Eu vou ser tio.”

Cristo, nossa família faz um hospício parecer uma sala de meditação!

Depois que Nathan fala, é como se uma ordem fosse liberada.

Sabe quando o apresentador de *TV* na Fórmula Um diz: *foi dada a largada*? Assim mesmo.

“Precisamos encontrar um bom médico para você. Temos que acompanhar direitinho desde o começo.” - Clara, Isabela ou as duas, dizem.

“Que diabos significa isso, Axel?” - Lucas mostra o telefone.

“Como pôde ser tão inconsequente?” - esse foi Linus.

“O que pretende fazer para consertar sua irresponsabilidade?” - Ethan.

“Eu sabia que não deveria ter deixado Khayla lá com você.” - Lucas outra vez.

“Eu vou ser tio!” - vou deixar vocês adivinharem quem foi esse.

“Tio de quem? Você é uma criança!” - uma menininha loira, parecendo um pouco mais nova do que Nathan, debocha.

“Rose, tem um bebê na barriga da Khayla, sua tonta. Vamos ser tios!”

“Tiooooooooo!” - um bebê grita no colo de Isabela.

“Olha o jeito que você fala com a sua irmã, Nathan.” - Clara reclama.

“Desculpe, mamãe.”

“Não tem.” - a garotinha não parece ter dado a mínima para o vaqueiro - “Quando tia Bela tinha um bebê na barriga, ela parecia ter comido uma melancia. Khayla não tem uma melancia na barriga. Ela é magra.”

“Eu ouvi papai falando e ele não mente. Eu vou ser tio e também o príncipe *cowboy* do *surf*. Eu sabia. Vocês vão casar.” - ele fala, solta o cabo de vassoura e abraça minhas pernas.

Bem, pelo menos uma pessoa no meio dessa zona parece gostar de mim.

“Não vai haver casamento algum. Khayla não precisa se casar, podemos cuidar dela.” - Ethan rosna.

Com toda a frustração e uma boa parcela de raiva dele, de Lucas e do meu pai, eu estava levando de boa até aqui.

Agora, acabo de atingir meu limite.

“Ninguém precisa cuidar da minha mulher e do meu filho por mim.”

Eu não gritei.

Tenho um gênio infernal, mas não sou de me alterar, mas de repente, foi como se alguém apertasse o botão *mudo* no controle remoto.

Eu encaro aquele que considero o adversário mais difícil no momento - Ethan - sem piscar.

Pelo celular com Lucas, entendi rapidamente o que aconteceu.

Provavelmente alguns *paparazzi* nos virão saindo da clínica ou mesmo um funcionário indiscreto deixou vazar a informação.

“Nós não queríamos contar desse jeito, mas o que vocês precisam saber, é que não há uma questão em aberto aqui. Eu pedi Khayla em casamento e ela aceitou. Talvez ainda não saibamos como organizar tudo ainda, mas ela é a mulher da minha vida e ninguém levará minha família para longe de mim.”

“Eu sabia!” - Nathan solta, mas parece recuar ao olhar para o pai - “O que, papai? Khayla é a rainha perfeita para Axel.”

Automaticamente, viro para ela.

Minha princesa.

Não faço ideia do que está pensando e para mim, isso é tudo o que conta.

Quando ela vem e me abraça, é como se todos desaparecessem.

“Vamos entrar. Você já ficou em pé tempo demais.”

“Você não vai ficar aqui com eles.” - é uma determinação e uma súplica, mas eu não dou a mínima para quem está escutando.

“Não, eu não vou. Meu lugar é ao seu lado.” - e assim, ela devolve o ar aos meus pulmões.



Minha mulher e as irmãs subiram para colocar o mini exército para dormir e agora estou com Linus e os meus dois sogros no escritório.

Pensem em um clima de merda.

Depois que entramos, Khayla tentou consertar as coisas falando sem parar.

Só por sua postura corporal, vi que estava nervosa para cacete e minha vontade foi de colocá-la sobre meus ombros e ir embora.

Ela já tem tido dias agitados o suficiente desde que descobrimos sobre a gravidez e eu não quero nada mais que a deixe preocupada.

A despeito do que eu disse sobre ser nossas vidas e sua família ter que aceitar, no entanto, sei que ela precisa do apoio deles.

Não fosse por nada, no mínimo por sua insegurança pelo fato de não conseguir lembrar do passado.

Essa é a única família que ela tem. Sua base.

A amnésia é algo que a assombra. Quem conseguiria aceitar não lembrar dos primeiros anos de vida numa boa? Eu nem imagino qual seria a sensação.

A minha vida pode ter sido completamente desregrada, mas pelo menos eu tenho uma história e me angustia para caralho não poder ajudá-la com a dela.

“Você disse que pretendem se casar. Como funcionaria?”

É a primeira vez que Ethan volta a tocar no assunto desde que entramos. Se por um lado, entendo que é natural que eles se preocupem com a filha, estou desgastado para cacete com toda a situação.

Não sou o tipo de cara acostumado a me justificar, então de repente ser

confrontado com uma família inteira me olhando como se eu fosse um rato de laboratório em uma experiência malsucedida não me deixa nem um pouco feliz.

“Eu a pedi em casamento.” - começo.

“Como isso aconteceu?” - Lucas pergunta e eu levanto uma sobrancelha.

Ele não é tão velho assim para não lembrar como os bebês são feitos, mas sei que se responder isso, recomeçaremos a brigar e eu só quero resolver tudo para poder ir embora daqui.

“Não é disso que estou falando, espertinho.” - ele diz com o rosto fechado e é como ver Nathan depois que se tornar adulto - “Vocês deveriam ter tomado cuidado.”

“Às vezes, as coisas fogem ao controle.” - Ethan fala, me surpreendendo.

Daí eu lembro de Khayla ter contado que Isabela engravidou logo no início do relacionamento deles também.

“Não acho que como aconteceu tenha mais qualquer importância.” - respondo - “A coisa é que eu a amo e quero ficar com ela para sempre. Para minha sorte, ela também me quer, então acho que podemos pular essa parte.”

“Até quando?” - Lucas pergunta.

“O que?”

“Até quando, Axel? Até voltar a competir e as mulheres começarem a se oferecer novamente? Eu sei bem como funciona esse tipo de vida.”

Tento manter a calma como ela pediu, mas cada vez mais torna-se um desafio.

“Deixa eu perguntar uma coisa a vocês.” - digo balançando o dedo entre os dois - “Você não pai, porque não tem experiência no assunto. Lucas e Ethan. Quando encontraram suas mulheres, alguma vez se arrependeram de estarem casados? Dos seus filhos?”

“Claro que não.”

“Que pergunta idiota.”

Os dois respondem quase ao mesmo tempo.

“Então, o que os faz duvidar do que eu sinto por Khayla? Posso não ter sido um exemplo de homem até aqui no que diz respeito a relacionamentos, mas sei o suficiente para entender que ela é o meu pacote completo. Eu não fui impulsivo. Eu a pedi em casamento antes de saber da gravidez, para sua informação. Eu a amo, por falta de uma palavra melhor.”

Como sempre acontece quando penso no que ela significa para mim, fico frustrado.

“Não há como explicar, então amor tem que servir, mas o que sinto por Khayla não é uma palavra. É um conceito. Ela se tornou meu tudo. Eu respiro para vê-la feliz. Cada batida do meu coração é por ela e farei o que for preciso para que tenha a vida dos seus sonhos.”

“E a lista?”

“Que lista?” - Ethan pergunta.

“Khayla tem uma lista do namorado perfeito.”

“Como eu nunca soube disso?” - Ethan questiona e eu quase sorrio quando vejo o ar de superioridade de Lucas.

“Ela confia em mim.”

Antes que os dois possam continuar com o concurso de mijo à distância, interrompo.

“Nós já trabalhamos nisso. Posso não me encaixar em todos os itens, mas tenho me esforçado para chegar o mais perto possível.”

“Como o que, por exemplo?”

“Eu comprei uma vinícola.”

“Vinícola, o que diabos isso significa?”

“Você fez o quê?” - Linus berra.

Eu opto dessa vez por responder a Lucas, no entanto.

“A vinícola que você reformou. Ela é minha agora. Um dos itens de Khayla era um emprego estável e embora eu não esteja competindo no

momento, voltarei em um futuro próximo. Quero que ela saiba que se acontecer de novo algo como o acidente ou até mesmo se eu morrer de uma hora para outra, estará segura.”

“A segurança que ela precisa não tem nada a ver com a parte financeira. Khayla deseja uma família só dela. Você sabe sobre a adoção....”

Alguma coisa na voz dele, me deixa em alerta, mas antes que eu consiga perguntar mais a respeito, completa.

“Você realmente a ama.”

“Pensei que já tivéssemos superado esse tópico. É lógico que eu a amo. Acredite, fui criado em uma casa em que um casamento aconteceu só porque eu estava a caminho. Eu nunca faria uma criança passar por isso. Se meu sentimento não estivesse à altura do amor que ela sente por mim, eu daria todo suporte possível a ela e ao bebê, mas nunca traria meu filho para um lar assim.”

“Axel...” - Linus chama - “Filho... eu nunca me arrependi de ter você.”

E de repente, eu sei que é verdade.

Com toda a loucura que foi minha infância, sei que meu pai sempre me amou.

“Eu sei disso.”

“Você sabe?”

“Sim. Eu sempre soube, mas você não deveria ter se casado com Serena.”

Ele baixa a cabeça.

“Eu tive um motivo, mas isso não importa mais. O que tem que saber é que, independente do que tenha dado origem ao nosso casamento, você foi a melhor coisa que já aconteceu em minha vida.”

Olho para meu pai e pela primeira vez coloco-me em seu lugar.

Ele tinha somente dezoito anos quando eu nasci e ainda estava começando a ganhar dinheiro com o primeiro estúdio. Apesar de sua carreira

ter deslanchado rápido e da maneira meteórica como ficou rico com o *reality show*, imagino como deve ter sido assustador para um garoto ainda cinco anos mais novo do que sou agora, assumir uma família.”

“Tudo bem.” - respondo, porque tirando Khayla, não consigo me abrir sobre sentimentos - “Não quero mais pensar no passado.”

“Aonde você irão morar?”

“Você sabe tudo o que tem que fazer durante a gravidez?”

“As mulheres ficam muito sensíveis nesse período.”

“Nunca a contrarie. As mudanças de humor são grandes.”

“Ah, não esqueça dos desejos. Ela vai querer comer as coisas mais estranhas.”

“Precisa fazer um estoque de bolachas de água e sal.”

“Nunca responda se ela perguntar, durante a gravidez, se está gorda. Qualquer resposta que você der, vai gerar uma briga.”

Olho para os três fingindo seriedade, mas por dentro estou sacudindo a cabeça.

Deus, parece que decidiram me dar um curso intensivo sobre ser pai e marido.

“Eu aconselho a assistir vídeos.”

Opa, essa parte me interessa.

O tutorial de como pedi-la em casamento funcionou, mesmo que não tenha sido tão perfeito como o cara dizia.

“Quais vídeos?”

Ethan sorri pela primeira vez.

“Tudo sobre gravidez e como ser o melhor marido do mundo.”

“Ele está certo. O cara desse canal é considerado o Papa dos maridos. Conselhos infalíveis. Você encontrará tudo lá: como fazer uma agenda e os alarmes no celular para datas importantes. Sempre lembrar de elogiar quando ela for ao cabeleireiro e o mais importante de tudo: gestos românticos.”

Ethan e Lucas olham um para o outro e depois sacodem a cabeça em acordo, parecendo *PHDs* em relacionamento.

“Siga isso e você conseguirá mantê-la para sempre.”

CAPÍTULO 49

KHAYLA

Carmel

Um mês depois

“Quanto tempo ainda falta?” - pergunto e Zach sorri.

Já deve ser a décima vez que olho o relógio.

Começo a conferir tudo pela cozinha e tomo um susto.

“Zach, nós esquecemos as velinhas.”

“Não acho que Axel vai ligar para isso.”

“Claro que sim. É sua primeira festa de aniversário. Eu quero dar o pacote completo. Acho que vou até *Monterey* comprá-las.”

“De jeito nenhum. Você não vai pegar a estrada à noite.”

Não consigo me impedir de revirar os olhos.

Zach parece um cão de guarda - em um bom sentido - desde que soube que estou grávida.

Juro, ele e Axel orbitam a minha volta vinte e quatro horas por dia. Além disso, ainda tenho que lidar com telefonemas constantes de algum membro da minha família.

Linus aparece com cada vez mais frequência.

Não sei o que houve entre ele e Axel em *Boston*, mas estão diferentes um com o outro.

Será que foi a perspectiva de ser avô que mudou tudo?

Não faço ideia.

Axel foi à *Napa* hoje cedo porque precisava resolver alguns problemas sobre compra de equipamentos para a vinícola. Ele tem se empenhado tanto em aprender sobre o novo investimento como quanto nos exercícios para recuperação de sua lesão e desde a semana passada, voltou a surfar.

Nada muito arriscado.

Pequenas manobras e só por aqui por perto mesmo, mas combinamos que no fim de semana iremos até Santa Cruz. Lá o mar é bem melhor para praticar *surf*.

Não estou muito certa sobre isso ainda, mas não consegui dizer não.

A alegria em seu rosto quando subiu na prancha pela primeira vez desde o acidente me deu vontade de chorar.

Não que isso seja algo extraordinário. Ultimamente qualquer coisa me emociona.

Temos ido às consultas médicas e eles estão bem satisfeitos com sua evolução, mas mesmo assim, ainda sinto medo de que apressar as coisas possa acabar fazendo com que a recuperação total seja mais lenta.

Consegui um bom obstetra em *San José* e no próximo mês talvez já saibamos o sexo do bebê. Estou muito ansiosa. Primeiro pensei em esperar para descobrir no parto, mas eu e Axel acabaremos infartando se tivermos que aguardar tanto tempo.

Além disso, temos que preparar o quarto - os quartos.

Ele diz que faremos um em cada uma de nossas casas.

Temos essa, a de Sausalito e agora alugamos um novo apartamento em *San Luis*.

Optamos por não comprar esse porque, ao que tudo indica, será temporário. Somente até eu me formar.

Entreguei o antigo porque não caberia nós três de qualquer modo e

quando as aulas voltarem, teremos que morar em *San Luis* - pelo menos durante a semana.

Conversei com a universidade e vou tentar fazer matéria *online* o máximo que eu puder, porque não quero perder essa fase da minha vida.

Apesar de ainda ter mais um mês antes de retornar à universidade, nunca parece ser tempo o suficiente. Há tanto para aprender sobre ser mãe.

Já comprei um monte de livros e me inscrevi em alguns cursos - na verdade, nós nos inscrevemos porque ele faz questão de estar comigo - mas parece que sempre surge um tópico novo e fico apavorada diante da perspectiva de fazer tudo errado.

A imprensa apareceu aqui algumas vezes, apesar de não terem conseguido entrar por causa da segurança do condomínio, mas parece que sempre que pisamos na rua, há alguém à espreita para tirar fotos.

As chamadas das matérias são: *casal do ano, o rei do surf e sua rainha e à espera do príncipe*.

Todos os tipos de clichês que você puder imaginar, eles já criaram para nós.

Comentam sobre minhas roupas, meu corte de cabelo e como eu nem aparento estar grávida.

E acreditem, esses são os bonzinhos.

Ainda há os que falam sobre o famoso golpe da barriga e que meu estilo moça de família é só uma atuação para enrolar Axel.

Ele fica irado quando lê alguma coisa do tipo e no começo eu ficava bem chateada também. Cheguei até mesmo a chorar - hormônios - mas depois de um mês e meio lendo minha vida nos jornais todos os dias, resolvi deixar para lá.

Eles que pensem o que quiserem.

“Eu irei, mas você tem que me dar sua palavra de que vai se comportar.”
- Zach avisa - “Eu prometi a Axel que não a deixaria sozinha.”

“Deus Zach, do jeito que você fala, parece que eu estou no meio da selva. Nossa casa parece uma fortaleza. O que poderia acontecer de errado?”



“Ora, ora, ora. Não é que você conseguiu?”

Tomo um susto ao escutar a voz e outro maior ainda ao me virar e descobrir a quem pertence.

Isaac.

Como ele entrou?

Quanto tempo tem que Zachary saiu?

Será que eu chego até o lavabo do primeiro andar antes que ele me alcance?

Todos esses pensamentos passam ao mesmo tempo em minha cabeça, porque assim que eu o vi, meu modo de sobrevivência foi ativado.

O instinto me diz que ele não veio fazer uma visita de cortesia.

Sou filha de Ethan e Lucas e aprendi com eles que não é seguro ficar sozinha com um homem do tipo de Isaac, principalmente depois do que aconteceu em *Sausalito*.

“Sabe que não vai durar, né? Não sei o que ele disse a você, mas já o vi obcecado antes. Eu escutei Linus falando uma vez. O rei do *surf* é louco, amorzinho. Diagnosticado. Um compulsivo sem qualquer controle sobre suas obsessões. Então, é só uma questão de tempo até você virar passado.”

Estamos meio que em uma dança em volta da ilha da cozinha. Tento manter a distância entre nós porque só penso em proteger meu bebê.

“Por que você está falando essas coisas sobre ele? Eu pensei que fossem amigos.” - no momento, eu não dou a mínima para a amizade que um dia

tiveram. Estou ganhando tempo para alcançar o botão de pânico no balcão. Se eu conseguir acioná-lo, os seguranças virão imediatamente.

“Amigos? King não é amigo de ninguém, loira. Ele é um fodido egoísta que só pensa em surfar.” - ele dá um sorriso de deboche - “Mas tenho que admitir que subestimei você. O trouxa caiu no golpe mais antigo da humanidade: gravidez.” - ele bate palmas - “Brilhante.”

“O que você quer Isaac?”

Ele olha para o bolo que passei quase a tarde toda confeitando e a seguir tira a cobertura de cima com todos os dedos, lambendo um por um.

Eu sei que é idiota, mas meus olhos enchem de lágrimas.

Ele estragou a festa de Axel e agora estou com muita raiva.

“Conversar.” - dá um passo para mais perto - “Ou talvez não. Não costumo pegar sobras, mas fiquei curioso para saber o que você tem de tão especial.”

Pego uma faca em cima do balcão e aponto para ele.

Grande mudança, Khayla.

Antes ficava com pena de usar um *spray* de pimenta e agora ameaça alguém com uma faca.

Só que a única coisa que eu penso, é que nunca permitirei que ele me machuque ou ao meu filho.

“Você só pode estar de sacanagem.”

Continuo andando. Quase lá.

O botão está a centímetros da minha mão.

Empunho a faca fingindo ameaçá-lo e quando ele se distrai olhando-a, aperto o botão. Ele não faz qualquer barulho, mas avisa aos seguranças que há algo errado na casa.

Desde que eu vim morar aqui em definitivo, depois que descobri que estava grávida, Axel mandou instalá-lo. Ele tem estado preocupado com minha privacidade porque os repórteres não nos dão trégua e outro dia, um

conseguiu chegar até nossa praia particular.

“Eu não quero machucá-lo.” - falo, enquanto calculo quanto tempo até a segurança vir.

“Você é engraçada.” - ele diz e vira a cabeça de lado - “Será que foi isso que ele viu? Além da beleza, claro. Ninguém pode negar que você é uma delícia, loira.”

“O que diabos você pensa que está fazendo?”

Quase choro de alívio quando vejo não só três seguranças, como meu Axel entrar na sala.

Largo a faca, um pouco enjoada e me seguro no balcão, porque de repente a cozinha começa a rodar.

Em instantes, Axel me alcança.

“Hey, amor. Está tudo bem agora.”

“Vim fazer uma visita e conferir as novidades pessoalmente. Você se esquece rápido dos amigos.”

Os homens da segurança estão parados e sei que aguardam apenas o comando de Axel para tirar Isaac daqui.

“Levo-o embora.” - peço.

“Você está incentivando uma briga entre amigos, mulher?” - Isaac provoca.

“Não. Por mais que pudesse ser satisfatório tirar esse sorriso idiota do seu rosto, você não vale o tempo dele nem mesmo para ser surrado.”

“Tirem-no da minha frente.” - Axel instrui os seguranças.

Os homens imediatamente o cercam e ele começa a gritar.

“Nós somos amigos de infância.”

“Vocês não são. Ou melhor, você não é amigo dele. Um amigo não mente para a namorada do outro como você fez em *Sausalito* e nem diz as coisas que você disse hoje, mesmo que fossem verdade.”

“E você acha que é amiga dele, *Yoko Ono*? Nós nos conhecemos a vida

inteira. Vocês só estão juntos há cinco minutos.”

“Dois meses e vinte e oito dias.”

“O que?”

“Dois meses, vinte e oito dias e seis horas. Esse é o tempo que estamos juntos. E cada uma dessas horas valeu a pena.”

“Khayla, não perca seu tempo.” - Axel avisa.

“Deus, você é tão estúpida. Não será a primeira e nem a última vez que ele deixará uma mulher pelo caminho. Acha que está segura só porque está grávida?”

“Saia, porra.”

“Só um minuto, amor.” - digo a Axel - “Você não sabe nada de nós dois. Não, corrigindo. Você não sabe nada dele também, agora eu vejo.”

Ele finge rir, mas eu não acredito. Posso perceber que está suando.

“Vocês dois se merecem. Eu estou saindo.” - fala, tentando se soltar.

“Acha que isso vai ficar assim? Você invade minha casa, ameaça minha mulher e acha que sairá impune?”

“Sabe de uma coisa? Mudei de ideia, loira. Vou deixar meu número. Talvez você precise de alguém para consolá-la depois que ele a destruir.”

Em um instante, Axel está nele.

“Podem soltá-lo.”

A cena transcorre em segundos.

Assim que Isaac está livre, Axel acertar um soco em seu rosto.

Ele cai no chão e Axel o monta.

Eu começo a chorar.

Por mais que não tenha sido minha culpa, não gosto de violência de qualquer espécie.

Graças a Deus Zach aparece, porque os seguranças não tomam qualquer atitude para tirar Axel de cima de Isaac.

“Chega, Axel.” - ele ainda reluta em parar - “Chega, filho. Você já

provou seu ponto.”

Finalmente ele parece sair do transe de ódio.

Não posso mais ficar aqui.

Cega pelas lágrimas, subo as escadas correndo.



Acho que adormeci porque quando acordo já é noite fechada.

Axel está deitado ao meu lado e seu rosto demonstra tormenta.

“O que ele falou é verdade? Eu sou uma obsessão?”

“Ele falou isso?”

Ele fecha os olhos.

“Eu sinto muito pelo meu descontrole. Não deveria ter feito aquilo na sua frente.”

“Eu não gosto de brigas, mas entendo que ele mereceu.”

“Entende?”

“Sim, eu mesma fiquei com vontade socá-lo.”

Ele me puxa para seus braços.

“Você não é uma obsessão. No colégio, pensei que estivesse obcecado. Era o único nome que eu poderia chamar o fato de você me fazer esquecer o mundo ao redor e eu esperar como um desvairado para vê-la todos os dias. E dado o meu histórico psicológico, achei que era isso sim.”

“Você esperava para me ver?”

“Todo dia, princesa. Eu a vigiava sem que você soubesse. Eu a via sentada embaixo das árvores, sozinha, lendo, feliz em seu próprio mundo. Eu morria de vontade de pegar você para mim.”

“Mas você nunca me deu nem um *olá*.”

“Porque eu não confiava em mim mesmo. Acho que já intuía que ter um

gosto seu apenas nunca me deixaria satisfeito e eu tinha planos de ir embora.”
- ele acaricia meu cabelo e continua desvendando o início de uma história que eu nem sabia que existia - “Você nunca seria mais uma, Khayla. Eu sempre soube disso.”

“Você não estava obcecado, só sentia desejo por mim, ao que parece.”

“Não era só desejo. Você foi a primeira garota que eu coloquei acima de mim mesmo. Eu pensava que você era boa demais para se envolver comigo. Mesmo sem conhecê-la, eu sabia que você não era do tipo que ficava.”

“É, sobre isso você estava certo. Então, se eu não era sua obsessão, por que Isaac falou aquilo?”

“Porque ele ficou com raiva. Na escola, eu não permiti que nenhum cara se aproximasse de você.”

Levanto a cabeça e o encaro.

“Como é que é?”

“Eles a queriam e eu ficava louco só de pensar em alguém tocando-a.... além de mim.”

“Eu achava que você me detestava.”

Ele me beija a testa.

“Como eu já disse antes, acho que me apaixonei por você à primeira vista, mas não soube identificar. Depois que vim para cá, eu sempre pensava em você, mas achava que ainda morava em *Boston*. Quando sofri o acidente, enxerguei uma oportunidade.”

“Por isso você disse naquele dia que eu era uma obsessão que durava anos...”

“Eu estava errado. Dou graças a Deus hoje que o *senhor perfeição* fosse tão difícil de encontrar, porque me deu tempo de chegar até você.”

Deito de barriga para cima e olha o teto.

“Nossa história é muito louca. Vai ser complicado contar a *Storm* como tudo começou.”

“Você quer saber algo que aprendi com nós dois?”

Olho para ele.

“O amor não segue regras. Cada história é única. Não existe certo ou errado, princesa. Não importa como tudo começou, mas que no fim, ficaremos juntos.”

De repente, lembro da supresa.

Levanto e ele ameaça se erguer também.

“Aonde você vai?”

“Um segundo.”

Abro uma gaveta e pego o embrulho que já guardo há dias.

“Feliz aniversário, amor.” - entrego o presente, mas quando penso no bolo, começo a chorar - “Eu preparei um bolo e.... nós não tínhamos velinhas....” - nem consigo falar direito de tanto que choro agora - “Isaac o destruiu.”

Ele segura o pacote e me puxa para seus braços.

“Você preparou uma festa para mim?”

Ainda estou fungando, mas um pouco mais calma com ele acariciando meus cabelos.

“Sim. Você disse que nunca comemorou seu aniversário e como era o primeiro que passaríamos juntos, eu queria que fosse especial.”

Ele deita comigo de novo na cama. O corpo erguido sobre o meu.

“Eu te amo, Khayla. Eu gostaria muito de ter provado o bolo, mas nada é mais importante do que ter você comigo. Esse será apenas o primeiro de muitos, linda. Teremos uma vida inteira para comemorar.”

Eu o puxo para um beijo.

“Abra o presente.”

Ele senta na cama, parecendo um garotinho e sinto pontadas no meu coração.

Quando vê o conteúdo da embalagem, abre um sorriso lindo.

“Papai de baby Storm.”

Eu mandei fazer uma camiseta com a frase nela. Como ainda não sabemos o sexo, preferi deixar neutro.

“Eu queria que essa fase de nossas vidas ficasse marcada.”

“Khayla, desde que você me permitiu amá-la, cada segundo ficará gravado dentro de mim.”

CAPÍTULO 50

AXEL

Um mês e meio depois

É hoje.

Finalmente descobriremos quem está certo.

Quero dizer, ela descobrirá, porque eu já sei, claro.

É um menino.

O que posso dizer? Um pai simplesmente sabe dessas coisas.

De quebra, ela vai parar de revirar os olhos cada vez que eu digo que *Storm* é um garoto.

O médico fica em *San José*, mas hoje iremos direto para *San Luis Obispo* depois da consulta, porque precisamos resolver várias coisas por lá.

Ela finalmente concordou em comprar a decoração para os quartos de todas as nossas casas, mas não quer montar os berços porque Bela e Clara disseram que dá azar.

As duas têm sido incríveis com minha Khayla, sempre tirando dúvidas quando precisa e monitorando-a para mim se tenho que viajar.

Como um cara pode ser mais sortudo do que isso? Contar com duas mulheres mais velhas para ajudar meu amor e zero sogra?

Em compensação, estou doando um dos sogros para quem quiser.

Não há uma semana em que um deles não ligue para saber como as coisas estão indo.

Leia-se: para saber se estou na linha.

A única coisa boa é que ambos também me dão várias dicas sobre as mudanças de humor dela.

Khayla tem estado muito sensível e às vezes eu fico perdido sem saber o que fiz de errado.

Desde o dia em que miserável do Isaac invadiu a casa, me tornei um pouco neurótico com a segurança dela.

Senti um medo fodido quando cheguei naquele dia e os seguranças disseram que o botão de pânico havia sido acionado.

Não gosto de pensar o que poderia ter acontecido se não tivéssemos chegado a tempo.

Zach se culpou, mas eu não.

Ele não tinha como prever aquilo.

Nem eu que conheci Isaac a vida toda poderia imaginar que ele iria tão longe.

Chamei meu pai e depois a polícia. Linus tem contatos e soube como manter o nome de Khayla longe das notícias. Tudo foi relatado como uma invasão de domicílio, mas o nosso advogado vai tentar acrescentar algumas acusações menores para ver se consegue aumentar a pena. O cretino pagou fiança e responderá o processo em liberdade.

Você deve então calcular como estou preocupado. Enquanto não houver uma condenação, não terei paz.

“Não fique pressionando o médico.” - ela finge brigar comigo.

“Eu não vou falar nada. Prometo.”

“Vai sim.” - ela começa a rir - “Você deixa o médico doido em todas as consultas. Ele é um obstetra, não um oráculo.”

“Eu só tento me certificar se está tudo bem com você e o nosso filho.”

Ela vira o corpo no assento do carro para me olhar.

“Eu sei, amor, mas eu estou saudável. Temos feito tudo direito. Não sou

um cristal.”

“Não, você é o meu mundo.”

“Axel King, não ouse me fazer chorar. Você sabe como eu tenho sido uma manteiga por esses dias.”

É verdade.

Às vezes até um arco-íris a emociona, então tenho tentado fazer as coisas de maneira que ela só tenha momentos felizes.

“Não quero fazê-la chorar. Se eu pudesse faria uma lei para que você só tivesse dias alegres.”

“Ninguém vive só dias felizes. Além disso, temos mais coisas boas do que ruins.”

Algo que eu sei que a irrita é o assédio da imprensa.

Eu sempre tive a mídia atrás de mim, porque além dos meus títulos, sou garoto-propaganda de várias marcas famosas, inclusive grifes francesas, então meu rosto está em todo lugar. Relógios, perfumes, tênis. A lista é grande.

Só que agora eles estão obcecados com Khayla e a coisa é que ela fica muito incomodada.

Eu não sei o que acontece, mas eles cismaram com a gente como casal.

Não há um dia em que não apareça uma matéria em alguma rede social ou revista.

Nós pouco saímos ultimamente. Ela tem preferido ficar em casa.

Khayla me falou de um sonho antigo de aprender a tocar piano e eu comprei um para ela e também encontrei uma professora para lhe dar aulas nos fins de semana na casa de *Carmel*.

Tocar tem ajudado-a a relaxar quando fica chateada com algo. Infelizmente, por causa da imprensa, isso tem acontecido com mais frequência do que eu gostaria.

Um dos meus patrocinadores convidou-a para um ensaio fotográfico

junto comigo e mesmo não gostando de se expor, ela topou desde que toda a renda ganha com o anúncio fosse destinada a uma associação para mães solteiras que não têm meios de acompanhar a gestação adequadamente.

Khayla é assim.

Ela pensa no próximo e como pode fazer do mundo um lugar melhor.

Não há fim para sua bondade e eu sou um sortudo por ter conquistado seu amor.

“Depois que sairmos do consultório vamos ver os móveis, né?”

Noto que ela está doida para revirar os olhos, mas disfarça.

“Tudo bem, mas não quero ficar muito tempo lá. Viajamos amanhã cedo e eu nem fiz a mala ainda.”

Temos roupas em todas as casas e amanhã voaremos para *Napa* para a o relançamento da vinícola na mídia.

No próximo ano, teremos também um novo vinho.

Storm.

É, meu filho será imortalizado como o primeiro título depois que comprei a vinícola.

“Não precisa levar muita coisa. Serão só dois dias.”

“Podemos passar em *Sausalito*? Estou com saudade de lá.”

Nunca mais voltamos juntos à casa, então eu estranho o pedido.

Contratei uma decoradora e mandei trocar tudo no imóvel. Tudo mesmo. Das roupas de cama e toalhas de banho, até os utensílios de cozinha e louças. Não quero que algo a lembre da maldita festa.

Eu até mesmo providenciei para que uma almofada fosse acrescentada e agora ela finalmente terá seus amados números pares.

“Achei que você nunca mais iria querer voltar naquela casa depois do que aconteceu.”

“Por que? Lá foi onde nossa história começou para valer.”

“Nossa história começou em *Boston*, há quatro anos.”

Ela ri.

“Tudo bem. Tenho que concordar, mas *Sausalito* foi quando eu comecei a perder o medo de viver. Quando eu me tornei sua mulher. Quando você adorou meu corpo com suas mãos e boca pela primeira vez.”

Procuro um acostamento e paro.

Solto seu cinto e a puxo para o meu colo.

“Você não pode me dizer coisas assim. Eu não consigo pensar com clareza, ao mesmo tempo que relembro seu corpo delicioso embaixo do meu. Você sempre quente e molhada ao meu redor.”

“Oh, Deus!”

Khayla tem estado com mais tesão e eu não consigo manter minhas mãos longe dela.

“Quanto tempo temos antes da consulta?”

“Uma hora.”

Estamos quase chegando. Calculo que mais uns dez minutos estaremos na cidade, então qualquer coisa que ela decidir, estou dentro.

“Não dá. Uma vez só não vai ser suficiente.”

“Porra linda, você me mata quando soa necessitada assim.”

“Você está com tesão também?”

Ela anda muito desinibida.

Pede, comanda, exige ser satisfeita e nunca serei aquele a reclamar de excesso de sexo.

“Você não consegue sentir?” - provoco, mexendo seu corpo contra o meu e ela geme.

Antes que eu possa prever o que fará, ela desabotoa meu jeans e em segundos, meu pau está pulsando duro como aço em sua mão.

“Nós vamos ser presos.”

“Não posso deixá-lo assim. Eu acho que você está sofrendo.”

Merda, ela é sexy demais.

Estamos parcialmente encobertos por umas árvores, mas eu não estranharia se um policial aparecesse do nada.

Não deveria permitir que continuasse, mas não consigo resistir.

“E o que você pretende fazer para acabar com meu sofrimento?”

Ela sorri, levanta um pouco e puxa meus jeans o suficiente para ter mais acesso.

Fecho os olhos e sinto-a me acariciando.

Não posso mais ficar parado e seguro sua bunda deliciosa, aparentando a carne, gemendo a cada vez que sua mão sobe e desce.

“Estou com tanta vontade de você, Axel. Podemos ir só à consulta e deixar os móveis para outro dia?”

“Que móveis?”

Ela ri e continua a tortura.

“Resposta certa, King.”



“Parabéns, em poucos meses vocês serão pais de uma garotinha.”

Acho que essa é a segunda vez que me sinto tonto com uma informação, em um intervalo tão pequeno.

A primeira, foi quando eu soube que ela estava grávida.

Uma menina?

Não, antes que você pergunte, não tem nada a ver com sexismo nem nada do tipo.

Minha preocupação é bem outra.

Namorados.

Se minha *Storm* sair bonita como a mãe, eu estou perdido.

“O senhor tem certeza?” - pergunto como um idiota, só para conferir.

“Olhe aqui, rapaz.” - ele aponta a tela.

É, não há o que discutir. Definitivamente minha *Storm* é uma menina.

Estou evitando olhar para Khayla porque sei o que vou encontrar.

“Eu vou deixar vocês sozinhos por um instante para que possam comemorar a descoberta. Encontro-os no consultório em alguns minutos.”

Sem alternativa, finalmente a encaro.

“Não vai dizer nada, King?”

“Você sabia.”

Ela sorri e dá de ombros.

“Eu tinha uma intuição, mas não poderia ter certeza realmente.” - ela senta na maca e abre os braços para mim - “Eu sei porque você está nervoso. Acalme-se.”

“Sabe?”

“Axel, eu acho que conheço você melhor do que a mim mesma agora.”

“Não tenho dúvidas disso.”

“Ela ainda vai demorar uns bons anos antes de começar a dar trabalho.”

“Talvez ela nasça com o seu temperamento.” - digo, esperançoso.

“Antes ou depois de conhecer você? Porque estou começando a achar que você revelou minha verdadeira natureza.”

“Jesus Cristo!”

Ela gargalha para valer e eu acabo relaxando.

“Falando sério, não importa o sexo, o que conta é que ela nossa.”

“Claro que sim, linda. Eu só não estava psicologicamente preparado para ser o futuro sogro de um cara.” - beijo-a por um instante e torno a me afastar - “O que você pensa sobre armas em casa?”

CAPÍTULO 51

LUCAS

Boston

Duas semanas antes do casamento de Khayla e Axel

“Temos que fazer alguma coisa. Como diabos ele teve acesso a informações sobre ela? Achei que tudo havia sido destruído.”

“Eu também.” - Ethan, responde - “Quando o miserável do tio dela morreu de câncer no fígado há cerca de seis anos, pensei que não tínhamos mais com que nos preocupar. Há muito tempo ninguém fala sobre Gregory Ashby.”

Gregory Ashby, o desgraçado que também vem a ser o pai de Isabela e Clara. Um ex-cirurgião famoso, que se transformou em sinônimo de pedófilo.

Esse foi um trabalho de Ethan. Um trabalho feito com dedicação por anos.

Imortalizar o nome do monstro.

Com o tempo, no entanto, a pedido de Isabela, ele decidiu deixar o barco correr.

Nós temos um monte de crianças e não queremos que qualquer uma delas seja relacionada de alguma forma aos crimes do maldito do seu avô.

“E agora?”

“Calma. Já estou cuidando disso.”

“De que maneira? Você disse que ele está envolvido com tráfico?”

Isaac Stocke.

Sabemos tudo sobre ele e sem que Axel ou Khayla desconfiem, monitoramos a atividade do projeto de criminoso desde que ele tentou o ataque contra nossa menina.

Após a invasão à casa de *Carmel*, Ethan colocou homens cuidando da segurança deles sem que soubessem. Somente Linus tem conhecimento do fato.

Também mantivemos alguém na cola do cretino do ex-amigo de Axel, mas pelo visto deixamos passar algo.

“Sim, mas é um traficante pequeno. Ele fornece pílulas para os estudantes de sua faculdade e tem feito inimigos no meio. O idiota não entendeu que o tráfico, como qualquer atividade comercial, tem uma certa ética entre bandidos e há algumas pessoas nada satisfeitas com ele invadindo seus territórios.”

“O que vamos fazer? Khayla não pode ter seu passado aberto para o mundo. Ela está grávida, pelo amor de Deus!”

“Eu não permitirei que aconteça, principalmente agora que ela tem a chance de ter uma família só sua.”

“Eu fico louco de pensar nisso. Eu quero matar o miserável.”

“Lucas, confie em mim. Eu sei o que estou fazendo. Nós descobriremos tudo o que ele sabe em menos de duas horas.”

“Mas e depois? Nada o impedirá de tentar fazer novamente.”

Ele pega uma pasta de documentos a sua frente e joga para mim.

“Leia. Temos o vagabundo nas mãos. Sei de todas as suas atividades ilegais e só pelas acusações de tráfico, sem contar com a invasão da casa em *Carmel*, ele já passaria o resto da vida atrás das grades.”

“Então é isso? Vamos chantageá-lo? Eu não penso que será o suficiente.”

“Essa será a nossa contribuição na ação.”

“E a outra?”

“Digamos que deixaremos que os inimigos saibam onde ele está se escondendo. Há um prêmio por sua cabeça.”

“Eles irão matá-lo.”

“Eu não me importo. Não estamos tratando de um santo, mas de um infeliz que vende drogas para crianças desde o ensino médio. Isso sem contar as denúncias abafadas pelo pai dele de meninas que foram abusadas depois de drogadas com o *boa noite Cinderela* em festas no campus.”

“Desde quando sabia sobre os estupros? Você não me falou nada.”

“A partir do momento em que Khayla foi para *Carmel*, eu virei a vida de Axel do avesso, mas como Isaac nunca teve contato direto com ela a não ser no incidente da festa em *Sausalito*, não havia razão para estender o assunto.”

“Linus me contou sobre *Sausalito*.”

Naquela mesma noite eu quis voar para Califórnia e trazê-la para casa, mas Linus me pediu que desse um voto de confiança ao seu filho, porque ele não teve culpa do que aconteceu.

“Há alguma chance de Axel saber o que o amigo fazia?”

“Nenhuma. Às vezes você esquece de quem eu sou. Acha mesmo que eu deixaria que ela se casasse com um cara envolvido em algo assim?”

“Tudo bem, mas eu quero saber o passo a passo agora. Nada pode dar errado. Ela merece deixar o passado para trás.”

“Eu vou chamar Axel para conversar.”

“Sobre o que?”

“Eu sei que Khayla deve ter contado sua história para ele. Nossa filha é honesta demais para ocultar o passado do homem com quem vai se casar, mas Axel precisa saber que pode haver um arquivo sobre ela em algum lugar ainda. Tentarei cobrir todas as frentes, mas nunca poderemos ter certeza. Como o garoto protegerá sua família se estiver no escuro?”

“Eu não sei. Não gosto da ideia de fazermos isso pelas costas dela. Como

sabe que ela contou tudo a ele?”

"Você viu como o olha? Khayla o ama de verdade e conhecendo-a, sei que nunca esconderia algo assim. Só quero alertá-lo para que ele possa ficar preparado.”

“Eu não gostei da ideia do casamento no início.”

“Nem me fale...”

“Mas ele é louco por nossa menina. Tenho que admitir que eu estava errado. Axel é o cara certo para Khayla.”

“Sim, eu sei.”



Carmel

Dois dias antes do casamento

“Você cuidou disso?”

Ele pega o jornal da minha mão e dá uma olhada rápida, a seguir descartando-o em cima de uma poltrona.

“Defina *cuidou disso*?”

Estamos hospedados na casa de Axel e Khayla em Carmel e daqui a menos de quarenta e oito horas, entregaremos nossa filha ao noivo no altar que será montado na praia.

“Você deu a localização dele a quem o estava caçando?”

“Não precisei.”

“O que isso significa?”

“Eu o estava monitorando para me assegurar de que cumpriria o acordo

que fizemos de manter silêncio. Seus telefones estavam grampeados, assim como suas contas de emails. Coloquei homens vigiando-o para que ele não pudesse se aproximar da imprensa e dei ordem para que fizessem o que fosse preciso para impedi-lo.”

Levanto uma sobrancelha porque sei o que aquela expressão significa no mundo de Ethan.

“Mas você havia dito que deixaria que os traficantes rivais soubessem onde ele estava.”

“Não houve necessidade. Ele fez a própria cama e a seguir, deitou-se nela.”

No dia seguinte a minha conversa com Ethan em *Boston*, tudo o que o traficante possuía sobre ela foi destruído e ele, avisado de que a deixasse em paz.

Ethan fez com que ele soubesse que aquele seria o último alerta antes que uma decisão mais drástica fosse tomada.

Apesar disso, essa porra estava tirando meu sono.

Eu não podia permitir que a magoassem mais uma vez e já estava pensando em uma maneira de eu mesmo resolver o problema.

Não há um limite para o que eu faria para proteger minha família.

Olho para a manchete no jornal.

Filho de banqueiro encontrado morto, vítima de overdose, na banheira de seu apartamento em San Diego.

“Então você não teve nada a ver com isso?”

“Não. Foi trabalho de um traficante rival. O moleque arrogante achou que tráfico de entorpecentes na Califórnia era uma brincadeira, como quando ele fazia em *Boston*. Só que um de seus concorrentes era sobrinho do chefe de um dos maiores cartéis mexicanos. Ele mexeu com as pessoas erradas.”

“Pensei que cartéis costumassem fazer da morte de rivais um exemplo.

Essa foi bem discreta.”

“Sim, é o que geralmente acontece, mas Isaac não era uma ameaça e sim apenas um idiota que não fazia ideia de onde estava se metendo.”

“E agora?”

“Agora o que?”

“Você ainda pretende conversar com Axel?”

“Claro. Não acho justo deixá-lo sem saber de riscos futuros.”

“Eu não estou bem fazendo isso. Parece que a estamos traindo.”

“Lucas, não tenho dúvida de que Khayla já compartilhou o passado com o noivo. Ela não é o tipo de menina que uniria sua vida a alguém em quem não confiasse.”

“Concordo.”

“Então, coloque-se no lugar dele. Você acha certo deixá-lo à parte? Se fosse com Clara, você não gostaria de ter conhecimento se alguma ameaça a rondasse?”

“Sim. Você está certo. Ele precisa ser avisado.”

CAPÍTULO 52

AXEL

Carmel

Trinta e seis horas antes do casamento

“Precisamos conversar.” - Ethan diz, enquanto estou acabando os últimos exercícios da série de força.

Quero estar recuperado para a lua de mel e para, se tudo der certo, voltar a competir até o meio do ano que vem.

Só que na hora que ele fala, eu sinto que há algo errado.

Essa é uma das frases que mais odeio, porque nunca vem com boas notícias.

“Vamos dar uma volta na praia?”

Um alerta liga imediatamente em minha cabeça.

“Onde está Khayla? Aconteceu alguma coisa?”

Meu coração começa a bater muito rápido como sempre ocorre diante da simples possibilidade de que algo aconteça a minha mulher e filha.

Eu já estou vestindo a camiseta e indo para a porta sem esperar que ele responda.

“Axel...”

Olho para trás e ele está muito sério.

Quero dizer, Ethan tem toda aquela *vibe* de chefe da máfia, mas com a

família, ele é relativamente mais tranquilo, mas o que vejo em seu rosto hoje faz meu sangue gelar.

“Diga que ela está bem.”

“Está tudo bem com ela e o bebê, mas precisamos conversar.”

“Okay. Vamos lá fora.”



Sentamos em uma pedra e ambos olhamos o mar.

Ele não disse nada até agora e apesar de estar ansioso, hesito em pressionar porque a intuição me diz que não serão boas notícias.

“Isaac está morto.” - ele começa.

“Eu sei.”

“Sabe? A notícia só saiu hoje pela manhã. Achei que você não lesse jornais.”

“Eu não leio, mas não sou um idiota, ao contrário do que vocês possam pensar. Eu tinha alguém de olho nele. Desde o dia em que invadiu nossa casa, mantive-o sob vigilância.”

“Eu também.”

Dou de ombros, porque apesar de nunca termos conversado a respeito, não me surpreende.

Um cara tenta atacar sua filha. Você ficaria de braços cruzados? Acho que não. Agora calcule isso sobre um homem cuja especialidade no passado era matar.

É, eu fiz meu dever de casa.

Hoje em dia, sei muito mais sobre Ethan e o sócio dele, Amos, do que sabia quando me envolvi com Khayla. Ambos são ex-combatentes das forças

especias do exército.

“Eu não esperava nada menos que isso.” - falo - “Mas o que há com a morte de Isaac? Não vejo como isso possa ser um problema, a não ser que você esteja envolvido e possam relacioná-la à Khayla.”

Ele nem tenta negar que eventualmente poderia ter alguma relação com a ação que pôs fim à vida do meu ex-amigo.

“A morte dele não tem nada a ver comigo. Não por falta de vontade, mas porque não precisei. Ele foi morto por um traficante rival.”

“O que?”

“Você não sabia que ele traficava desde os tempos de *Boston*?”

“Não. Eu sabia que ele já usou no passado, mas drogas puramente recreativas como maconha e algumas pílulas. O combinado era nunca trazê-las para a minha casa. Nem em festas e nem nada e como ele sempre respeitou essa parte, o que ele fazia quando saía daqui não me dizia respeito.”

“E quanto às garotas?”

“O que tem elas?”

“Axel, o pai dele abafou várias denúncias de estupro.”

“Até onde escutei, eram rumores e eu só soube de um incidente. Mesmo assim, a garota voltou atrás e disse que estava com raiva dele quando o denunciou. Todos pensamos que poderia ser verdade - que ela o tenha denunciado em um ato de vingança. Isaac era um escroto mesmo em seus melhores dias.”

“O pai dele a comprou. Essa em particular, era uma funcionário do golfe clube em que a família dele era sócia. Uma menina pobre e sem qualquer um para apoiá-la. Não foi difícil para o pai dele ameaçá-la e a seguir, comprar seu silêncio.”

“Eu não fazia ideia.”

“Sei disso. Acredite, você nunca chegaria perto da minha filha se fosse da mesma laia que ele.”

Não fico irritado com o que ele diz. Eu mesmo não deixaria um homem assim se aproximar da minha *Storm*.

Sorrio ao lembrar do apelido.

Mesmo depois que eu quebrei a cara ao descobrir o sexo do bebê, continuo chamando-a de tempestade, o que faz Khayla rir e ficar louca ao mesmo tempo.

“É sobre isso que se trata essa conversa? Eu não dou a mínima para o que aconteceu a ele.”

“Você sabe como foi?”

“Os jornais falaram em overdose e agora você diz que foram traficantes rivais.”

Ele fica em silêncio e eu o olho.

Ele está fazendo círculos na areia com um graveto.

Ethan não é de enrolar.

Ao contrário, é um dos caras mais diretos que já conheci e então eu percebo que há algo mais grave por trás daquela conversa.

“Ele tinha informações sobre Khayla.”

“Informações?”

“Sim, sobre o passado dela. Eu nunca permitiria que ele a magoasse.”

Sinto meu sangue gelar. De repente, todas as nossas conversas voltam.

Sua intuição estava certa? Há algo com o seu passado que a colocaria em risco?

Apesar de desejar saber, não acho certo conversar sobre algo assim sem que ela esteja presente.

Ela disse mais de uma vez que não faz questão de descobrir, então respeitarei até que um dia mude de ideia.

Estou prestes a dizer isso a ele, quando joga.

“Khayla foi criada no inferno e sobreviveu, como você deve saber. Eu tenho muito orgulho da minha menina. Não é qualquer pessoa que se

recuperaria depois de ter sido vendida pelos pais.”

Eu sinto como se tivesse sido atingido por um soco na boca do estômago.

Já falamos que ligo informações à imagens mentais em uma velocidade alucinante e o quadro que se desenha em minha mente me deixa enjoado.

Vendida? Minha Khayla?

Eu deveria pará-lo, mas não posso.

Não agora.

Preciso saber o que Isaac sabia dela e o que pretendia.

“Ele ia soltar tudo na imprensa. Queria se vingar de vocês e como ela não sabe da parte do tio, eu precisei agir.”

“Que parte?”

“Você já ouviu falar do pai da minha esposa?”

Não sou exatamente de acompanhar notícias de crimes. Já há desgraça demais no mundo para ainda ficar pesquisando jornais, mas Linus uma vez comentou por alto que o pai de Bela foi um cirurgião. Eventualmente, descobriram que estava envolvido em atividades de pedofilia.

“Khayla não sabe nada sobre comprarmos o silêncio do seu tio ou o porquê do nome dela nunca ter aparecido nos jornais. Na verdade, ela acha que o tio a salvou. Nós trocamos sua identidade. Mudamos duas letras do seu nome e ela tem uma nova certidão de nascimento onde consta somente eu e Bela como pais. Nós fizemos tudo com muito cuidado para que ela nunca pudesse ser rastreada. Não há fotos, registros escritos, nada que a ligue aos monstros que a geraram. Nem mesmo a esse tio.”

“Ethan, eu preciso que você explique sobre o que diabos está falando, em uma ordem lógica.”

Oculto o fato de que estou totalmente no escuro, porque agora preciso entender o todo.

“Tudo bem. Eu pensei que ela tivesse contado tudo a você. Khayla morou na Ásia até os onze anos. Seus pais eram americanos, mas mudaram-

se para lá. Uma família disfuncional. O pai era alcoólatra e a mãe fazia sexo em troca de dinheiro para sustentar seu vício em drogas.”

Ele arremessa o graveto longe.

“Khayla foi um acidente. Eles nunca a quiseram ou cuidaram dela adequadamente. Quando tinha dois anos, mudaram-se para um país no sudoeste asiático. Acho que ela não sabe de todos esses detalhes e é por isso que estou explicando a você. Para que se algo do tipo surgir um dia, você possa estar preparado para apoiá-la.”

Mantenho a expressão em branco, mas na minha cabeça a imagem de uma criança sozinha e mal cuidada, negligenciada por dois irresponsáveis, forma-se rapidamente e eu quero quebrar alguma coisa.

“Ela sempre foi linda e chamava muita atenção no lugar onde moravam. Eu não acho que eles tenham ido para aquele país com a intenção de usá-la, a princípio. O lugar era uma paraíso para traficantes e usuários de drogas, já que as autoridades viravam o rosto para o outro lado em troca de dinheiro. Infelizmente, era também um país conhecido pelo comércio de menores.”

“Comércio?”

“Sim. Venda de menores para fins sexuais.”

Começo a juntar as peças.

Sei que a família deles tem uma associação de apoio à crianças abusadas.

“Assim que ela começou a entrar na adolescência, foram surgindo propostas de comerciantes locais para... Jesus Cristo, não há uma maneira fácil de explicar isso, Axel. Eles praticamente a leiloaram.”

“Porra! Foda-me!”

Levanto e começo a andar de um lado para o outro. Minha mente nunca esteve tão sobrecarregada, meu coração como se estivesse sendo feito em farrapos.

“O pai de Isabela a comprou. Ele fez quatro visitas a sua família, mas as três primeiras foram para negociações. Na quarta, quando as coisas

começaram... quando ele estava tentando... você deve imaginar... o tio dela, que estava no país, apareceu, interrompendo a ação.”

“Pelo amor de Deus!” - grito, desesperado - “Diga-me que ele a salvou a tempo.”

“De uma certa maneira, sim, porque a levou para longe.” - ele para na minha frente - “Não foi por bondade, mas apenas porque viu uma oportunidade ali. Ele queria sua parte, então filmou o que Gregory ia começar a fazer naquela noite e o chantageou.”

“Então o maldito nunca... ele não...”

“Não. O que seu tio fez acabou por livrá-la de um destino pior.”

“Como diabos algo pode ser pior do que isso?”

“Ela não foi a primeira vítima dele. Não quero me alongar porque relembrar disso me faz desejar sair caçando novamente um por um desses desgraçados, mas para resumir, quando Bela descobriu sobre ela, nós a resgatamos. Primeiro a trouxemos para a associação, mas a ligação entre as duas se tornou tão forte que Bela quis adotá-la.”

Estou enlouquecendo e acho que como uma fuga, minha mente vai para o caminho em volta, antes de atacar diretamente a questão.

“E o que aconteceu com a família biológica dela?”

“Mortos, todos eles. Tanto o tio, quanto os pais. Ela não tem ninguém no mundo além de nós.”

“Como você descobriu que Gregory a comprou?” - só de pronunciar a pergunta, sinto meu estômago revirar.

“Eu o estava investigando.”

Gostaria que ele explicasse mais, mas a intuição me diz que não devo insistir.

“Daí até chegar no tio dela foi fácil.”

“Fale-me sobre quando a resgataram.”

“Ela era uma criança fechada. Apesar de sempre ter tido um

temperamento gentil, nunca sorria ou deixava que se aproximassem demais, no princípio. Não brincava, não assistia televisão ou usava qualquer tipo de dispositivo eletrônico. Nada. Ela só lia sem parar. Contos de fadas. Histórias perfeitas e com finais felizes. Também não conversava a respeito da tentativa de abuso nem mesmo com os psicólogos. Mesmo depois que a adotamos, ela ainda não se abria.” - ele pausa e posso ver como está sofrendo também - “Isso durou uns dois anos. Depois, quando ficou mais velha, por volta dos treze, ela mudou. Era como se tivesse superado tudo.”

Deus, eles não fazem ideia mesmo.

“Por mais que tenhamos estranhado, foi um alívio vê-la sorrindo e vivendo a vida. Já não havia mais dias sombrios. Era como se ela houvesse trancado o que aconteceu em um quarto escuro e jogado a chave fora. Então, quando Isaac ameaçou contar tudo na mídia, foi um fodido pesadelo. Eu faria o que fosse preciso para garantir seu silêncio.”

“O que ele tinha em mãos?”

“No fim, não era nada que a ligasse a Gregory, mas sobre a mãe ser uma prostituta e o pai, um drogado. Ele queria envergonhá-la perante a sociedade, como admitiu depois. Não sei como conseguiu a informação, mas qualquer que tenha sido a fonte, não sabia sobre ela ter sido vendida. Isso pode significar que o que fiz deu certo, que não há mais qualquer arquivo dela por aí, mas eu nunca terei cem por cento de certeza.”

“Ela não superou. Khayla não lembra de nada.”

“O que? Do que você está falando?”

“O acidente que sofreu. Quando foi atropelada aos treze anos, ela perdeu a memória. Ela não tem um passado. Em sua cabeça, sua vida começou ali.”

“Jesus! Ela nunca nos disse nada.”

“Ela sentia medo de que vocês a devolvessem se descobrissem da amnésia.”

“Mas ela nunca tentou pesquisar?”

“Não. Além disso, o que ela encontraria? Você mesmo falou que apagou todos os rastros. Várias vezes eu disse que a apoiaria se quisesse saber, mas ela sempre falou que não tinha certeza se desejava descobrir. Que vocês eram sua família perfeita.”

“Meu Deus, minha garotinha...”

Ele está muito abalado.

Pela primeira desde que o conheço, vejo a fachada de indiferença de Ethan ruir.

“Você acha que ela realmente não lembra?”

Não hesito.

“Eu tenho certeza. Khayla não sabe fingir.”

Começo a me afastar.

Eu preciso ficar sozinho.

“Axel?”

Volto-me para olhá-lo.

“Eu não queria interferir, mas apenas deixá-lo preparado para protegê-la se fosse necessário.”

“Como você conseguiu que os pais e o tio mantivessem silêncio?”

"Nós compramos por um valor muito alto o silêncio do tio dela, assim como todas as provas que ele tinha contra Gregory. Ele recebia uma espécie de mesada e colocamos alguém de olho nele o tempo todo. De qualquer modo, só sobreviveu por mais um ano após ela vir para os Estados Unidos e nos últimos meses de vida, estava sempre sob drogas pesadas para aguentar a dor. Quanto aos pais biológicos, não havia qualquer interesse da parte deles em revelar a verdade. Se descobrissem o que eles fizeram - que venderam a filha - seriam repatriados para cá e passariam o resto da vida na cadeia.”

“Então, até onde você sabe, Isaac era a última pessoa a ter qualquer informação sobre ela, mesmo sendo somente sobre os pais biológicos?”

“Sim. Além do mais, mesmo no dossiê a ligação dela com os pais era

tênue. Ele sequer sabia seus sobrenomes. Acho que pretendia soltar boatos na imprensa para constrangê-la.”

“Está me dizendo que acabou então?”

“Nunca teremos certeza, mas eu espero que sim.”

“Eu preciso ir.”

“Onde?”

“Pensar.”

“Axel, alguma coisa mudou sobre o que você quer com ela? Deixe-me saber para que eu possa cuidar da minha filha.”

“Nada mudou. Ela e *Storm* são minhas. Eu matarei qualquer um que tentar feri-las.”

CAPÍTULO 53

AXEL

Carmel

Trinta e quatro horas antes do casamento

Nada mudou?

Não, tudo mudou.

Todos os nervos do meu corpo berram, enquanto processo as informações.

Minha mente está a um passo de entrar em colapso.

Eu não posso me concentrar no quanto ela deve ter sentido medo ou vou enlouquecer.

Entro na garagem de casa para pegar minha prancha, tomando cuidado para não ser visto por alguém.

Eu não quero surfar.

Só preciso me afastar um pouco para lidar com o que estou sentindo.

Entro na água e assim que me afasto o suficiente para que ninguém consiga me ouvir, grito.

Grito alto toda a dor que está me corroendo.

Choro como nunca chorei em minha vida, enquanto relembro as palavras de Ethan.

Ela passou fome, sentiu medo e depois foi posta à venda.

A seguir, lembro da primeira vez em que a vi.

Sua beleza, pureza e solidão.

Penso na minha mulher em criança. Uma garotinha indefesa que foi traída por quem deveria protegê-la.

Ele disse que o monstro não chegou até o fim, mas tenho certeza de que o que quer que tenha acontecido, é o suficiente para marcar alguém para sempre.

Quando ela disse que não lembrava de nada, em todas as vezes em que tocamos no assunto, eu achei que não quisesse saber sobre seu passado por causa do medo de ser rejeitada novamente pelos pais biológicos.

Agora me pergunto se a amnésia não foi uma maneira de sua mente lidar com a dor.

Sei que ela não está mentindo sobre não se lembrar.

Khayla é verdadeiramente feliz e ninguém conseguiria ser tão leve se recordasse o inferno em que viveu.

Toda a nossa história passa em minha cabeça.

Quero trancá-la em um santuário protegido e impedir que a machuquem novamente.

Ethan falou sobre ser improvável que informações vazem no futuro.

Se depender de mim, nunca serão.

Eu vou revirar o mundo se for necessário e destruir o que sobrar de provas, de qualquer coisa que possa feri-la.

O que eu faço?

Devo contar o que descobri ou permitir que ela seja feliz em sua inocência?

Estou dividido.

Um lado meu quer ocultar tudo. Deixar que ela construa sua nova vida longe dos horrores pelos quais passou.

Outro, no entanto, diz que isso seria deslealdade.

Uma sensação de que estou sendo observado me faz olhar para a areia e então eu a vejo.

Sozinha, sentada com as pernas encostadas no peito.

De repente, não posso lidar com a distância entre nós.

Começo a voltar, mas mesmo quando saio da água, ela ainda não vem ao meu encontro.

Finalmente a alcanço e vejo por sua expressão que está com medo de algo.

“Você se arrependeu?”

“De que?”

“De tudo. Você se arrependeu?”

Ela acha que estou voltando atrás sobre nosso casamento?

“Não. Por que está perguntando isso?” - ajoelho-me na sua frente.

“Porque toda vez que você entra no mar somente para pensar como fez agora, é porque está triste.”

Deus, a última coisa que eu queria era causar-lhe sofrimento.

“Eu ainda tenho tempo.” - falo e levanto.

“Tempo? Do que você está falando?”

Estico a mão, ajudando-a a se erguer.

“Restam vinte e quatro horas do tempo do nosso acordo. Vem comigo?”

“Eu não estou entendendo. Você ainda estava contando?”

“Mais ou menos. Eu guardei algumas horas extras caso você mudasse de ideia sobre casar comigo e eu precisasse convencê-la.”

“Eu não mudei de ideia, mas o que você quer fazer com as últimas vinte e quatro horas?”

“Ter você só para mim.”

Nossa casa está muito cheia, com os convidados por todos os lugares e em meu atual estado de espírito, preciso me afastar com ela até decidir o que fazer.

“Eu quero mimá-la um pouco antes que amanhã chegue.”

“Isso não seria o papel da equipe que está organizando o dia da noiva?”

“Eu a trarei de volta. Venha comigo.” - peço outra vez.

Não sei se ela nota algo em meu rosto, mas me abraça e sussurra em meu ouvido.

“Tudo bem. Eu confio em você.”



“Um hotel?” - posso ver que ela não está entendendo nada.

Estamos em um hotel de luxo no arredores de *Carmel*.

Fechei as cortinas assim que entramos. Gostaria de nos trancar em um lugar longe do mundo.

Nos encaramos de pé, sem qualquer contato ainda.

“Você me trouxe a um hotel nas vésperas do nosso casamento, quando em menos de vinte e quatro horas poderá ter acesso total ao meu corpo, King?”

Ela tenta soar leve, mas posso ver a insegurança por trás das palavras.

“Eu não pude esperar.”

“Para que? Achei que era eu a louca por sexo atualmente.”

“Hoje não é sobre sexo, amor. Eu só quero ficar com você.”

Ela sorri e mexe em meu cabelo.

“Desculpe aquela confusão toda em sua casa...”

“Nossa casa.”

“Sim, nossa casa. Desculpe-me. Tantas crianças juntas pode ser um pouco assustador.”

“Não tem nada a ver com as crianças, eu só quero você para mim.”

Pego-a pela mão e levo para cama.

“Você não pode me trazer para um hotel e não fazer amor comigo. Eu

estou grávida. Não posso passar desejos.”

Apesar de me sentir meio anestesiado por dentro, sorrio.

Só Khayla tem o poder de aliviar um pouco a opressão em meu peito.

“Eu já falei que existe tratamento para vício em sexo.” - brinco, enquanto ela puxa minha camiseta por cima das cabeça.

“Não preciso de qualquer tratamento. Estou bem assim sendo uma viciada em Axel.”

“Pensei que fosse em sexo.”

“Dá no mesmo.”

“Podemos fazer tudo o que você quiser, mas me deixe abraçá-la por um instante?”

Eu estou nu agora, mas ao contrário das outras vezes, tenho necessidade por sua alma, não pelo corpo somente.

Parecendo finalmente perceber o que eu preciso, ela me pega pela mão e depois de tirar a própria roupa, deita-se comigo na cama.

“O que aconteceu lá na praia? Você não estava bem. É sobre sua mãe?”

“Não.”

Estamos deitados de lado. Pernas entrelaçadas assim como as mãos.

“O que houve então? Vou perguntar novamente: há qualquer dúvida em sua cabeça com relação ao casamento?”

“Nunca. Desde a primeira vez em que a vi no colégio, já sabia que era você, princesa.”

“Que era eu o que?”

“Aquela que preencheria a minha vida. Você sempre fez planos. Eu não. Eu só queria ser um campeão.”

“Você é e eu morro de orgulho.”

Ela fala e se aproxima para me beijar.

Por mais de uma vez, eu a peguei assistindo meus vídeos de campeonato e posso dizer que agora ela é a minha maior fã.

“Isso já foi o centro do meu mundo. Hoje, não há nada mais importante para mim do que você e *Storm*.”

“Precisamos escolher um nome para ela.”

“Sim, mas há bastante tempo antes de decidirmos.”

Eu ainda não tenho certeza do que fazer sobre o que descobri. Estou apavorado e a sensação é uma merda.

“Da última vez em que conversamos sobre sua amnésia, você disse que achava que preferia não saber. Continua pensando do mesmo jeito?”

Prendo a respiração, enquanto aguardo a resposta.

“Eu tenho refletido muito sobre isso. Sobre *Storm* e a necessidade de descobrir sobre nossas origens. Acho que eu estava enganada.”

“Enganada como? Decidiu ir atrás dos seus pais?”

Tomo cuidado para manter a expressão em branco.

“Ao contrário. Decidi que não quero saber deles, assim como eles não quiseram saber de mim. Não sei qual foi a razão de terem me colocado para adoção e talvez em suas cabeças, houvesse uma justificativa, mas agora que vou ser mãe, sei que jamais abriria mão do meu bebê. Mesmo que eu tivesse que trabalhar sem descanso, nada e nem ninguém me separaria do meu filho. Então, decidi que não há porquê procurá-los. Eu não lembro do começo da minha vida, mas a parte que lembro, a partir dos treze anos, fui muito feliz. Nunca me senti menos amada por ser filha adotiva. Eles jamais fizeram qualquer diferença entre mim e as outras crianças.”

“Porque é impossível não amar você, linda.”

“Alguém não me amou um dia, Axel. Caso contrário, não teriam me posto para adoção.”

“A perda foi deles.”

“Eu não sei quanto a isso, mas posso dizer que o ganho foi meu. Por isso eu disse que estava enganada. Eu tenho origens sim. Talvez não a biológica, mas eu tive o mais importante: a sensação de estar segura em meio a pessoas

que me amavam.”

“Eu te amo demais, Khayla. Você é o ser humano mais maravilhoso que já conheci.”

Tento controlar a emoção na voz, mas é difícil.

“Se está certa sobre deixar o passado para trás, isso é o que me basta. Daqui por diante, temos a nossa própria história para escrever.”

“Então o que você estava sentindo pela manhã lá na praia passou?”

“Sim. Tudo o que importa é que você seja feliz. Se eu puder garantir isso, não há como nada dar errado.”



Nós adormecemos.

Eu estava mentalmente esgotado, mas a sensação de tê-la junto a mim, protegida, é a melhor do mundo, então consegui relaxar.

Eu precisava desse tempo sozinho com ela e depois do que conversamos, estou mais calmo sobre as descobertas recentes. Empurro seu passado para um lugar escuro em minha mente, tentando me concentrar apenas em nosso casamento amanhã e no futuro.

Sinto sua mão percorrendo meu corpo, despertando-o imediatamente.

“Eu quero você.”

“Eu sou seu, amor.”

“É mesmo e estou grávida. Se eu ficar com desejo insatisfeito, você vai ter um terçol.”

Rio do seu descaramento.

“Sim, senhora.”

Mas então suas bochechas coram.

“Você me quer?”

“Eu sempre a quero, Khayla. A qualquer hora do dia ou da noite.”

“Eu também, Axel King. Eu sempre vou querer você. Eu disse uma vez que o homem dos meus sonhos existia e eu estava certa e errada ao mesmo tempo. Eu já o havia encontrado - você - mas eu não sabia do que eu precisava.”

“E o que você precisava?”

“Nunca funcionaria com o *senhor perfeição*, como você o chamava. Você me ensinou que diferenças são coisas boas. Eu queria um amor de livro. Quero dizer, eu pensei que queria, mas agora entendo que o que me completa é, além de tudo, o fato de sermos reais. Mesmo que brigemos de vez em quando, sei o quanto nos amamos.”

“Certo, você acaba de me conquistar em definitivo.” - brinco - “Faça o que quiser.”

Deito de costas na cama e espero.

“O que eu quero, é ser adorada como você sempre me faz sentir. Faça amor comigo, Axel. Mostre-me como eu sou sua.”

Ajoelho-me na cama e deixo que ela me olhe.

Ela gosta disso.

Do antes. De como devoramos um ao outro com os olhos antes de nos tocarmos.

Deixo um dedo correr por seu abdômen e ela estremece.

Ela também gosta de ouvir. Adora os jogos de palavras quase tanto quanto o contato.

Nós nunca fizemos um amor lento depois da primeira vez.

Naquele dia, eu tentei ser o mais cuidadoso possível, mas dali por diante foi difícil controlar o desejo.

Nosso sexo é intenso e apaixonado. Urgente.

Ela me quer dentro do seu corpo com a mesma pressa com que eu quero estar nela, mas hoje eu preciso ir devagar. Tenho que ter certeza de que

nenhuma parte foi negligenciada.

Ela ofega, enquanto observo seu corpo.

Primeiro os pés. As unhas ainda estão sem esmalte.

Subo a vista pelas pernas longas e bronzeadas, fruto dos nossos dias juntos no mar.

Olho seu sexo de pelos curtos e louros e não posso segurar um grunhido.

Sei como minha boca, dedos e pau adoram seu lugar secreto. Como é a exata sensação de tê-la gozando em qualquer parte de mim.

Mais um pouco acima, surge o ventre antes reto, mas que agora já mostra uma saliência no local em que minha filha está crescendo.

Abaixo-me e beijo-a ali.

Daqui a cinco meses nossa *Storm* estará conosco.

Saber que criamos uma nova vida juntos, que dentro do corpo de Khayla tem um pedaço meu, me deixa louco.

“Você é minha.” - digo e coloco a mão em seu abdômen.

“Sim. Nós duas somos.”

Toco os seios cheios.

Eles estão maiores e agora os mamilos parecem ficar constantemente rígidos.

Abaixo a cabeça e lambo um e depois o outro e ela treme.

Quando tento levantar, implora.

“Não pare.”

“Você não está dando ordens hoje, princesa.”

Khayla já aprendeu como me enlouquecer e separa as pernas, sabendo o que acontecerá quando eu tiver a confirmação do quanto está pronta para mim.

“O que você quer?”

Ela ergue os quadris.

“Você sabe.”

“Fale.”

“Beije-me.”

“Onde?”

“Aqui.”

Ela deixa o dedo correr por seu sexo, brincando com seu ponto de prazer e em seguida escorrega-o dentro de si.

Ela nunca se masturbou para mim e fico completamente hipnotizado.

Seus quadris giram e ela fecha os olhos, gemendo.

Não posso mais esperar e tirando seus dedos de dentro dela, lambo cada um e então minha boca os substitui.

Eu a bebo com fome. Preciso do seu gosto.

Ela rebola sem timidez, choramingado de tédio, gritando para que eu continue, mergulhando comigo em nosso mundo.

Mesmo depois que goza, eu não consigo parar, então começo tudo de novo, brincando com seus seios enquanto minha língua e dedos matam a vontade que tenho dela.

“Axel, eu preciso de você”.

“Ainda não.”

“Você está me torturando. Eu sou uma mulher grávida.”

“Sim, minha mulher. O meu bebê está dentro desse corpo delicioso.”

“Então por que não está tomando posse do que é seu?”

Khayla não sabe como estou louco. Ela não faz ideia de como preciso dela.

Deito-a de bruços e continuo a me deliciar em seu sexo. Perco a conta de quantas vezes goza.

Tento virá-la para mim novamente, mas ao invés de permitir, ela fica de quatro na cama.

“Não. Eu quero assim. Preciso mais profundo hoje. Não se segure. Estou morrendo para ter você dentro de mim.”

“Amor, eu não vou conseguir pegar leve.”

Em resposta, ela acaricia minha extensão.

“Eu não quero suave. Mostre-me.”

“Você vai me dizer o quanto quer.”

Seguro seus quadris, completamente sem controle sobre meu desejo.

Ela empurra o corpo para trás, implorando.

“Axel, eu quero você agora.”

Testo apenas uma vez, antes de percorrer todo o caminho em seu sexo quente e quase enlouqueço quando sinto seu aperto ao meu redor.”

“Ahhhhhh...”

“Assim? É profundo o suficiente, gostosa?”

“Mais. Mexa-se. Tome-me completamente.”

“Khayla, eu não estou conseguindo pensar com clareza.”

Sinto-me insano e tenho medo de machucá-la.

“Eu preciso de tudo, Axel. Eu quero mais forte.”

Seguro um punhado dos seus cabelos, apóio uma das mãos na base de suas costas e dou o que ela quer.

Não há mais qualquer noção sobre tempo ou espaço. Ela é o universo inteiro e seu corpo, o meu abrigo.

“Mais.”

Ela não recua e eu já não posso diminuir o ritmo.

Solto seu cabelo e deixo uma das mãos brincar com seu sexo. Ela pega a outra e trás para os seios.

“Bem aqui. Puxe-os.”

“Você é deliciosa.”

“Eu sou sua, Axel. Você adora ouvir isso, não é? Sou sua mulher. Você está tomando o que pertence. Eu sou apaixonada por você.”

“Khayla, amor....”

Aumento a velocidade e sei pela forma como ela me segura dentro do

corpo que seu orgasmo está chegando.

“Eu vou gozar.” - diz.

“Vai sim. Outra vez. E depois mais outra e mais outra. Eu não quero mais sair de você.”

Deito-a fazendo com que separe as pernas.

Enquanto me perco em seu corpo, mordo sua nuca e costas. Ela geme, empinado o bumbum para me dar mais acesso.

“Eu vou enchê-la tão completamente. Eu queria poder engravidar você outra vez.”

Minhas palavras insanas vão ao encontro da sua loucura.

O pouco controle que resta nos abandona e gozamos quase ao mesmo tempo.

CAPÍTULO 54

KHAYLA

Carmel

Dia do casamento

“Você está com tudo o que dissemos para usar?”

“Algo velho, algo novo, algo azul e algo emprestado. Tudo conferido.” - falo sorrindo.

Bela e Clara parecem mais nervosas do que eu.

Claro, eu estou ansiosa, mas não pelos mesmos motivos. Eu quero muito que chegue a hora de dizer o *sim*.

Eu tenho um temperamento medroso por natureza, mas estou embarcando em uma vida com Axel sentindo-me totalmente confiante.

Ele me ama.

Não um amor formal e perfeito como eu pensei que desejava, mas um louco, sem limites que rouba meu fôlego a cada vez que olha para mim.

Não existe nada de morno, moderado em Axel. Ele é cem por cento entrega e não há uma opção quanto a eu dizer que estou dentro da nossa relação mais ou menos. Ele exige tudo.

Eu sempre fui feliz com a minha família.

Mesmo com uma tristeza no fundo da minha mente por ter sido posta para adoção por meus pais biológicos e também pelo fato de não lembrar de

nada após o acidente, eu cresci feliz.

Só que essa felicidade tinha sempre um quê de contenção porque eu morria de medo de perder tudo. De que um dia eles mudassem de ideia e me devolvessem.

Quando virei adulta, o medo passou a ser o de nunca ter a chance de formar minha própria família.

Depois, senti medo de me apaixonar por Axel.

E finalmente, fiquei apavorada quando descobri que estava grávida.

Foi uma vida inteira temendo alguma coisa.

Pela primeira vez, estou somente feliz.

Sou apaixonada por ele de mais maneiras do que posso explicar, mas Axel é também meu melhor amigo.

Eu adoro suas nuances.

Um homem das cavernas às vezes e em outras, me deixando ver sua fragilidade.

Acho que amadureci muito depois que nos envolvermos.

Desde o começo, ele me empurrou para fora da zona de conforto, confrontando-me, obrigando-me a escolher, a tomar decisões.

Axel não é nem de perto o *playboy* inconsequente que o mundo julga.

Ele não é convencional, isso sim, mas conheço poucas pessoas mais determinadas do que ele quando quer algo e isso envolve tudo: voltar a competir, fazer com que a vinícola se destaque no mercado, conquistar o meu amor.

Essa parte, ele não sabia, mas não era realmente muito difícil.

Ele disse que acha que se apaixonou por mim à primeira vista.

Não posso afirmar o mesmo, porque na época do colégio, namorados nem passavam pela minha cabeça, mas ele sempre mexeu comigo. Depois que nos reencontramos aqui em *Carmel*, até que eu me apaixonasse, foi bem rápido.

Não vivo a ilusão de que a vida será perfeita. Temos mais diferenças do que coisas em comum, mas em compensação, contamos com o mais importante: um amor imenso um pelo outro.

Desde que voltamos ontem, nosso último dia no hotel tem rondado minha cabeça e ainda gostaria de saber porque ele estava tão triste quando foi para o mar. Pensei em empurrar um pouco para descobrir, mas depois cheguei à conclusão de que talvez não seja o momento de me preocupar tanto e somente deixar a vida seguir seu curso.

“Sabe o significado de cada uma das coisas: velha, emprestada, azul e nova?” - Lilly, entra sorrindo e pegando o final da conversa.

“Não, mas se vai trazer sorte, estou dentro.”

“A coisa velha...” - ela começa.

“Que você me deu.” - interrompo - “Obrigada de coração por me presentear com os brincos de pérolas da sua avó.”

“De nada, meu amor. Você merece toda a sorte do mundo.” - ela se aproxima e me dá um beijo - “A coisa velha simboliza o passado e a tradição da família.”

Há alguns meses, ouvir aquilo me deixaria triste, porque eu pensei que não tinha um passado e sempre questionava não conhecer minha família biológica.

Hoje, não mais.

Eu tenho sim uma família linda e o passado de que me lembro, foi feliz.

“A coisa emprestada simboliza a felicidade emprestada.” - Bela diz e eu toco na pulseira dela que estou usando.

Se é em felicidade conjugal que devo me inspirar, qualquer das três mulheres aqui têm de sobra.

“A coisa azul simboliza a fidelidade, pureza e amor e isso, minha linda, é você toda.” - Clara me abraça - “E de quebra, vai causar um infarto em Axel mais tarde, quando ele tirar seu vestido.” - completa às gargalhadas.

Ela foi comigo comprar um espartilho na semana passada e decidimos ficar com um azul bebê para fechar o item azul que eu precisaria.

“E a coisa nova?” - pergunto.

Antes que alguém possa responder, Amélia desce correndo da poltrona e abraça minhas pernas.

“Eu e a Rose que demos à Khayla.”

Eu me abaixo para beijá-la.

“Sim, foram vocês.” - sorrio e levanto o vestido para mostrar o sapato.

“A coisa nova simboliza o início de uma nova vida.” - Lilly finaliza.

Amos bate na porta e a seguir entra.

“Axel está quase tendo um colapso de tão nervoso. Lucas disse que ele já perguntou meia dúzia de vezes se nós tínhamos certeza de que você está realmente se arrumando. Acho que ele pensa que você pode fugir.”

Sorrio, pensando em como meu noivo pode ser exagerado às vezes.

Por que eu fugiria quando estou a poucos minutos de realizar a maior parte dos meus sonhos - casar com o amor da minha vida e começar minha família?

Mas então, lembro do que ele contou sobre a mãe.

No fundo, não somos tão diferentes assim.

Acho que ambos precisamos de segurança.

Axel tem todo aquele jeito autoconfiante, mas desde que nos comprometemos, sinto como se ele tivesse medo o tempo todo de que uma hora para outra, eu fosse mudar de ideia.

Acho que precisamos aprender a acreditar na felicidade e relaxar.

“Estou entrando.” - Lucas avisa.

Eu vou caminhar com os dois até o altar. Ele e Ethan. Como eu poderia escolher se ambos são fundamentais em minha vida?

Ontem quando cheguei do hotel com Axel, Ethan me puxou para os seus braços e ficou me segurando por um tempo.

Ele sempre é carinhoso comigo, mas dessa vez foi diferente. Eu senti como se estivesse tentando me proteger ainda mais do que costuma fazer e não entendi nada.

Depois, ele perguntou se eu sabia o quanto eles me amavam e eu disse que sim.

Eles nunca pouparam qualquer demonstração de afeto.

“Eu já acabei.” - respondo.

“Você está linda, filha.” - Ethan entra e diz.

“Você é suspeito para falar, senhor.”

“Eu confirmo. Você está muito bonita. Dessa vez os repórteres vão enlouquecer.” - Lucas completa.

Axel concordou a muito custo que dois deles participassem da cerimônia.

Era melhor assim, podendo controlá-los, do que ter alguém de submarino tentando invadir nosso dia especial.

Acha que estou exagerando? Eu juro, esses *paparazzi* são loucos.

“Há alguma chance de que eles atrapalhem?” - pergunto, um pouco nervosa.

Fizemos uma festa para poucos convidados.

Alguns amigos surfistas de Axel e nossas famílias - quero dizer, não deu para ser nada tão íntimo assim porque a família deles na Carolina do Norte é gigantesca.

“Não. Está tudo sob controle. Ninguém irá estragar seu dia.”

“Gente, está na hora.” - Bela avisa.

“Pronta?” - Lucas me olha.

“Mais do que nunca.”



Deixei que ele decidisse com qual música eu entraria.

Ele escolheu *A Thousand Years*, porque disse que tem tudo a ver com nós dois. Que ele me esperou a vida inteira.

Quem diria que no fim de tudo, meu Axel seria um romântico?

Enquanto os acordes soam, caminho sem desviar o olhar do pai da minha filha.

Estou com quase cinco meses de gravidez agora e daqui a três dias faço vinte anos.

Quando esse ano começou, eu nunca poderia imaginar tantas mudanças.

A vida brincou com todos os meus planos, movendo as peças do jogo como achava que devia e eu só tenho a agradecer que tudo tenha saído da rota. Da forma como eu levava minha existência antes, eu nunca teria coragem de me arriscar a mergulhar em nós dois.

Eu viveria com medo de arriscar para sempre.

Olho para o meu noivo, meu amor, meu mundo inteiro.

Eu já conheço tanto dele que sei que está se segurando para não vir até mim e apressar as coisas. Ele está ansioso para que nos comprometamos de vez.

Ando mais rápido porque quero livrá-lo da agonia.

“Eu te amo.” - ele diz assim que o alcanço, beijando-me e abraçando.

Ethan tosse, Lucas resmunga, mas Axel não está nem aí.

E é justamente o que eu mais amo nele. Ele é autêntico, destemido, apaixonado.

“Eu amo você, King. Mal posso esperar para me tornar sua esposa.”

Eu já o vi triste algumas vezes, mas nunca o vi chorar, mas agora, aqui, na frente de todos, meu Axel se ajoelha para beijar minha barriga com os olhos cheios de lágrimas.

“Eu te amo, princesa. Não há nada que eu não faria por vocês duas.”



A cerimônia passou rápido - pelo menos na minha cabeça pareceu levar apenas cinco minutos, porque minha atenção era toda nele e no futuro que nos espera logo ali na esquina.

Estamos dançando nossa primeira música depois de casados, no meio da pista improvisada e sei que há pessoas ao nosso redor, mas para mim só existimos nós dois.

“Três.”

“O que?”

“Você disse que só existimos nós dois.”

“Eu achei que estava pensando.”

“Não, você falou em voz alta.” - ele sorri - “Para mim também.”

“Para você também o que?”

“Só há nós três aqui. Você nunca vai se arrepender, Khayla. Eu prometo.”

“Amor, você é todos os meus sonhos se tornando realidade.”

“Ainda não, mas você os terá. Cada um deles. Eu não aceitarei nada diferente disso.”

“Vocês estão prontos para as fotos?” - alguém pergunta.

“Oh, Deus!”

“Já está acabando, linda. Daqui a pouco embarcaremos para nossa lua de mel e esqueceremos do mundo.

“Que mundo? - pergunto, imitando o que ele me disse há alguns meses.

“Resposta certa, senhora King.”

CAPÍTULO 55

KHAYLA

Lua de Mel

Islândia

“Como você se sente um ano mais velha, minha jovem senhora?”

Hoje mais cedo, ele me deu uma pulseira de ouro branco com pendentes de diamantes e disse que eles simbolizavam coisas importantes para mim: um carrinho de bebê, representando nossa *Storm*. Uma coroa, para que eu nunca me esqueça que sou sua princesa. Um trevo de quatro folhas, para que eu tenha muita sorte na vida e em minha profissão. Um coração, simbolizando nosso amor e finalmente, uma prancha, para que ele esteja sempre comigo. Ele disse que adicionaremos outros ao longo da vida. Que não tem graça antecipar tudo.

Olho para meu marido.

Ele está rindo, enquanto trás meu bolo de aniversário.

Vinte anos.

Há pouco menos de seis meses, nós nos reencontramos, mas parece que estive a vida toda ao seu lado.

Foram tantas mudanças, tantas experiências novas.

“Eu me sinto faminta.” - brinco, mas em parte é verdade.

O bolo parece delicioso e *Storm* está ansiosa para prová-lo.

Assim que esse pensamento vem, lembro de algo importante.

“Eu tenho um nome.”

“Para nossa *Storm*?”

Olho para ele.

Axel me surpreendeu.

Tirando aquele dia na Sardenha em que eu achei que ele fosse desmaiar, quando soube que seria pai, ele entrou totalmente no papel.

Eu observei-o atentamente ao longo dos meses.

No fundo, acho que ainda temia que tudo aquilo - casamento, gravidez - fosse demais para um cara que levou a vida toda sem qualquer compromisso ou desejo por uma relação a dois.

Mas não.

Axel assimilou a ideia de ser marido e pai como se tivesse nascido para aquilo.

Eu, ao contrário do que pensava, lutei um pouco contra encarar o papel de mãe e esposa.

Não que eu tenha tido dúvidas sobre ter minha filha ou o quanto eu o amo, eu apenas não me sentia pronta.

Então, a vida acabou por me dar uma lição porque olhando de fora, jamais imaginei que Axel fosse encarar com mais facilidade do que eu mesma a responsabilidade de formar uma família.

Houve vezes em que eu acordava de madrugada e ficava pensando como conseguiria conciliar tudo.

Isso passou - a ansiedade de querer controlar cada segundo, quero dizer - mas ainda sinto medo de não ser eficiente no papel de mãe e esposa como minhas irmãs são e ainda conseguir me formar.

Fiz as pazes em definitivo com a minha amnésia.

Outro dia entrei em uma igreja e rezei.

Eu sempre rezo.

Tenho muita fé e hoje, razões de sobra para agradecer, mas nesse dia especificamente eu queira conversar com Deus. Ter uma resposta sobre se deveria ou não tentar resgatar meu passado.

Eu pedi um sinal.

Nada muito grandioso. Eu só queria uma pista de que estava tomando a decisão certa não procurando minha família biológica.

Então, assim que saí da igreja, meu telefone tocou.

Era uma chamada de vídeo de Bela.

Assim que atendi, vi que toda a família estava reunida no aeroporto.

Todos.

Meus dois pais, minhas irmãs, as crianças, Amos, Lilly e seus filhos, a caminho de Carmel para o casamento.

Eu quase não entendia o que ela estava dizendo, tamanha a confusão de vozes, perguntas simultâneas, risadas.

E então eu compreendi.

Eles eram o meu tudo.

Não havia razão para tentar escavar coisas que provavelmente me magoariam.

Ninguém põe uma criança para adoção com uma história bonita por trás.

Em algum nível, eu fui indesejada.

Claro, acho que há casos em que a mãe dá o bebê porque realmente não tem condições de criá-lo e para que ele tenha a oportunidade de ter uma vida melhor, mas eu não posso ter certeza quanto a isso. Não sei se foi essa a razão da minha família ter me rejeitado, então optei por não arriscar.

“Está tudo bem?” - Axel pergunta, trazendo-me de volta à realidade.

“Está sim.”

Fecho os olhos e faço um desejo.

O único que eu poderia pedir: para Deus continuar abençoando a mim e a

minha família.

Quando abro os olhos, ele me encara.

“Você se perdeu por um momento. O que aconteceu?”

Ele coloca o bolo em cima da cama, me pega no colo e torna a se sentar.

“Eu estava pensando.”

“Em que?”

“Nós dois. Na família. Em todas as mudanças e como estou feliz.”

“Você está?”

“Muito. Tanto que sinto até medo de que seja um sonho.”

“Nós somos muito reais, linda. Não posso prometer que só teremos dias felizes, mas garanto que vou tentar fazer com que eles sejam mais frequentes do que os tristes.”

“Antes de conhecer você, eu pensei que era forte, mas hoje vejo que apenas me escondia. É fácil ser forte quando não se é desafiado. Agora, no entanto, eu sinto como se pudesse enfrentar qualquer coisa.”

“Qualquer coisa?”

“Não. Eu acho que jamais me recuperaria se acontecesse algo com você ou com a nossa filha.”

“Não pense nisso. Esse tipo de energia não faz bem. Não vai acontecer nada. Eu, você e *Storm* vamos viver nossa história. Vamos ser felizes com nossa filha e muitos netos no futuro.”

“Você quer outros?”

“Bebês? Sim. No começo eu achava que não daria conta nem de *Storm*, mas agora percebo que depois que você tem o primeiro, vai se tornando mais fácil. Reparo em Lucas e Ethan. Você só precisa controlar um e os outros seguem o caminho.”

“Menos Amélia.”

Penso na filha caçula de Lucas e Clara e sorrio.

Ela é sem medo de errar a criança mais irreverente de nossa família e

deixa Lucas louco, apesar dele não conseguir disfarçar o quanto é apaixonado pela garotinha.

“Menos Amélia.” - Axel concorda e gargalha - “Mas então esse é justamente o seu charme. Ela é única.”

“Verdade.”

“Fale-me sobre o nome que pensou.”

“Hali. Significa mar em grego. É lindo e como nossa história sempre envolveu água, pensei que seria perfeito.”

“Hali.” - ele repete - “Sim, eu gosto de como soa.”

“Então agora vai parar de chamá-la de *Storm*?”

Ele sorri.

“Vamos ver. Depois que ela nascer saberemos se o mar a que estamos nos referindo será uma baía ou revolto.”



Islândia

“Deus, esse lugar é perfeito!”

“Não, você é perfeita.”

Ao invés de olhar para o céu que nos presenteia com o espetáculo da aurora boreal, mudando de tons de verde para o roxo, ele está focado em mim. Como sempre acontece, borboletas dão saltos ornamentais em meu estômago.

“Eu quero voltar aqui quando ela nascer.”

Nós não pudemos fazer passeios muito aventureiros por conta da gravidez. Apesar de que, a Islândia é tão linda que só andar pelo país já é

uma senhora aventura.

“No verão ou no inverno novamente?”

“Pode ser nos dois?”

Olho para o céu.

“É como estar dentro de um sonho.”

“Eu vivo dentro de um.” - ele sorri e me puxa para mais perto.

Estamos em um grupo pequeno, com um guia oferecido pelo hotel.

Eles fazem excursões para observar o show da natureza. Acho que ficarei com essa imagem para o resto da vida na cabeça.

“Obrigada por sempre me empurrar para o diferente. Eu vivia querendo planejar tudo antes de conhecer você.”

“Planos não são ruins.”

“Não, se vocês os realiza. O problema é que eu só fazia planos. Nunca me impus uma data para realizá-los. Como a minha lista, por exemplo.”

Ele olha para baixo.

“Eu me encaixo agora?”

“Como assim?”

Giro em seus braços para olhá-lo.

“Alguma vez você... *hum...* pensou que poderia ter encontrado alguém que fechasse mais com o que desejava em um homem?”

“Não, amor. Nunca. Você disse algo uma vez que mudou tudo em minha cabeça. Nós somos de verdade. Não existe um amor ideal. Não tenho a ilusão de que nunca mais brigaremos...”

“Eu não brigo com você.” - ele me dá aquele sorriso charmoso que sempre faz minhas pernas bambas.

“Não, mas vira meu mundo de cabeça para baixo e às vezes uma parte da antiga Khayla, a medrosa, fica assustada. No entanto, eu só preciso de poucos segundos para ver que as brigas não significam nada perto de tudo o que temos.”

“E o que temos?”

“Você me deu mais do que eu jamais sonhei, Axel. Não sei se o *senhor perfeição* existe. Isso não me interessa mais, mas eu duvido que ele conseguiria me fazer feliz como sou agora.”

“Eu nunca procurei a *senhora perfeição*, mas eu tenho certeza que não poderia ser ninguém diferente de você.”



Dia do Parto

San José - Meses depois

Estávamos esperando o nascimento a qualquer momento.

Será um parto natural, então minha família tirou mini férias e estão todos na casa de *Carmel* aguardando.

Isso seria relativamente normal se a parte da família deles, da Carolina do Norte, não tivesse resolvido estar presente também.

Hali será a primeira menina da família King em muitos anos e estão todos ansiosos para dar às boas-vindas a nossa *Storm*.

Ainda a chamamos assim de vez em quando. Axel principalmente.

Quando ela começa a dar chutes na minha barriga, ele se abaixa e pede que seja gentil com a mamãe.

Ele conversa muito com Hali e acho que agora sabe mais de bebês do que eu.

Ele disse que pesquisando na internet, encontrou um estudo que dizia que ao nascer, o bebê traz consigo a memória auditiva de pelo menos quatro meses. Não é preciso colocar fones de ouvido na barriga, nem nada do tipo, mas estabelecer um ritual, onde os pais possam curtir juntos uma pequena

seleção musical.

Ligado em música como é, ele adorou a ideia e então todas as noites, ficamos deitados por pelo menos meia hora, sem conversar, só abraçados e deixando nossa filha aproveitar o momento.

Às vezes ele até mesmo se arrisca a acompanhar a letra.

Eu achei que não poderia amá-lo mais do que já fazia, mas o sentimento só cresce.

Coincidência ou não, nossa filha cessa os protestos assim que a música começa.

O resto da família King, ou melhor, a maior parte dela, chegou há dois dias na Califórnia e agora há um hotel da região praticamente lotado deles.

É como ver uma multiplicação de Linus por todos os lados.

Eles são grandes e tatuados.

Eu não fazia ideia de que a família de Axel era fundadora de um clube de motoqueiros famoso, o *Mad Kings MC*.

É hilário ver a cara desconfiada com que Ethan e Amos os olham. Acho que uma vez soldado, sempre soldado.

Eu e Axel optamos por ficar em um hotel em *San José*, tanto por ser mais perto do hospital - caso nossa Hali resolva vir no meio da noite - quanto por ele querer que eu descanse.

Hoje mais cedo comecei a sentir umas contrações. Assim que o avisei, ele ligou para o obstetra e depois telefonou para as famílias.

Agora, o corredor do hospital está parecendo a casa de *Carmel*, só que um pouco pior.

As crianças ficaram com as babás e Zachary, mas todos os adultos estão aqui.

Seis do meu lado: Clara e Lucas, Ethan e Bela, Lilly e Amos - e uns quinze da família dele.

Não consigo lembrar o nome de todos, mas sei que a maioria começa

pela letra L.

Eles disseram que é uma espécie de tradição familiar ou algo assim.

“Você está bem?” - Axel pergunta pela centésima vez em dois minutos e abaixa para me beijar, enquanto acaricia meu cabelo.

“Estou sim. Só um pouco ansiosa. Louca para vê-la. Você é quem precisa se acalmar.”

"Eu fiz um acordo com Deus.”

“Acordo? Achei que você já havia superado apostas e acordos depois que perdeu quanto ao sexo do bebê, King.” - brinco.

“Esse é diferente.”

“Diferente como?”

“Eu pedi por vocês duas. Que ele cuidasse para que tudo desse certo. Se ele me ouvir, vou doar toda a grana do contrato desse ano que ganharei com os comerciais para a marca de relógio à lares de crianças carentes.”

É um valor bem expressivo.

Esse é um dos maiores contratos dele e por apenas três comerciais anuais, recebe milhões.

Axel não é apegado a dinheiro, mas ele ter pensado nas crianças especificamente me mostra o quanto está com medo.

“Vem cá.”

“Eu não sabia o que oferecer. Não tenho hábito de conversar com ele.” - diz e aponta para o céu - “Mas eu pensei que talvez se promettesse cuidar das crianças, ele protegeria você e *Storm* para mim.”

Sinto os olhos encherem de lágrimas pela força do amor que ele me dedica e pela pureza do seu coração.

“Eu te amo, lindo. Vai dar tudo certo.”

“Eu sei, mas eu quis garantir.”

“Opa...”

“O que houve?”

“Eu... acho que... Deus....”

“Calma. Um segundo... respira.”

Ele aperta um botão ao lado da cama e em pouco tempo as enfermeiras entram.

“Você vai ficar comigo?”

“Nada e nem ninguém me impediria de ficar ao seu lado, Khayla.”



Bem-vinda, Storm

“Ela é linda!”

Eu não consigo parar de chorar, enquanto seguro meu bebê nos braços.

“Minha filha é tão perfeita.”

Faço uma prece silenciosa e agradeço a Deus por essa benção.

Hali Wright King veio ao mundo com três quilos e setecentos gramas, cinquenta e três centímetros e sem um fio de cabelo na cabeça. Apesar disso, seus cílios são quase brancos, então acho que ela será loira como nós dois.

“Ela é igualzinha a você. Como um cara pode ser tão sortudo?”

Ele já me encheu de beijos e agora sentou comigo na cama, enquanto olhamos nosso presente de Deus.

“Eu tenho duas princesas em minha vida e uma eu ajudei na produção.”

Eu começo a rir.

Só Axel para me fazer relaxar depois da dor do parto.

Deus, parecia que não ia acabar nunca.

Claro que fiquei feliz em trazer minha filha ao mundo em um parto

natural. Além da recuperação ser mais rápida, eu queria viver o momento, mas se eu disser que foi uma passeio no parque, é mentira. Foi sofrido para caramba.

Só que quando eu ouvi seu choro, tudo o mais foi esquecido.

Em alguns momentos, achei que Axel fosse desmaiar, em outros, agredir a equipe médica.

Ele estava muito ansioso durante todo o processo, mas manteve-se firme ao meu lado, incentivando, me fazendo carinho e dizendo o quanto me amava.

“Nós fizemos isso. Dá para acreditar? Realizamos um milagre juntos, princesa.”

Olho para o bebê em meus braços.

Realmente não há outro nome para chamar o ato de trazer uma criança à vida.

“Eu me sinto tão completa. Eu sempre vivi com a sensação de que faltavam pedaços da mim, mas agora isso ficou para trás. Eu tenho minha própria família.”

“Eu te amo, Khayla. Toda vez que alguma dúvida passar pela sua mente sobre alguém não ter querido você um dia, lembre-se disso. Você é o que faz meu mundo girar.”

EPÍLOGO

AXEL

Hali - aos dez meses

“Calma, amor. Fique tranquila. Papai já tem tudo sobre controle.”

Deus, Khayla vai ficar louca.

A cozinha está um caos.

Estamos no apartamento de *San Luis* e nesse exato momento penso que a minha Hali não poderia ter um apelido melhor do que *Storm*.

Ela está chorando e eu não sei porquê.

A comida está espalhada por todos os cantos que você puder imaginar e há um pedaço de espinafre grudado na geladeira.

Ninguém pode dizer que minha filha não é boa de mira.

“O que eu fiz de errado, bebê? Poderia me dar uma pequena pista que seja?”

Como se tivesse entendido o que acabei de dizer, Hali para de chorar e estica os bracinhos.

Ah, ela quer colo.

Pego-a e apenas quando estou começando achar que o problema foi resolvido, ela inicia os resmungos.

“O que houve? Eu entendi mal?”

Ela me encara com aqueles olhos azuis tão iguais os da mãe e por um instante tenho a sensação de que os reviraria se soubesse como fazer isso,

assim como Khayla faz.

A seguir, aponta para o prato - que agora tem menos de um terço do que continha inicialmente.

Ela está me pedindo para que eu lhe dê a comida? Se for isso, essa criança é um gênio. Minha filha consegue se comunicar melhor do que eu.

Pego o prato e pergunto, mesmo que as chances de que responda sejam remotas.

“Você quer que o papai lhe dê de comer?”

Hali geralmente é bem independente, mas nunca se sabe quando poderá mudar de ideia.

Ela olha para o prato, depois para mim e bate palmas.

A seguir, segura meu rosto com os dedos todos sujos de comida e sorri.

E assim, acontece novamente.

Eu morro por alguns segundos.

Todo dia é a mesma coisa.

Ela parece ligada a uma bateria inesgotável e tanto eu quanto Khayla às vezes ficamos exaustos, mas basta um sorriso seu e esqueço todo o resto.

Como acontece com a sua mãe, eu daria a vida só para vê-la sorrindo.

Sento no sofá e começo a alimentá-la.

Ela ainda não disse sua primeira palavra, mas temos treinado muito.

Estou trabalhando duro para que seja *papai*.

Por enquanto, nada ainda, mas sou muito determinado.

“Você sabe o que? Deveria aprender a organizar melhor seus protestos. Metade do seu almoço se foi. E agora?” - limpo sua boca com a fralda e ela parece prestar atenção a nossa conversa - “Para sua sorte, você tem um papai que pensa em tudo. Então teremos para sobremesa uma super saladinha de frutas no capricho, o que me diz?”

Ela impulsiona no meu colo, o que já aprendi que significa que está feliz.

Eu posso jurar que minha filha entende tudo o que eu falo, mas Khayla ri

quando eu digo isso.

Quando escolhi o apelido de *Storm*, parece que selei seu destino. Hali veio ao mundo com o meu temperamento.

Ela não tem medo de nada, ao ponto de quase me causar meia dúzia de infartos diários.

Nessa esfera, Khayla é mais relaxada. Já eu, quero proteger as duas de tudo.

Olho para o relógio no meu pulso.

Em meia hora, minha princesa estará de volta.

Ela fará sua última prova hoje e então, finalmente, terá concluído o curso.

Não foi fácil para ela administrar a faculdade e um bebê.

Eu voltei a competir logo após Hali nascer no ano passado e logo peguei minha coroa de volta.

No ano em que sofri o acidente, nem sequer cheguei a disputar uma das onze etapas do campeonato mundial, então não pontuei.

Desse modo, fiquei com um pequeno vácuo temporal em meu reinado. Em compensação, ganhei Khayla e a minha *Storm* e esse é o melhor prêmio do mundo.

Eu ainda sinto dor no local da lesão, mas continuo me esforçando para dar o meu melhor. Não sei fazer nada sem me entregar totalmente.

Daqui a dois meses começa a nova temporada, com três etapas na Austrália. Como Khayla já terá terminado a faculdade, ela e Hali me acompanharão.

Ela decidiu tirar um ano sabático depois que se formar para poder ficar com a nossa filha.

Essas três primeiras etapas duram cerca de um mês e meio, mas voaremos para a Oceania no máximo daqui a um mês porque preciso treinar.

É a primeira vez que terei as duas comigo e estou feliz para cacete.

É improvável que possam viajar em todas as etapas, para diferentes países, porque os bebês precisam de uma rotina.

Voltar a competir não foi o que eu esperava.

Eu amo o *surf* e sempre amarei, mas antes eu não tinha motivo para vir para casa. Agora, toda vez que viajo, deixo meu coração para trás.

Foi uma tortura ficar longe delas na temporada passada e mesmo voando para a Califórnia a cada intervalo, tem se tornado mais e mais difícil.

Desde que ganhei o campeonato no ano passado, tenho considerado parar de vez e me dedicar à vinícola.

Poderíamos nos mudar para a região de *Napa* ou até mesmo nos estabelecermos em *Sausalito*, de onde eu voaria para a vinícola sempre que necessário.

Pensando pelo lado prático, *Sausalito* seria uma opção melhor. Não somente por causa dos colégios para Hali, como para a profissão de Khayla.

Se você me perguntasse, antes de reencontrar minha princesa, quando eu pararia de surfar profissionalmente, eu diria: nunca.

Só que agora, ficar separado delas tem sido um sofrimento e eu não acredito na filosofia de viver na base da dor.

Quando Hali começou a engatinhar há alguns meses, eu não estava aqui.

Apesar de Khayla ter mandado o vídeo, senti que perdi um pedaço importante da vida da minha filha.

Já realizei muito profissionalmente.

Faço vinte e seis anos no meio do ano, mas estou na liderança do circuito mundial desde que comecei, o que significa que sou o maior campeão de todos os tempos.

Meus recordes também não serão fáceis de serem quebrados, sem falsa modéstia, então posso dizer que conquistei tudo o que sonhei em minha profissão e agora penso se não chegou a hora de seguir adiante.

Se continuar, daqui para frente, não seria mais um sonho, mas somente

vaidade.

E não há massagem no ego no mundo que compense ficar longe das minhas duas princesas.

“Da-da!”

“Você falou comigo?”

Ela tenta pegar a colher e repete.

“Da-da, da-da...” - pelo o aumento do volume, sei que está irritada.

Eu me distraí e Hali não é de ficar calmamente esperando que lhe dêem atenção.

“Vamos fazer um acordo? Você fala papai e eu fico cem por cento focado no seu almoço. O que acha?”

Ela sorri e eu penso que fechamos nosso trato, mas então ela começa a dar impulsos em meu colo.

“Mã-mã-mã, mã-mã-mã, mã-mã-mã.”

“Eu ganhei.”

Olho para trás e Khayla está encostada na porta às gargalhadas.

“Eu já disse: deveria desistir de apostas, King. Você nunca vence.” - ela vai até nossa filha e pede - “Fale de novo, amor.”

Como se entendesse, *Storm* continua.

“Mã-mã-mã, mã-mã-mã, mã-mã-mã, mã-mã-mã.”

Pronto, agora ela ligou no duzentos e vinte e ninguém segura mais.

Apesar de saber que Khayla está certa - que perdi mais uma aposta - ainda não me dou por vencido.

“Não é bem verdade. Eu venci o acordo com Deus quando Hali nasceu.”

Ela se abaixa para me beijar e como sempre acontece, seu cheiro enlouquece todos os meus sentidos.

“Você nunca vai deixar de ter uma alma competitiva?”

“Acho difícil.” - sorrio para ela e dou uma piscadinha - “Eu te amo. Como foi a prova?”

“Foi bem.” - eu nem sei porque ainda pergunto. Khayla é muito inteligente - “Acabou, graças a Deus.”

“Você está cansada?”

“Não, ansiosa. Eu queria ficar com vocês. Faz pouco mais de um mês que você voltou para casa e não parece o suficiente. A saudade não passou.” - diz, me dando outro beijo.

Ela levanta e começa a andar para a cozinha.

“Não entre aí.”

“O que aconteceu?” - ela pergunta, desconfiada - “Oh, meu Deus! Será que não posso deixar vocês dois sozinhos por algumas horas?”

“Eu limpo, pode deixar. É que eu e Hali estávamos tendo uma conversa e custei a entender seus termos.”

Ela volta rindo tanto que segura o abdômen.

“Você não vai mudar nunca, King? Eu pensei que com o tempo perderia a habilidade de me fazer rir.”

“Eu só melhoro.” - respondo, sabendo que há uma grande chance dela estar rindo das minhas trapalhadas como pai, mas como parece feliz, por mim tudo bem.

“Eu tive uma ideia. Vamos comemorar hoje. Podemos voltar para *Carmel* e deixar Hali com Zach. Ele se ofereceu na semana passada. Que tal voltarmos ao *Sierra Mar*?”

“Eu adoro aquele restaurante.”

“Eu sei. Então isso foi um sim?”

“Sim, por favor.”



Restaurante Sierra Mar

Big Sur

“Estou pensando em parar.”

Eu ensaiei um monte de vezes o que deveria dizer, mas depois cheguei à conclusão de que era melhor ser direto.

Como eu já disse antes, apesar da minha natureza não ser a do tipo que espera algo acontecer, não sou impulsivo tampouco.

Não tomo uma decisão para depois voltar atrás - um exemplo disse é ter passado de um virgem em relacionamentos para um cara que entrou de cabeça em nossa família.

“Parar?”

“Sim, no fim desse ano. Só mais um campeonato para fechar minha carreira. Eu sempre vou amar o *surf*, mas vocês duas são a minha vida.”

Ela segura minha mão.

“Eu não quero que você tenha que escolher.”

“Eu teria que fazê-lo em alguma hora, princesa. Antes de nós dois, eu adorava o clima de competição, o pódio, a adrenalina de cada vitória, mas hoje as cenas apenas se repetem, sabe? Eu já vivi todas as emoções que eu poderia sobre as conquistas. Eu não tenho mais conseguido me concentrar tanto. Minha cabeça está sempre em vocês.”

“A minha também. Em qualquer lugar que eu esteja, estou pensando em você e em Hali.”

“Vem cá, amor.”

Como da primeira vez que viemos a esse restaurante, ofereço minha mão e a puxo para o meu colo.

Pedi que uma mesa fosse reservada para nós longe dos outros clientes, porque não quero ser interrompido. Sairmos à noite é um artigo raro hoje em

dia e não estou com vontade de ter que parar para falar com quem quer que seja.

“Não podemos jantar comigo sentada em seu colo.”

“Por que não?”

Ela dá uma risada e balança a cabeça.

“Nós somos tão estranhos.”

“Nós nos amamos e não damos a mínima para o que os outros pensam.”

Ela segura meu rosto e me beija.

“Eu amo você, King, mas não quero ser aquela responsável por interromper sua carreira.”

“Amor, é uma decisão consciente. Você e Hali são o que há de mais importante para mim. Eu não quero perder nada. Nem o crescimento dela, nem nossos momentos juntos.”

“E como isso funcionaria?”

“Eu vou assumir a vinícola de vez. Hoje já me sinto confiante para tomar a frente. Talvez não sozinho. Precisarei de muita ajuda para administrá-la, mas posso aprender o que falta.”

“Nós teríamos que nos mudar.” - ela fala, adiantando minha próxima questão.

“Sim. No começo pensei em irmos para *Napa*, mas depois vi que *Sausalito* seria mais viável para você, porque poderia montar seu consultório. Além disso, acho que eu não conseguiria morar longe do mar. “

“Você tem certeza disso?”

“O que? Que você e Storm são o meu mundo e que não há troféu que compense ficar longe de vocês? Muita certeza, senhora King.”

“Axel, eu vou apoiá-lo sempre, só sinto medo de que você me odeie um dia por ter que escolher entre nós e o *surf*.”

“Eu não estou escolhendo, mas decidindo. É diferente. A escolha já foi feita em meu coração no momento em que você aceitou nosso amor e foi

confirmada quando Hali nasceu.” - dou um beijo lento e profundo, tentando afastar suas preocupações - “Agora, chega de falar de coisas pesadas. Você deixou tudo preparado com Zach para Hali? Quanto tempo poderíamos ficar fora?”

Ela sorri.

“O que tem em mente?”

“Um hotel. Não precisamos passar a noite inteira, mas quero provar você sem restrições.”

“Deus, Axel... não pode me dizer essas coisas no meio de um jantar.”

Sorriso.

Eu sei que ela já está ligada. Khayla passa de zero a cem rapidinho. Ela é muito quente.

“Não? Então não seria legal dizer também que eu quero ouvi-la gritar meu nome a cada vez que eu a fizer gozar?”

“Você está com fome?” - ela pergunta, já levantando.

Olho para a boca que sempre me enlouqueceu.

"Morrendo de fome. Vamos sair daqui.”

EPÍLOGO 2

KHAYLA

Austrália

Um mês e meio depois

Não, não , não.

Não pode ser.

Não outra vez.

Ainda não estou pronta.

Chegamos na Austrália há cerca de quinze dias e eu comecei a sentir os mesmos sintomas de quando estava grávida de Hali.

Não me entenda mal. Eu amo minha filha e planejo muitos bebês ainda, mas não tão rápido.

O que Axel vai achar disso?

Eu estava determinada a tirar um ano sabático somente para curtir-lo e a Hali e ainda temos essa mudança em definitivo para *Sausalito* planejada para o meio do ano.

Decidimos nos desfazer do apartamento alugado em *San Luis*. Com o fim do meu curso, não havia mais qualquer motivo para mantê-lo.

A casa de *Carmel*, no entanto, fica.

A decisão mais difícil foi em relação a de *Sausalito*.

Eu amo o lugar, não só pela vista incrível, mas também por conta da

nossa história ali.

Certo, tem uma parte dessa história que eu não teria qualquer problema em esquecer.

Isaac e tudo o que veio dele.

Mas você sabe o que?

Eu já o perdoei.

Tanto pelo o que ele me fez naquela noite como pela invasão da casa de *Carmel*.

Ele foi castigado pela própria vida.

Soube pelos jornais que havia morrido de overdose e de forma alguma aquilo me surpreendeu. No dia em que ele me ameaçou em *Carmel*, parecia ter ter feito uso de alguma droga.

Eu espero que ele descanse em paz.

Não há porquê ficar alimentando pensamentos negativos dentro de mim.

Voltando à casa de Sausalito, estamos inclinados a substituí-la por outra.

Ela não é ideal para criar crianças.

Isso em relação a uma criança regular, porque se Hali continuar nesse ritmo, vai me deixar de cabelos brancos antes dos trinta.

Ela tem a mesma curiosidade de aprender que eu, aliada ao destemor do pai, o que causa uma mistura explosiva.

Mas há algo que nós três temos em comum: adoramos o mar.

Ela parece um peixinho e se Axel a coloca em cima da prancha, ela fica calma na hora.

A primeira vez que a vi sentada entre as pernas dele na prancha, ambos olhando o horizonte, senti vontade de chorar.

Axel é o melhor pai que eu poderia desejar para minha filha.

Ele não deixa escapar um minuto de seu tempo livre sem se dedicar totalmente a nós duas.

Ontem foi o fim da primeira etapa da competição.

Ele venceu fácil e quando subiu ao palco para a premiação, levou a mim e Hali consigo.

Eu já estou um pouco mais acostumada com o assédio da imprensa - eles não diminuíram o ritmo, continuam querendo documentar cada passo que damos - mas fico louca quando tentam invadir a privacidade de Hali. De jeito nenhum eu permitirei que meu bebê seja exposto a milhares de pessoas ao redor do mundo.

Saio do quarto e paro de respirar por um instante. Axel está deitado no sofá com Hali somente de fraldas, de braços em seu abdômen.

Os dois dormem e os braços do meu marido estão trancados em volta do seu pequeno corpo.

Isso é tão ele. Protetor, amoroso.

Voaremos para casa daqui a três semanas, depois das duas próximas etapas.

Ele fez questão de voltar conosco, mesmo tendo que partir para competir no Brasil logo em seguida.

Olho o relógio.

Quatro da tarde.

Devo procurar um médico assim que voltar para a Califórnia para confirmar a gravidez, embora eu tenha quase certeza de que será uma mera formalidade.

Deus, como vou contar a ele?

Resolvo que dessa vez não quero esperar.

Vou enfrentar o problema de uma vez por todas.

Deixo um bilhete em cima da mesa e sigo para pegar o carro que alugamos.

Não fico muito confortável em dirigir na Austrália, que assim como Reino Unido e Japão, dirige-se na mão contrária a da América, mas a farmácia é relativamente perto.



Apesar de já ter quase certeza, fico tão impactada quando o teste dá positivo que não consigo sair do banheiro.

Quando voltei, eles ainda dormiam, então fui direto obter a confirmação das minhas suspeitas.

“Khayla?” - Axel chama e bate na porta do lado de fora.

Só então olho para o relógio e vejo que estou trancada há mais de meia hora.

“Princesa?”

Mesmo ansiosa, destranco-a.

Assim que eu o vejo, jogo-me em seus braços.

“Hey, o que houve?”

“Onde está Hali?”

“Dormindo no sofá.”

“Você colocou almofadas em volta?”

“Sim, linda. Agora me diga o que está acontecendo.” - diz, me abraçando.

Hali começou a andar dois dias depois que chegamos aqui e também aprendeu a descer do sofá. Como ele é alto, estou sempre com medo de que ela caia e bata a cabeça.

“Conte-me.” - ele pede outra vez, afastando-se um pouco para me olhar e colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

“Nós fizemos de novo. Eu estou grávida.”

Ele sorri, parecendo nem um pouco surpreso.

“Eu já sabia. Quero dizer, com toda a certeza não, mas desconfiava. Ao

contrário da primeira vez, eu agora sou um *expert* em você, princesa.”

“Eu não estou entendendo.”

“Amor, você voltou a ficar sonolenta e seu apetite aumentou, mas há algo mais importante que tudo.”

“E o que seria?”

Seu olhar escurece e ele sobe a mão, tocando meu mamilo já sensível.

Depois, cola a boca em minha orelha.

“Você está insaciável. Você me acordou duas vezes na noite passada.”

Ele me puxa pelo quadril me mostrando o quanto a lembrança o excita. Seus dentes mordiscam a pele arrepiada do meu ombro e eu penso na hora que, do jeito que somos loucos um pelo outro, se não nos cuidarmos, vamos ter um time de futebol em casa em pouco tempo.

“Eu estava tomando pílula.” - justifico.

“Nenhum método é cem por cento eficaz.”

De repente, ele se afasta, parecendo tenso.

“Você não quer?”

Deus, eu dei essa impressão?

“Claro que sim. Eu só não lido bem com imprevistos. Como eu poderia não querer nosso filho?”

“Obrigado.”

“Axel, eu não tenho uma natureza destemida. Mesmo que agora eu já não sinta medo de arriscar como antes, mudanças ainda me assustam, mas nunca passaria pela minha cabeça rejeitar um filho.”

Ele me aperta forte em seus braços.

“Vai ficar tudo bem.”

Depois me pega no colo e me leva para a sala, onde nossa *Storm* ainda dorme tranquilamente.

“Isso só me parece mais um sinal de que eu tomei a decisão certa.”

“Sobre parar?”

“Sim. Eu sofro a cada viagem, Khayla.”

“Falta pouco agora. Um pouco mais de meio ano para você se aposentar.”

“Você está chateada por causa de sua carreira? Por não poder abrir o consultório agora?”

“Não por isso. Eu falei sério quando disse que tiraria um ano para descansar, então o consultório teria que esperar, de qualquer modo. Estou só tensa em administrar tudo sozinha - dois bebês, carreira no futuro...”

“Não precisa se preocupar com isso.”

“Como não?”

“Eu encontrei uma propriedade perfeita para nós em *Sausalito*. Ela tem uma casa nos fundos e eu estou pensando em chamar Zach para morar lá. Sei o quanto você confia em Zachary e ele poderia servir como uma espécie de administrador das babás.”

Eu adoro Zach.

Ele ama nossa filha e é como um avô para ela - mais um - e saber que estará por perto, me deixa muito feliz.

Axel me contou que ele perdeu toda a família e que depois disso, se fechou totalmente para o mundo. Ele é um amigo de infância de Linus e como um tio para meu marido.

Quando Axel comprou a casa de *Carmel*, precisava de alguém que tomasse conta do lugar quando estivesse fora e o convidou.

“Seria perfeito.” - finalmente respondo - “Mas o que ele pensará a respeito?”

“Ele não tem ninguém. Ele também é nossa família.” - ele faz carinho no meu cabelo - “Linda, tudo dará certo. Nós já fizemos isso uma vez. Podemos fazer de novo. Além do que, eu estou me aperfeiçoando. Só tenho como ficar melhor com o passar do tempo.

Ele pisca e sorri.

“É esse sorriso o culpado, você sabe?” - finjo dar um sequinho em seu ombro.

“Culpado de quê?”

“De virar meu mundo de cabeça para baixo.”



Sausalito

Sete meses depois

“Fique calma.”

“Eu estou calma.”

“Vai dar tudo certo.”

“Axel.”

“Está tudo sob controle, amor.”

Ele continua andando de um lado para o outro no quarto, tentando lembrar tudo o que precisamos levar conosco para o hospital.

Minha bolsa estourou e estamos indo para trazer nosso Dylan ao mundo.

Assim como o da nossa filha, o nome dele tem relação com o mar - significa filho do oceano.

Zach ficará com Hali e toda a família já foi avisada. Eles novamente vieram para a Califórnia.

“Axel, nós vamos tirar de letra.”

“Diga isso novamente.”

“Vai dar tudo certo.”

Ele me puxa para um abraço na metade do caminho até a porta.

“Eu te amo, Khayla. Terá que dar tudo certo. Essa é a única opção que eu aceito.”



Sausalito

Nosso filho já está com um mês agora e daqui a poucos dias, no Natal, esperamos reunir toda a família - dos dois lado - que Deus nos ajude.

Tivemos que pular o dia de Ação de Graças, pois Dylan ainda estava muito pequeno para tanta gente dentro de casa de uma vez.

Agora que Hali já está mais independente, andando para todos os cantos, será complicado mantê-la sob controle quando todos os primos estiverem juntos. Há pelo menos três bebês em torno de sua idade e contratamos um verdadeiro exército de babás para o Natal.

Apesar de tudo, eu adoro quando nos reunimos.

Nossa família não é a mais convencional do mundo. Isso é certo.

Para observadores de fora, parece que no mesmo lugar estão os dois lados da lei: motoqueiros barbudos e soldados.

A postura de Amos e Ethan ainda é tensa quando estamos todos juntos, mas meu pai até mesmo conseguiu sorrir uma vez.

Quanto a Lucas, ele parece ficar totalmente à vontade em ambos os grupos.

Estou acabando de amamentar meu bezerro, quando me sinto observada.

Axel está parado na porta olhando para nós dois com tal adoração que sinto um estremecimento.

Ele sempre tem esse poder.

A cada vez que me encara como se o mundo começasse e terminasse em

mim, ele enche meu coração de ternura.

“Eu sou tão louco por você, Khayla.” - diz, caminhando para mais perto.

“Eu amo você e nossos filhos. Eu não sei o que fiz para merecer vocês, mas eu nunca vou parar de agradecer.”

“Eu também. Por tudo. Até mesmo por meus planos terem virado do avesso.”

“Às vezes, o avesso é o lado certo.”

“Sim.” - não há como discutir sobre isso. Eu nunca fui tão feliz - “Quer saber um segredo? Hoje é o quadragésimo primeiro dia depois do parto...”

“Sério? E isso tem algum significado especial?” - ele pergunta, fingindo não lembrar.

Eu coloco o bebê no berço e me aproximo, enlaçando seu pescoço.

“Depende do quanto você está com saudade de nós dois...”

Ele me dá um beijo profundo, daqueles de deixar as pernas tremendo.

“Espero que isso responda sua pergunta, senhora King.”

Eu me afasto para olhá-lo.

“Ainda temos uma hora.”

“Uma hora?”

“Sim, para fechar as cento e sessenta e oito horas do nosso acordo.”

“Princesa, eu não acredito que você ainda está contando.”

Dou um sorriso misterioso.

“Ah sim, estou. Porque eu tenho planos muito especiais de como gastá-la.”

“Estou aqui para você, amor. Não se segure.”

Dessa vez, prometo a mim mesma que tomaremos cuidado para não trazermos outro membro King ao mundo nem tão cedo.

Mas quem pode saber com certeza?

FIM

Sobre Amor e Vingança

Livro Único

Elina e Odin

SINOPSE

Sua herança nórdica torna-se uma combinação explosiva ao unir-se à ascendência grega.

Na mitologia, ele é o Deus da Guerra, aquele que nunca perdoa um inimigo.

Só que Odin Lykaios tem também o sangue grego correndo em suas veias, orgulho de suas origens e o desejo por justiça.

Ele nunca esquecerá.

Ele é impiedoso.

Ele irá até o fim para obter sua vingança.

Ficaria imensamente feliz se deixasse sua opinião nos comentários do site da Amazon.

Ela é muito importante para mim.

Também seria incrível se pudesse falar com os amigos sobre o livro.

Nós, autores independentes, precisamos e muito de sua ajuda.

Títulos da Autora

Seduzida - Muito Além da Luxúria (Livro 1 da Série Corações Intensos)

Cativo - Segunda Chance (Livro 2 da Série Corações Intensos)

Apaixonada - Meu Para Sempre (Livro 3 da Série Corações Intensos)

Fora dos Limites - Sedução Proibida (Livro Único)

Sedução no Natal - Conto (Spin-off de Seduzida e Cativo)

Imperfeita - O Segredo de Isabela (Livro 4 da Série Corações Intensos)

Isolados - Depois que Eu Acordei (Livro 5 da Série Corações Intensos)

O Vírus do Amor (Conto Especial do Dia dos Namorados)

Nascido Para Ser Seu (Livro Único)

168 Horas Para Amar Você (Livro Único)

Sobre Amor e Vingança (Livro Único) - lançamento em outubro de 2020

PAPO COM A AUTORA

Espero que tenham apreciado a linda história de amor de Axel e Khayla.

Esse livro contando a história dela foi feito a pedido dos leitores, que se apaixonaram pela menina doce em Isolados, o livro V da série Corações Intensos, onde ela aparece rapidamente.

168 Horas Para Amar Você é a minha segunda comédia romântica e eu amei muito escrevê-la.

O próximo livro a ser lançado será Sobre Amor e Vingança, que contará a história de Odin Lykaios e Elina Argyros.

Ambos os personagens aparecem em algumas cenas do livro Nascido Para Ser Seu, mas apesar disso, Sobre Amor e Vingança é um livro único e totalmente independente dos outros.

Elina é a irmã mais velha de Theo. Uma mulher que cresceu achando que fazia parte de uma raça superior e que assimilou a frieza e o desprezo do pai para com o resto da humanidade.

Odin Lykaios é um homem marcado pelo ódio e que alimentou por mais de vinte anos sua sede por vingança.

Eles não são um casal que se encontra em circunstâncias normais e Odin, que está acostumado a planejar tudo, é pego de surpresa pela atração que sente pela princesa de gelo.

Será uma história marcada por emoções extremas, onde ódio e amor se misturam e confundem-se.

Após Sobre Amor e Vingança, preparem-se para a próxima série, ***Irmãos Oviedo***, que trará a história da família espanhola mais sensual do momento.

Os cinco irmãos: Guillermo, Joaquin, Gael, Rafe e Martina vão aquecer o seu mundo com seus temperamentos ardentes e personalidades apaixonadas.

Caso esteja interessado em um papo sobre meus livros, meu grupo no *Facebook* é:

<https://www.facebook.com/groups/D.A.LemoyneAuthor/>

E também, se desejar, pode seguir minha página no Facebook:

<https://www.facebook.com/dalemoyneautora/>

SOBRE A AUTORA

D. A. Lemoyne é o pseudônimo de uma advogada e leitora ávida desde criança.

Iniciou a carreira como escritora em 2019 com o livro *Seduzida*, o primeiro da série *Corações Intensos*.

Sua paixão por livros começou aos oito anos de idade quando a avó, que morava em outra cidade, a levou para conhecer sua “biblioteca” particular, que ficava em um quarto dos fundos do seu apartamento. Ao ver o amor instantâneo da neta pelos livros, a senhora, que era professora de Letras, presenteou-a com seu acervo.

Do Rio de Janeiro, Brasil, mas vivendo atualmente na Carolina do Norte, EUA, a escritora adora um bom papo e cozinhar para os amigos.

Seus romances são intensos e os heróis, apaixonados. As heroínas surpreendem pela força.

Acredita no amor e ler e escrever são suas maiores paixões.

Contato: dalemoynewriter@gmail.com